

ESCOLA SUPERIOR DE TEOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA

SUSANA MARÍA ROCCA LARROSA

AS CONTRIBUIÇÕES DA ESPIRITUALIDADE E DA PASTORAL CATÓLICAS
NO DESENVOLVIMENTO DA RESILIÊNCIA,
EM JOVENS DE 18 A 29 ANOS

São Leopoldo

2011

SUSANA MARÍA ROCCA LARROSA

AS CONTRIBUIÇÕES DA ESPIRITUALIDADE E DA PASTORAL CATÓLICAS
NO DESENVOLVIMENTO DA RESILIÊNCIA,
EM JOVENS DE 18 A 29 ANOS

Tese de Doutorado
Para obtenção de grau de
Doutora em Teologia
Escola Superior de Teologia
Programa de Pós-Graduação
Área de concentração: Teologia Prática

Orientadora: Valburga Schmiedt Streck

São Leopoldo

2011

BANCA EXAMINADORA

Valburga Schmiedt Streck (Presidenta)

Oneide Bobsin

Remí Klein

Hilário Henrique Dick

Silvia Pereira da Cruz Benetti

*Se para além da queda existe o levantar
e, para além da solidão na dor, a força protetora da união.*

*Se para além da adversidade existe a esperança de superar
e, para além da morte, a possibilidade de transformação.*

*A vida, para a juventude, tem a última palavra a dar:
Comunhão e Ressurreição.*

*A meu pai e a minha mãe,
a meus irmãos e sobrinhos.
As minhas irmãs na vocação e a
tantos que me ajudaram a “tecer”
a minha própria resiliência.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço muito especialmente aos meus primeiros tutores de resiliência: Eduardo, meu pai, e Susana, minha mãe. A Rosario, Eduardo e Florencia, meus irmãos. A Marcos e Gloria, meus cunhados. A Iñaki e Rocío, meus sobrinhos. E a toda minha querida família extensa.

Às Missionárias de Cristo Ressuscitado, minhas irmãs de Comunidade.

A tantas famílias e jovens com os quais dividi todos estes anos de vida pastoral.

Às minhas amigas das *Domínicas* e do *Juan XXIII*. A todos meus amigos e amigas de diferentes países, culturas e religiões.

A José Roque Junges de quem ouvi a palavra “resiliência” e que me motivou na pesquisa.

A Hilário Dick que tanto me incentiva na reflexão e no trabalho pela juventude.

A minha orientadora, Valburga Schmiedt Streck que me acompanhou desde o Mestrado, a Nelson Kirst e a Oneide Bobsin que me convidaram a fazer este Doutorado. A Remí Klein e a Silvia Benetti pelo seu apoio e por terem aceito participarem desta banca.

A Marcos P. Pattussi que disponibilizou a base de dados para a investigação e aos jovens que aceitaram, desinteressadamente, participar nesta pesquisa.

A Boris Cyrulnik, Stefan Vanistendael e Néstor Elbio Suárez Ojeda, meus referenciais teóricos, com os quais tive a honra de confrontar as minhas inquietações.

Àqueles que, generosamente, financiaram meus estudos. Ao Governo Francês que me possibilitou um semestre na *Faculté de Théologie Catholique da Université de Strasbourg*. E a Christine Aulenbacher que me acompanhou, na França, com a sua amizade e sabedoria.

A todos aqueles que me contagiam com a sua paixão pela juventude e aos que nos ensinam a resiliência com suas vidas e/ou suas pesquisas.

Agradeço de todo coração a Deus, Mãe e Pai, que me fez experimentar a sua força de Amor. A Cristo Ressuscitado, de quem recebemos a certeza e a esperança na transformação. E ao Espírito Santo, que nos move a viver em comunhão.

RESUMO

O trabalho analisa as contribuições da espiritualidade e da Pastoral católicas no desenvolvimento da resiliência, em jovens de 18 a 29 anos. Define-se a resiliência como o processo comportamental ou psíquico, de superação de situações adversas e traumáticas. Pode ser motivado, impulsionado e ajudado a continuar desenvolvendo-se mediante a promoção dos “fatores de proteção” (externos), assim como dos “pilares de resiliência” (internos) do próprio jovem. Estudam-se algumas características da religiosidade/espiritualidade na juventude, no tempo atual, e discutem-se as contribuições da religiosidade/espiritualidade e da Pastoral católicas no desenvolvimento da resiliência, vinculando os elementos priorizados em publicações pastorais da Igreja Católica, com os fatores de proteção e os pilares descritos na literatura sobre resiliência. Para a pesquisa qualitativa foram escolhidos 13 jovens residentes em São Leopoldo/RS, de 21 a 29 anos de idade, católicos e com alta resiliência. A maioria esteve exposta a fatores de risco e passou por uma constelação de situações críticas e/ou traumáticas. Na literatura, os fatores de proteção que favorecem o processo de resiliência são dois: a aceitação incondicional de pelo menos uma pessoa e as redes de apoio social, formais e informais (por exemplo: família, amigos, instituições educativas, sociais, grupos e comunidades de Igreja, rede de saúde, etc.). Os pilares de resiliência possíveis de serem promovidos são: a auto-estima; algumas aptidões e competências pessoais específicas; o senso de humor; e a religiosidade/espiritualidade ou o sentido da vida. Na pesquisa de campo os jovens se autodefinem como católicos e salientam que a ajuda de Deus e da família é essencial para poderem superar situações adversas e traumáticas. Não aparecem mencionadas como significativas nem autoridades, nem lideranças católicas, e sim alguns grupos de Igreja. A maioria dos entrevistados não têm prática institucional coletiva na Igreja Católica após a Primeira Comunhão. Porém, vários frequentam outras Igrejas, sem entrar em conflito com a sua pertença católica. A oração pessoal, espontânea, nas suas casas é uma prática privilegiada e frequente. A dimensão pessoal, subjetiva e emocional é um traço da sua religiosidade/espiritualidade. O estudo analisa como a resiliência pode ser promovida através de pessoas, grupos e instituições e através das propostas pastorais, assim como as possibilidades, as perspectivas e os desafios que o tema da resiliência traz para a reflexão e o trabalho que a Igreja Católica realiza junto aos jovens, visando tanto a prevenção quanto a superação de situações adversas ou traumáticas.

Palavras-chave: Resiliência. Espiritualidade. Pastoral. Fatores de proteção. Pilares de resiliência.

ABSTRACT

The study analyses how Catholic spirituality and Catholic Pastoral contribute to the development of resilience in young people between 18 and 29 years old. Resilience is defined as a behavioural or psychological process, which entails the overcoming of adverse and traumatic situations. The promotion of the “protective factors” (external) and the “resilience pillars” (internal) of the very same youngster can motivate, prompt or help the process to continue. Some of the characteristics of current young religiosity/spirituality are studied, and the contributions to the development of resilience made by Catholic religiosity/spirituality and Catholic Pastoral are discussed, linking the elements to which the pastoral publications of the Catholic Church have given priority with the protection factors and pillars described in literature regarding resilience. For the qualitative investigation, 13 young, catholic and highly-resilience, São Leopoldo/RS residents, between 18 and 29 years old, were selected. Most of them have been exposed to risk factors and undergone a constellation of critical and/or traumatic situations. According to literature, the protection factors that favour the process of resilience are two: the unconditional acceptance of at least one person and the social support networks, formal or informal (for instance, family, friends, educational and social institutions, Church groups and communities, health network, etc.). The resilience pillars that can be promoted are: self-esteem, some specific personal abilities and competencies, sense of humour, and the religiosity/spirituality or meaning of life. In field investigation, the youngsters define themselves as Catholics and state that help from God and their families is essential to overcome adverse and traumatic situations. Catholic authorities or leaders are not mentioned as significant, but some Church groups are. Most of those interviewed do not have any collective institutional practice at the Catholic Church after the First Communion. However, many frequent other churches, without coming into conflict with their catholic identity. Personal and spontaneous prayer at home is a privileged and common practice. Personal, subjective and emotional dimension is one feature of their religiosity/spirituality. The study analyses how people, groups, institutions and pastoral proposals can promote resilience, along with the possibilities, perspectives and challenges resilience posits to the reflection and work the Catholic Church does with the young, covering both the prevention and the overcoming of adverse and traumatic situations.

Key words: Resilience. Spirituality. Pastoral. Protection factors. Resilience pillars.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
1 RESILIÊNCIA	16
1.1 Origem do conceito, contextos e definições	16
1.2 Considerações e características da resiliência.....	22
1.3 O desenvolvimento do processo de resiliência.....	26
1.4 Fatores de proteção	29
1.4.1 Aceitação incondicional.....	30
1.4.2 Redes de apoio social.....	32
1.5 Pilares de resiliência.....	33
1.5.1 Auto-estima.....	33
1.5.2 Aptidões e competências pessoais.....	34
1.5.2.1 Sociabilidade.....	34
1.5.2.2 Determinação – controle de si	35
1.5.2.3 Protagonismo – iniciativa – criatividade.....	35
1.5.2.4 Pensamento crítico – visão otimista e realista	36
1.5.3 Senso de humor	36
1.5.4 Espiritualidade.....	37
2 RELIGIOSIDADE/ESPIRITUALIDADE, PASTORAL JUVENIL E	
RESILIÊNCIA	40
2.1 Juventude e religião no Brasil.....	40
2.2 Religião em movimento	43
2.3 Diversidade de propostas no trabalho com a juventude	46
2.4 Misticismo e subjetividade	49
2.5 Religiosidade/espiritualidade, saúde mental e resiliência	52
2.6 A promoção dos fatores de proteção através de propostas pedagógico-teológicas... 55	
2.6.1 Aceitação incondicional.....	55
2.6.2 Redes de apoio social.....	58
2.7 A promoção dos pilares de resiliência através de pedagógico-teológicos..... 63	
2.7.1 Auto-estima	63
2.7.2 Pensamento crítico.....	64
2.7.3 Projeto de vida	65
2.7.4 Protagonismo juvenil – Iniciativa	66
2.7.5 Senso de humor	68
2.7.6 Criatividade – Arte	70
2.7.7 Busca de sentido.....	70
2.8 A memória e o perdão	73
2.9 O engajamento social	77
2.10 Desafios e implicações éticas	79
3 PESQUISA DE CAMPO	85
3.1 Descrição.....	85
3.1.1 Pesquisa qualitativa - Entrevista semi-estruturada.....	85
3.1.2 Delimitação do universo empírico.....	87
3.1.3 Procedimentos metodológicos.....	92
3.2 Análise dos resultados.....	96
3.2.1 Dados gerais	96
3.2.2 Sofrimento (fator de risco, situação adversa ou traumática).....	99
3.2.3 Pessoas/grupos significativos	101
3.2.3.1 Membros da família	101

3.2.3.2	Outras pessoas.....	102
3.2.3.3	Atitudes dos outros que ajudam.....	103
3.2.4	Aptidões e competências pessoais.....	105
3.2.4.1	Pensamento positivo.....	105
3.2.4.2	Controle de si – Determinação	107
3.2.4.3	Projeto de vida – Protagonismo	108
3.2.4.4	Cuidado de si	109
3.2.4.5	Solidariedade – Perdão – Escolha do bem	110
3.2.5	Religiosidade/espiritualidade	111
3.2.5.1	Crença em Deus	111
3.2.5.2	Pertença religiosa e prática coletiva institucional.....	112
3.2.5.3	Prática religiosa individual	113
3.2.5.4	Participação e visão sobre a Igreja Católica	116
3.2.5.5	Visão sobre outras Igrejas	118
4	AS CONTRIBUIÇÕES DA RELIGIOSIDADE/ESPIRITUALIDADE E DA PASTORAL CATÓLICAS NO DESENVOLVIMENTO DA RESILIÊNCIA	121
4.1	Contribuições do estudo.....	121
4.1.1	Perspectivas gerais.....	121
4.1.2	Resiliência, Pastoral e juventude.....	122
4.1.3	Resiliência na pesquisa de campo	124
4.2	Promoção dos fatores de proteção através de pessoas e grupos	125
4.2.1	Necessidade de outros.....	125
4.2.2	Redes de apoio	126
4.3	Promoção dos pilares de resiliência através de propostas pedagógico-teológicas ..	129
4.3.1	Necessidades básicas e auto-estima.....	129
4.3.2	Aptidões e competências pessoais.....	130
4.3.3	Senso de humor e sentido de vida	135
4.4	Contribuições da religiosidade/espiritualidade, perspectivas e desafios para a Igreja Católica na promoção da resiliência.....	135
4.4.1	Características e contribuições da religiosidade/espiritualidade.....	136
4.4.2	Perspectivas e desafios para assessores, animadores e lideranças	139
4.4.3	Dimensão de vínculo e espírito de comunhão.....	142
4.4.4	Dimensão da esperança: dinamismo pascal	145
	CONCLUSÕES.....	147
	REFERÊNCIAS.....	152

INTRODUÇÃO

O interesse de pesquisar a temática nasce como exigência pessoal e comunitária de atualização nos conhecimentos acadêmicos e de aprofundamento na prática pastoral. A ideia surge em 2004, ao tomar contato com algumas obras sobre “resiliência” do psicanalista, neurologista, psiquiatra e etólogo francês Boris Cyrulnik; do sociólogo e demógrafo holandês Stefan Vanistendael, Secretário do BICE (*Bureau International Catholique pour l'Enfance*); e de publicações de médicos, psicólogos e psicanalistas do CIER (*Centro Internacional de Información y Estudios de Resiliencia*), da *Universidad de Lanús*, na Argentina. Coincidentemente, na mesma época, eu estava culminando o trabalho de conclusão da Especialização em Aconselhamento e Psicologia Pastoral, na Escola Superior de Teologia, intitulado: “A experiência da misericórdia, paradigma de cura no Aconselhamento Pastoral: um diálogo entre Psicologia e Teologia”. Num outro viés de pesquisa, porém, bem relacionado ao tema que me leva a esta pesquisa de Doutorado, concluía: “Quando uma pessoa que está sofrendo é acolhida com ternura e misericórdia, ouvida e aceita sem condições, ao sentir-se valorizada e ao encontrar companhia e apoio, mais facilmente percorre o processo para assumir e superar com sentido e esperança as dificuldades e os sofrimentos. A experiência de se sentir amado com ternura e cuidado com misericórdia, por Deus e pelas pessoas, é fonte de renovação, de fortalecimento humano e espiritual e uma força que potencializa o processo de cura interior”¹.

Como psicóloga e consagrada na Comunidade Missionária de Cristo Ressuscitado, pertencente à Igreja Católica Apostólica Romana, e contando com quase trinta anos de atividade pastoral, fui sintindo um grande desafio. Como contribuir com os ambientes de formação (Igreja, Universidade, Pastorais, família, grupos) e com os próprios jovens para ajudá-los a serem mais capazes de resolver os conflitos, superar as adversidades e se reconstruírem positivamente depois das dificuldades e situações traumáticas?

Este questionamento situa-se numa época de mudança de paradigmas e de valores culturais e religiosos, num contexto latino-americano de grandes sofrimentos e a partir de uma vasta experiência de acompanhamento de jovens de 18 a 29 anos e de diferentes grupos católicos no Uruguai, na Argentina e no Brasil. Ao longo dos anos, com o intuito de acompanhar as pessoas no processo de conversão, de crescimento, de maturação da fé e de

¹ ROCCA LARROSA, Susana María. A experiência de misericórdia: paradigma de cura no Aconselhamento Pastoral. Um diálogo entre Psicologia e Teologia. In: SALÃO DE PESQUISA DA ESCOLA SUPERIOR DE TEOLOGIA. São Leopoldo: Escola Superior de Teologia, 2007c. (CD-ROM).

formação cristã fui desenvolvendo diferentes atividades e iniciativas. Por exemplo: Retiros Espirituais, Acompanhamento Espiritual presencial, Orientação Espiritual on-line (www.ihu.unisinos.br), Grupos de Oração, Cursos de Formação Integral (humano-espiritual), formação e assessoria de grupos, capacitação de lideranças, atividades solidárias e numerosas experiências missionárias, guardando sempre a preocupação de promover as potencialidades humanas e espirituais dos jovens, tendo presente também a promoção das capacidades de superação de situações traumáticas e, se possível, visando a uma cura interior de experiências negativas ou traumáticas.

As primeiras publicações sobre resiliência aparecem no final dos anos 80 do século XX nos Estados Unidos e na Europa. No Brasil, os estudos começaram no final dos anos 90. A temática foi ganhando progressivo destaque internacional, no campo da observação e da pesquisa, sendo cada vez mais investigada no âmbito das Ciências da Saúde e das Ciências Humanas, entre outras, permitindo um olhar multidisciplinar. Contudo, até o presente, há poucos trabalhos na área da Teologia.

Além das motivações pessoais, a decisão de investigar a temática responde a três necessidades: a) Contribuir no avanço dos estudos de resiliência, investigando um dos pilares de resiliência menos descrito e pesquisado na literatura: a espiritualidade; b) Aprofundar no diálogo entre a Psicologia e a Teologia, introduzindo uma temática nova: a resiliência; e c) Oferecer um ponto de reflexão científica e atualizada, focado em jovens de 18 a 29 anos, visto que a literatura sobre Pastoral nesta faixa etária é escassa.

Além dos estudos acadêmicos de Mestrado e Doutorado sobre esta temática, a pesquisa viu-se enriquecida com seis meses de bolsa de estudo na Faculdade de Teologia Católica, da *Université de Strasbourg*, na França. Por sua vez, tive a oportunidade de discutir pessoalmente alguns questionamentos sobre a temática própria desta investigação com Boris Cyrulnik, em Porto Alegre; Stefan Vanistendael, em Genebra; Néstor Elbio Suárez Ojeda, em São Leopoldo e em Buenos Aires; e com Riccardo Tonelli e José Luis Moral, coordenadores do PPG em Juventude, da *Università Pontificia Salesiana*, em Roma.

A presente pesquisa tem como objetivo geral estudar a influência da religiosidade/espiritualidade² e da Pastoral católicas na superação de situações adversas ou traumáticas, em jovens resilientes, a fim de refletir sobre as contribuições da Igreja Católica no desenvolvimento da resiliência, na juventude de 18 a 29 anos.

² Optou-se por utilizar o termo composto “religiosidade/espiritualidade”, para poder abranger o estudo das crenças, das vivências e das práticas dos jovens contemporâneos e trabalhar com um conceito amplo que incluía indistintamente aspectos associados à religião, à religiosidade e à espiritualidade.

Analisar-se-á a temática com os seguintes objetivos específicos:

1) Pesquisar o conceito resiliência, privilegiando um amplo espectro de autores e literatura, principalmente, de língua francesa, espanhola e portuguesa, com vistas a investigar:

a) As principais definições e nuances do termo e as características do processo de resiliência;

b) Os “fatores de proteção” (externos), isto é, a influência de pessoas (familiares, amigos, figuras religiosas de autoridade ou pares) e de redes de apoio significativas (instituições, comunidades, grupos, etc.) para que o jovem supere as situações adversas ou traumáticas; e

c) Os “pilares de resiliência” (aptidões e competências pessoais do jovem) que o ajudam a superar situações adversas ou traumáticas.

2) Analisar algumas características da religiosidade/espiritualidade juvenil contemporânea à luz de estudos no âmbito da Sociologia da Religião, os princípios pedagógicos fundamentais da Pastoral Juvenil Católica e os possíveis vínculos entre resiliência, religiosidade/espiritualidade contemporânea e Pastoral.

3) Investigar a influência da religiosidade/espiritualidade (crenças e vivências) e da Pastoral da Igreja na superação de situações adversas ou traumáticas em jovens resilientes e católicos, de 18 a 29 anos, da municipalidade de São Leopoldo/RS.

4) Descrever possíveis contribuições da Pastoral Católica para a promoção da resiliência, em jovens de 18 a 29 anos.

Quanto à relevância social da pesquisa proposta, diante de um contexto latino-americano marcado pela violência, pela pobreza e por outras formas de sofrimentos pessoais e coletivos, o estudo contribuirá na reflexão de como, através da espiritualidade e das propostas pastorais católicas, se poderia promover mais as capacidades resilientes dos jovens, para superarem as crises, as adversidades, os sofrimentos e as situações traumáticas. Segundo Tavares, as instituições e as organizações de formação, que trabalham com a juventude, têm a obrigação de interrogar-se como fazer para promover atividades e experiências que ajudem a superar as situações-limite, os problemas graves, o stress e os grandes riscos que os jovens e os grupos experimentam diariamente³.

O estudo realizou-se mediante uma pesquisa bibliográfica e uma pesquisa social qualitativa, considerando o interesse de interpretar a realidade vivencial a partir de categorias enucleadoras de significado, típicas do grupo escolhido. O universo empírico da pesquisa

³ TAVARES, José (Org.). *Resiliência e educação*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001. p. 43.

social foi delimitado com os seguintes critérios: a) jovens de 18 a 29 anos (homens e mulheres); b) com alta resiliência; c) católicos/as⁴. No intuito de entrevistar jovens que se autodefinissem como católicos e que tivessem índices de alta resiliência, avaliada com critérios objetivos e científicos, escolheram-se candidatos dentre os participantes de uma pesquisa quantitativa intitulada: *Um estudo exploratório do capital social na população de São Leopoldo - RS*. O questionário dessa pesquisa foi aplicado entre 2006 e 2007 por Marcos Pascoal Pattussi, do Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – RS. Dentre os dados informados constava a religião e entre os temas pesquisados a resiliência.

O número de entrevistados estipulou-se num mínimo de oito e num máximo de treze pessoas. Para definir exatamente o número final, utilizou-se o critério de saturação de dados. A coleta de dados foi feita mediante a técnica de entrevista individual semi-estruturada. Definiram-se os elementos principais do roteiro, delineados conforme o tópico guia, a fim de investigar nos jovens entrevistados:

1. As situações adversas ou traumáticas que mais fizeram sofrer ao entrevistado na sua juventude.

2. a) As pessoas e/ou grupos que foram mais significativos para superar as situações adversas ou traumáticas; e b) as aptidões, competências ou disposições pessoais que mais o ajudaram para superar.

3. a) As crenças, vivências ou práticas na área da religiosidade/espiritualidade que o ajudaram para a superação da situação adversa ou traumática; b) as pessoas de Igreja (pares ou lideranças) e grupos religiosos que foram significativos para a superação da situação adversa ou traumática; c) os elementos que o atrapalharam para superar essas situações difíceis e sofridas.

Para a leitura dos dados e a sua interpretação utilizou-se a técnica de interpretação do conteúdo.

O trabalho está organizado em quatro capítulos. A temática do primeiro capítulo está focada na resiliência, começando com a origem do conceito e as peculiaridades em diversos contextos. Aborda as diferentes definições e nuances do tema e, depois de apresentar algumas características e considerações, o capítulo fala do desenvolvimento do processo de resiliência, assim como dos fatores de proteção e dos pilares de resiliência que a favorecem.

⁴ Doravante, a fim de facilitar a leitura, será somente empregado o gênero masculino na linguagem, querendo denotar tanto ele próprio quanto o feminino.

O segundo capítulo centra-se no estudo da religiosidade/espiritualidade com ênfase na juventude e nas características próprias que ela apresenta no tempo atual. Ao trazer algumas publicações sobre Pastoral, o estudo relaciona elementos priorizados na práxis da Igreja Católica com os fatores de proteção e com os pilares que favorecem a resiliência.

O terceiro capítulo descreve e analisa a pesquisa social realizada e no quarto capítulo discutem-se as contribuições da religiosidade/espiritualidade e da Pastoral católicas no desenvolvimento da resiliência. Depois de analisar como a resiliência pode ser promovida através de pessoas, de grupos e através das propostas pastorais, o capítulo termina apresentando possibilidades, perspectivas e desafios que o tema da resiliência traz para a reflexão e o trabalho que a Igreja Católica realiza junto aos jovens.

1 RESILIÊNCIA

1.1 Origem do conceito, contextos e definições

Há três décadas começaram os primeiros estudos que deram origem ao que, atualmente, se conhece como resiliência. O conceito nasceu e começou a desenvolver-se no ambiente anglo-saxão com Emmy Werner e Ruth Smith (1982; 1992), Michael Rutter (1983; 1992), Garmezy (1983; 1996) e Fonagy (1994; 2001). Espalhou-se depois nos Países Baixos e na França, com Stefan Vanistendael (1995), Manciaux (1999) e Boris Cyrulnik (1999), entre outros, assim como na Alemanha e na Espanha. A visão norte-americana teve uma orientação principalmente comportamental, pragmática e centrada no individual. A europeia privilegiou a visão psicanalítica e assumiu uma perspectiva ética. Na América Latina, os estudos integram uma dimensão coletiva, desafiada pelos problemas do contexto social⁵. Já em 1997, na Argentina, se organiza o *Centro Internacional de Informação e Estudos de Resiliência - CIER*⁶ (1997), cujas contribuições desenvolvem tanto a perspectiva da resiliência individual quanto da resiliência comunitária⁷, relativa a grupos, cidades ou povos. No Brasil, os primeiros estudos são do final dos anos 90.

Mesmo que a formulação do conceito de resiliência seja relativamente nova, as buscas de superar as adversidades e a obtenção significativa de bons resultados são tentativas do ser humano e inquietações das religiões de todos os tempos. A origem do conceito situa-se com as psicólogas norte-americanas Emmy Werner e Ruth Smith que, a partir de 1955, estudaram, ao longo de 32 anos, mais de quinhentos indivíduos de 0 a 2 anos, na ilha de Kauai (Hawai). A maioria tinha padecido por pobreza extrema, sendo que uma terceira parte deles teve outros sofrimentos, como a dissolução do vínculo parental, alcoolismo, abuso, estresse, etc. Dessas 201 crianças em situação de risco, contrariamente ao que se suporia, 34%, isto é, 72 casos não manifestavam perturbações como consequência dos fatores de risco e das situações traumáticas vividas. A percentagem de superação cresceu quando estudados na adolescência. Mais ainda, na idade adulta, 80% dos indivíduos em questão conseguiram evoluções positivas. No início, definiram essas pessoas como “invulneráveis”, mas logo começaram a chamá-las de “resilientes”.

⁵ SUÁREZ OJEDA, Elbio Néstor. Introducción: Resiliencia y subjetividad. In: MELILLO, Aldo; SUÁREZ OJEDA, Elbio Néstor; RODRÍGUEZ Daniel (Comp.). *Resiliencia y subjetividad: los ciclos de la vida*. Buenos Aires: Paidós, 2004. p. 18-19.

⁶ *Centro Internacional de Información y Estudios de Resiliencia - CIER*, da Universidad de Lanús, Buenos Aires.

⁷ SUÁREZ OJEDA, Elbio Néstor et al. Resiliência comunitária. In: *Sufrimento, resiliência e fé: implicações para as relações de cuidado*. São Leopoldo: Sinodal, 2007a. p. 33-59.

A palavra resiliência é tomada da física dos materiais. É uma força de resistência ao choque e de recuperação. Significa a capacidade elástica de um material para recobrar sua forma original depois de ter sido submetido a uma pressão deformadora. No campo da Psicologia, o primeiro que usou, em sentido figurado, o termo resiliência, foi Bowlby e definiu-a assim: “recurso moral, qualidade de uma pessoa que não desanima, que não se deixa abater”⁸. Etimologicamente, resiliência vem do latim *resilio, is, ire, silui, sultum* (re, salto) v. int. e significa “saltar para trás, voltar para trás, saltando”⁹.

Para Theis, resiliir é recuperar-se e continuar indo para a frente depois de um trauma, uma doença ou uma situação de estresse. Implica resistir às situações críticas, sobrepor-se e reconstituir-se da melhor maneira possível¹⁰. Em francês, etimologicamente a palavra *résiliation* é um ato de desengajamento porque põe fim a um contrato, a uma promessa ou a uma palavra dada¹¹, e pode ser entendido como um romper o contrato com a adversidade¹². Para Assis, implica tentar transformar intempéries, momentos traumáticos e situações difíceis e inevitáveis, em novas perspectivas¹³.

Vários trabalhos insistem na dificuldade de estabelecer uma única definição de resiliência assim como de “delimitar o conceito e de decifrar os processos”¹⁴. Há quem chega a propor o uso do termo no plural: as resiliências¹⁵. Na literatura científica podem encontrar-se, atualmente, quatro acentuações nas definições de resiliência, entendendo-a como¹⁶:

a) Capacidade humana: Vários autores a descrevem como a capacidade para desenvolver-se bem, para continuar projetando-se no futuro, apesar dos acontecimentos desestabilizadores, de condições de vida difíceis e de traumas às vezes graves¹⁷. A resiliência refere-se à habilidade que uma pessoa, um grupo ou uma comunidade tem de “impedir,

⁸ *resorte moral, cualidad de una persona que no se desanima, que no se deja abatir* (tradução nossa). BOWLBY, 1992 apud MANCIAUX, Michel (Comp.). *La resiliencia: resistir e rehacerse*. Barcelona: Gedisa, 2003a. p. 20.

⁹ FERREIRA, António Gomes. *Dicionário de latim-português*. Porto: Porto, 1988. p. 64.

¹⁰ THEIS, Amandine. La resiliencia en la literatura científica. In: MANCIAUX, Michel (Comp.). *La resiliencia: resistir e rehacerse*. Barcelona: Gedisa, 2003. p. 50.

¹¹ ANAUT, Marie. La résilience. *Surmonter les traumatismes*. 2. ed. Paris: Armand Colina, 2008. p. 35.

¹² MANCIAUX; TOMKIEWICZ, 2000 apud THIES, 2003, p. 50.

¹³ ASSIS, Simone Gonçalves de; PESCE, Renata Pires; AVANCI, Joviana Quintes. *Resiliência: enfatizando a proteção dos adolescentes*. Porto Alegre: Artmed, 2006. p. 57.

¹⁴ *delimitar el concepto y descifrar sus procesos* (tradução nossa). TYCHEY, Claude de. La resiliencia vista por el psicoanálisis. In: MANCIAUX, Michel (Comp.). *La resiliencia: resistir e rehacerse*. Barcelona: Gedisa, 2003. p. 198.

¹⁵ TISSERON, Serge. *La résilience*. 3. ed. Paris: Presses universitaires de France, 2009. (Col. Que sais-je ?). p. 16.

¹⁶ ANAUT, 2008, p. 42-48.

¹⁷ MANCIAUX, Michel et al. La resiliencia: estado de la cuestión. In: MANCIAUX, Michel (Comp.). *La resiliencia: resistir e rehacerse*. Barcelona: Gedisa, 2003c. p. 22.

diminuir ou superar os efeitos nocivos da adversidade”¹⁸. Melillo a define como “a capacidade de superar os efeitos de uma adversidade [...] e, inclusive, de sair fortalecidos da situação”¹⁹.

b) Tipo de personalidade: Um segundo grupo entende a resiliência como um tipo de personalidade que possibilitaria a superação das adversidades. Porém, visto que esta associação não pode ser comprovada cientificamente, vários investigadores se inclinam a dizer que se trata de uma realidade potencial em cada indivíduo²⁰, independentemente da personalidade²¹.

c) Resultado de um processo: Esta visão é bastante criticada por incorrer no risco de fixar o conceito, supondo que, em determinado momento, se alcance definitivamente uma estrutura resiliente²².

d) Processo dinâmico ou modelo específico comportamental ou psíquico: Para Cyrulnik, entre outros, a resiliência implica um processo específico e, por sua vez, dinâmico, pois não é um estado que se adquire uma vez para sempre.

O estudo da resiliência integra contribuições das teorias do desenvolvimento, das teorias comportamentais e mais recentemente da visão psicanalítica²³. Tanto pelas pesquisas quanto pela “resiliência assistida” (aplicações na prática clínica), como afirma Cyrulnik, deve ser considerada dentro de uma perspectiva ecossistêmica, isto é, multidimensional, interativa, transacional, pois a resiliência não é um processo causal lineal²⁴. O fato de poder considerar os fatores de risco e de proteção tanto nos diferentes níveis (pessoal, de família, de comunidade, nas relações sociais e na sociedade) quanto na sua interação ajuda a compreender melhor a resiliência e abre maiores perspectivas para a prevenção e a intervenção²⁵.

As diferentes visões e definições sobre resiliência têm em comum uma mudança de paradigma do olhar psicológico, ao propor uma ótica de observação centrada nas capacidades dos indivíduos e dos grupos para a superação de situações adversas ou traumáticas e que abre

¹⁸ *impedir, disminuir o superar los efectos nocivos de la adversidad* (tradução nossa). THEIS, 2003, p. 50.

¹⁹ *la capacidad de los seres humanos de superar los efectos de una adversidad [...] e, incluso, de salir fortalecidos de la situación* (tradução nossa). MELILLO, Aldo. Realidad social, y resiliencia. In: MELILLO, Aldo; SUÁREZ OJEDA, Elbio Néstor; RODRÍGUEZ, Daniel (Comp.). *Resiliencia y subjetividad: los ciclos de la vida*. Buenos Aires: Paidós, 2004b. p. 63.

²⁰ ANAUT, 2008, p. 42-48.

²¹ ANAUT, Marie. La résilience au risque de la psychanalyse. Ou la psychanalyse au risque de la résilience? In : CYRULNIK, Boris; DUVAL, Philippe (Org.). *Psychanalyse et Résilience*. Paris: Odile Jacob, 2006. p. 82.

²² ANAUT, 2008, p. 42-48.

²³ ANAUT, 2008, p. 34.

²⁴ CYRULNIK, Boris; DUVAL, Philippe (Org.). *Psychanalyse et Résilience*. Paris: Odile Jacob, 2006. p. 39.

²⁵ CYRULNIK; DUVAL, 2006, p. 39.

uma perspectiva de esperança. Em lugar de priorizar os aspectos negativos, isto é, as fraquezas, os sintomas, as doenças e as carências, tenta descobrir e promover as forças e as capacidades para reagir e superar as situações críticas e as adversidades da vida. O fundamento do paradigma da resiliência questiona duramente a ideia de que as situações de risco e as realidades traumáticas “inevitavelmente condenam as pessoas a contrair psicopatologias ou a perpetuar ciclos de pobreza, abuso, fracasso escolar ou violência”²⁶. Olhando para 5% dos adultos que maltratam as crianças oito vezes mais que a população geral, constata-se que há 95% de pessoas que não repetem os maus-tratos²⁷. Por isso, Cyrulnik não duvida em afirmar que a história não é um destino²⁸. Aliás, segundo estudos, 80% das pessoas que sofrem situações traumáticas se recuperam sem tratamento em um ano²⁹.

A resiliência não oferece uma “solução mágica”; simplesmente sugere vincular realismo e esperança e abordar as situações adversas de forma construtiva e não ingênua. Esta visão também não fica restrita a uma intervenção vinda unicamente do exterior. O paradigma da resiliência promove o desenvolvimento das características próprias da pessoa e da comunidade e das soluções positivas propostas pela pessoa ferida. Pensar nas capacidades e possibilidades primeiramente supõe uma mudança de perspectiva, pois, desde o ponto de vista da área da saúde, a maioria das intervenções tem, como ponto de partida, o déficit, para depois ver uma solução³⁰.

Dentro do mesmo paradigma, existem diferenças significativas nas concepções de importantes autores. Por exemplo, Rutter, um dos precursores do tema, define a resiliência como a resistência aos choques e a capacidade de se desenvolver normalmente apesar das circunstâncias adversas. Esta visão é criticada por Cyrulnik por dois motivos. Em primeiro lugar, ele argumenta que também as pessoas com estrutura perversa resistem aos choques, visto que não se sentem tocadas e porque conseguem se expandir à custa dos outros. Em

²⁶ *inevitavelmente condenan a la gente a contraer psicopatologías o a perpetuar ciclos de pobreza, abuso, fracaso escolar o violencia* (tradução nossa). HENDERSON, Nan; MILSTEIN, Mike M. *Resiliencia en la escuela*. Buenos Aires: Paidós, 2003. p. 20.

²⁷ CYRULNIK, Boris; ELKAÏM, Mony. *Entre résilience et résonance. À l'écoute des émotions*. Paris: Fabert, 2009. (Psychotérapies créatives). p. 87.

²⁸ CYRULNIK, Boris (Dir.) *Ces enfants qui tiennent le coup*. Revigny-sur-Ornain: Hommes et perspectives, 1998.

²⁹ BAILLY, Lionel. *Résilience et psychanalyse*. In: CYRULNIK, Boris; DUVAL, Philippe (Org.). *Psychanalyse et Résilience*. Paris: Odile Jacob, 2006. p. 232.

³⁰ VANISTENDAEL, Stefan. *Qu'est-ce que la résilience? Un espoir réaliste*. In: LE CARDINAL, Gilles (Coord). *Du désastre au désir*. Les modalités de l'accompagnement post-traumatique. Paris: L'Harmattan, 2003b. p. 71.

segundo lugar, porque o processo que acontece após a situação traumática não é o normal do desenvolvimento, mas é de um outro tipo que ele chama “processo resiliente”³¹.

Para Cyrulnik, o processo de resiliência supõe uma retomada, após uma confrontação com uma situação de grave risco, de violação, de morte ou de dano extremo, que ameaça destruir, física ou psiquicamente, a pessoa. Esta situação provoca uma “ruptura traumática” (*déchirure traumatique*) na qual a vítima se sente mais ou menos morta ou morta mesmo, e a resiliência seria, de alguma maneira, uma “forma de costurar”. Sendo assim, para o autor, ficaria sem sentido falar em resiliência para dificuldades simples, para adversidades da vida quotidiana, como sugerem os americanos³². O tipo de adversidades mais triviais, Cyrulnik as considera simplesmente provas, porque o dano é menor, sendo que na prova a pessoa fica ela mesma³³. Anaut adverte para o risco de empobrecer o conceito aplicando-o “a tudo e a nada” ou de reduzi-lo ao conceito de adaptação³⁴.

Existem, nas pessoas, processos defensivos e adaptativos que são capazes de possibilitar, dentro de certos limites, de “aproveitar-se” dos conflitos, das situações estressantes ou dramáticas. Porém, esta afirmação tem um lado positivo e esperançoso e outro perigoso³⁵. Longe de fazer da resiliência “um hino ao sofrimento, aos determinismos, à desigualdade das chances”, igualmente é possível aprender com a trajetória e o depoimento das pessoas que afirmam que conseguiram encontrar, a partir da situação adversa, novos elementos para apoiar-se e redefinir à sua vida, mesmo se não desejam a outros a dor sofrida³⁶. Cabe salientar que a resiliência “pode inspirar e, às vezes, reorientar a política social, mas ela não é um substituto”³⁷. Observar que determinadas pessoas desenvolvem um processo dinâmico e positivo após situações dolorosas não significa justificar as injustiças, as desigualdades ou as violências (guerra, maus-tratos, abuso, abandono, pobreza, exclusão, etc.), fruto do agir humano, nem ficar passivos perante elas, nem exclui a necessidade de procurar erradicá-las. De fato, ao aprofundar o tema da resiliência o presente estudo tentará contribuir em três diferentes planos complementários: a) na busca de políticas institucionais

³¹ *processus résilient* (tradução nossa). CYRULNIK; DUVAL, 2006, p. 7.

³² CYRULNIK; ELKAÏM, 2009, p. 82.

³³ CYRULNIK, Boris. *Vivre devant soi: être résilient et après?* Revigny-sur-Ornain: Du journal des psychologues, 2005b. p. 22.

³⁴ *à tout et à tous* (tradução nossa). ANAUT, 2008, p. 39.

³⁵ LEMAY, Michel. La résilience, mythe ou réalité. In: CYRULNIK, Boris; DUVAL, Philippe (Org.). *Psychanalyse et Résilience*. Paris: Odile Jacob, 2006. p. 46-47.

³⁶ *un hymne à la souffrance, aux déterminismes, à l'inégalité des chances* (tradução nossa). LEMAY, 2006, p. 47.

³⁷ *peut inspirer et parfois réorienter la politique sociale, mais elle n'en est pas un substitut* (tradução nossa). GUEDENEY, Antoine. L'attachement et la résilience: théorie, clinique et politique sociale. In: CYRULNIK, Boris; DUVAL, Philippe (Org.). *Psychanalyse et Résilience*. Paris: Odile Jacob, 2006. p. 158.

(no âmbito da religião, da educação, da saúde, da promoção social, etc.) e de práticas, que favoreçam o fortalecimento das capacidades dos jovens para superar melhor situações adversas ou traumáticas; b) conscientizar e potencializar a contribuição que as redes sociais de apoio, formais e informais, podem oferecer tanto na perspectiva da prevenção quanto perante adversidades do presente ou do passado; e c) na revalorização do engajamento social tanto em atividades que fomentem a promoção da resiliência, quanto da luta contra as causas que provocam situações negativas e/ou traumáticas (doenças físicas ou psíquicas, carências materiais ou afetivas, conflitos evitáveis, crises desnecessárias, violência, injustiça, exclusão, etc.).

Considerando que neste estudo interessa investigar como a religiosidade/espiritualidade católica poderia contribuir na promoção da resiliência, cabe pontualizar que as comunidades, as lideranças e os assessores, no trabalho pastoral, se deparam com jovens que passam por situações adversas de diferente teor. Algumas são crises próprias do ciclo vital, dos desafios do dia-a-dia ou de outro tipo de provas. Outras são fortemente traumáticas. Em muitos casos, as situações adversas são várias ao mesmo tempo. No âmbito latino-americano e mais propriamente brasileiro, por exemplo, além da vulnerabilidade na saúde, das problemáticas familiares ou em outros círculos mais próximos, os jovens são atingidos, direta ou indiretamente, pela influência negativa do contexto sócio-econômico empobrecido, por situações de injustiça e de violência e pelas reduzidas possibilidades de estudo e de emprego estável e suficientemente remunerado. Tanto uns quanto outros são sofrimentos que afetam a juventude e acredita-se na importância de pensar como a Pastoral Católica pode contribuir na promoção dos fatores de proteção e dos pilares de resiliência nas diferentes situações, tanto de situações traumáticas já acontecidas, quanto no âmbito da prevenção. Estudar-se-á, pois, como colaborar na capacitação e no fortalecimento do jovem tanto para superar situações adversas de menor gravidade como para situações claramente traumáticas. Desde esse ponto de vista, longe de estar propondo uma banalização do conceito de resiliência, acredita-se na importância do trabalho de prevenção e na inclusão do conceito, aplicando-o, também, nos casos de sofrimentos e de adversidades do contexto cotidiano³⁸.

Tendo descrito o sentido e a história do termo resiliência e esclarecido de que tipo de situações adversas ou traumáticas estamos falando, o estudo analisará as características principais do conceito e pontualizará outras questões relevantes acerca do mesmo.

³⁸ BAUER, María et al. (Comp.). *Resiliencia y vida cotidiana*. Montevideo: Psicolibros; Waslala, 2007.

1.2 Considerações e características

Os precursores da resiliência começaram utilizando o termo invulnerabilidade, pois constatavam que algumas crianças pareciam se recuperar das adversidades, voltando a um estado anterior como se não tivessem sido atingidas. Porém, logo o termo resultou incorreto, pois o ser humano é, por condição, vulnerável e, sob o ponto de vista psicológico, nunca ficará igual após uma experiência dura de vida. Uma expressão que, segundo Grunspun, poderia ser mais adequada é pensar a resiliência como a capacidade humana de “ser imune psicologicamente” diante de situações graves³⁹.

Como afirmam Libório *et al.*⁴⁰, entre outros, a resiliência não é uma realidade alcançada para sempre. Ela é dinâmica, transitória e não absoluta⁴¹. É um processo não fixo, com momentos de maior resiliência e momentos de menor resiliência. Em determinadas circunstâncias ou em determinados campos, uma mesma pessoa pode ser ou estar mais vulnerável e em outras circunstâncias ou campos pode ser ou estar mais resiliente⁴². Não há limites precisos, mas quando os especialistas falam de pessoas resilientes, referem-se à observação do estado de resiliência num momento preciso. Como o estado pode variar, afirma-se que “nunca está nada definitivamente perdido e nada está definitivamente ganho”⁴³. Nesse sentido, não se deveria dizer que uma pessoa é resiliente ou não é resiliente, já que cada uma tem épocas e circunstâncias da vida em que consegue lidar melhor ou pior com as dificuldades. Por isso, seria mais correto pensar na resiliência como um “estar” mais do que como “ser”.

Para Lecomte a resiliência tem quatro características fundamentais: trata-se de um processo; fundamenta-se no vínculo e no sentido; a pessoa resiliente é vítima de uma situação traumática, mas não reduzida ao estado de vítima; e, finalmente, o espírito otimista realista⁴⁴. Uma importante contribuição de Rutter foi mostrar que a resiliência se aprende em todas as

³⁹ GRUNSPUM, Haim. *Criando filhos vitoriosos: quando e como promover a resiliência*. São Paulo: Atheneu, 2005. p. 1.

⁴⁰ LIBÓRIO, Renata Maria Coimbra; CASTRO, Bernardo Monteiro de; COELHO, Angela Elizabeth Lapa. Desafios metodológicos para a pesquisa em resiliência: conceitos e reflexões críticas. In: DELL'AGLIO, Débora Dalbosco; KOLLER, Sílvia Helena; YUNES, Maria Ângela Matrar (Org.). *Resiliência e Psicologia Positiva: interfaces do risco à proteção*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006. p. 89-115.

⁴¹ VANISTENDAEL, Stefan. *Cómo crecer superando los percances: resiliencia, capitalizar las fuerzas del individuo*. Ginebra: Oficina Internacional Católica de la Infancia - BICE, 1995. p. 33.

⁴² ANAUT, 2008, p. 36.

⁴³ “rien n'est jamais définitivement perdu et rien n'est définitivement gagné” (tradução nossa). LECOMTE, Jacques. Qu'est-ce que la résilience? In: CYRULNIK, Boris. *Vivre devant soi: être résilient et après?* Revigny-sur-Ornain: Du journal des psychologues, 2005. p. 12.

⁴⁴ LECOMTE, 2005, p. 11-21.

etapas da vida, não somente nos primeiros anos⁴⁵. Os processos de resiliência podem ser estimulados mediante o apoio de pessoas ou instituições (família, Igreja, escola, centro de saúde, organizações ou associações sociais ou políticas, etc.), que motivam a ativação das capacidades de superação das dificuldades.

A promoção da resiliência pode ser favorecida segundo três modelos complementares: o compensatório, do *challenge* e dos fatores de proteção. a) O modelo compensatório sugere acrescentar algum pilar de resiliência para diminuir o risco de ficar traumatizado (por exemplo, a auto-estima). b) Sendo que o que afeta negativamente uma pessoa pode ser um desafio para uma outra, o modelo do *challenge* busca promover o equilíbrio entre tranquilidade e o “estresse formador” (*stress formateur*). c) No modelo dos fatores de proteção procura-se promover as capacidades cognitivas e os elementos relacionais⁴⁶.

Para potencializar a resiliência de um grupo ou de uma pessoa através do ambiente familiar, social, educativo, de trabalho ou pastoral, através das intervenções sociais ou de políticas públicas, é preciso descobrir os recursos internos ou intrapsíquicos, assim como os recursos ou fatores de proteção externos (nas redes sociais formais e informais), isto é, os vínculos com o meio social e afetivo. A resiliência é um processo complexo que visa a superar e continuar construindo-se após uma situação traumática e é resultado de uma interação entre a pessoa e seu meio⁴⁷. Uma forma de promoção da resiliência é o chamado empoderamento (*empowerment*) e se refere a fortalecer e capacitar o indivíduo, preocupando-se em “identificar os recursos, revelá-los a quem os possui – que frequentemente não sabe que os possui- e ajudá-lo a aplicá-los”⁴⁸.

Mesmo se, para algumas pessoas, determinadas adversidades parecem ter contribuído no amadurecimento como ser humano, na descoberta de um sentido mais profundo dado às coisas e à vida, ou na percepção dos valores e na visão do mundo, contudo, precisa se afirmar que as adversidades “isoladamente são insuficientes” para promover a resiliência⁴⁹. Algumas definições, olhando situações traumáticas após as quais a pessoa cresce, concluem que houve uma ativação de potencialidades que ela não tinha desenvolvido e que foram ativadas pelo traumatismo. Segundo Tisseron, nesses casos, a ideia anglo-saxã de resiliência como pular

⁴⁵ TISSERON, 2009, p. 19-20.

⁴⁶ TISSERON, 2009, p. 12.

⁴⁷ ANAUT, 2008, p. 34.

⁴⁸ *identificar los recursos, revelarlos a quienes los tienen –que a menudo no saben que los tienen- y ayudarles a aplicarlos* (tradução nossa). THEIS, 2003, p. 49.

⁴⁹ ASSIS; PESCE; AVANCI, 2006, p. 57.

(*rebondir*) é pertinente. Porém, tampouco é possível comprovar se as potencialidades não teriam aparecido da mesma forma, a partir de outras situações não traumáticas⁵⁰.

As capacidades resilientes dos seres humanos e dos grupos, por mais promovidas e desenvolvidas que estejam, não são ilimitadas. Todo ser humano tem um limite pessoal para lidar com a adversidade, especialmente quando os sucessos são massivamente destrutivos. Por isso, para Lecomte, não há propriamente imunidade ao estresse. Só existem “modelos de resposta melhor ou pior adaptados”, sendo que a “sobrevivência sempre tem um preço”⁵¹.

Conforme os estudos de Rutter (1985; 1996), as características daqueles que desenvolvem comportamentos resilientes são três: a) a consciência da sua auto-estima e do sentimento de si (o sentimento do seu próprio valor); b) a consciência de sua eficácia ou o sentimento de autoeficácia (tendência a ver os aspectos positivos nas provas e a acreditar nas suas capacidades de resolvê-las); e c) a capacidade de apoiar-se em experiências positivas pessoais, familiares ou extrafamiliares⁵².

Desde o ponto de vista da Psicologia Comportamental, há três dimensões que se destacam na pessoa resiliente: a) a capacidade de enfrentar uma situação adversa; b) a capacidade de poder continuar desenvolvendo-se; e c) o crescimento das suas competências a partir da situação crítica. Por sua vez, estas competências são entendidas como aptidões sociais e deveriam ir acompanhadas de ausência de problemas de comportamento⁵³.

Quanto aos mecanismos de defesa e às modalidades de ajuste, não seria possível falar em defesas exclusivas ou próprias dos sujeitos resilientes, já que cada pessoa utiliza de maneira original os mecanismos de defesa ao seu alcance. É significativa, contudo, a criatividade para encontrar formas de adaptação, assim como a flexibilidade e a plasticidade dos mecanismos e recursos defensivos utilizados pelas pessoas resilientes para lidar melhor com a situação dolorosa. Estas “estratégias involuntárias e inconscientes” podem ir evoluindo e transformando-se em diferentes circunstâncias da vida⁵⁴. Inclusive, não é apropriado pensar na resiliência como uma “cicatriz” porque, tanto na observação clínica quanto nas pesquisas, se tem observado como as feridas de uma situação traumática passada podem abrir-se em outro momento⁵⁵.

⁵⁰ TISSERON, 2009, p. 13-14.

⁵¹ *modelos de respuesta mejor o peor adaptados [...] supervivencia siempre tiene un precio* (tradução nossa). BOURGUIGNON, 2000 apud LECOMTE, Jacques. El buen uso de la memoria y del olvido. In: MANCIAUX, Michel (Comp.). *La resiliencia: resistir e rehacerse*. Barcelona: Gedisa, 2003a. p. 191.

⁵² ANAUT, 2008, p. 49-50.

⁵³ ANAUT, 2008, p. 57.

⁵⁴ ANAUT, 2006, p. 82; p. 92-94.

⁵⁵ CYRULNIK, Boris. Échange avec des professionnels de la relation d'aide. In: CYRULNIK, Boris; SERON, Claude. *La résilience ou comment renaître de sa souffrance?* Paris: Fabert, 2009. p. 55.

Considerando que a resiliência é uma capacidade universal, ela não deve ser associada unicamente a alguns grupos, mesmo se há fatores de proteção promovidos num contexto cultural ou numa sociedade mais do que em outra (por exemplo, a prioridade do bem-estar coletivo acima do bem-estar individual em determinados contextos culturais ou a valorização da família extensa como guardiã das tradições e dos ritos). Tampouco pode ser reduzida ao sucesso pessoal. Por isso Cyrulnik não concorda com os que afirmam que a resiliência privilegia o individualismo e a vitória dos que ascendem na sociedade na base dos méritos próprios. Segundo o autor, tal crítica, dirigida principalmente aos estudos norteamericanos, não considera a atitude otimista e positiva para superar as dificuldades, própria da sociedade estadunidense⁵⁶.

A noção de resiliência está associada à presença de fatores de risco e a eventos traumáticos. O traumatismo que leva a desencadear o processo resiliente pode ser um único evento ou multifatorial. Na maioria das vezes, o fator de risco é uma “constelação” de fatores⁵⁷. O impacto de uma situação traumática, assim como seus efeitos patogênicos, pode atenuar-se ou agravar-se conforme o contexto externo e interno do sujeito⁵⁸, variando segundo o estado de saúde física, o estado emocional, a idade, o sexo, o contexto étnico ou cultural e o nível social da pessoa⁵⁹. Em relação às pesquisas quantitativas que tentaram medir o impacto adverso das situações de risco e dos acontecimentos negativos, os resultados são pouco convincentes. De fato, os estudos qualitativos demonstraram que a percepção subjetiva do traumatismo é muito mais marcante que os seus aspectos objetivos⁶⁰.

Quanto aos processos de recuperação e superação observa-se que alguns podem ser mais rápidos que outros, dependendo das situações e das pessoas. Inclusive, alguns traumas que parecem menos graves, podem mobilizar outros conflitos anteriores ainda não resolvidos, ocasionando o efeito chamado “gatilho”⁶¹. Por isso, as capacidades de superação dependem também de como a pessoa vivenciou e elaborou outras experiências traumáticas anteriores.

Finalmente, pensando na promoção da resiliência desde um contexto pastoral, sendo que a resiliência é um processo complexo e que a percepção da situação adversa ou traumática está profundamente ligada a vivências subjetivas, precisa-se ouvir a narrativa de como essa adversidade é sentida e interpretada pela pessoa, pois “apenas ele próprio pode narrar e avaliar

⁵⁶ CYRULNIK; DUVAL, 2006, p. 42-43.

⁵⁷ ANAUT, 2008, p. 26.

⁵⁸ ANAUT, 2006, p. 87-88.

⁵⁹ ANAUT, 2006, p. 99.

⁶⁰ ANAUT, 2006, p. 97.

⁶¹ TOMKIEWICZ, Stanislaw. El buen uso de la resiliencia: cuando la resiliencia sustituye a la fatalidad. In: MANCIAUX, Michel (Comp.). *La resiliencia: resistir e rehacerse*. Barcelona: Gedisa, 2003. p. 292.

o que lhe aconteceu”. O relato incluirá, além da linguagem verbal, outros elementos que fazem parte da narrativa, como “os gestos e os sentidos manifestos e ocultos presentes na interação humana”⁶². Este aspecto está influenciado pelos códigos epocais, culturais e sociais e pelos códigos e valores próprios dos ambientes e dos grupos de pertença.

Partindo-se da descrição e das características do processo traumático, ver-se-á em que consiste o processo de resiliência, para estudar, por último, os fatores de proteção externos e os pilares de resiliência internos, que podem ser potencializados e promovidos com vistas a favorecer a superação da situação adversa ou traumática.

1.3 O desenvolvimento do processo de resiliência

Cyrulnik retoma a ideia de Anna Freud ao afirmar que, para que exista uma ferida (trauma psíquico), são necessários dois golpes. O primeiro é da ordem do real, isto é, uma situação adversa, crítica, potencialmente traumática. O segundo golpe é na representação do real, a partir do sentido e da narrativa que resulta após confrontar a realidade traumática com a interpretação própria e do entorno⁶³. Para Cyrulnik, no primeiro momento, cada pessoa lida conforme as suas possibilidades. Pode reagir sofrendo, com medo ou não, entrar em pânico, ficando perplexo ou estupefato ou defender-se da forma que conseguir⁶⁴. Porém, o processo de resiliência só é possível no segundo momento, a partir da representação mental. O trabalho de representação não acontece se a cultura e a família não possibilitam encontrar palavras convincentes para elaborar estratégias psicológicas para que a carga da situação traumática não retorne. A emoção se transforma, se “metamorfoseia” (*se métamorphose*), a fim de que a pessoa possa se converter em “dono da situação”⁶⁵. Para ele, a resiliência é um processo natural no qual o que alguém é em determinado momento de sua vida “deve obrigatoriamente tecer-se com os meios ecológicos, afetivos e verbais” disponíveis. O fracasso de uma dessas dimensões poderia provocar o fracasso da resiliência. Porém, bastaria que houvesse um só ponto de apoio disponível para que o processo pudesse ser retomado⁶⁶.

Para Anaut, o processo psíquico resiliente tem duas fases. Na primeira, há uma confrontação com a situação traumática e uma resistência à desorganização psíquica. Os mecanismos de “urgência” para se defender são: “negação, repressão dos afetos, projeção,

⁶² ASSIS; PESCE; AVANCI, 2006, p. 2

⁶³ CYRULNIK; ELKAÏM, 2009, p. 80-81.

⁶⁴ CYRULNIK, Boris. *Je me souviens...* Paris: Odile Jacob, 2010. p. 78.

⁶⁵ *maître de la situation* (tradução nossa). CYRULNIK, 2010, p. 78.

⁶⁶ *doit obligatoirement se tricoter avec ses milieux écologiques, affectifs et verbaux* (tradução nossa). CYRULNIK, Boris. *Un merveilleux malheur*. Paris: Odile Jacob, 2002b. (Poches). p. 13.

deslocamento, imaginário, passagem ao ato, comportamento passivo-agressivo”. Na segunda fase, a pessoa tenta recompor seus vínculos quebrados pelo trauma e reconstituir-se. É a etapa da “integração do traumatismo e da reparação (autorreparação)”. Os recursos defensivos utilizados são mais maduros: “criatividade, humor, intelectualização, altruísmo, sublimação”. Mediante estes mecanismos adaptados à situação, flexíveis, realiza-se o “processo de mentalização” isto é, de “dar um sentido à ferida”, convertendo-a em uma narrativa com significado, para si próprio e para os outros, com possibilidade de ser eventualmente comunicável⁶⁷. É necessário analisar os fatores que intervêm, pois a resiliência se tece “com mil determinantes”, sendo que há alguns que são mais marcantes que outros⁶⁸, segundo cada pessoa e cada situação.

Visto que a situação traumática provoca um natural recolhimento narcisista, como forma de autoproteção, a pessoa ferida, só o superará se o entorno colaborar no “neo-desenvolvimento” de um processo resiliente⁶⁹. É necessário que ela encontre alguém que lhe possibilite “tecer-se, tutorizar-se”, pois “a resiliência não é uma molécula do super homem”⁷⁰. Esse tecido depende de outro tecido que é oferecido pela estrutura social, pelo ideal social, pela mentalidade coletiva, pelo trabalho psicológico, artístico, etc.⁷¹ Perante uma dor profunda, às vezes muito difícil de dividir com outra pessoa, o recurso a representá-la mediante uma expressão artística possibilita a socialização⁷².

Na perspectiva de Cyrulnik, a representação íntima do trauma se torna suportável quando pode ser narrado, historicizado, dando assim coerência à realidade e criando o sentimento de poder lidar com ela. O trabalho afetivo mediante a palavra pode ser provocado pela ajuda dos filósofos, dos psicanalistas, dos cineastas, dos jornalistas ou dos romancistas. O ambiente tem um papel importante neste processo, pois, se as narrativas são aceitas pela família e pela cultura, “a costura resiliente pode se fazer solidamente”⁷³. Mesmo se a organização social é necessária para a prevenção de consequências traumáticas, o “discurso claro e simples” que oriente sobre como proceder na adversidade, tem um papel mais importante na evolução positiva. De fato, as narrativas disponibilizadas no entorno, entre

⁶⁷ *créativité, humour, intellectualisation, altruisme, sublimation [...] processus de mentalisation [...] conférer un sens à la blessure* (tradução nossa). ANAUT, 2006, p. 90-92.

⁶⁸ CYRULNIK, 2002b, p. 17-18.

⁶⁹ *néodéveloppement* (tradução nossa). CYRULNIK, Boris. *Autobiographie d'un épouvantail*. Paris: Odile Jacob, 2008. p. 51.

⁷⁰ *qui lui permet de se tricoter, de le “tutoriser” [...] la résilience, ce n'est pas la molécule du sur homme* (tradução nossa). CYRULNIK, Boris; SERON, Claude. *La résilience ou comment renaître de sa souffrance?* Paris: Fabert, 2009. p. 63.

⁷¹ CYRULNIK; ELKAÏM, 2009, p. 91.

⁷² CYRULNIK, 2010, p. 79-80.

⁷³ *la couture résiliente peut se faire solidement* (tradução nossa). CYRULNIK; DUVAL, 2006, p. 21.

outros, oferecem três tipos de retóricas: a narrativa adormecedora ou “placebo” (“já vai passar”), a narrativa enlouecedora ou “nocebo” (“não há nada mais para fazer”) e a narrativa explicativa que possibilita a interação e os encontros e ajuda a manejar positivamente a situação adversa, isto é, no sentido da superação⁷⁴.

Pensando na potencialização e no desenvolvimento da resiliência, o presente estudo, trará a contribuição do sociólogo e demógrafo Stefan Vanistendael, do BICE⁷⁵. Desde 1995, baseando-se em pesquisas e experiências práticas, ele enunciou os cinco âmbitos principais para a promoção da resiliência e que estão inter-relacionados entre si. São: redes de apoio social, em especial a aceitação incondicional da criança; o sentido da vida, vinculado à vida espiritual e à fé religiosa; as aptidões e o sentimento de controle da própria vida; a auto-estima; e o senso de humor. Para o autor esses itens podem eventualmente ser ampliados⁷⁶.

Em 1996, ele criou um desenho que serviria como expressão gráfica para facilitar a compreensão do tema da resiliência e que chamou em espanhol de “*la casita*” (a casinha). Assim, sem traduzir o termo, foi transmitido para diferentes línguas, querendo sintetizar o resultado de vários estudos e experiências de trabalho. O modelo foi confrontado em quinze países de diferentes culturas, em quatro continentes. Ele é dinâmico e aplica-se à análise de uma determinada pessoa ou grupo na sua realidade, contexto e cultura específicos. Permite discernir que fatores (lugares da *casita*) estão já desenvolvidos e quais poderiam ser potencializados para incentivar a promoção da resiliência. Por isso, cada setor pode ser considerado como uma área potencial de intervenção⁷⁷. O esquema contempla tanto os fatores de proteção (isto é, os recursos externos à pessoa que padece a situação adversa) como os pilares de resiliência (recursos internos, competências, aptidões ou capacidades da pessoa)

⁷⁴ CYRULNIK, 2008, p. 80-81.

⁷⁵ BICE (*Bureau International Catholique de l'Enfance*) é uma ONG francesa que defende a dignidade e o interesse superior da criança. Promove os direitos e responsabilidades da criança no respeito incondicional da sua pessoa, da sua família, cultura, comunidade de pertença e religião. Constitui uma plataforma para a pesquisa e a ação. Em função das necessidades das crianças e apelando para suas capacidades, o BICE elabora projetos a curto, médio e longo prazo. Em todas as suas ações, promove o crescimento espiritual, a abertura intercultural e os direitos da criança, sempre tendo em conta o entorno familiar.

⁷⁶ VANISTENDAEL, 1995, p. 6.

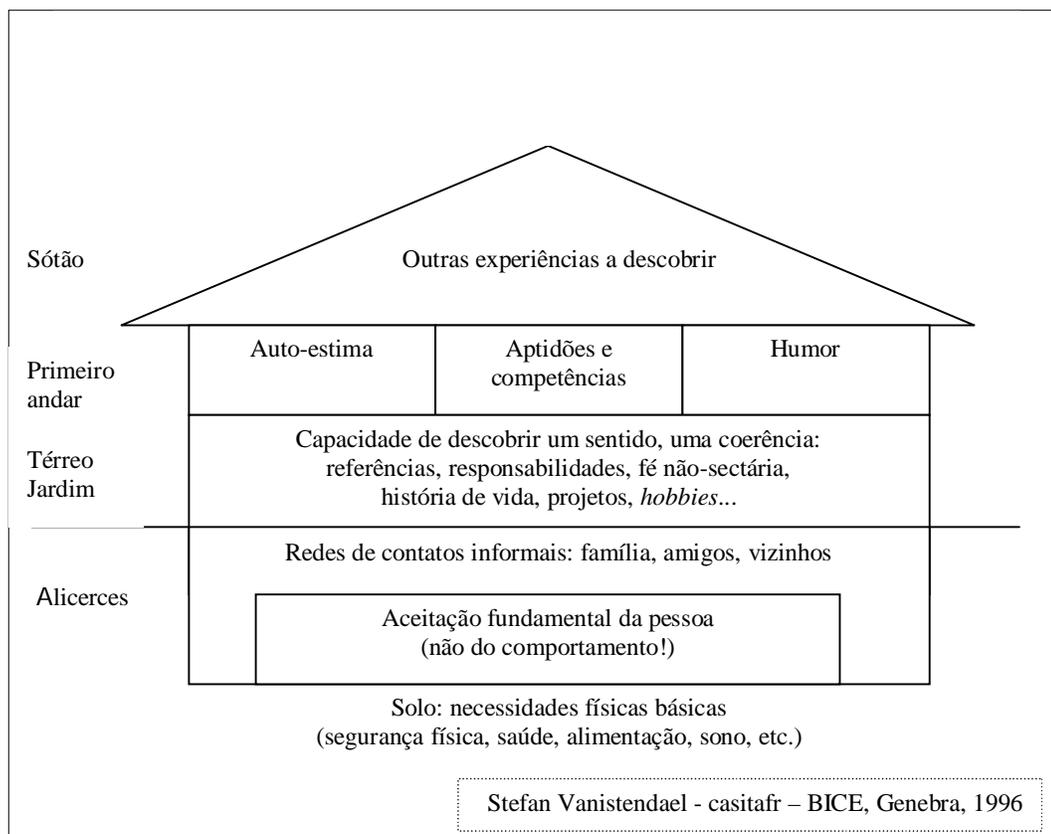
⁷⁷ VANISTENDAEL, Stefan, 2002. *La résilience: un regard qui fait vivre*. Genève: BICE, 2002. Disponível em: <http://docs.google.com/viewer?a=v&q=cache:vJALq4rGTPAJ:arianesud.com/content/download/1084/4402/file/BICE%2520Vanistendael%2520Resilience%2520un%2520regard%2520qui%2520fait%2520vivre.pdf+Stefan+Vanistendael+casitafr+BICE&hl=pt-BR&gl=fr&pid=bl&srcid=ADGEEShfBNdfV-Ia6u0xLR9yvgKofF3mKXs77kcrsJ4As7F8uUcty3ZZLxUsj1BBB7pscD7O_6ZkBBkyuvR83vu39FT50zU5mYKhGu0isiHQAsKSLiHaUxnigegQoaQVZDA4FHzbzXl_&sig=AHIEtbRbuaFs5B7URlag1VLlua7IrfEfXA>.

Acesso em 12 maio 2010.

que ajudam na superação das situações traumáticas e que serão aprofundados ao longo do estudo⁷⁸.

“LA CASITA”

Uma síntese de alguns elementos para a construção da resiliência



1.4 Fatores de proteção

A literatura sobre resiliência destaca dois fatores de proteção externos fundamentais para desencadear o processo de superação de uma situação adversa ou traumática: a) a aceitação incondicional de, pelo menos, uma pessoa, e b) a presença de redes de apoio social disponíveis.

⁷⁸ Autores como Suárez Ojeda, Munist e Lecomte denominam de “fatores de proteção” às condições externas à pessoa que padece a situação adversa e que favorecem a resiliência, e chamam de “pilares de resiliência” às aptidões e capacidades próprias da pessoa que sofre e que contribuem para uma melhor superação da adversidade. SUÁREZ OJEDA, Elbio Néstor, MURTAGH, Ricardo (Coord.). *Relatoría del seminario - taller “La resiliencia como aporte a intervenciones sociales sustentables”*. Buenos Aires: UNLa, 2001. (Salud Comunitaria, Serie Resiliencia). p. 70-71; SUÁREZ OJEDA, Elbio Néstor; MUNIST, Mabel; RODRIGUEZ, Daniel (Comp.). *Seminario Internacional sobre aplicación del concepto de resiliencia en proyectos sociales*. Buenos Aires: UNLa, 2004. p. 24-25. Porém a maioria dos autores utiliza unicamente o termo “fatores de proteção” para referir-se tanto aos fatores do meio externo quanto aos fatores da própria pessoa.

1.4.1 Aceitação incondicional

Os autores coincidem na importância de que, na situação dolorosa, adversa ou traumática, a pessoa (criança, jovem ou adulto) possa se sentir acolhida e aceita incondicionalmente, pois, como afirma Melillo, o aspecto mais especial e original do enfoque da resiliência “é a ênfase na necessidade do outro como ponto de apoio para a superação da adversidade”⁷⁹. O processo de resiliência só acontece quando há, pelo menos, uma ou mais pessoas significativas que mantêm com a criança, o adolescente ou o adulto que sofre, um vínculo positivo forte, alguém que acredita no potencial da pessoa, que sabe ouvi-la e ter com ela um vínculo suficientemente empático para ajudá-la a desenvolver suas próprias capacidades de superação. Contudo, Vanistendael prefere falar em aceitação fundamental⁸⁰ e não incondicional, para ressaltar a atitude de boa disposição para a acolhida do sofredor, porém sem ingenuidade, estando ciente das limitações e dos condicionamentos inconscientes que cada ser humano tem.

Desde o ponto de vista do desenvolvimento psicológico, nos primeiros meses e anos de vida, constata-se a importância de figuras significativas, principalmente da mãe (biológica, ou não) para garantir o crescimento sadio, a formação da identidade e o aprendizado da elaboração das frustrações. O tipo de vínculo com a figura materna (apego) influencia consideravelmente no desenvolvimento da criança e no seu futuro. Winnicott, falando do papel dessa figura, afirma que não deve ser perfeita e sim “suficientemente boa”⁸¹. Segundo Assis, o entorno afetivo e material para proteger uma criança deveria ser “estável, amoroso, confiável, flexível, aberto, firme o suficiente para facilitar a introjeção de limites e normas culturais, respeitoso”, porém “esse entorno nunca é perfeito nem invulnerável”⁸². De fato, ele é influenciado pelas expectativas e pelo olhar dos outros, não só da mãe, mas também de outros familiares, dos amigos, dos vizinhos, dos educadores e da sociedade.

Para Bowlby, especialista em apego, o apoio, a confiança e o amor são indispensáveis ao longo da vida. Ele observa que esse entorno afetivo é um aspecto determinante para se proteger das adversidades, não só na infância, e afirma: “Acumulam-se evidências de que seres humanos de todas as idades são mais felizes e mais capazes de desenvolver seus talentos

⁷⁹ *es el énfasis de la necesidad del otro como punto de apoyo para la superación de la adversidad* (tradução nossa). MELILLO, 2004b, p. 64.

⁸⁰ VANISTENDAEL, Stefan. La résilience et les surprises de Dieu. *Choisi*, Genève, n. 522, p. 11-15, déc. 2005. p. 13.

⁸¹ WINNICOTT, Donald W. *O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional*. 3. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990. p. 133-135.

⁸² ASSIS; PESCE; AVANCI, 2006, p. 61.

quando estão seguros de que, por trás deles, existem uma ou mais pessoas que virão em sua ajuda caso surjam dificuldades”⁸³. Os trabalhos sobre apego foram os que mais contribuíram para a compreensão da resiliência⁸⁴.

Na observação e nos depoimentos de crianças, jovens e adultos resilientes, há um dado comum: todos e todas reconhecem o apoio irrestrito, a aceitação incondicional de, pelo menos, uma pessoa significativa. As figuras que são significativas pela influência positiva no desenvolvimento da criança, do jovem ou do adulto, aquelas que dão esse apoio incondicional e que contribuem no desenvolvimento do processo de superação da situação traumática, são chamadas de “tutores de resiliência”⁸⁵. Segundo análises retrospectivas de autobiografias de pessoas resilientes, as características presentes nos tutores de resiliência parecem ser, principalmente, quatro. A primeira, possuir capacidade de empatia⁸⁶ e de escuta para ajudar a afastar o sentimento de solidão da pessoa que padece; a segunda, o interesse pelos aspectos positivos do indivíduo fragilizado para poder ajudá-lo a restabelecer a sua auto-estima; a terceira, a capacidade de ser paciente e corajoso perante as dificuldades do vínculo e, finalmente, a quarta, “posicionar-se de forma altruísta” acompanhado pelo respeito às proibições fundamentais⁸⁷.

Focando na juventude, o tutor de resiliência pode ser tanto um outro jovem como um adulto, pois os recursos latentes de resiliência podem ser estimulados ou ativados por figuras externas como educadores, cuidadores, psicoterapeutas, professores⁸⁸, assim como por algum amigo ou membro da família, um assessor pastoral ou outra pessoa significativa. Petitclerc resgata o papel de diferentes pessoas que intervêm: chefe scout, médico, animador esportivo, etc.⁸⁹ A pergunta que se coloca é como os assessores e os acompanhantes pastorais poderiam representar potenciais tutores de resiliência para os jovens. As atitudes de figuras positivas que motivem o desenvolvimento de processos resilientes são fundamentais, sendo que em momentos e contextos de sofrimento e de grande fragilidade até os fatos e gestos pequenos de humanidade tomam grande significação. Uma chamada, um olhar, uma palavra, um copo de água ou um sorriso podem ajudar a levantar-se⁹⁰. Mais ainda, a presença e os gestos de escuta,

⁸³ BOWLBY, John. *Formação e rompimento dos laços afetivos*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001. p. 139.

⁸⁴ TISSERON, 2009, p. 22-23.

⁸⁵ CYRULNIK, 2002b.

⁸⁶ MICHAUD, Pierre-André. El adolescente y el médico: para una clínica de la resiliencia. In: MANCIAUX, Michel (Comp.). *La resiliencia: resistir e rehacerse*. Barcelona: Gedisa, 2003. p. 77.

⁸⁷ TYCHEY, 2003, p. 154.

⁸⁸ ANAUT, 2008, p. 36.

⁸⁹ PETITCLERC, Jean-Marie. *Et si on parlait... du suicide des jeunes*. Paris: Presses de la Renaissance, 2005a. p. 83.

⁹⁰ CYRULNIK, 2008, p. 69.

mesmo em encontros curtos ou isolados, podem ser significativos se possibilitam o estabelecimento de um núcleo de confiança, de segurança e de apoio. De fato, pode-se afirmar que as pessoas de toda idade são marcadas pelo apego a pessoas empáticas⁹¹.

1.4.2 Redes de apoio social

Um segundo fator de proteção é a presença de redes de apoio social disponíveis, que operam como uma “rede de proteção”, como um “invólucro”⁹². Por redes sociais entendem-se tanto as formais quanto as redes informais. Para Elkaim, os sistemas oficiais ajudam para que a pessoa não repita a situação traumática nem se enrijeça em crenças negativas, fruto da situação sofrida. Mas também existem outros sistemas de pertença como o contexto familiar, de trabalho, as organizações e os amigos, que podem favorecer novas experiências e propiciar um desenvolvimento positivo⁹³. A rede de proteção é composta por várias pessoas que garantem uma continuidade no apoio social, cuidando para que não seja demasiado apertada com o risco de se tornar rígida e limitar⁹⁴, nem tão frouxa que não consiga dar suporte ou contenção⁹⁵.

Ao falar em redes de apoio, deve-se entender as redes disponíveis, isto é, as redes acessíveis à pessoa que sofre. Nesse sentido, na atualidade abrem-se novas formas de apoio, na emergência de um novo tipo de contatos, por exemplo, via internet. Para Tisseron – sendo que o critério de entorno próximo tem mudado a partir do valor atual – o desejo de ser estimado (*désir d’extimité*) vem substituir o valor prioritário do desejo de intimidade do século XX. Na internet, constata-se o gosto pela partilha de experiências pessoais com aqueles que se assemelham, mesmo sabendo que nunca farão um contato presencial. Considerando que a interatividade está unida, atualmente, à produção de sentido e à entrada rápida no coletivo, tendo estudado o que significou a internet nos atentados do 11 de setembro de 2001 em Nova York, do 11 de março de 2004 em Madrid e do 7 de julho de 2005 em Londres, o autor afirma que a internet contribui na promoção da resiliência⁹⁶. Na experiência no Serviço

⁹¹ LEMAY, 2006, p. 50.

⁹² *red de protección [...] envoltura* (tradução nossa). MICHAUD, Pierre-André. El adolescente y el médico: para una clínica de la resiliencia. In: MANCIAUX, Michel (Comp.). *La resiliencia: resistir e rehacerse*. Barcelona: Gedisa, 2003. p. 82.

⁹³ ELKAÏM, Mony. L’analyse de la résonance comme facteur de changement. In: CYRULNIK, Boris; ELKAÏM, Mony. *Entre résilience et résonance. À l’écoute des émotions*. Paris: Fabert, 2009. (Psychotérapies créatives). p. 38-39.

⁹⁴ MICHAUD, 2003, p. 82.

⁹⁵ ROCCA L., Susana M. Resiliência: um novo paradigma que desafia a reflexão e a prática pastoral. *Atualidade teológica*, Rio de Janeiro, ano 12, n. 29, p. 248-264, maio-ago. 2008b. p. 257.

⁹⁶ TISSERON, 2009, p. 63.

de Atendimento Espiritual on-line, oferecido pelo Instituto Humanitas Unisinos – IHU, chama atenção a procura dos jovens, de diferentes lugares do país, por acolhida e escuta a partir das mais variadas situações críticas ou traumáticas. Essas novas formas de socialização, que são os vínculos on-line, representadas tanto nas comunidades virtuais quanto em serviços personalizados via internet, desafiam a pesquisar como potencializar esse tipo de alternativas de socialização na ótica da resiliência⁹⁷.

Feitas as anteriores considerações sobre os fatores de proteção que provêm do meio externo, descrever-se-á, agora, aquelas dimensões pessoais que podem ser promovidas antes, durante e depois que o jovem passa por uma situação adversa.

1.5 Pilares de resiliência

Os fatores de proteção internos que contribuem no processo de superação de uma situação crítica ou traumática, também chamados de pilares de resiliência, podem resumir-se em quatro: 1) a auto-estima; 2) as aptidões e competências pessoais; 3) o senso de humor; e 4) a espiritualidade.

1.5.1 Auto-estima

Na “*casita*”⁹⁸ de Vanistendael, como em várias outras fontes, a resiliência está associada a uma boa auto-estima. Ela é considerada um claro pilar de resiliência, pois a aceitação de si é uma das poucas condições quase indispensáveis para o desenvolvimento do processo resiliente. A auto-estima se baseia na estima que os outros lhe transmitem e se estrutura na confiança de sentir-se aceito e reconhecido pelos outros⁹⁹. Por sua vez, para Assis *et al.*, “a convivência com o sentimento de desvalorização pessoal parece ser um dos poucos eventos adversos que, por si, só tem capacidade de afetar o potencial de superação de problemas”¹⁰⁰. Manciaux, além de reconhecer a auto-estima como uma característica das

⁹⁷ ROCCA LARROSA, Susana María. A fé parece ser uma chave no desenvolvimento das capacidades de resiliência. *Revista IHU On-Line*, São Leopoldo, ano 7, n. 241, p. 19-23, 29 out. 2007d.

⁹⁸ VANISTENDAEL, Stefan; LECOMTE, Jacques. *La felicidad es posible: despertar en niños maltratados la confianza en sí mismos, construir la resiliencia*. Barcelona: Gedisa, 2002a. p. 173-180.

⁹⁹ FUCHS, Eric. ¿Van unidas ética y resiliencia? In: MANCIAUX, Michel (Comp.). *La resiliencia: resistir e rehacerse*. Barcelona: Gedisa, 2003. p. 286

¹⁰⁰ ASSIS; PESCE; AVANCI, 2006, p. 49.

pessoas resilientes, ao mesmo tempo, afirma que a superação de uma situação traumática ajuda a desenvolvê-la¹⁰¹.

1.5.2 Aptidões e competências pessoais

Algumas capacidades individuais associadas à resiliência são: a) a sociabilidade; b) a determinação; c) o controle de si; d) o protagonismo, a iniciativa e a criatividade; e) o pensamento crítico e a visão otimista e realista.

1.5.2.1 Sociabilidade

Entendida como a capacidade de estabelecer vínculos de confiança com diferentes pessoas e o cultivo das relações, a sociabilidade é um pilar de resiliência. Aquelas que, com certa naturalidade, despertam simpatia nos outros, mais facilmente conseguem apoio social. A sociabilidade e o “dom de inspirar simpatia” são observáveis, com frequência, nas crianças resilientes¹⁰². Assim também os jovens que estabelecem relações formais e informais de apoio com pessoas, até de diferentes ambientes e idades, estariam em melhores condições para encontrar ajuda do que aqueles que têm poucos vínculos. Para isso será preciso que eles possam eventualmente manter um vínculo de suficiente confiança. Segundo Melillo, para superar as adversidades é importante não se isolar, compartilhar as inquietações e aprender a pedir ajuda¹⁰³. Além do temperamento e da personalidade de cada um, Michaud sugere promover a resiliência motivando aqueles que sofrem a compartilhar com outros as preocupações, assim como alentá-los a pedir ajuda¹⁰⁴. Nessa linha, um instrumento significativo são os grupos de apoio de pessoas que padecem um mesmo tipo de sofrimento, seja por situações pessoais diretas, seja por vínculos bem próximos, por exemplo, imigrantes, sobreviventes de tragédias naturais ou guerras, doentes de um tipo semelhante de enfermidades ou dependências, pessoas com deficiência, enlutados e familiares de alcoólicos, entre outros. Muitos destes grupos são promovidos e funcionam nos locais das Igrejas e casas religiosas.

¹⁰¹ MANCIAUX, 2003a, p. 26.

¹⁰² MANCIAUX, 2003a, p. 23.

¹⁰³ MELILLO, 2004b, p. 75.

¹⁰⁴ MICHAUD, 2003, p. 82.

1.5.2.2 Determinação – controle de si

Cyrułnik, considerando que desde pequeno o ser humano apreende um “estilo de relação”, observa um traço do temperamento que contribui na superação das adversidades que é a capacidade de “determinar-se em relação a si próprio”. Mesmo se a resiliência não pode ser associada a um único tipo de personalidade, um traço que ajuda, segundo ele, é a capacidade de rebeldia. Não se trata necessariamente de se opor, mas, quando a situação poderia levar ao limite da despersonalização, é preciso ter a capacidade de não aceitar as propostas¹⁰⁵. Acredita-se que o termo “determinação” expresse melhor esta capacidade do que “rebeldia”.

Outras aptidões e competências pessoais que a literatura menciona como pilares de resiliência são a capacidade de controlar os próprios impulsos, entendida como a capacidade de estabelecer limites, de aceitar os próprios erros, assim como de assumir responsabilidades e de estabelecer expectativas suficientemente elevadas, claras e compatíveis com o ciclo vital e com as possibilidades da pessoa.

1.5.2.3 Protagonismo – iniciativa – criatividade

Destacam-se, também, o protagonismo, a capacidade de iniciativa e a criatividade para resolver situações adversas ou traumáticas¹⁰⁶. Conceitos que aparecem mais frequentemente associados à resiliência são o empoderamento (*empowerment*), o protagonismo e a autonomia, no sentido psicológico do termo (não filosófico). Estas noções abrangem: o desenvolvimento de atitudes de manejo de situações pessoais, de independência ou de autonomia dentro das possibilidades realistas, o reconhecimento das competências pessoais para lidar com a situação adversa e o sentimento de poder desenvolver atitudes concretas que ajudem na superação (autoeficácia)¹⁰⁷.

¹⁰⁵ CYRULNIK, 2010, p. 64-65.

¹⁰⁶ MUNIST, Mabel. Historia del concepto de resiliencia. In: UNIVERSIDAD NACIONAL DE LANÚS. Relatoría del Seminario - Taller *La resiliencia como aporte a intervenciones sociales sustentables*. Buenos Aires: UNLa, 2001. (Col. Salud Comunitaria, Serie Resiliencia). p. 71.

¹⁰⁷ ANAUT, 2008, p. 58

1.5.2.4 Pensamento crítico – visão otimista e realista

Alguns estudiosos sugerem que as aptidões intelectuais, como o pensamento crítico e reflexivo, favorecem a resiliência¹⁰⁸. As pesquisas não conseguem comprovar até que ponto a escolaridade e o desenvolvimento das capacidades intelectuais poderiam promover a resiliência ou vice-versa. Porém, pode-se constatar a associação da superação de situações traumáticas com as capacidades de ter uma visão realista, otimista e esperançosa da realidade e com as possibilidades de mentalização e de simbolização, enquanto aptidões para por em palavras e para dar um sentido¹⁰⁹. Sendo que o ser humano é capaz de ser “ator de sua própria vida” e não um “jogo passivo”, produto da história infantil e de forças inconscientes onipotentes, a liberdade humana possibilita a esperança¹¹⁰. A visão da resiliência traz dois elementos significativos: a perspectiva da esperança e o rechaço da “vitimização passiva”¹¹¹.

1.5.3 Senso de humor

O senso de humor parece ser um instrumento poderoso para superar situações adversas, porque, mesmo se não consegue suprimir os aspectos duros da realidade, permite uma sobrevivência no momento presente¹¹². Além disso, ajuda a evitar a postura passiva e vitimista, abrindo uma brecha para uma nova narrativa. O humor diante da adversidade não deve ser confundido com um simples mecanismo de evasão, pois o senso do humor tem a capacidade de trazer a realidade dolorosa e incorporá-la ao cotidiano, convertendo-a “em algo mais suportável e mais positivo”¹¹³. Trata-se de um realismo otimista que demonstra esperança mesmo diante de uma situação trágica na qual é possível encontrar algo absurdo, incongruente e até cômico.

Essa atitude de aceitar e até rir do que é imperfeito brota da capacidade de tomar distância do assunto e permite lidar melhor com a dificuldade, pois, olhando deste outro ângulo, é possível enxergar diferente e com menos sentimento a realidade que faz doer. Para

¹⁰⁸ MUNIST, Mabel M. et al. (Comp.). *Adolescencia y resiliencia*. Buenos Aires: Paidós, 2007a. p. 52-53.

¹⁰⁹ BERTRAND, Michèle. Résilience et traumatisme. Un point de vue psychanalytique. In: CYRULNIK, Boris; DUVAL, Philippe (Org.). *Psychanalyse et Résilience*. Paris: Odile Jacob, 2006. p. 212-213.

¹¹⁰ BOURGUIGNON, Odile. Perspectives théoriques et réalités humaines. In: CYRULNIK, Boris; DUVAL, Philippe (Org.). *Psychanalyse et Résilience*. Paris: Odile Jacob, 2006. p. 114-115.

¹¹¹ *passivation victimaire* (tradução nossa). MIJOLLA-MELLOR, Sophie. Sublimation et résilience. In: CYRULNIK, Boris; DUVAL, Philippe (Org.). *Psychanalyse et Résilience*. Paris: Odile Jacob, 2006. p. 167-185.

¹¹² HIRSCH, Siegi; REJAS, Mari-Carmen; FOSSION, Pierre. Défier le pessimisme des théories établies et l'irréversibilité d'une histoire de vie pour être utile aux jeunes en détresse. In: CYRULNIK, Boris; SERON, Claude. *La résilience ou comment renaître de sa souffrance?* Paris: Fabert, 2009. p. 93.

¹¹³ *en algo más soportable y más positivo* (tradução nossa). VANISTENDAEL, 1995, p. 26.

isso é importante o clima afetivo e de confiança que há no entorno. A criatividade na leitura e na verbalização dos fatos com bom humor também se vê favorecida pelas atividades artísticas e lúdicas, sendo a dança, a música, a poesia, o espírito celebrativo, assim como o jogo de palavras, ou outro tipo de jogos, instâncias propícias para a promoção da resiliência. Como característica social, o humor de um grupo ou de um povo tem ajudado em situações de falta de liberdade, por exemplo, em realidades políticas opressivas, possibilitando uma fala das adversidades, contribuindo para a exteriorização do sofrimento e para a busca criativa de estratégias e de saídas melhores¹¹⁴. Em situações de catástrofes naturais, o senso de humor contribui para detectar uma maior capacidade de se recompor após a tragédia e, por sua vez, de tornar-se líderes e promotores de resiliência em outras pessoas afetadas.

Na literatura pesquisada sobre resiliência, não foram encontrados estudos sobre o humor nas diferentes religiões. Contudo, Vanistendael se refere ao humor em Jesus como integrador, descrevendo-o como o “dom que coloca os homens à vontade com o universo e com Deus, que os impulsiona para procurar mais longe, para regozijar-se deste mundo e de Deus”¹¹⁵.

1.5.4 Espiritualidade

Há um quarto pilar de resiliência, a fé religiosa, o sentido da vida ou uma filosofia de vida. Este pilar, por tratar-se de um ponto central na temática deste estudo, será abordado amplamente nos próximos capítulos. Porém, cabe salientar aqui que o gosto pela espiritualidade, pela filosofia ou pelas atividades especulativas”¹¹⁶, assim como pelos diferentes tipos de criação, por exemplo, a pintura e a escritura, pode contribuir para o desenvolvimento da resiliência. Bertrand observa a importância do desenvolvimento destas dimensões e, até mesmo, da capacidade de elaborar um sonho. Todas elas podem colaborar na superação de situações traumáticas (mesmo quando se trata de uma criação modesta), já que propiciam prazer e satisfação e favorecem um processo positivo, de vida¹¹⁷. Vanistendael, no modelo da *casita*¹¹⁸, integra dentro de um mesmo pilar de resiliência: a espiritualidade, as capacidades de ter referências, de assumir responsabilidades, de desenvolver projetos,

¹¹⁴ SUÁREZ OJEDA, 2007a, p. 39-41.

¹¹⁵ *don qui met les hommes à l'aise avec l'univers et avec Dieu, qui les pousse à chercher plus loin, à se réjouir de ce monde et de Dieu* (tradução nossa). VANISTENDAEL, 2005, p. 13.

¹¹⁶ *Vrai goût pour la philosophie, la spiritualité, ou les activités spéculatives* (tradução nossa). BERTRAND, 2006, p. 217.

¹¹⁷ BERTRAND, 2006, p. 221.

¹¹⁸ Gráfico 1, p. 26.

atividades artísticas e hobbies e de descobrir um sentido e de manter uma coerência de vida¹¹⁹.

Ao introduzir a reflexão sobre este pilar de resiliência cabe fazer uma alusão ao manejo da função da memória. Pois, para poder posicionar-se de forma positiva, ativa e com esperança perante a situação adversa ou traumática, é necessário lidar eficazmente tanto com a faculdade de poder lembrar quanto de poder esquecer. Observa-se que quem é consciente e capaz de lembrar o sofrimento vivido evitará reproduzi-lo em outras situações. Certo esquecimento se faz necessário para não cair no perigo da ruminação ou de dar demasiada importância às lembranças dolorosas, pois “poderiam levar ao desespero e à sede de vingança”¹²⁰, assim como a uma excessiva tristeza e falta de criatividade para continuar. Esquecer um pouco recordações dolorosas possibilita, por sua vez, que elas não invadam a vida psicológica nem interfiram nas relações de grupo.

A busca de uma coerência de vida está relacionada à necessidade de uma certa lógica na situação dura ou caótica. Isso explica, segundo Cyrulnik, que a pessoa ferida remodele o passado, misturando dados precisos da realidade com falsas recordações. As narrativas criadas sobre o contexto ou a realidade traumática, mesmo carregando falsas lembranças, possibilitam uma coerência comunicável. Sobretudo quando a realidade foi “locura”, elas permitem que a pessoa não fique escrava da própria história trágica e reencontre esperança na vida¹²¹.

O engajamento em projetos, atividades ou serviços que possam atingir positivamente outras pessoas é considerado uma forma efetiva de lidar com a situação traumática na linha da resiliência. Lemay afirma que o dom, vinculado à estima de si, pode se expressar através de algo artístico (pintura, poema, escultura), mediante gestos ou no dom de si, em benefício de alguém que precisa (criança, idoso, doente, etc.), mediante o serviço voluntário. Este tipo de expressões, bastante presentes no mundo juvenil, contribui para não ficar no status de vítima e para evitar a ruminação das lembranças dolorosas e a associação ou a repetição em situações similares¹²². No contexto brasileiro, pensa-se, também, no papel da dança e do esporte.

¹¹⁹ VANISTENDAEL; LECOMTE, 2002, p. 173-180; VANISTENDAEL, Stefan. *La résilience: un regard qui fait vivre*. Genève: BICE, 2002b. Disponível em: http://docs.google.com/viewer?a=v&q=cache:vJALq4rGTpAJ:arianesud.com/content/download/1084/4402/file/BICE%2520Vanistendael%2520Resilience%2520un%2520regard%2520qui%2520fait%2520vivre.pdf+Stefan+Vanistendael+casitafr+BICE&hl=pt-BR&gl=fr&pid=bl&srcid=ADGEEShfBNdfV-Ia6u0xLR9yvgKofF3mKXs77kcrsJ4As7F8uUcty3ZZLxUsj1BBB7pscD7O_6ZkBBkyuvR83vu39FT50zU5mYKhGu0isiHQAsKSloHaUxnigegOoaQVZDA4FHzbZXL_&sig=AHIEtbRbuaFs5B7URJag1VLLua7IrfEfxA.

Acesso em: 12 maio 2010.

¹²⁰ *lo que podría llevar a la desesperación y a la sed de venganza* (tradução nossa). LECOMTE, 2003a, p. 212.

¹²¹ CYRULNIK, 2010, p. 82-84.

¹²² LEMAY, 2006, p. 54-56.

Feitas as considerações mais significativas sobre a temática da resiliência, passar-se-á ao estudo da religiosidade/espiritualidade e da Pastoral católicas, no contexto atual, e em relação a algumas dimensões relevantes para a temática da resiliência.

2 RELIGIOSIDADE/ESPIRITUALIDADE, PASTORAL JUVENIL E RESILIÊNCIA

Começar-se-á por explicar a escolha do termo religiosidade/espiritualidade, antes de apresentar algumas considerações e dados sobre a juventude brasileira em relação à religião. Seguir-se-á uma análise da religiosidade/espiritualidade contemporânea, do ponto de vista da Sociologia da Religião (baseado em autores latino-americanos e em uma autora francesa) e da reflexão pastoral. Olhando desde a Psiquiatria, perguntar-se-á pela associação entre religiosidade/espiritualidade com a saúde. O seguinte passo será abordar a possível vinculação entre os fatores de proteção e os pilares de resiliência com alguns conceitos-chave na Pastoral Católica para o trabalho com juventude. Os principais documentos de referência para esta abordagem serão: a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil-CNBB, a Conferência Episcopal Latino-Americana-CELAM, o Capítulo Geral Salesiano nº 23 e as publicações de Petitclerc, salesiano francês, especialista em juventude. Finalmente, o capítulo refletirá sobre o papel da memória e do perdão, o lugar do compromisso social, as implicações éticas e outros desafios a serem aprofundados em relação à resiliência e à Pastoral.

2.1 Juventude e religião no Brasil

Dentre os estudos em relação à espiritualidade e à Pastoral, há diferentes termos utilizados. Alguns autores se referem à religiosidade, outros à religião e outros à espiritualidade. Vasconcelos afirma que a religiosidade é a extensão na qual um indivíduo acredita, segue e pratica uma religião. Envolve a sistematização de culto e a doutrina, compartilhados por um grupo¹²³.

Segundo Boff e Libânio, a religião se refere ao aspecto institucional e doutrinário de determinada forma de vivência religiosa. Define-se por crenças e ritos referidos ao transcendente e entendidos como meios que oferecem salvação. Essas características expressam-se como ensinamentos, práticas e comportamentos religiosos, ligados a determinados tempos, lugares e monumentos, potenciando os fiéis na vivência espiritual naquela tradição religiosa. Esse modo de ser cria uma identidade religiosa e um sentimento de pertencimento a uma comunidade religiosa¹²⁴.

¹²³ VASCONCELOS, Eymard Mourão. *A espiritualidade no trabalho em saúde*. São Paulo: Hucitec, 2006.

¹²⁴ BOFF, Leonardo. *Espiritualidade: um caminho de transformação*. Rio de Janeiro: Sextante, 2001; LIBÂNIO, João Batista. *A religião no início do milênio*. São Paulo: Loyola, 2002.

Na visão de Boff, a espiritualidade pode ser entendida como a experiência de contato com algo que transcende as realidades cotidianas da vida. Significa experimentar uma força interior que supera as próprias capacidades. “Espiritualidade” é a arte de deixar impregnar e orientar a vida pela vivência da transcendência¹²⁵. Quando a espiritualidade é sentida como uma presença de um transcendente divino (Deus), um Outro absoluto, não só na própria interioridade, pode-se falar em espiritualidade religiosa, religiosidade ou mística¹²⁶.

Visto que o conceito espiritualidade se sobrepõe ao conceito religiosidade e que é difícil diferenciá-los claramente, Marques e Dell’Aglío sugerem utilizar o termo religiosidade/espiritualidade¹²⁷. No presente estudo optou-se por essa terminologia composta, a fim de trabalhar com um conceito abrangente e não excludente. Por religiosidade/espiritualidade compreender-se-á os aspectos associados: a) à religião católica, b) à religiosidade, e c) à espiritualidade no sentido amplo do termo, como experiência de algo ou de alguém, uma força interior ou não, que transcende a pessoa. Em outras palavras, ao falar-se de religiosidade/espiritualidade, referir-se-á ao estudo das crenças, das vivências e das práticas dos jovens contemporâneos que se autodefinem como católicos, coincidam ou não com o que a Igreja Católica Apostólica Romana¹²⁸, como tradição e instituição, reconhece como próprio da sua doutrina, da sua prática e da sua espiritualidade. Os termos religião, religiosidade, espiritualidade, pertença religiosa e fé aparecerão, algumas vezes, ao longo do texto, quando se considerar pertinente manter o termo exato, citado pelo autor referido.

No Brasil há 125 milhões de pessoas que se declaram católicas, isto é, cerca de 74% da população brasileira. Conforme o censo de 2000, no país há 53.370.011 jovens entre 18 e 29 anos¹²⁹. Dentre os cinco valores que a juventude entre 15 e 24 anos considera mais importantes para uma sociedade ideal, o mais mencionado é “o temor a Deus”¹³⁰.

Analisando o lugar que Deus tem na vida da juventude, em uma pesquisa de 2006, realizada em São Leopoldo-RS¹³¹, 91% dos jovens afirmam que acreditam em Deus e 86,9% em Jesus Cristo. Para 78,8%, Deus é muito importante, e só para 2,7% Deus não têm importância na sua vida. Se compararmos esse resultado com dados de alguns outros

¹²⁵ BOFF, 2001.

¹²⁶ VASCONCELOS, 2006.

¹²⁷ MARQUES, Luciana F.; DELL’AGLIO, Débora. A espiritualidade como fator de proteção na adolescência. *Cadernos IHU ideias*, São Leopoldo, ano 7, n. 119, p. 8, 2009.

¹²⁸ Toda vez que se referir à Igreja Católica Apostólica Roma será apenas usada a terminologia Igreja Católica.

¹²⁹ IBGE. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2000/tabelabrasil111.shtm>>. Acesso em: 22 set. 2010.

¹³⁰ ABRAMO, Helena Wendel; BRANCO, Pedro Paulo Martoni (Org.). *Retratos da Juventude Brasileira: análises de uma pesquisa nacional*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo; Instituto da Cidadania, 2005.

¹³¹ DICK, Hilário (Coord.). Discursos à beira do Rio dos Sinos. A emergência de novos valores na juventude: o caso de São Leopoldo. *Cadernos IHU*, São Leopoldo, ano 4, n. 18, p. 37-38, 2006b.

contextos, vemos que a tendência fundamental se mantém. Por exemplo, em uma pesquisa com jovens norte-americanos afro-descendentes, para 90% a religião é algo importante nas suas vidas, sendo que 85% acreditam em Deus¹³². Um dado que chama a atenção na pesquisa de São Leopoldo é que a maioria dos jovens diz ter mais religião que seus pais, e consideram que suas mães têm menos religião que seus pais¹³³.

Na pesquisa da Unesco, de 2004, intitulada “*Juventude: o que une e o que separa*”¹³⁴, 96% dos jovens declaram possuir uma religião: 66,2% são católicos, 18,8% protestantes, 1,4% espíritas, 1,4% de outras religiões, 7,9% sem religião e 4% ateus. Na pesquisa intitulada “*Um estudo exploratório do capital social na população de São Leopoldo – RS*”¹³⁵, realizada em 2007, também na municipalidade de São Leopoldo, de 247 jovens entrevistados, entre 18 a 29 anos, 95,8% afirmam possuir alguma religião: 65,2% católica, 17,3% evangélica/pentecostal, 4,3% espírita, 2,6% candomblé/umbanda, 0,1% religiões orientais e 5% outra religião. Só 0,7% se dizem ateus e 3,5% sem religião.

A participação da juventude em grupos de Igreja está em primeiro lugar, comparado com outros movimentos e organizações. A pesquisa do Projeto Juventude de 2004, analisada em “*Retratos da juventude brasileira*”¹³⁶ e “*Juventude e sociedade*”¹³⁷, revelou que dentre os 15% dos jovens que participam de algum grupo, 4% fazem parte de grupos das Igrejas. Somente 1% dos jovens se autodefiniram ateus e o temor a Deus é um dos valores mais apontados. 65% se declararam católicos, 22% evangélicos, 15% pentecostais e 5% pertencem a outras Igrejas (Testemunhas de Jeová, Mórmons, Legião da Boa Vontade, Religiões afro-

¹³² HOLDER, David. W. et al. The association between adolescent spirituality and voluntary sexual activity. *Journal of Adolescent Health*, [S.I.], v. 26, n. 4, p. 295-302, apr. 2000. Disponível em: <http://www.sciencedirect.com/science?_ob=MIimg&_imagekey=B6T80-3YVVBKR-C-1&_cdi=5072&_user=972062&_orig=browse&_coverDate=04/30/2000&_sk=999739995&_view=c&_wchp=dGLzVtz-zSkzk&_md5=e536d7f52f4d9eee69cc57fced7d44da&_ie=/sdarticle.pdf>. Acesso em: 4 jun. 2007.

¹³³ DICK, 2006b, p. 38.

¹³⁴ FONSECA, Alexandre Brasil; NOVAES, Regina. Juventudes brasileiras, religiões e religiosidade: uma primeira aproximação. In: ABRAMOVAY, Miriam et al. (Org.). *Juventude: outros olhares sobre a diversidade*. Brasília: MEC; Unesco, 2007. p. 147-151. (Col. Educação para todos).

¹³⁵ A pesquisa social quantitativa: “*Um estudo exploratório do capital social na população de São Leopoldo – RS*” é um estudo transversal de base populacional, cujos dados foram coletados entre junho de 2006 e dezembro de 2007, através de entrevistas estruturadas, mediante um questionário padronizado e pré-codificado de 89 itens, em relação a 20 temas, entre outros: resiliência e espiritualidade. O questionário intitulado “*Cooperação e Solidariedade*” foi aplicado a uma amostra aleatória de 1094 adultos de 18 a 90 anos de idade, responsáveis de domicílios da área urbana do Município de São Leopoldo/RS. O responsável da pesquisa foi o Prof. Dr. Marcos Pascoal Pattussi. Financiamento: CNPq 478503/2004-0, FAPERGS 0415621 e UNISINOS PP0320.

¹³⁶ ABRAMO, 2005.

¹³⁷ NOVAES, Regina; VANUCHI, Paulo (Org.). *Juventude e Sociedade: trabalho, Educação, Cultura e Participação*. São Paulo: Instituto Cidadania; Fundação Perseu Abramo, 2004.

brasileiras e Espíritas), sendo que 11% se consideram sem religião e 10% dizem acreditar em Deus, mas não seguir uma religião¹³⁸.

Segundo Novaes, os jovens católicos, se comparados com outras religiões, são os que estão mais presentes nas cidades de pequeno porte. Eles moram nas diferentes regiões do país e, na questão de renda, imitam a pirâmide social brasileira, isto é, passam por todas as rendas, mas a maioria está entre os mais pobres, precedida, apenas, pelos jovens evangélicos pentecostais¹³⁹.

A Igreja Católica, apesar dos senões que a juventude não deixa de manifestar, é a segunda instituição na qual ela confia totalmente (51%), 39% até certo ponto e somente 8% não confiam nela¹⁴⁰. Finalmente, na mesma pesquisa lê-se que 18% dos jovens entrevistados dizem que a atividade que mais gosta de fazer no tempo livre é ir à missa/Igreja/culto. 51% afirmam que vão à missa, culto religioso, sessões espíritas a cada 30 dias, contra 13% dos que afirmam nunca terem ido. Apesar das críticas que recebem, para um número considerável de pessoas, segundo Valla, as instituições religiosas continuam sendo lugares confiáveis que propiciam cuidados e apoio social, assim como apoio emocional, dando espaço para que elas possam contar seus problemas, sendo escutados e acolhidos, contribuindo na construção de um “maior sentido e coerência de vida”¹⁴¹.

2.2 Religião em movimento

Para estudar as características da religiosidade/espiritualidade da juventude contemporânea ter-se-á, como marco de referência sociológico, observações de Hervieu-Léger¹⁴² no contexto francês, contribuições do âmbito da Sociologia da Religião surgidas em contextos latino-americanos e, principalmente, no Brasil; como marco teológico-pastoral, o documento da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil-CNBB intitulado: “*Evangelização*

¹³⁸ NOVAES, Regina. Juventude, percepções e comportamentos: a religião faz diferença? In: ABRAMO, Helena Wendel; MARTONI BRANCO, Pedro Paulo (Org.). *Retratos da Juventude Brasileira*: análises de uma pesquisa nacional. São Paulo: Instituto Cidadania; Fundação Perseu Abramo, 2005. p. 266.

¹³⁹ NOVAES, 2005, p. 266.

¹⁴⁰ DICK, Hilário (Coord.). Às margens juvenis de São Leopoldo: dados para entender o fenômeno juvenil na região. *Cadernos IHU*, São Leopoldo, ano 3, n. 11, p. 1-34, 2005b. p. 37. Afirma que a Igreja Católica é a 5ª instituição (entre 15) na qual mais confiam.

¹⁴¹ VALLA, Victor Vincent; GUIMARÃES, María Beatriz; LACERDA, Alda. A busca da saúde integral por meio do trabalho pastoral e dos agentes comunitários numa favela do Rio de Janeiro. *Ciencias Sociales y Religión/Ciências Sociais e Religião*, Porto Alegre, ano 8, n. 8, p. 139-154, out. 2006. p. 141. Disponível em: <<http://www.seer.ufgrs.br/index.php/CienciasSociaiseReligiao/article/view/2298/1000>>. Acesso em: 6 mar. 2009.

¹⁴² HERVIEU-LÉGER, Danièle. *Le pèlerin et le converti*: la religion en mouvement. Paris: Flammarion, 1999.

da juventude. Desafios e perspectivas pastorais”, de 2007¹⁴³. Importará perceber as peculiaridades do tempo presente, pois, segundo Velasco, baseado nas ideias de O’Leary, a religião vai achando seus sentidos e formas de manifestar-se em intercâmbio com a cultura do momento. É por isso que a tradição religiosa não se esgota em formas conservadas estaticamente ao longo da história. Segundo esses autores, para que uma tradição não se perca, é preciso que se mantenha como “pensamento vivo”, com a “força de uma história de possibilidades múltiplas”, aceitando que umas formas acabem e surjam outras novas¹⁴⁴.

Na obra “*Le pèlerin et le converti. La religion en mouvement*”¹⁴⁵, Hervieu-Léger destaca a significativa e ampla mobilidade que caracterizam as crenças e pertencas religiosas, nos tempos atuais, bem como a forte tendência ao individualismo e à subjetividade. Para explicá-la, ela usa as figuras do peregrino e do convertido. A imagem do peregrino evoca a experiência atual de uma religião em movimento, sendo que esta característica a diferencia das formas tradicionais que tendiam a considerar as crenças e as pertencas religiosas como estáticas, fixas, sedentárias. Para Petitclerc, as três características que marcam a atualidade são: a incerteza, o pluralismo e a exclusão¹⁴⁶. Visto que a experiência de estabilidade vai sendo substituída pela experiência de uma crescente pluralidade e mobilidade, o jovem está confrontado e facilmente transita por diversas experiências religiosas, políticas, morais e práticas. Os valores da família ou da tradição cultural se movimentam, sendo necessária a adaptação às mudanças¹⁴⁷.

Segundo Hervieu Léger, a segunda diferença das formas anteriores é que, atualmente, o que motiva a religião é um “imperativo interior”, mais do que uma “obrigação” em relação à religião como instituição. Ela observa que essa organização particular das crenças religiosas está em consonância com as necessidades e as escolhas pessoais, próprias de cada indivíduo. Nesse sentido, a figura do convertido responde mais claramente à narrativa moderna centrada na individualidade e na escolha da forma religiosa que mais se relaciona com a própria biografia.

Ao pensar em novos parâmetros e modelos de “identificação e diferenciação” dentro do catolicismo, De la Torre propõe falar em “subidentidades católicas”. Algumas pessoas experimentam – mesmo sendo católicas – uma conversão pessoal que implica,

¹⁴³ CNBB-Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. *Evangelização da juventude: desafios e perspectivas pastorais*. Brasília: CNBB, 2007. (Publicações da CNBB-Documento 3).

¹⁴⁴ VELASCO, Juan Martín. *La transmisión de la fe en la sociedad contemporánea*. 2. ed. Santander: Sal Térrea, 2002. (Col. Pastoral 67). p. 73.

¹⁴⁵ HERVIEU-LÉGER, 1999.

¹⁴⁶ PETITCLERC, Jean-Marie. *Dire Dieu aux jeunes*. Paris: Salvator, 2008. p. 44.

¹⁴⁷ PETITCLERC, 2008, p. 46-47.

também, uma transformação social, pois muda a sua cosmovisão da religião, da sociedade, da Igreja, da comunidade e da hierarquia¹⁴⁸. Hervieu-Léger remarca que nas narrativas aparece, frequentemente, a ideia de processo, com um antes da conversão e um depois diferente, vivenciando a conversão como uma iniciativa de Deus que dá sentido à vida. No contexto latino-americano e brasileiro, a narrativa da conversão se destaca na experiência dos integrantes da Renovação Carismática, assim como em outros grupos de jovens caracterizados pela metodologia de “retiros-impacto”, dentre outros grupos católicos nascidos, principalmente, nas últimas décadas.

Na visão de Saroglou, “entre os mais jovens, a espiritualidade foi se descolando da religião no sentido de uma construção bastante pessoal, pouco apegada a formulações doutrinárias e a práticas tradicionais, perceptivelmente avessas à materialidade e ao hedonismo, voltada para a conexão (*connectedness*) com o cosmos”¹⁴⁹. A religião tradicional é posta em questionamento, pois parece não oferecer mais a totalidade de normas, códigos, símbolos e valores capazes de dar sentido à vida e às experiências de todas as pessoas.

Velasco caracteriza o regulamento religioso atual pela busca da autonomia, do desenvolvimento pessoal, da autorrealização do indivíduo e dos critérios da própria pessoa, diferentemente das crenças, práticas religiosas e comportamentos anteriores, reguladas pelas autoridades, princípios e instituições religiosas¹⁵⁰.

Segundo Hervieu-Léger, o que caracteriza o tempo atual não é tanto a indiferença, mas uma imensa proliferação de crenças que escapam ao controle das instituições religiosas. Há novas formas de crenças e pertenças religiosas que combinam novas representações do sagrado e formas renovadas das religiões históricas tradicionais. Para Steil, enquanto a sociedade contemporânea é “a-religiosa” desde o ponto de vista estrutural, desde o ponto de vista cultural pode ser considerada “politéista”, pois existe uma “imensa diversidade de deuses” cultuados, dando lugar a diferentes símbolos, significados e sentidos. Dentro desta pluralidade religiosa existem formas de expressão religiosa tanto “institucionais [como] não institucionais, tradicionais e novas, permanentes e efêmeras, fundamentalistas e performáticas, sectárias e ecumênicas”¹⁵¹.

¹⁴⁸ DE LA TORRE, René. La diversidad católica vista desde los nuevos rostros de Dios. *Ciencias Sociales y Religión/Ciências Sociais e Religião*, Porto Alegre, ano 5, n. 5, p. 11-36, out. 2003. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/index.php/CienciasSociaiseReligiao/article/view/2252/958>>. Acesso em: 6 mar. 2009.

¹⁴⁹ SAROGLU, 2003 apud PAIVA, Gerardo J. de; FERNANDES, Maria Inês Assumpção. Espiritualidade e saúde: um enfoque da Psicologia. In: VASCONCELOS, Eymard Mourão (Org.). *A espiritualidade no trabalho em saúde*. São Paulo: Hucitec, 2006. p. 192.

¹⁵⁰ VELASCO, 2002, p. 48.

¹⁵¹ STEIL, Carlos Alberto. Pluralismo, modernidade e tradição. Transformações do campo religioso. *Ciencias Sociales y Religión/Ciências Sociais e Religião*, Porto Alegre, ano 3, n. 3, p. 115-129, out. 2001. p. 117.

Velasco salienta que a proliferação atual de movimentos religiosos em lugares muito secularizados e a vitalidade do religioso questionam a tese que identifica a secularização com o fim da religião. Em relação à juventude, segundo o autor, o distanciamento é mais pela forma de viver o cristianismo do que por uma desaprovação explícita ou tácita dessa religião¹⁵². Na atualidade, a religião já não se transmite aos jovens segundo um modelo de “reprodução”, baseado na normativa institucional, mas segundo um “modelo de reapropriação”, que se baseia na assunção daqueles conteúdos, crenças e valores previamente apreciados e julgados úteis, que privilegiam a experiência pessoal e que podem desembocar numa “recomposição da religião”. Esta mudança provoca uma considerável diversidade e pluralidade de formas e tipologias de religiosidade juvenil¹⁵³.

Perante estas observações poder-se-ia aprofundar as propostas pedagógico-teológicas ou pastorais que, no contexto brasileiro, estão conseguindo responder a estas novas demandas juvenis sem relativizar os elementos essenciais do cristianismo. Por outro lado, o modelo de “reapropriação” e de “recomposição da religião” não é o único que convoca a juventude. Observa-se que existem comunidades que transmitem a fé segundo modelos de “reprodução”, com claras regras e antigas normas institucionais, como os Legionários de Cristo Rei, as Ordens Contemplativas tradicionais e outras Novas Instituições de tipo mendicante (por exemplo, a Toca de Assis), que atraem um número considerável de jovens.

2.3 Diversidade de propostas no trabalho com a juventude

No presente ponto, falar-se-á da variedade de propostas evangelizadoras existentes na Igreja Católica, assim como das diferentes formas de pertença, próprias do jovem contemporâneo.

O Documento da Conferência dos Bispos Brasileiros – CNBB: “*Evangelização da juventude. Desafios e perspectivas pastorais*”, de 2007, constata que há uma “diversidade de carismas, espiritualidades e pedagogias” e uma “pluralidade de pastorais, grupos, movimentos e serviços”¹⁵⁴. Os bispos consideram que é impossível delinear um único perfil de jovens¹⁵⁵, pois existe uma diversidade de juventudes e de grupos. Atualmente, existem seis tipos de grupos institucionais provindos: a) das Pastorais de Juventude: PJ (comunidades); PJE (estudantil); PJR (rural); PJMP (meio popular); PV (vocacional); b) das Congregações

Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/index.php/CienciasSociaisReligiao/article/view/2172/892>>. Acesso em: 6 mar. 2009..

¹⁵² VELASCO, 2002, p. 20-27.

¹⁵³ VELASCO, 2002, p. 58-68.

¹⁵⁴ CNBB, 2007, p. 8.

¹⁵⁵ CNBB, 2007, p. 11.

Religiosas (Maristas, Salesianos, Lasallistas, Irmãs Escolares, Josefinos, Franciscanos, etc.) ou de outras Famílias Religiosas (Movimento Schoenstatt); c) de Movimentos como: Opus Dei, Comunhão e Libertação, Focolares, Movimento Carismático; d) grupos com a metodologia do Cursilho de Cristandade (CLJ, Emaús e Onda) e outros semelhantes (TLC); e) os grupos surgidos das chamadas Novas Comunidades (Shalom); e f) os grupos sem nenhuma articulação nem com movimentos nem com pastorais, funcionando nas comunidades.

Mais ainda: ao refletir sobre a religiosidade/espiritualidade na juventude atual, há outros jovens que se autodefinem como católicos, além daqueles que participam, com diferentes graus de engajamento, nestes grupos ou em outras atividades e serviços nas paróquias (catequese, animação, liturgia, etc.), nas instituições católicas (escola, universidade, etc.), nas pastorais (juvenil, social, carcerária, missionária, etc.) ou em outras propostas como os voluntariados. Existem jovens que só esporadicamente participam de alguma celebração religiosa ou outras iniciativas pastorais e os que tiveram engajamento nas atividades da Igreja Católica, mas se afastaram; existem os que não participaram das atividades, celebrações ou grupos de Igreja e que se autodefinem como católicos não-praticantes. Pesquisadores de resiliência como Walsh, observam que facilmente podem ser encontrados jovens que, mesmo considerando-se pertencentes a uma religião, não a praticam ou a praticam formalmente, sem vivenciar um significado espiritual nela. Outros, negando a religião formal, se identificam com uma espiritualidade da vida cotidiana¹⁵⁶. Nas pesquisas de São Leopoldo, os jovens aceitam falar de religiosidade e de Deus, mas resistem ao formalismo da religião¹⁵⁷. Tendo este amplo campo de diversidades, existe o risco de encontrar alguns discursos de Igreja que perdem de vista esta realidade e generalizam, a partir da parcialidade do que observam em alguns grupos de jovens, não abrangendo a pluralidade e a complexidade do panorama atual¹⁵⁸.

De la Torre identifica três formas de pertença predominantes nos católicos. Em primeiro lugar, os que assumem o catolicismo como continuidade da tradição herdada da família. Mais do que por uma convicção escolhida conscientemente, identificam-se com o catolicismo como uma realidade cultural, sem que isso implique questionamento ou compromisso com a Igreja. Em segundo lugar, estariam os católicos que mantêm uma participação ativa na Igreja mediante o engajamento em algum movimento ou comunidade de

¹⁵⁶ WALSH, Froma. *Fortalecendo a Resiliência Familiar*. São Paulo: Roca, 2005. p. 67.

¹⁵⁷ DICK, 2005b, p. 37.

¹⁵⁸ PETITCLERC, 2008, p. 48-52.

pertença, passando por processos pessoais de “conversão”, de “revitalização religiosa comunitária” e de “compromisso militante”. Ela descreve, ainda, um terceiro grupo de pessoas que recriam suas formas de crer e vivenciar a religião de maneira individual e múltipla, com crenças, marcos de valor e práticas diversas, conformando “identidades emergentes”. Observando essa multiplicidade de formas de pertença plurais e ambivalentes, fica quase impossível abordá-las na sua totalidade¹⁵⁹. O Capítulo Geral Salesiano Nº 23 afirma que os jovens parecem se distanciar da instituição religiosa por considerá-la pouco favorável às novidades que reclamam vida, mantendo-se numa vivência religiosa interior e privada que “não influencia de maneira significativa na sua vida concreta”¹⁶⁰.

No documento sobre juventude referido¹⁶¹, os bispos brasileiros salientam que, no catolicismo atual, há possibilidades de “múltiplas escolhas e pertencimentos”. Para os católicos há um novo “re-ordenamento” que se expressa em formas tradicionais, em estilos emocionais-carismáticos, em posturas político-libertárias ou em ausência de compromisso religioso-institucional¹⁶². O catolicismo popular tradicional, por exemplo, é capaz de integrar, sem conflito, elementos de outros sistemas religiosos, formando uma espécie de “bricolagem religiosa”¹⁶³. Na mesma linha, Dalgalarondo refere-se ao fenômeno da “pluralização do campo religioso e descreve a religiosidade como “porosa e dinâmica” no contexto brasileiro, com um “trânsito intenso e constante” de fiéis, de elementos devocionais, rituais, doutrinários, entre outros. A pesquisa do CERIS¹⁶⁴ constatou que, em Porto Alegre e outras cinco capitais brasileiras, 23% dos católicos frequentam cultos de outras religiões, sendo que 36% acreditam na concepção espiritista da reencarnação¹⁶⁵.

O trânsito religioso determina um novo desafio pastoral, nada fácil de abordar. Em primeiro lugar, como forjar a identidade cristã e o sentimento de pertença, na instabilidade da participação comunitária? Em segundo lugar, como propiciar um caminho de formação e de crescimento na fé cristã, sendo que o jovem frequenta outras práticas religiosas?

¹⁵⁹ DE LA TORRE, 2003, p. 13-15.

¹⁶⁰ *no influye de manera significativa en su vida concreta* (tradução nossa). CAPÍTULO GENERAL SALESIANO 23°. *Educar a los jóvenes en la fe*. Buenos Aires: Don Bosco Argentina, 1990. p. 20.

¹⁶¹ CNBB, 2007.

¹⁶² STEIL, 2001, p. 117.

¹⁶³ STEIL, 2001, p. 119.

¹⁶⁴ Centro de Estatística Religiosa e Investigações Sociais – CERIS.

¹⁶⁵ DALGALARRONDO, Paulo. *Religião, psicopatologia e saúde mental*. Porto Alegre: Artmed, 2008. p. 136-137.

2.4 Misticismo e subjetividade

A possibilidade do “trânsito religioso”, segundo Steil, se baseia na importância dada ao indivíduo e às necessidades subjetivas, sob a ideia de que as religiões não concorrem entre si, mas se somam na busca de uma resposta de proteção e ajuda à pessoa que está aflita¹⁶⁶. As adaptações que brotam da escolha de crenças conforme necessidades pessoais dentro do catolicismo constituem “uma religião do jeito próprio”¹⁶⁷. Segundo Hervieu-Léger, as “bricolagens religiosas” podem relacionar-se com a necessidade que as pessoas têm de descobrir sentido no meio dos problemas, experiências e necessidades pessoais¹⁶⁸. Para Cleto Caliman, o tempo atual tem como faceta importante a volta ao sagrado, ao misticismo e ao transcendente, sendo que a busca religiosa se vincula à subjetividade. A vivência religiosa se forja “nos limites do humano enquanto captado segundo a medida de cada um, segundo demandas individuais”¹⁶⁹.

Do ponto de vista da CNBB, a busca espiritual da juventude atual se caracteriza pela subjetividade, pelas novas expressões da vivência do sagrado e pela centralidade das emoções¹⁷⁰. Contudo, na experiência místico-espiritual contemporânea, convivem alguns traços da modernidade que acentuam a razão, e outros da pós-modernidade, que dão mais importância às emoções¹⁷¹, porque “razão e coração andam juntos”, sem precisar escolher entre dogma e experiência. O que impulsiona a espiritualidade é a busca de autenticidade afetiva nas vivências religiosas incorporadas nas trajetórias pessoais. Os jovens vivem um “*pot-pourri religioso*” escolhido “a modo de *kit* preparado com as práticas religiosas oferecidas no gigantesco supermercado de religiões da pós-modernidade”¹⁷². Eles preferem “uma espiritualidade centrada na pessoa [...] que satisfaça suas necessidades”, sem se envolver num compromisso com a Igreja nem com uma vivência institucional¹⁷³. Stein observa que, no contexto atual, o que mobiliza a adesão às crenças e pertencas religiosas dos

¹⁶⁶ STEIL, 2001, p. 120-121.

¹⁶⁷ DE LA TORRE, 2003, p.13.

¹⁶⁸ HERVIEU-LÉGER, 1999.

¹⁶⁹ CALIMAN, Cleto (Org.). *A sedução do sagrado: o fenômeno religioso na virada do Milênio*. Petrópolis: Vozes, 1998. p. 8.

¹⁷⁰ CNBB, 2007, p. 15-17.

¹⁷¹ CNBB-Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. *Evangelização da juventude: desafios e perspectivas pastorais*. São Paulo: Paulo, 2006. (Estudos da CNBB-93). p. 15.

¹⁷² LIBANIO, João Batista. *Jovens em tempo de pós-modernidade: considerações socioculturais e pastorais*. São Paulo: Loyola, 2004. p. 117.

¹⁷³ CNBB, 2007, p. 14-15.

jovens é mais a emoção do que os dogmas e verdades de fé, sendo que, na produção de sentidos, a juventude privilegia mais o “pólo sensorial” que o “pólo ideológico”¹⁷⁴.

A busca do sagrado, do místico e do religioso, a partir de expectativas subjetivas e pessoais, se observa, também, fora do contexto católico. Alguns jovens se inclinam a práticas religiosas, mágicas ou místicas, exercidas de forma individual. Cardoso constata uma tendência atual a incursionar no “misticismo contemporâneo”. Eles recorrem aos “consultórios oculares” (que se desenvolvem tanto no meio rural como nas grandes e pequenas cidades, nos bairros populares quanto nas favelas), na procura de acesso aos “extra-mundos”, mediante objetos (pirâmides, florais, cristais, etc.), ritos, cerimônias e invocações, assim como à vinculação com lugares, marcas ou totens. Por exemplo, este tipo de crenças e vivências parece convocar os jovens universitários que recorrem a esses centros, solicitando atendimento na fase de elaboração de dissertações de pós-graduação¹⁷⁵.

Existe, também, o crescimento da religiosidade voltada para a “Nova Era”, que se apresenta como uma religiosidade difusa, eclética e que bebe nas águas das diferentes religiões, não precisando comprometer-se com nenhuma. Ela tem respondido aos jovens preocupados com saúde, desequilíbrio psíquico, ameaça à biosfera¹⁷⁶.

Há um tipo de crença que identifica cada vez mais o imaginário religioso dos jovens católicos. Trata-se da tendência de representar Deus como uma “força vital ou energia cósmica” e não só como a imagem de um Deus pessoa¹⁷⁷. Ambas as representações podem manter-se sem invalidar nem uma nem outra, visto que há uma “concepção plural das manifestações da divindade”. Sendo assim, as experiências místicas de tipo esotérico se fundamentam na própria vivência individual, alimentada através de técnicas de aperfeiçoamento interior, e constituem uma nova forma de identificação com a Igreja Católica. Na construção do imaginário de Deus desde o nível subjetivo, no “princípio unificador”: [...] “deus, espírito, força, energia, amor, bondade”, tudo se conecta e identifica com tudo¹⁷⁸.

Tanto os adultos como alguns jovens buscam o espaço religioso motivados pela necessidade de viver uma experiência sagrada que os alimente e lhes dê sentido de vida, assim como resposta e força interior para superar as adversidades e os sofrimentos. É essa

¹⁷⁴ STEIL, 2001, p. 122-123.

¹⁷⁵ CARDOSO, Alexandre. Pés na terra e cabeça nas nuvens: contornos teóricos e empíricos do misticismo contemporâneo. *Ciencias Sociales y Religión/Ciências Sociais e Religião*, Porto Alegre, ano 1, n. 1, p. 143-166, set. 1999. p. 149-150. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/index.php/CienciasSociaisReligiao/article/view/2156/845>>. Acesso em: 6 mar. 2009.

¹⁷⁶ CNBB, 2007, p. 32-33.

¹⁷⁷ DE LA TORRE, 2003, p. 17.

¹⁷⁸ DE LA TORRE, 2003, p. 29.

motivação, entre outras, que os leva a se organizarem em grupos, inspirados por diferentes propostas e lideranças. Dentre os grupos que buscam experiências místicas, Cardoso menciona os carismáticos¹⁷⁹, uma corrente de renovação amplamente estendida no mundo, cuja vertente católica nasceu com jovens universitários, reunidos para a oração, na década de 70.

Desde a ótica da resiliência, Girard destaca a importância do subjetivo na busca do transcendente nos jovens, surgindo da necessidade “de solução das suas angústias, de recuperação da auto-estima, da afirmação de sua identidade e integração social, da busca de um sentido de vida capaz de potenciar a possibilidade de enfrentar o futuro”¹⁸⁰. Nos grupos que privilegiam a análise crítica da realidade e o compromisso sócio-político, o cuidado com a dimensão subjetiva, a boa auto-estima, as necessidades pessoais e as dores e, até, com as buscas de espiritualidade e sentido à vida, normalmente é mais descuidado. Às vezes, essa visão é originada no temor a ficar reduzidos a níveis individuais e psicológicos ou desencarnados da realidade social. O excessivo peso dado ao individualismo e ao subjetivismo radicalizado, próprios da “modernidade psicológica”, dificulta a consolidação de uma vida cristã propriamente dita, sendo que, por definição, a “irrupção da Transcendência na história humana” é constitutiva, não sendo suficiente a mera razão individual e a atenção exclusiva à satisfação e à utilidade próprias¹⁸¹.

Velasco adverte sobre a complexidade de estarmos situados num panorama de grande pluralidade, pois a variedade de situações em relação com a fé e a religião é, atualmente, inabarcável. Petitclerc critica a visão reducionista e a dificuldade de partilha entre diferentes experiências de algumas pessoas da Igreja Católica que pretendem que todos os católicos façam a mesmo tipo de caminhada pastoral¹⁸².

Perante este novo contexto do mundo e da realidade juvenil, Petitclerc observa um questionamento que atinge, repetidamente, os encontros de animação pastoral: como convocar os jovens para poder anunciá-lhes o Evangelho¹⁸³? Para garantir a transmissão da fé, Velasco ressalta a necessidade de conhecer, da melhor forma possível, o destinatário: a história do

¹⁷⁹ CARDOSO, 1999, p. 150.

¹⁸⁰ *de solución de sus angustias, de recuperación de la autoestima, de afirmación de su identidad e integración social, de búsqueda de un sentido de la vida capaz de potenciar la posibilidad de enfrentar al futuro* (tradução nossa). GIRARD, Gustavo Alfredo. La espiritualidad: ¿promueve la resiliencia? In: MUNIST, Mabel M. et al. (Comp.). *Adolescencia y resiliencia*. Buenos Aires: Paidós, 2007. p. 147.

¹⁸¹ VELASCO, 2002, p. 70-71.

¹⁸² PETITCLERC, Jean-Marie. *Accompagner un jeune blessé: sur les chemins d'Emmaüs*. Nouan-le-Fuzelier: des Béatitudes, 2006. (Bonheur Chrétien). p. 85.

¹⁸³ PETITCLERC, Jean-Marie. *À la rencontre des jeunes... au puits de la samaritaine*. Paris : Salvator, 2007a. p. 7; p. 49-53.

jovem e sua biografia, sua mentalidade e forma de sentir, sua cultura e seus valores. Sendo assim, o autor critica a Igreja Católica por responder às diferentes situações “com um repertório verdadeiramente ‘monótono’ de respostas” que consta de serviços religiosos para católicos praticantes, de preparação sobretudo teórica e pouca formação para os grupos¹⁸⁴.

Existem pontos de controvérsia em relação à visão e ao trabalho da Igreja em relação à juventude. Por um lado, fala-se de um amplo leque de propostas pastorais que respondem a contextos sócio-econômicos e culturais, situações e mentalidades juvenis bem variadas. A saber: as que privilegiam a dimensão vertical, por exemplo, do tipo carismáticas ou contemplativas, e aquelas que respondem a jovens mais sensíveis à dimensão horizontal e que preferem opções ligadas à ação social ou à militância. Há propostas que, inclusive, são bastante críticas umas às outras.

Por outro lado, há um considerável número de jovens e adultos que não se identificam com as propostas oferecidas pela Igreja por não serem suficientemente plurais, abertas e inclusivas, sobretudo na sua dimensão institucional e hierárquica. Na prática das comunidades e dos católicos observam-se tentativas de inovação e de busca de novas formas, porém, cabe perguntar até que ponto os modelos atuais atingem, acompanham e respondem verdadeiramente à mentalidade e às necessidades dos diferentes tipos de jovens contemporâneos. Finalmente, há ainda um outro desafio: quantos sacerdotes, religiosos, religiosas e agentes de pastoral têm recursos suficientes de tempo e de formação e - podemos dizer - interesse para capacitar-se no conhecimento da realidade juvenil atual?

2.5 Religiosidade/espiritualidade, saúde mental e resiliência

Antes de entrar na pergunta sobre a associação entre religiosidade/espiritualidade com resiliência, começar-se-á pela associação com a saúde. No decorrer dos últimos anos, a quantidade de investigações sobre a influência positiva da religiosidade/espiritualidade na saúde física, e até mental, tem crescido. Segundo a Revista de Psiquiatria da USP de 2007, no Brasil, o número de estudos sobre saúde mental e religião aumentou significativamente nos últimos 15 anos¹⁸⁵. Segundo Guimarães e Avezum, considerando os estudos já realizados, é possível afirmar a associação do envolvimento religioso com uma maior saúde mental¹⁸⁶.

¹⁸⁴ VELASCO, 2002, p. 112-117.

¹⁸⁵ DALGALARRONDO, Paulo. Estudos sobre religião e saúde mental realizados no Brasil: histórico e perspectivas atuais. *Revista de Psiquiatria Clínica*, São Paulo, v. 34, supl. 1, p. 25-33, 2007. p. 29.

¹⁸⁶ GUIMARÃES, Hélio Penna; AVEZUM, Álvaro. O impacto da espiritualidade na saúde física. *Revista de Psiquiatria Clínica*, São Paulo, v. 34, supl. 1, p. 88-94, 2007. p. 92.

Para Koenig, o grande volume de pesquisas realizadas em populações saudáveis remarca a associação entre crenças e práticas religiosas com melhor saúde mental, maior bem-estar e maior índice de superação de situações estressantes. São poucos os estudos que associam o envolvimento religioso com maiores transtornos psicopatológicos¹⁸⁷. Moreira-Almeida adverte que o estudo científico da espiritualidade é “uma empreitada muito entusiasmante e perigosa” porque é um assunto repleto de preconceitos, tanto a favor quanto contra a espiritualidade¹⁸⁸.

De 100 estudos realizados por Koenig e Larson (2001), há 79 que encontraram associação entre bem-estar psicológico e qualidade de vida com crenças e práticas religiosas, constatando, nos seus próprios estudos, uma associação recorrente entre participação em cultos e melhor saúde¹⁸⁹. De 14 pesquisas sobre sentido e objetivos na vida, 12 mostraram associação positiva. De 20 investigações sobre rede de apoio social e religião, 19 denotaram associação¹⁹⁰. Contudo, a literatura específica sobre resiliência ainda é menos exaustiva em relação ao papel da religiosidade/espiritualidade como pilar de resiliência, em relação ao número de produções sobre outros pilares ou fatores de proteção de situações adversas ou traumáticas.

Focando o tema na literatura sobre resiliência propriamente dita, um dos autores que mais especificamente aborda o papel da religiosidade/espiritualidade no desenvolvimento de processos resilientes é Vanistendael. Já em 1995 afirmava que a capacidade de descobrir um sentido e uma coerência na vida, em estreito vínculo com a vida espiritual e com a fé religiosa, é um âmbito chave para promover e gerar resiliência em crianças¹⁹¹.

Especialistas como Rivas Lacayo, estudando diferentes psiquiatras e psicólogos, afirmam que, para muitos, “a espiritualidade resulta ser a mais importante das características da pessoa resiliente e a que mais incide em resultados favoráveis para o manejo da adversidade”¹⁹². Em pesquisa com mulheres colombianas que padeceram violência doméstica, as que tiveram níveis maiores de resiliência tinham também níveis altos de espiritualidade, concluindo que os recursos espirituais contribuem positivamente na

¹⁸⁷ KOENIG, Harold G. Religião, espiritualidade e psiquiatria: uma nova era na atenção à saúde mental. *Revista de Psiquiatria Clínica*, São Paulo, v. 34, supl. 1, p. 5-7, 2007. p. 6.

¹⁸⁸ MOREIRA-ALMEIDA, Alexander. Espiritualidade e saúde: passado e futuro de uma relação controversa e desafiadora. *Revista de Psiquiatria Clínica*, São Paulo, v. 34, supl. 1, p. 3-4, 2007. p. 4.

¹⁸⁹ DALGALARRONDO, 2008, p. 179-187.

¹⁹⁰ DALGALARRONDO, 2008, p. 187.

¹⁹¹ VANISTENDAEL, 1995, p. 6.

¹⁹² *la espiritualidad resulta ser la más importante de las características de la persona resiliente y la que más incide en resultados favorables para el manejo de la adversidad* (tradução nossa). RIVAS LACAYO, Rosa Argentina. *Saber crecer: resiliencia y espiritualidad*. Barcelona: Urano, 2007. p. 147.

recuperação dos maus-tratos¹⁹³. Para a psicóloga norte-americana Walsh, “a religião e a espiritualidade podem ser recursos terapêuticos poderosos para [a] recuperação, [a] cura e [a] resiliência”¹⁹⁴.

Grunspun salienta que “[a] espiritualidade, com suporte congregacional, permite suportar crises e superar com recuperação”, já que, na confiança na presença divina, é possível “crescer com a adversidade, sentindo que não tem somente a força dos homens, mas uma força superior”¹⁹⁵. Assis *et al.* afirmam que a vivência da religião e a participação na Igreja são fatores de proteção para os jovens, pois ajudam tanto a assumir com aceitação as adversidades inevitáveis, quanto a lutar com esperança por uma transformação¹⁹⁶. Petitclerc considera a espiritualidade como um importante fator de proteção perante as tendências ao suicídio nos jovens. Sendo que, na passagem ao ato suicida, há uma fragilização do sentido da vida e dos vínculos, a espiritualidade pode agir como prevenção, ao propiciar o vínculo com outras pessoas que têm as mesmas convicções, ajudando a partilhar os sofrimentos e as fraquezas, a fazer experiência da presença de Deus, dos outros como próximos e de um sentido de vida¹⁹⁷.

No âmbito da prevenção, pesquisas sobre religiosidade/espiritualidade em adolescentes mostram uma associação inversa entre as orações dirigidas a Deus e outras práticas de devoção pessoal e a dependência de drogas psicotrópicas¹⁹⁸. Ainda quanto à prevenção de comportamentos de risco em jovens, não há suficiente consenso nos estudos para afirmar o quanto a religiosidade/espiritualidade pode ser um fator protetor. Porém, há diversas pesquisas com adolescentes que demonstram a associação de crenças e práticas religiosas com promoção da qualidade de vida e saúde, sendo que as crenças e vivências religiosas podem mobilizar sentimentos de força e controle, suporte emocional e sentimento de pertença a um grupo, agindo como rede de proteção¹⁹⁹. No contexto atual, os resultados da pesquisa “*Um estudo exploratório do capital social na população de São Leopoldo – RS*”, por exemplo, denotam a associação significativa entre espiritualidade e resiliência, sendo que

¹⁹³ JARAMILLO VÉLEZ, Diva E. et al. Resiliencia, espiritualidad, aflicción y tácticas de resolución de conflictos en mujeres maltratadas. *Revista Salud Pública*, Bogotá, v. 7, n. 3, p. 281-292, nov. 2005. Disponível em: <http://www.scielosp.org/scielo.php?pid=S0124-00642005000300004&script=sci_arttext&tlng=es>. Acesso em: 10 mar. 2008.

¹⁹⁴ WALSH, 2005, p. 7.

¹⁹⁵ GRUNSPUN, Haim. *Criando filhos vitoriosos: quando e como promover a resiliência*. São Paulo: Atheneu, 2005, p. 143.

¹⁹⁶ ASSIS; PESCE; AVANCI, 2006, p. 106.

¹⁹⁷ PETITCLERC, 2005a, p. 108-109.

¹⁹⁸ SANCHEZ, Zila Van Der Meer; NAPPO, Aparecida. A religiosidade, a espiritualidade e o consumo de drogas. *Revista de Psiquiatria Clínica*, São Paulo, v. 34, supl. 1, p. 73-81, 2007. p. 75.

¹⁹⁹ MARQUES; DELL'AGLIO, 2009, p. 10-13.

as pessoas que têm mais espiritualidade possuem três vezes mais chances de serem resilientes (OR = 3,22, IC 95%: 2,23-4,64) comparadas com as que têm menos espiritualidade. A escala de Hatch *et al.*, aplicada nessa pesquisa para investigar espiritualidade, abrange somente os seguintes itens: relacionamento com crenças em um poder maior a si próprio; propósito na vida; preenchimento com coisas não materiais; fé; confiança; identidade; oração; meditação; atividades espirituais com outros; valorização do mistério da vida; capacidade de perdoar; capacidade de pedir perdão; capacidade de encontrar sentido no sofrimento; gratidão pelas experiências da vida; compromisso com as crenças espirituais²⁰⁰. Contudo, chama a atenção que a escala não investiga outros aspectos presentes na espiritualidade católica latino-americana, como o serviço desinteressado a outras pessoas, o engajamento no terceiro setor ou outras formas de compromisso social ou missionário.

2.6 A promoção dos fatores de proteção através de propostas pedagógico-teológicas

2.6.1 Aceitação incondicional

Para estudar mais precisamente as contribuições da espiritualidade e da Pastoral Católica Latino-americana, brasileira, para a promoção da resiliência, começar-se-á por citar o documento da CNBB²⁰¹ já referido que, em consonância com as opções pedagógico-teológicas assumidas pelo CELAM²⁰² para a Pastoral Juvenil Latino-americana, descreve os critérios principais para a Pastoral da Juventude brasileira. Observar-se-ão, para isso, os elementos que estariam em consonância com as contribuições dos pesquisadores para a promoção da resiliência. Isto é, em que sentido os lineamentos pastorais propostos poderiam operar como fatores de proteção (recursos externos) ou como pilares de resiliência (recursos internos), com vistas a potencializar ou ajudar aos jovens num maior desenvolvimento das suas próprias capacidades para superar situações pessoais ou coletivas adversas. Olhando para a situação dos jovens, os bispos do CELAM afirmam que, diante das situações adversas que padecem, é preciso estar atento a duas dimensões complementares:

[...] uma ação preventiva, que eduque e promova, evitando que a grande maioria dos jovens chegue a tais situações [negativas] [além de] uma ação em nível de

²⁰⁰ HATCH, Robert L. et al. The Spiritual Involvement and Beliefs Scale: development and testing of a new instrument. *Journal of family practice*, [S.I.], v. 46, n. 6, p. 476-486, jun. 1998.

²⁰¹ CNBB, 2007.

²⁰² CELAM-Conselho Episcopal Latino-Americano. *Civilização do amor: tarefa e esperança*. Orientações para a Pastoral da Juventude Latino-americana. São Paulo: Paulinas, 1997.

reabilitação e uma intervenção direta nos grupos já afetados, para desenvolver-lhes sua humanidade e sua dignidade²⁰³.

De acordo com dados das pesquisas feitas por Novaes, aparecem três fortes sentimentos nos jovens brasileiros: a) o “medo de sobrar” e de não encontrar um lugar no mercado de trabalho que é restritivo e mutante; b) o “medo de morrer”, seja pelo narcotráfico, seja pela polícia ou pelas armas de fogo; e c) um “inédito sentimento de desconexão em um mundo tecnologicamente conectado”²⁰⁴. Porém, a situação desfavorável para a juventude não é só na América Latina. Também em outros países como, por exemplo, no contexto francês, a problemática foi se agravando por causa de três fatores: a fragilização crescente do tecido social, o aumento do desemprego e a falta de sentido e de referências que afetam a identidade do jovem e a sua auto-estima²⁰⁵. A tarefa educativa na atualidade se depara com grandes desafios como consequência de uma “tripla crise”: a crise de autoridade, que dificulta a transmissão das referências; a crise de projeção no futuro, que dificulta a elaboração de um projeto; e a crise de aprendizado da socialização, relacionada com as dificuldades em relação à lei²⁰⁶.

O documento do Capítulo Geral Salesiano nº 23 (CGS 23), em relação ao trabalho com juventude, afirma como “opções fundamentais que precedem qualquer outro passo de educação na fé” o fato de ir ao encontro dos jovens e aproximar-se deles onde estejam, acolhê-los dessinteressadamente e escutar atentamente suas demandas e aspirações²⁰⁷. Considerando a necessidade do outro como ponto de apoio para a superação da adversidade, os estudos sobre resiliência observam que a acolhida incondicional, a escuta empática, sem preconceitos, e a interpretação desde uma ótica positiva podem motivar o desenvolvimento de um processo de desenvolvimento resiliente, promovendo a passagem de uma realidade adversa que dói ou que provoca sentimentos de humilhação, de culpa ou de vergonha, à sensação de paz e de aceitação progressiva da situação traumática²⁰⁸. Não importa a idade de quem acolhe ao sofredor, já que essa pessoa significativa pode ser uma figura de autoridade ou mesmo um par. Petitclerc adverte para a importância dos gestos e das palavras que

²⁰³ CELAM, 1997, p. 245.

²⁰⁴ NOVAES, Regina. Juventude, Juventudes - Jovens das classes C e D frente aos dilemas de sua geração. *Programa mais cultura audiovisual*. [s.d.]. Disponível em: <<http://fictv.cultura.gov.br/wp-content/uploads/2008/12/juventude-juventudes.pdf>>. Acesso em: 23 set. 2010.

²⁰⁵ PETITCLERC, 2008. p. 48-52.

²⁰⁶ PETITCLERC, Jean-Marie. *Enfermer ou éduquer?* Les jeunes et la violence. Paris: Dunod, 2004. p. 24-25.

²⁰⁷ CAPÍTULO GENERAL SALESIANO 23º, 1990, p. 34.

²⁰⁸ CYRULNIK, 2008, p. 16.

demonstrem o carinho do assessor pelo jovem, sendo necessário cuidar para privilegiar a maneira como os recebe o jovem, não bastando a boa intenção do assessor²⁰⁹.

Vanistendael entende que falar em aceitação incondicional significa dar um apoio irrestrito ao jovem afetado, mas não implica uma aceitação do comportamento negativo, pois, ao aceitá-lo, a mensagem transmitida seria que esse jovem lhe é indiferente²¹⁰. Esta distinção tem implicações para o procedimento dos assessores da Pastoral da Juventude, visto que respeitar a juventude não significa aceitar a totalidade dos seus comportamentos, pois a tolerância e o respeito implicam estar disposto também a “dizer não” quando há condutas nocivas para a vida pessoal ou para a sociedade, sem reduzir a pessoa a seus comportamentos²¹¹.

O desafio do acompanhamento aos jovens em situação de risco ou traumática, antes da preocupação por uma fala pertinente, é o aprendizado da escuta “em profundidade”. A escuta empática consiste em colocar-se no lugar do jovem, tentando entender o que ele mesmo quer dizer, independentemente do que o assessor interpreta. Petitclerc adverte do efeito negativo que provoca o excesso de palavras e conselhos por parte do adulto, em detrimento da escuta da qual o jovem precisa para compreender o que sucede com ele²¹². No acompanhamento ao jovem, na leitura da sua história de vida, existe o desafio da busca de uma “brecha”, de “um raio de luz” na busca de direção, mesmo quando a situação crítica parece não mostrar saída²¹³. O especialista francês considera que, no nível institucional, não basta um profissional ter uns minutos por semana para escutar as dificuldades ou queixas dos jovens. Seria preciso criar um ambiente de escuta e um clima de confiança por parte de todos os formadores e educadores. Pois, na medida em que os jovens podem verbalizar e pôr em palavras suas dores, ressentimentos, cólera ou revoltas, menos se expressarão por meio da violência²¹⁴.

Se, como afirma Cyrulnik, é responsabilidade da sociedade e de cada cultura disponibilizar tutores de resiliência²¹⁵, pode-se inferir que é responsabilidade da hierarquia e do povo católico viabilizar a dedicação de agentes de pastoral capacitados e suficientes para o trabalho com a juventude.

²⁰⁹ PETITCLERC, 2006, p. 46-47.

²¹⁰ VANISTENDAEL, 2003b, p. 67.

²¹¹ PETITCLERC, 2004, p. 120-122.

²¹² PETITCLERC, 2006, p. 51-57.

²¹³ PETITCLERC, 2006, p. 60.

²¹⁴ PETITCLERC, 2004, p.88.

²¹⁵ MARSELLA et al., 1996 apud CYRULNIK, 2008, p. 15.

2.6.2 Redes de apoio social

O segundo fator de proteção descrito nos estudos de resiliência são as redes de apoio formais e informais disponíveis (instituições educativas, sociais, eclesiais, rede de saúde, família, amigos, etc.). Segundo os resultados da pesquisa sobre capital social de São Leopoldo/RS, as pessoas que conseguem maior apoio social possuem mais que uma vez e meia mais de chances (OR = 1,67, IC 95%: 1,23-2,27) de apresentarem níveis elevados de resiliência, se comparadas com as que têm pouco apoio social. Na mesma pesquisa, as pessoas que participam em grupos têm um pouco mais que uma chance (OR = 1,31, IC 95%: 1,03-1,68) de terem resiliência elevada, comparadas com as que não participam. No mesmo estudo, entre os grupos de que a juventude participa, os religiosos são os mais frequentados. Contudo, em vários lugares, tanto o número de grupos religiosos que se reúnem periodicamente quanto o número de integrantes de cada grupo têm diminuído.

São consideradas como redes sociais de apoio as instituições e os grupos que funcionam dentro. Segundo Michaud, elas operam como fatores de proteção, contanto que a rede não se torne uma “prisão”²¹⁶, nem tampouco um entorno demasiado superprotetor que impeça o natural desenvolvimento dos próprios recursos internos de superação.

Importa ver quais os critérios, o sentido e os valores que se privilegiam, tanto no trabalho com o jovem, com o grupo, quanto desde o ponto de vista da assessoria. A Conferência Episcopal Latino-Americana afirma que a vivência grupal é uma opção pedagógica prioritária da Pastoral da Juventude, pois os grupos propostos por ela possibilitam a criação de vínculos fraternos profundos, assim como a valorização de cada jovem, além de favorecer a socialização de critérios, de formas de pensar, valores e pontos de vista, de motivar a descobrir o sentido das experiências de vida, de desenvolver a própria identidade de jovem e de ajudá-lo a enfrentar desafios²¹⁷.

A importância do ambiente de apoio e do clima de receptividade nas instituições e contextos pastorais é considerada chave para os salesianos. Segundo eles, a acolhida consegue chegar mais fundo porque há um ambiente de vida e de propostas que interessam ao jovem, não só um educador que o acolhe pessoalmente²¹⁸. Por acolher, Petitclerc entende aceitar o jovem tal como ele é, mesmo quando ele não esteja disposto a mudar atitudes ou

²¹⁶ *cárcel* (tradução nossa). MICHAUD, Pierre-André. El adolescente y el médico: para una clínica de la resiliencia. In: MANCIAUX, Michel (Comp.). *La resiliencia: resistir e rehacerse*. Barcelona: Gedisa, 2003. p. 82.

²¹⁷ CELAM, 1997, p. 194.

²¹⁸ CAPÍTULO GENERAL SALESIANO 23º, 1990, p. 34.

comportamentos, como seria a expectativa de algumas pessoas benévolas que trabalham em associações²¹⁹. Por outro lado, pensar e acreditar na educabilidade significa olhar o jovem em dificuldade desde as suas chances de transformação, sem por isso condicionar a gratuidade da acolhida e o respeito pelo jovem. A aliança do educador não é só com o jovem, mas também com o grupo, pois a instância grupal é importante no processo de socialização²²⁰.

Na linha do trabalho pastoral salesiano, para Petitclerc, o modelo educativo preventivo se desenvolve segundo três palavras-chave: a) a “aproximação” (*aproche*), ir ao lugar dos jovens em risco para criar vínculos; b) a “união” (*accroche*), partilhar a vida na partilha das atividades; e c) o “acompanhamento” (*accompagnement*) para que ele possa se integrar nos três lugares que ele frequenta e que são a família, a escola e a rua²²¹. A proposta considera três pilares: acreditar na educabilidade do jovem (confiança); acreditar na capacidade de projetar-se no futuro (esperança); e a capacidade de estabelecer vínculo (aliança)²²². Baseada na espiritualidade da educação de São João Bosco, a proposta abrange três dimensões: a transcendente (espiritualidade da confiança), a interior (espiritualidade da profundidade, da esperança) e a solidária (espiritualidade da aliança)²²³. Herbreteau sublinha três elementos do trabalho pastoral: o grupo de pertença, a possibilidade de partilhar a experiência espiritual vivida e o acompanhamento espiritual²²⁴. A acolhida, a escuta e a presença junto aos jovens caracterizam o acompanhamento espiritual²²⁵.

Petitclerc, inspirado no texto bíblico da relação de Jesus com os discípulos de Emaús (*Lc 24, 13-35*), descreve algumas condições e características da “arte do estabelecimento dos vínculos”²²⁶. Em primeiro lugar o respeito ao tempo do outro, isto é, não pretender aprofundar demasiado rápido, pois, no início, às vezes, é preciso um tempo para “caminhar junto”. Ele sugere manter tanto uma “boa distância” quanto uma “boa proximidade”, isto é, suficientemente próximo para não mostrar indiferença e suficientemente distante para não cair na indiferenciação²²⁷.

²¹⁹ PETITCLERC, 2006, p. 29.

²²⁰ PETITCLERC, 2004, p. 24-25.

²²¹ PETITCLERC, 2006, p. 10-11; PETITCLERC, 2004, p. 8.

²²² PETITCLERC, Jean-Marie. *Spiritualité de l'éducation: lecture éducative de pages évangéliques*. Paris: Don Bosco, 2005c. p. 47-62.

²²³ PETITCLERC, 2005c, p. 116.

²²⁴ HERBRETEAU, Hubert. *Les chemins de l'expérience spirituelle: repères pour accompagner les jeunes*. Paris: De l'Atelier, 2000. (Les jeunes et Dieu). p. 50.

²²⁵ HERBRETEAU, 2000, p. 11.

²²⁶ *l'art de l'établissement des liens* (tradução nossa). PETITCLERC, 2006, p. 28-29.

²²⁷ *bonne distance [...] bonne proximité* (tradução nossa). PETITCLERC, Jean-Marie. *Pour en finir avec les ghettos urbains*. Paris: Salvator, 2009. p. 43.

Petitclerc adverte do risco de manter-se constantemente no vínculo de ajuda ou de assistência, na relação com o jovem em situação adversa ou crítica. Como no relato dos discípulos de Emaús, ele propõe uma relação de partilha, sendo que o jovem ajudado também “aspira ao estabelecimento de uma relação de verdadeira reciprocidade”, no sentido de um companherismo, de um poder oferecer algo de si ao acompanhante. O autor citado critica as atitudes dos assessores que não aceitam um presente do jovem e se pergunta se a aceitação do “dom” que o jovem oferece não o ajudaria a “se reconstituir na dignidade reencontrada”, descobrindo, de alguma forma, que alguém precisa dele²²⁸. Finalmente, inspirado no mesmo relato bíblico, o autor adverte para a necessidade de que o educador saiba deixar seu lugar, para permitir que o jovem continue seu caminho sozinho, sem pretender acompanhá-lo sempre e muito menos possuí-lo²²⁹.

O Documento da CNBB reafirma a importância de acompanhar o crescimento da dimensão psico-social e cultural no cuidado do amadurecimento dos relacionamentos do jovem (amigos, família, sexualidade, relacionamentos on-line) mediante a formação e o acompanhamento do processo comunitário, exortando a busca da amizade, do calor humano, da proximidade afetiva, da criação de um projeto de vida em comum, assim como a importância de motivar a participação e o compromisso com a comunidade eclesial²³⁰. Para o CELAM, os grupos de Pastoral Juvenil fomentam vínculos de amizade onde as pessoas “aprendem a dialogar francamente, a resolver seus conflitos, a perdoar-se mutuamente, a cuidar-se fraternalmente e a olhar a vida com otimismo”²³¹. O CGS 23 também salienta a significativa contribuição do grupo juvenil para a formação dos integrantes, sendo que, para muitos jovens, o grupo é o único caminho que lhes possibilita enfrentar a fragmentação e a solidão. Mediante a busca de ideais compartilhados com seus pares, de critérios de vida e de orientações práticas, o jovem assume um “protagonismo gratificador” que o ajuda a se posicionar diante das dificuldades da vida²³². Quanto à experiência dos grupos de jovens, Petitclerc destaca, como traço da época, a centralidade do “eu” na forma de agrupar-se. Nos jovens franceses há uma queda do engajamento em grupos políticos, sindicais ou religiosos e uma inclinação à formação de grupos pequenos de 4-5 jovens semelhantes ou em grandes

²²⁸ *aspire à l'établissement d'une relation de vrai réciprocité [...] se reconstruir dans une dignité retrouvée* (tradução nossa). PETITCLERC, 2006, p. 67-70.

²²⁹ PETITCLERC, 2006, p. 32-33.

²³⁰ CNBB, 2007, p. 50-53.

²³¹ CELAM, 1997, p. 195.

²³² CAPÍTULO GENERAL SALESIANO 23º, 1990, p. 20-21.

assembleias de 1.000 a 10.000 integrantes, onde os jovens “vibram juntos”, em torno de uma figura chamativa num clima de “grande calor fusional”²³³.

Segundo Lecomte, para garantir a superação de situações traumáticas, o jovem precisa do “triângulo da resiliência”: o elo (*lien*) que é o vínculo com alguém que poderá ajudá-lo; a busca de sentido; e, o que ele chama de lei simbólica, que se refere às “regras de vida”²³⁴. No documento da CNBB, os bispos brasileiros afirmam que, nos grupos, os jovens se relacionam entre si, se comprometem uns com os outros, se ajudam na superação das dificuldades e problemas e “vão criando uma linguagem, um conjunto de ‘regras’ e objetivos comuns que lhes dão um sentido de pertença e identidade grupal”²³⁵. Para Suárez Ojeda, o sentimento de pertença a um grupo ou a uma comunidade é um dos pilares da resiliência comunitária ou social²³⁶.

Uma formação que procure fortalecer o jovem para a superação das adversidades precisa propor certas normas, regras e leis. Isso não significa incentivar uma simples observância de regras de perfeição, morais ou religiosas, nem o formalismo do cumprimento da lei pela lei, tampouco uma ascese demasiado exigente misturada com tendências masoquistas. Se não há respeito por determinadas regras e o grupo é conivente com situações negativas, acaba provocando insegurança, pois a corrupção opera como um anti-pilar da resiliência comunitária²³⁷. O documento do CGS 23 resgata a importância de duas dimensões: tanto das relações de confiança, da alegria de família e do clima de festa, como da laboriosidade e do cumprimento do dever²³⁸.

A CNBB considera que cuidar do crescimento do grupo e da formação do jovem, valorizar e respeitar as diferenças, acompanhando o desenvolvimento original de cada um, não é sinônimo de pretender uma perfeição psicológica nem tender a uma “uniformidade”²³⁹. A abertura e a flexibilidade de uma comunidade favorecem a promoção da resiliência e podem-se observar no clima de respeito e familiaridade do grupo, na capacidade de acolher as emoções, tanto na exteriorização da dor quanto da alegria, assim como na aceitação dos diferentes processos e ritmos de cada integrante do grupo. O oposto é uma comunidade rígida que recalca sentimentos positivos ou sofrimentos, ou uma comunidade excludente, que não

²³³ *grande chaleur fusionnelle* (tradução nossa). PETITCLERC, 2008, p. 54-56.

²³⁴ LECOMTE, Jacques. Pilares de superação: elo, sentido e lei simbólica. *Revista IHU On-Line*, São Leopoldo, ano 7, n. 241, p. 10-12, 29 out. 2007. p. 10-11.

²³⁵ CELAM, 1997, p. 195.

²³⁶ SUÁREZ OJEDA, Elbio Néstor et al. Trabajo comunitario y resiliencia social. In: MUNIST, Mabel M. et al. (Comp.). *Adolescencia y resiliencia*. Buenos Aires: Paidós, 2007b. p. 81-108 (Tramas sociales).

²³⁷ SUÁREZ OJEDA, 2007a, p. 42-44.

²³⁸ CAPÍTULO GENERAL SALESIANO 23º, 1990, p. 34.

²³⁹ CNBB, 2007, p. 14.

acolhe o diferente, que rotula o mais fraco e vulnerável (não resiliente), ou que não acolhe a quem erra²⁴⁰. Michaud adverte para o risco de usar a categoria “resiliência” para catalogar as pessoas em boas e resilientes e estigmatizar outras como fracas ou não resilientes²⁴¹. Na mesma linha, Yunes salienta a necessidade do uso criterioso do conceito, evitando classificar, ideologicamente, ou patologizar grupos ou pessoas²⁴². Por sua vez, Tisseron adverte da necessidade de reconhecer a dignidade e as diferenças daquelas pessoas que, segundo os critérios sociais, demonstrariam maiores limitações para defrontar-se e recuperar-se após situações traumáticas²⁴³. Por isso, olhar um jovem ou um grupo desde a ótica da resiliência supõe não desconhecer nem menosprezar as potencialidades de superação daqueles que aparecem como mais fragilizados ou vulneráveis, sabendo que o jovem está mais resiliente ou menos resiliente, segundo as estratégias de adaptação (*copping*) que desenvolve nesse momento de sua história de vida. Esse processo, no entanto, pode mudar, pois não é definitivo²⁴⁴. O documento do CGS 23 destaca a importância de que o assessor ou o educador reconheça as diferenças no processo, no ritmo e nos resultados de cada jovem, considerando que até os fracassos podem ser parte do processo educativo e, em alguns casos, fruto das graves condições de vida do jovem²⁴⁵.

No campo da saúde, desde a perspectiva do acompanhamento aos jovens com doenças físicas terminais, Michaud sugere propiciar um ambiente de segurança, cuidando de “seguir” o jovem em lugar de “precedê-lo”, para deixar que ele desenvolva seus próprios mecanismos de adaptação, respeitando seus tempos para passar do estado de vítima ao papel de protagonista, para estabelecer laços e para achar significado e sentido aos acontecimentos²⁴⁶. Estas observações são válidas e de grande importância no âmbito do trabalho pastoral.

²⁴⁰ ROCCA LARROSA, Susana María. Resiliência e juventude: implicações para o cuidado pastoral. In: HOCH, Lothar Carlos; ROCCA L., Susana M. (Orgs.). *Sofrimento, resiliência e fé: implicações para as relações de cuidado*. São Leopoldo: Sinodal, 2007b. p. 139.

²⁴¹ MICHAUD, 2003, p. 84.

²⁴² YUNES, Maria Ângela Mattar. Psicologia positiva e resiliência: foco no indivíduo e na família. In: DELL’AGLIO, Débora Dalbosco; KOLLER, Sílvia Helena; YUNES, Maria Ângela Mattar. (Org.). *Resiliência e Psicologia Positiva: interfaces do risco à proteção*. São Paulo: Casa do psicólogo, 2006. p. 62-64.

²⁴³ TISSERON, Serge. Questions sur un mot ou comment une théorie se fabrique dans ses enjeux autant que dans ses énoncés? In: CYRULNIK, Boris; DUVAL, Philippe (Org.). *Psychanalyse et Résilience*. Paris: Odile Jacob, 2006. p. 283.

²⁴⁴ CYRULNIK, 2008.

²⁴⁵ CAPÍTULO GENERAL SALESIANO 23º, 1990, p. 36.

²⁴⁶ MICHAUD, 2003, p. 80-82.

2.7 A promoção dos pilares de resiliência através de propostas pedagógico-teológicas

2.7.1 Auto-estima

Conforme os dados obtidos na pesquisa “*Um estudo exploratório do capital social na população de São Leopoldo – RS*”, as pessoas com auto-estima elevada possuem cerca de duas vezes mais chances (OR = 1,81, IC 95%: 1,16 – 2,83) de apresentarem maior resiliência quando comparadas a pessoas com baixa auto-estima. Enquanto na amostra que compreende todas as idades, 53,4% das pessoas com baixa auto-estima possuem baixa resiliência; mais significativo, ainda, é que 88% dos jovens de 18 a 29 anos, com baixa auto-estima, têm, também, baixa resiliência. Da mesma forma, da amostra total, somente 16,9% das pessoas com baixa auto-estima possuem alta resiliência. Restringindo a observação da amostra à faixa juvenil, só 8% dos jovens com baixa auto-estima alcançaram níveis altos de resiliência. Este dado suscita a pergunta pelos elementos que influenciam na pouca auto-estima dos jovens e como a auto-estima é trabalhada no âmbito da Pastoral Juvenil.

Em determinados casos tem-se observado a influência de alguns efeitos negativos da religiosidade: baixa na auto-estima, sentimentos de culpa, crenças punitivas que fomentam a repressão da raiva, ansiedade e medo, tendência à dependência, ao conformismo e à sugestibilidade, à hostilidade às pessoas que não seguem a mesma religião e o rechaço de cuidados médicos por fanatismo²⁴⁷. Peres *et al.* salientam o risco de algumas crenças e orientações religiosas que promovem sentimentos de culpa e pensamentos negativos que podem ocasionar mais sofrimento à pessoa que passa por uma situação de doença e dor²⁴⁸.

O cuidado com a estima que o jovem tem de si não passa despercebido para o documento do CELAM ao destacar a importância da formação em grupo, pois ela ajuda o jovem no “processo de conhecimento de si mesmo, de suas aptidões e qualidades, [da] descoberta de sua dignidade pessoal, de crescimento de sua auto-estima e da abertura para sentir-se amado e capaz de amar”²⁴⁹. O CGS 23 também resgata a valoração e a estima do jovem quando salienta que o “caminho de educação na fé” (itinerário pastoral proposto) começa com a “valorização do patrimônio” que está dentro de cada jovem e que o “educador na fé” deverá ir descobrindo com inteligência, compreensão e afeto. Os salesianos sugerem

²⁴⁷ LEÃO, Federico Carmelo; LOTUFO NETO, Francisco. Uso de práticas espirituais em instituições para portadores de deficiência mental. *Revista de Psiquiatria Clínica*, São Paulo, v. 34, supl. 1, p. 54-59, 2007. p. 55.

²⁴⁸ PERES, Mário F. P. et al. A importância da espiritualidade e da religiosidade no manejo da dor e dos cuidados paliativos. *Revista de Psiquiatria Clínica*, São Paulo, v. 34, supl. 1, p. 82-87, 2007. p. 84.

²⁴⁹ CELAM, 1997, p. 204.

que o clima de amizade e de estima, o ambiente de acolhida e de confiança e o espírito de família, de alegria e de propostas suscitam no jovem a consciência do seu valor e significado como pessoa e mobilizam as suas melhores energias²⁵⁰. O documento explicita a importância de cuidar que o jovem se aceite a si próprio, sendo que, para alguns, pode ser algo espontâneo, mas não para aqueles que trazem vivências negativas, sofrimentos interiores e carências fundamentais. Por isso, o acompanhamento visa que cada jovem conquiste uma ideia positiva de si, motive uma abertura aos outros, reconheça seus valores, aceite as diversidades e as limitações e entre numa relação positiva com a realidade do ambiente e do mundo²⁵¹.

Caso estas considerações sejam levadas à prática nos diferentes trabalhos com juventude, poderia pensar-se que, mesmo sem se referir explicitamente à promoção da resiliência, os princípios e estratégias utilizadas coincidiriam com a abordagem sugerida para potencializar as capacidades da resiliência.

2.7.2 Pensamento crítico

Suárez Ojeda destaca três pilares de resiliência a fortalecer nos jovens: o pensamento crítico, o projeto de vida e a laboriosidade²⁵². O autor salienta que se propiciem espaços e ajudas necessárias para que os jovens se capacitem na obtenção de um juízo de valor correto, aprendendo a escolher o que é bom, ensinando-lhes “como” pensar e não “o que” pensar. Ele sugere que a formação deve favorecer a capacidade de analisar e avaliar as informações e os conceitos que recebe, de ter um pensamento reflexivo, de tirar as suas próprias conclusões, de saber reagir e resolver criativamente os problemas²⁵³. No CGS 23, a Congregação Salesiana adverte sobre duas atitudes que condicionam fortemente o crescimento do jovem: o conformismo, que desconhece a originalidade e a novidade própria e se adapta acriticamente ao meio, e o pragmatismo, que pretende construir a identidade na busca do presente imediato²⁵⁴.

A visão realista e otimista da vida, própria da mentalidade resiliente, pode ser favorecida ao desenvolver um projeto de vida que articule a realidade atual e a potencialidade

²⁵⁰ CAPÍTULO GENERAL SALESIANO 23°, 1990, p. 34.

²⁵¹ CAPÍTULO GENERAL SALESIANO 23°, 1990, p. 40.

²⁵² MUNIST, Mabel M.; SUÁREZ OJEDA, Elbio Nestor. Conceptos generales de resiliencia aplicados a adolescentes y jóvenes. In: MUNIST, Mabel M. et al. (Comp.). *Adolescencia y resiliencia*. Buenos Aires: Paidós, 2007. Buenos Aires: Paidós, 2007b. p. 51.

²⁵³ MUNIST, 2007b, p. 52.

²⁵⁴ CAPÍTULO GENERAL SALESIANO 23°, 1990, p. 18.

do futuro, fomentando a confiança e a responsabilidade, numa visão pedagógica de esperança²⁵⁵. Segundo Melillo, favorecer as capacidades de iniciativa do jovem e estimulá-las significa, também, ajudá-lo a desenvolver seu sentido crítico e reflexivo, sendo capaz de reconhecer seus erros e atitudes negativas²⁵⁶. Este aprendizado dos limites, a descoberta de si, de princípios, metas, projetos e opções de vida, vão-se enriquecendo no diálogo consigo mesmo, na escuta e no confronto com outras pessoas. Por isso, para alguns autores, a introspecção, isto é, a capacidade de se questionar, de ter consciência de si, de ter *insights* e de dar respostas honestas, é uma característica observável em jovens resilientes²⁵⁷.

Na perspectiva salesiana a formação da consciência do jovem passa pela aquisição da capacidade de juízo e de discernimento ético, que lhe possibilita exercer, moralmente, a autonomia e a responsabilidade. A formação crítica, relativa a normas de convivência social e modelos culturais, assim como o conhecimento sério da realidade socio-política, possibilita aos jovens avaliar criticamente os diversos sistemas e fatos sociopolíticos, especialmente aqueles mecanismos que provocam situações dramáticas de sofrimento e injustiça no mundo²⁵⁸.

2.7.3 Projeto de vida

Para o CELAM a formação e a vivência de grupo contribuem no desenvolvimento da autocrítica, no processo de conversão e na superação de crises e conflitos, assim como no interesse pelos outros, favorecendo a abertura para amar e deixar-se amar. Trata-se de gerar, nos jovens e nos grupos, novas atitudes de vida e novas capacidades que lhes permitam ser, clarificar seus projetos de vida, viver em comunidade e intervir eficazmente para a transformação da realidade²⁵⁹. Esta forma de encarar a vida estaria em consonância com uma postura pró-ativa e com uma Teologia mais da Morte e da Ressurreição, do que a aceitação passiva do sofrimento. Petitclerc critica o discurso marcado pelo “dolorismo” argumentando que Jesus, perante o sofrimento e as enfermidades das pessoas do seu tempo, longe de propor-lhes a resignação, ele as ajudava a pôr todas as suas forças no caminho da cura²⁶⁰.

²⁵⁵ PETITCLERC, 2009a, p. 40-42.

²⁵⁶ MELILLO, Aldo. Resiliencia, subjetividad e intersubjetividad. In: BAUER, María et al (Comp.). *Resiliencia y vida cotidiana*. Montevideo: Psicolibros; Waslala, 2007. p. 67.

²⁵⁷ FORÉS, Anna; JORDI, Grané. *La resiliencia: crecer desde la adversidad*. Barcelona: Plataforma, 2008. p. 95.

²⁵⁸ CAPÍTULO GENERAL SALESIANO 23º, 1990, p. 58-65.

²⁵⁹ CELAM, 1997, p. 201-204.

²⁶⁰ PETITCLERC, Jean-Marie. *Chemin de croix*. Paris: Salvator, 2007b. p. 9.

A elaboração do projeto de vida é outro instrumento-chave na proposta da Pastoral da Juventude²⁶¹ e que, segundo Dick, ajuda também a enfrentar situações dolorosas²⁶². A CNBB insiste em que o jovem possa fazer o planejamento do seu projeto tendo em conta o “equilíbrio entre o projeto individual e o projeto coletivo”²⁶³, propondo a integração dos aspectos pessoais e coletivos. Contudo, essa afirmação se depara com a preocupação prioritária do jovem pelo bem-estar subjetivo. Investigando resiliência na Argentina, Mercado observa que, à diferença de gerações anteriores, uma boa parte dos jovens atualmente não se sente incentivada a se envolver na luta pela conquista de ideais políticos. A maioria não imagina seu futuro, envolvida em algum compromisso coletivo, mas quer realizar projetos nos quais ela esteja “bem”²⁶⁴. Por sua vez, a sensibilidade e o engajamento social variam segundo os lugares, dado que nas culturas individualistas as pesquisas mostram que as pessoas privilegiam a autorrealização, enquanto que as mais coletivistas priorizam o funcionamento harmônico da família, do clã ou da sociedade²⁶⁵.

A elaboração do projeto de vida, tal como é sugerido pela Pastoral da Juventude Católica, consta de vários passos a serem definidos por escrito e que auxiliam para que o jovem possa decidir como encarar sua vida. Ao longo dos meses, ele vai repensando e refazendo o projeto. No documento de trabalho da CNBB de 2006²⁶⁶, destaca-se a importância dessa revisão do projeto, pois a avaliação favorece um ajuste mais concreto, segundo experiências negativas ou positivas desse tempo, assim como novos desafios, tanto internos e pessoais quanto externos, que o jovem não tivesse considerado previamente.

2.7.4 Protagonismo juvenil – Iniciativa

A perspectiva da resiliência supõe uma visão antropológica esperançosa: longe de olhar para os jovens que sofrem, a partir de sua situação de vítimas passivas, o paradigma da resiliência propõe despertar e fazer crescer o protagonismo juvenil, também chamado de

²⁶¹ CELAM-Conselho Episcopal Latino-Americano. *Projeto de Vida: caminho vocacional da Pastoral da Juventude Latino-Americana*. São Paulo: CCJ-Centro de Capacitação da Juventude, 2004.

²⁶² DICK, Hilário. *Cartas a Neotéfilo: conversas sobre assessoria para grupos de jovens*. São Paulo: Loyola, 2005a. p. 65.

²⁶³ CNBB, 2007, p. 14; p. 54.

²⁶⁴ MERCADO, Luis Carlos. *Posmodernismo y resiliencia cotidiana: subjetivación y comportamientos resilientes ante la crisis estructural en adolescentes de la ciudad de Córdoba en 2004-2005*. Córdoba: Universidad Católica de Córdoba, 2007. (Thesis 11). p. 57.

²⁶⁵ MANSOUR, Sylvie. La resiliencia de las adolescentes en Palestina. In: MANCIAUX, Michel (Comp.). *La resiliencia: resistir e rehacerse*. Barcelona: Gedisa, 2003. p. 89.

²⁶⁶ CNBB, 2006.

empoderamento (*empowerment*)²⁶⁷. Michaud, no trabalho com adolescentes em estado de doença terminal, defende o princípio de favorecer o protagonismo do doente e de que ele seja pró-ativo no processo, realizando um contrato terapêutico com o jovem para que assuma a iniciativa da forma e da duração do seu tratamento médico, alcançando melhores resultados. Quanto ao entorno, a atitude proposta às pessoas que rodeiam esse jovem (familiares, profissionais, etc.) não é a “compaixão”, mas sim a “empatia”²⁶⁸. O protagonismo, então, entendido como postura pró-ativa de construir e de re-construir a vida diante das situações adversas, tanto pessoais como sociais, é considerado, por vários autores, como pilar de resiliência. Do ponto de vista pastoral, a proposta educativa de Petitclerc é baseada na possibilidade de encontrar um lugar que propicie a construção da história, a expressão e o desenvolvimento das capacidades de autonomia, um lugar de experimentação da vida social, um lugar de apoio à formação escolar e profissional²⁶⁹.

Em consonância com a Pastoral da Juventude Católica Latino-americana que reconhece no protagonismo juvenil um princípio norteador, a CNBB destaca o valor de que os jovens sejam “sujeitos e protagonistas” e que contribuam especialmente na evangelização dos outros jovens²⁷⁰. Também o CGS 23 considera o protagonismo juvenil como uma característica fundamental da pedagogia pastoral²⁷¹. Dick, baseando-se na crença das potencialidades da juventude, afirma que o jovem é chamado a viver a teologia do Êxodo, “a teologia da saída de si para abrir-se às relações, sem perder a identidade”²⁷², e defende que o jovem precisa ser “sujeito” de sua história e crescer na sua autonomia, aprendendo “a ser livre, mesmo errando”²⁷³. Cabe salientar que, segundo a ótica da resiliência, a conquista da própria autonomia significa assumir o desenvolvimento das capacidades e dos recursos pessoais, estando ciente dos limites e sendo capaz de controlar seus próprios instintos²⁷⁴.

²⁶⁷ Denominado “capacitation”, em francês, pelas Equipes de proteção materna e infantil. MANCIAUX, 2003a, p. 19.

²⁶⁸ MICHAUD, 2003, p. 75-86.

²⁶⁹ PETITCLERC, Jean-Marie. *Les nouvelles délinquances des jeunes: violences urbaines et réponses éducatives*. Paris: Dunod, 2001. p. 166-171.

²⁷⁰ CNBB, 2007, p. 8-9.

²⁷¹ CAPÍTULO GENERAL SALESIANO 23º, 1990, p. 15.

²⁷² DICK, Hilário. *O divino no jovem: elementos teológicos para a evangelização da cultura juvenil*. Porto Alegre: Instituto de Pastoral da Juventude; Rede Brasileira de Centros e Institutos de Juventude, 2006a. p. 34.

²⁷³ DICK, 2006a, p. 32-33.

²⁷⁴ GRUNSPUN, 2005, p. 34-35.

2.7.5 Senso de humor

O senso de humor como pilar de resiliência é outra característica presente na literatura. Desde o ponto de vista da psicanálise, o humor é uma defesa que possibilita a elaboração das pulsões agressivas junto com as excitações que geram, mediante uma expressão valorizada socialmente²⁷⁵. Vincula-se à capacidade de olhar os acontecimentos desde um ângulo diferente e de proteger-se de situações adversas ou traumáticas, relativizando-as mediante a tentativa de dar um sentido hilário ao trágico, encontrando algo cômico, absurdo, ridículo ou incongruente na realidade adversa, para se sobrepor a ela.



Stefan Vanistendael, BICE, 2003

Nota-se que a maioria dos documentos de estudo sobre Pastoral da Juventude não abordam, especificamente, o tema do senso de humor. Na perspectiva salesiana Petitclerc

²⁷⁵ TYCHEY, 2003, p. 189.

reconhece o humor como uma virtude da pedagogia de Dom Bosco²⁷⁶ e o diferencia da ironia que se volta contra os outros. O humor leva a transformar “a desilusão em comicidade, o desespero em alegria”²⁷⁷. Enquanto a ironia pode provocar a violência, o humor sadio pode desarmar atitudes de pessoas violentas²⁷⁸. Vanistendael define algumas outras características que favorecem o humor e a resiliência. A saber: a liberdade interior que possibilita tomar distância do problema, a capacidade de aceitação das limitações e da vulnerabilidade (“carinho pelo imperfeito”), a habilidade para perceber novas perspectivas da realidade e saber descobrir algum aspecto engraçado da problemática, podendo rir e fazer rir outros de uma situação adversa. O humor se vê favorecido mediante o clima afetivo e cálido do entorno, assim como pelo jogo, pelo canto e pela dança²⁷⁹. Nesse sentido, poder-se-ia olhar se as características que favorecem o senso de humor estão sendo consideradas nas diferentes propostas pastorais com a juventude. Por exemplo, a preocupação do assessor e do grupo em propiciar um clima positivo de respeito e de carinho, a aceitação compreensiva das limitações, a visão positiva da vida e a vivência de uma espiritualidade que acompanha, dando sentido e celebrando os momentos significativos da vida do jovem, as expressões criativas e/ou simbólicas, a música, a arte, assim como a dimensão festiva e celebrativa.

O CGS 23 ressalta a proposta da experiência da vida como festa e da fé como felicidade. Nesse contexto, a dimensão musical, o teatro, o esporte e a dimensão da alegria cotidiana são considerados “elementos educativos de importância capital” que mobilizam as energias para o compromisso, o serviço e a amizade. Contudo, a dimensão de festa não pode ser uma manifestação de vazio e evasão de uma realidade dura mediante a busca de compensações²⁸⁰. Humor e festa não se identificam com certo tipo de manifestações como euforias que escondem a negação da realidade. Dick alerta sobre o perigo de que a festa seja uma “antifesta”, quando é uma manifestação interesseira de poder, de ostentação, de vazio ou outras; quando a festa não se faz por gratuidade²⁸¹. Uma atitude que é contrária à promoção da resiliência é a ironia malévola e o sarcasmo²⁸², porque aumentam o sofrimento da pessoa afetada, em lugar de diminuí-lo. Além disso, o cinismo, bem como a gozação (*burla*), são prejudiciais, também, para o autor desse humor negativo, pois podem deixá-lo exposto ao

²⁷⁶ PETITCLERC, 2004, p. 96.

²⁷⁷ *la désillusion en comique, le désespoir en gaîté* (tradução nossa). PETITCLERC, 2005c, p. 132-133.

²⁷⁸ PETITCLERC, Jean-Marie. *La violence et les jeunes*. Paris: Salvator, 1999. p. 91-93; 116.

²⁷⁹ VANISTENDAEL apud ROCCA L., Susana M. (Org.). Resiliência: uma perspectiva de esperança na superação das adversidades. In: HOCH, Lothar Carlos; ROCCA L., Susana M. (Orgs.). *Sofrimento, resiliência e fé: implicações para as relações de cuidado São Leopoldo*: Sinodal, 2007a. p. 21.

²⁸⁰ CAPÍTULO GENERAL SALESIANO 23º, 1990, p. 52-53.

²⁸¹ DICK, 2006a, p. 48.

²⁸² VANISTENDAEL, 2000 apud TOMKIEWICZ, 2003, p. 299.

isolamento e à falta de proteção do entorno²⁸³. O humor sadio tem a capacidade de promover a resiliência quando consegue que a pessoa ferida possa rir dela mesma ou da sua própria situação²⁸⁴.

2.7.6 Criatividade – Arte

A criação artística ou literária é um meio propício para a sublimação, isto é, para elaborar tensões mediante a produção de um sentido que ajuda na superação da situação adversa²⁸⁵. Na opinião de Vanistendael e outros, a atividade creativa e recreativa, seja a arte ou os hobbies, podem favorecer a resiliência²⁸⁶. Segundo Petitclerc, para prevenir a violência e desenvolver formas sadias de “verbalização” existem diferentes formas de expressão artística: artes marciais, oficinas de expressão corporal, teatro, música, poesia²⁸⁷.

No contexto brasileiro, há projetos sociais que trabalham a promoção da resiliência com grupos de periferia por meio do esporte, da dança e da capoeira. Cyrulnik constata o grande número de poetas, músicos, escritores e artistas que conseguem superar situações traumáticas através do desenvolvimento dos seus talentos artísticos, pois o desenho ou a escritura protegem e fortalecem mais do que o ativismo, a vingança, o isolamento ou a regressão²⁸⁸. Estes elementos que ajudam no desenvolvimento das capacidades resilientes podem ser fomentados através de projetos pastorais e sociais que integram a música, a poesia, a dança, o teatro, as artesanias ou as atividades esportivas.

2.7.7 Busca de sentido

Uma das maiores demandas das “novas formas de crer” é a busca de “preencher o vazio deixado pelo estado de insatisfação difusa presente na sociedade moderna”²⁸⁹. Não são poucos os jovens que sofrem as consequências de estarem imersos num sistema ligado à competência, à incerteza e à exclusão²⁹⁰. Segundo o CGS 23, a pergunta pelo sentido da vida e a busca de significado não é um “problema intelectual”. Em alguns deles, o questionamento brota da insatisfação na vida, seja por frustrações, por modelos de felicidade não alcançados

²⁸³ VANISTENDAEL, 1995, p. 29.

²⁸⁴ VANISTENDAEL, 2003 apud ROCCA L., 2007a, p. 21.

²⁸⁵ TYCHEY, 2003, p. 189-190.

²⁸⁶ VANISTENDAEL apud ROCCA, 2007a, p. 21.

²⁸⁷ PETITCLERC, 2004, p. 89.

²⁸⁸ CYRULNIK, 2002b, p. 174-179.

²⁸⁹ STEIL, 2001, p. 124-125.

²⁹⁰ MERCADO, 2007, p. 15.

ou por sentimentos de vazio perante necessidades pessoais não satisfeitas²⁹¹. A palavra “sentido” abarca três dimensões complementares: sentir a felicidade da caminhada, ter uma direção na vida e encontrar um significado à vida²⁹². Todos estes aspectos podem ser explicitamente trabalhados com a juventude.

Desde o ponto de vista dos estudos de resiliência, vários autores coincidem na afirmação de que a capacidade de encontrar sentido parece ser um importante recurso para a superação das adversidades e que a espiritualidade “traz significado e propósito à vida das pessoas”²⁹³. No entender da CNBB, as perguntas que motivam a dimensão mística do jovem têm a ver com o relacionamento com Deus, perguntas pela vida e pela morte e pelo sentido do sofrimento²⁹⁴. Para Velasco, a experiência humana de viver não é suficiente, pois o ser humano precisa que a sua vida tenha sentido e valor e que encontre felicidade²⁹⁵. A ajuda na busca de encontrar um sentido à vida é de considerável importância no acompanhamento de jovens em situação de vulnerabilidade, em especial quando há indícios de ideias suicidas²⁹⁶.

O sentido da vida e das coisas, assim como da adversidade, não é dado de uma vez para sempre. Pode aprofundar-se, renovar-se, perder-se ou, inclusive, não se encontrar. Por outro lado, a narrativa do significado da vida ou de determinada situação adversa pode mudar a percepção subjetiva e a capacidade de lidar ou de se sobrepor a ela. Uma mesma situação vivida por duas pessoas diferentes ou pela mesma pessoa, em momentos distintos, pode ser interpretada tanto como impossibilidade e corte de perspectivas, quanto desafio e possibilidade de novos horizontes²⁹⁷. Segundo Petitclerc, um efeito do desemprego estrutural é a crise de sentido e a falta de adultos significativos que lhe possam responder a pergunta sobre a causa e a finalidade da existência: por que viver e para que viver? Os jovens da periferia se confrontam com o problema da exclusão, da identidade, do sentido e da visão que os outros têm deles. Essa falta de sentido pode levá-los a incorrer em dois riscos: viver no divertimento, preocupados no que eles farão na hora seguinte, mas sem um futuro com sentido, e na depressão e em condutas de risco, como, por exemplo, as tentativas de suicídio tão elevadas nos jovens franceses²⁹⁸.

Normalmente, diante de um acontecimento traumático, a busca de sentido está marcada por duas interrogações: “por quê” e “para quê”. Lecomte acentua que a primeira

²⁹¹ CAPÍTULO GENERAL SALESIANO 23º, 1990, p. 40-41.

²⁹² PETITCLERC, 2008, p. 111-112.

²⁹³ PERES, 2007, p. 83.

²⁹⁴ CNBB, 2007, p. 52.

²⁹⁵ VELASCO, 2002, p. 120.

²⁹⁶ PETITCLERC, 2005a, p. 92-93.

²⁹⁷ FORÉS; JORDI, 2008.

²⁹⁸ PETITCLERC, Jean-Marie. *La banlieue de l'espoir*. Paris: Don Bosco, 1995. p. 20-21.

pergunta se refere ao passado: “por que isso me aconteceu?”²⁹⁹. A pergunta pelo porquê brota naturalmente do contato com o sofrimento e leva à busca de uma resposta. Essa pergunta remete a buscar o sentido nas causas, ajuda a esclarecer a verdadeira origem da situação traumática e a não se atribuir falsas culpabilidades. Na Carta Apostólica *Salvifici Doloris*³⁰⁰, escrita por João Paulo II, depois do atentado que ele mesmo sofreu, o Papa fala da pergunta pelo sentido do mal e do desafio de acompanhar a pergunta pelo “por quê” junto à pessoa que sofre, entendendo o sofrimento como uma oportunidade de despertar o bem. A pergunta do porquê perante fatos dolorosos aparentemente absurdos, quando não é possível encontrar um sentido no mal que aconteceu, é possível encontrar um sentido no combate contra esse mal³⁰¹. O questionamento pelo sentido da adversidade aumenta o sofrimento da pessoa afetada quando ela não encontra uma resposta satisfatória. Para Cyrulnik, uma forma contundente de torturar e desesperar alguém que sofre, é coisificá-lo, tirando-lhe a possibilidade de perguntar pelo sentido e proibindo-lhe questionar o porquê³⁰².

A segunda pergunta aponta para o futuro. Tenta responder à interrogante: “para que isso me aconteceu?”³⁰³ e leva a desenvolver formas de lidar e maneiras criativas e positivas de conviver com a adversidade inevitável. A pergunta pelo “para quê” pode ajudar a descobrir, justamente na vivência dolorosa, uma forma diferente de viver e o início de um novo sentido dado pelas crenças religiosas, assim como pode desenvolver o desejo de um compromisso construtivo. Como diz Vanistendael: “Mais de uma pérola artística se formou ao redor de uma ferida, como na ostra”³⁰⁴. O documento salesiano menciona, como possíveis vertentes para o crescimento, tanto os momentos de realização quanto as experiências de limitação, insatisfação, pobreza ou outras situações humanas de dor e miséria³⁰⁵.

Já vimos que os dados que resultam da pesquisa sobre capital social sugerem que, na população leopoldense, as pessoas que encontram sentido na vida e nas coisas que realizam, possuem duas vezes mais chances de serem resilientes (OR = 2,00, IC 95%: 1,38-2,88) do que as pessoas que encontram pouco ou não encontram um sentido na vida. Pesquisas com jovens de favelas do Rio de Janeiro constataram que os mais resilientes conseguem encontrar uma significação diante das adversidades e que os menos resilientes

²⁹⁹ *puorquoi cela m'est arrivé?* (tradução nossa). VANISTENDAEL, 2005, p.12.

³⁰⁰ JOÃO PAULO II. *O sentido cristão do sofrimento humano*. Carta Apostólica “*Salvifici doloris*” de João Paulo II. 3. ed. São Paulo: Paulinas, 1988. p. 16.

³⁰¹ PETITCLERC, 2007b, p. 8-9.

³⁰² CYRULNIK, 2005c, p. 23

³⁰³ *pour quoi cela m'est arrivé?* (tradução nossa). VANISTENDAEL, 2005, p. 12.

³⁰⁴ *Plus d'une perle artistique s'est construite autour d'une blessure, comme chez l'huître!* (tradução nossa). VANISTENDAEL, 2005, p. 12.

³⁰⁵ CAPÍTULO GENERAL SALESIANO 23º, p. 40-41.

têm maiores dificuldades para “elaborar e atribuir sentido mais produtivo às adversidades”³⁰⁶. Recorde-se que, antes de se desenvolverem as pesquisas sobre a importância do sentido como pilar de resiliência, o psicólogo vienês, Frankl, tendo sobrevivido depois de quatro campos de concentração e da perda dos familiares, por extermínio, criou uma nova abordagem terapêutica através do que denominou a logoterapia, isto é, a cura através do sentido³⁰⁷.

Como afirma Cyrulnik, após um episódio traumático, sempre permanece “um vestígio”, mas pode-se encontrar outra forma de vivê-lo, dando-lhe um sentido, “outra vida, mais suportável e, por vezes, bela e sensata”³⁰⁸. Levado ao campo da Pastoral, cabe perguntar e observar quais as narrativas que a teologia católica oferece, hoje, à juventude que propiciam um sentido realista e esperançoso diante das situações adversas de violência, de injustiça ou outras, e que impulsionam o jovem na luta pela felicidade própria e da humanidade, incentivando sentidos que fazem da sua vida uma causa pela qual viver com protagonismo e solidariedade. Cabe destacar também a importância de propiciar instâncias no âmbito do Aconselhamento Pastoral para que o jovem possa verbalizar e ser ouvido na narrativa do sofrimento. Propiciar que ele faça o próprio relato das suas dificuldades ou feridas, de forma que ele possa se escutar, fazer a sua própria leitura e “apreender” o seu itinerário de exclusão, vitimização ou sofrimento. Segundo Petitclerc, só ele poderá fazer o relato preciso das suas vivências e a fala a uma outra pessoa de confiança o ajudará a não cair na repetição, na reincidência ou no desespero³⁰⁹.

2.8 A memória e o perdão

Desde o ponto de vista da Psicologia, quanto mais intensas as experiências negativas de vida, mais difícil será apagá-las da memória. Por isso, pensando no acompanhamento aos jovens que passam por momentos pessoais difíceis ou traumáticos, parece necessário que os assessores e os jovens mesmos criem as condições para um manejo adequado da função da memória. Isto é, tanto da capacidade de lembrar quanto da capacidade de esquecer. Exercitar a memória das provas superadas e dos sucessos nas dificuldades ajuda o jovem a ser autor e protagonista da sua vida e mais capaz de afrontar as crises e situações adversas³¹⁰.

³⁰⁶ ASSIS; PESCE; AVANCI, 2006, p. 58-59.

³⁰⁷ FRANKL, Viktor E. *El hombre en busca de sentido*. Barcelona: Herder, 1981.

³⁰⁸ CYRULNIK, Boris. *Resiliência: essa inaudita capacidade de construção humana*. Lisboa: Instituto Piaget, 2003b. p. 24. Em outra tradução da mesma obra: “às vezes, até bonita e com sentido”. CYRULNIK, Boris. *Os patinhos feios*. São Paulo: Martins fontes, 2004a. p. 12.

³⁰⁹ PETITCLERC, 2006, p. 47-48.

³¹⁰ PETITCLERC, 2005a, p. 77.

Sublinhar e lembrar as experiências positivas e resolvidas com sucesso é uma forma de suscitar a confiança perante as dificuldades. Petitclerc critica as instituições que potencializam a capacidade dos alunos de lembrar os fracassos³¹¹ e valoriza a “pedagogia do êxito” (*pédagogie de la réussite*), mesmo quando reconhece que também os fracassos podem ser oportunidades de crescimento, quando o jovem é capaz de fazer uma releitura da experiência negativa e de compreender as razões³¹².

Segundo Lecomte, para não incorrer na sede de vingança, é preciso assumir uma atitude consciente de “afastar algumas lembranças dolorosas cuja evocação é mais traumática que formativa”. Considerando que a resiliência não significa voltar a começar do zero, mas sim fazer aprendizados da experiência e tirar lições de vida, é preciso um bom uso da memória: tanto do que é bom lembrar quanto do que é bom esquecer. O autor salienta que quem é consciente e se lembra do sofrimento vivido evitará reproduzi-lo em outras situações, sendo preciso, também, esquecer as lembranças dolorosas, para que não invadam a vida pessoal e psicológica, nem interfiram na vida social. Não dar demasiada importância às lembranças dolorosas evita cair no desespero e na sede de vingança. Contudo, lembrar o sofrimento padecido pode ser, para algumas pessoas, uma motivação profunda para se dispor ao serviço de pessoas que sofrem³¹³.

Perante um fato traumático, o ser humano tem dois caminhos a seguir: a maturação pós-traumática, própria de um processo de resiliência, ou o estupor psíquico (*hébétude psychique*), que caracteriza a anti-resiliência porque impede percorrer o processo de desenvolvimento da resiliência³¹⁴. No primeiro caso, a memória do fato traumático pode ser um facilitador quando a pessoa ferida, ainda no meio da situação adversa, se vale da raiva e da tensão, ocasionadas pela realidade conflitiva, para lutar contra a ferida e procura aprender uma nova maneira de organizar e entender a vida, uma nova filosofia da existência, uma nova ótica para viver e encarar o projeto de vida. Este “neo-desenvolvimento” (*néodéveloppement*) providencia as bases para um processo de superação³¹⁵. Cyrulnik constata que, mediante um ensaio, uma novela ou um ato solidário, a lembrança resiliente converte-se em uma transformação do passado e não em uma volta ao sofrimento anterior, pois a pessoa ferida “metamorfoseia” o passado e se faz dona dos seus sentimentos, impedindo a reprodução das vivências negativas. Mediante a escritura, o agir e o compromisso com os outros, o jovem

³¹¹ PETITCLERC, 2005c, p. 36-38.

³¹² PETITCLERC, Jean-Marie. *Mon combat contre la violence*. Paris: Bayard, 2005b.

³¹³ LECOMTE, 2003a, p. 202-213.

³¹⁴ CYRULNIK, 2008, p. 54-55.

³¹⁵ CYRULNIK, 2008, p. 51.

ferido consegue restabelecer um vínculo com, por exemplo, uma pessoa ausente ou recuperar a posse do seu mundo íntimo e das suas emoções, em lugar de ruminar o passado sofrido³¹⁶.

A resiliência permite superar a situação adversa, mas o processo resiliente pode ser dolorido. Algumas vezes a ferida não cicatriza totalmente. Nesse sentido, resiliência não é sinônimo de invencibilidade nem de insensibilidade³¹⁷. Aliás, o sofrimento psíquico pode, até, ficar na pessoa, oculto por trás de comportamentos aparentemente resilientes. Na prática pastoral, os momentos de meditação, a leitura da Palavra, a oração profunda, os retiros espirituais, assim como as celebrações com gestos e símbolos, podem ser um campo propício para que os sofrimentos ainda não cicatrizados se expressem em vistas a um processo de resiliência e cura.

Estas observações em relação ao bom uso da memória e ao bom uso do esquecimento também são válidas em relação ao lidar, positivamente, com problemas sociais ou situações conflitivas ou traumáticas que afetam certos grupos de pessoas. Considerando a importância da memória em dramas coletivos, Ricoeur salienta que o importante não é, simplesmente, o fato de lembrar, mas de saber o que lembrar e com que finalidade, isto é, que as lembranças evocadas ajudem a crescer e a dar mais riqueza à vida pessoal e social³¹⁸.

Levado ao campo da formação dos jovens, o CELAM³¹⁹ e a CNBB³²⁰ destacam a criação da consciência histórico-crítica e o aprendizado de uma leitura dialética da realidade mediante o método: “ver”, “julgar” e “agir”, querendo fomentar o processo de participação e conscientização da realidade. O método tem como ponto de partida o ver, conhecer e descrever a realidade, que significaria uma conscientização do presente que inclui, às vezes, uma ativação da memória dos fatos passados. Em segundo lugar, julgar a realidade à luz da Palavra de Deus, iluminando esses fatos analisados com critérios evangélicos e sociológicos. Em um terceiro momento, pensar estratégias de ação e ver como colocar, na prática da vida, essa reflexão e conclusões. A Pastoral da Juventude, pensada no contexto latino-americano, tenta favorecer o desenvolvimento da consciência crítica diante dos problemas sociais locais, nacionais e internacionais e cultivar na juventude a dimensão profética, isto é, a denúncia e o trabalho pela erradicação das situações que se opõem à justiça proposta pelo evangelho.

Na juventude, como afirma Dick, há uma marcada sensibilidade pela solidariedade, pois “tudo que é desigualdade, opressão, injustiça e exploração grita alto na vibratibilidade do

³¹⁶ CYRULNIK, 2005c, p. 159.

³¹⁷ ANAUT, 2006, p. 102-104.

³¹⁸ RICOEUR, 1999 apud LECOMTE, 2003a, p. 205.

³¹⁹ CELAM, 1997, p. 296-311.

³²⁰ CNBB, 2007.

jovem. [...] As causas humanitárias ecoam no [seu] coração”³²¹. Por isso, assim como a Pastoral assume a reafirmação dos valores que propiciam a construção da civilização, também questiona e organiza-se para lutar contra anti-valores específicos, como são o individualismo, o consumismo, a absolutização do prazer, a intolerância, a injustiça, a discriminação e a marginalização, a corrupção e a violência³²². Contudo, cabe perguntar até que ponto a solidariedade própria do jovem consegue ter um lugar preponderante no contexto atual cada vez mais imbuído de propostas de consumo crescente e de banalização do mal, da violência e da injustiça.

Por outro lado, sabe-se que, em situações extremas de grande indignação, violência e repressão, os danificados não têm quase possibilidade de representar ou simbolizar mentalmente o que está acontecendo, pois o marco social leva à alienação. Bastaria que existisse um ponto de apoio para que “a construção do processo resiliente possa realizar-se”³²³. As vítimas podem conseguir atenuar os efeitos negativos do mal com relação a uma nova intersubjetividade mediante o apoio de outra pessoa e conseguir “re-tecer seu laço social”. O caminho da militância por uma causa (por exemplo, dentro de um movimento social) pode ajudar a “lidar com o trauma sofrido e suportá-lo”³²⁴. Perante os dramas coletivos, para Lecomte, segundo a perspectiva da promoção da resiliência, a finalidade da memória seria levar a “tomar partido pelas vítimas de hoje, em nome da lembrança do sofrimento de ontem, mais do que alimentar um sentimento de vingança, que paradoxalmente equivaleria a reconhecer certo valor nos atos do verdugo de ontem”³²⁵.

Segundo Vanistendael, para poder tecer um futuro sadio, é necessário considerar o passado, sabendo que “a cura dos sentimentos pode evoluir, em paralelo, ao processo de perdão, às vezes acompanhando-o, às vezes, precedendo-o, às vezes sucedendo-o”³²⁶. Vergely afirma que “o perdão é a essência metafísica da resiliência”³²⁷. Desde esta perspectiva, o sentido do perdão não é desculpar o mal, o sofrimento, o dano ou a ofensa recebida, e sim “desbloquear o desenvolvimento do crescimento”, tanto na pessoa que dá o

³²¹ DICK, 2006a, p. 75.

³²² CELAM, 1997, p. 162-167.

³²³ *la construcción del proceso resiliente puede realizarse* (tradução nossa). MELILLO, 2004b, p. 70.

³²⁴ *lidar con el trauma sufrido y sobrellevarlo* (tradução nossa). MELILLO, 2004b, p. 70.

³²⁵ *tomar partido por las víctimas de hoy, en nombre del recuerdo del sufrimiento de ayer, más que a alimentar un sentimiento de venganza, que paradójicamente equivaldría a reconocer cierto valor en los actos del verdugo de ayer* (tradução nossa). LECOMTE, 2003a, p. 205.

³²⁶ *la guérison des sentiments peut évoluer en parallèle au processus du pardon, parfois l’accompagnant, parfois le précédant, parfois lui succédant* (tradução nossa). VANISTENDAEL, 2005, p. 13.

³²⁷ *el perdón es la esencia metafísica de la resiliencia* (tradução nossa). VERGELY, Bertrand. Enfoque filosófico de la resiliencia. In: CYRULNIK, Boris et al. *El realismo de la esperanza: testimonios de experiencias profesionales en torno a la resiliencia*. Barcelona: Gedisa, 2004. (Psicología/Resiliencia). p. 60.

perdão quanto na pessoa que o aceita³²⁸. Mais do que um ato que apaga o passado, o perdão é um ato que inventa um futuro³²⁹, pois, ajudando a entender e ler bem o passado, evita repetir a experiência traumática. O perdão, como atitude de reconhecimento do mal feito ou recebido, é uma atitude que brota da decisão de não manter sentimentos negativos em relação ao agressor. A pessoa afetada “compreende, também, que não podemos bloquear a vida sob esse mal, senão o mal será mais uma vez vencedor”. O perdão brota mais “da vontade de viver e da inteligência da pessoa ferida, do que das emoções”³³⁰.

Para Lecomte, frequentemente se pensa que perdoar significa esquecer e apagar a lembrança como se nada tivesse acontecido. Contrariamente a essa ideia, vários estudos de pessoas que sofreram violência parental na infância conseguem não reproduzi-la por ter feito um processo de perdão, sem por isso cair na idealização dos seus agressores. Os psicoterapeutas constatarem como o perdão faz descer os níveis de ansiedade, de cólera e de depressão³³¹.

Em relação à Pastoral, o CGS 23 destaca que o grupo juvenil ajuda o jovem a se sentir num clima de confiança, de alegria, de aceitação e partilha mútuas que favorecem a compreensão e o perdão³³². Esta afirmação, contudo, sugerida para ser implementada em grupos de inspiração salesiana, deveria ser confirmada na observação de outras propostas pastorais, especialmente naquelas que oferecem uma caminhada espiritual mais individual e com pouco vínculo comunitário, assim como daquelas que privilegiam os aspectos intelectuais ou o criticismo sócio-político. Finalmente, cabe perguntar-se como o assessor do grupo de jovens lida na sua própria vida com as perguntas existenciais sobre a vida, a morte e a adversidade e que experiências ele tem em relação ao perdão para melhor acompanhar nesse processo.

2.9 O engajamento social

Segundo Cyrulnik, frente a situações adversas ou traumáticas é possível adotar estratégias eficazes de superação: fazer algo com esse sofrimento, assumir a tensão, tentar compreendê-lo e procurar transcendê-lo ou orientá-lo engajando-se em um projeto social ou

³²⁸ VANISTENDAEL, Stefan. *Resiliencia y espiritualidad: el realismo de la fe*. Ginebra: Oficina Internacional Católica de la Infancia - BICE, 2003a, p. 29.

³²⁹ HOUZIAUX, 1994 apud LECOMTE, 2003a, p. 206; FORÉS; JORDI, 2008, p. 53.

³³⁰ *de la volonté de vivre et de l'intelligence que des émotions* (tradução nossa). VANISTENDAEL, 2005, p.13.

³³¹ LECOMTE, 2003a, p. 206.

³³² CAPÍTULO GENERAL SALESIANO 23º, p. 45.

cultural. São estratégias que ele define como um “trampolim da resiliência”³³³. Ter ou reconstituir um vínculo positivo com a vida é, para alguns jovens, algo quase intuitivo, mas, para outros, só é possível graças ao vínculo positivo com alguém da sua da família ou com um amigo³³⁴.

O caminho da “militância” por uma causa pode ajudar a “lidar com o trauma sofrido e suportá-lo”. As vítimas conseguem atenuar os efeitos negativos do mal recebido, mediante a construção de uma nova intersubjetividade, ajudadas por outras pessoas com as quais conseguem “re-tecer seu laço social”. Melillo afirma que bastaria que existisse um ponto de apoio para que “a construção do processo resiliente possa realizar-se”³³⁵. Sob o enfoque da resiliência, o engajamento com outros para superar adversidades e a união para lutar por causas sociais comuns, podem ser instrumentos aptos para promover as capacidades próprias de lidar e superar as situações traumáticas, propiciando novos sentidos para a vida e “construindo uma visão de longo prazo com esperança no futuro”³³⁶.

Sendo que, no caso da juventude, há um interesse natural de nuclear-se em grupos por afinidades e necessidades, estas considerações podem explicar a inclinação dos jovens à participação em movimentos sociais, voluntariados, Ongs, grupos missionários, assim como em grupos nucleados para a superação de problemáticas específicas: em fazendas de recuperação, em grupos de enlutados, de portadores de doenças crônicas específicas, ou em outros.

O enfoque da resiliência não pretende, simplesmente, ajudar na recuperação das pessoas já afetadas pelas situações de risco e pelas problemáticas sociais; ele também pode levar a lutar pela erradicação das causas e a planejar estratégias e ações que contribuam na transformação das estruturas, para que sejam sadias e justas. Nesse sentido, as intervenções deveriam apontar tanto para a redução à exposição de situações adversas ou estressantes (fatores de risco) quanto a potencializar os pilares de resiliência (recursos pessoais) e as fontes de apoio (fatores de proteção)³³⁷. Olhando para a realidade de pobreza, exclusão e

³³³ *tremplin de résilience* (tradução nossa). CYRULNIK, 2008, p. 137.

³³⁴ VANISTENDAEL, Stefan; LECOMTE, Jacques. Resiliencia y sentido de vida. In: MELILLO, Aldo; SUÁREZ OJEDA, Elbio Néstor; RODRÍGUEZ Daniel (Comp.). *Resiliencia y subjetividad: los ciclos de la vida*. Buenos Aires: Paidós, 2004. p. 93-95.

³³⁵ *la construcción del proceso resiliente pueda realizarse* (tradução nossa). MELILLO, 2004b, p. 70.

³³⁶ *construyendo una visión de largo plazo con esperanza en el futuro* (tradução nossa). MELILLO, 2004b, p. 75.

³³⁷ BOUVIER, Paul. Temperamento, riesgo y resiliencia en el niño. In: MANCIAUX, Michel (Comp.). *La resiliencia: resistir e rehacerse*. Barcelona: Gedisa, 2003, p. 70.

sofrimento exacerbado, “a promoção da resiliência se torna uma necessidade e uma obrigação”³³⁸.

O serviço generoso e desinteressado ao próximo pode não ser somente “uma consequência, mas também uma fonte de resiliência”³³⁹. Valla *et al.* constatam, em determinadas situações, os efeitos positivos que os agentes de saúde e os religiosos inseridos em meios populares recebem ao estabelecer um vínculo significativo com os moradores. Escutando os problemas dos que sofrem, as suas formas de lidar com as adversidades e de encontrar soluções, eles são motivados a ressignificar suas vidas e a dar novos sentidos às suas histórias de vida e aos seus sofrimentos³⁴⁰.

Em síntese, as causas sociais, assim como as filosofias de vida e as crenças religiosas que unem as pessoas e os jovens numa luta comum, podem constituir um suporte e uma ajuda para descobrir um sentido maior, bem como fazer crescer as capacidades para resistir às adversidades e superar o sofrimento. Por isso, o serviço desinteressado aos outros não é somente uma “consequência”, mas também uma “fonte” de resiliência³⁴¹, pois, trabalhando na promoção da resiliência, os profissionais e os voluntários se tornam mais resilientes³⁴².

2.10 Desafios e implicações éticas

Perante uma situação traumática, o jovem tem a possibilidade de optar por estratégias que o ajudem na resiliência, ou adotar posturas anti-resilientes como, por exemplo, abandonar-se ao sofrimento, procurar caminhos de indiferença ou assumir o papel de vítima³⁴³. Se, como afirma Bouvier, até “a criança tem um papel ativo (e provavelmente voluntário) no seu desenvolvimento e na construção da resiliência”³⁴⁴, pode-se inferir o papel da liberdade de cada jovem na escolha (ou não) de um caminho de resposta resiliente. Mesmo as pessoas condicionadas pelos limites da genética e da biologia e pelas condições e posturas do entorno, o paradigma da resiliência leva a criticar a visão determinista e a olhar com esperança, para além das condições pessoais e sociais, e pensar no campo da criatividade e da

³³⁸ *la promoción de la resiliencia se vuelve una necesidad y una obligación* (tradução nossa). MELILLO, 2004, p. 64.

³³⁹ VANISTENDAEL; LECOMTE, 2004, p. 99.

³⁴⁰ VALLA; GUIMARÃES; LACERDA, 2006, p. 150.

³⁴¹ VANISTENDAEL; LECOMTE, 2004, p. 99.

³⁴² GRUNSPUM, 2005, Dedicatória.

³⁴³ CYRULNIK, 2008, p. 137.

³⁴⁴ *el niño tiene un papel activo (y probablemente voluntario) en su desarrollo y en la construcción de la resiliencia* (tradução nossa). BOUVIER, 2003a, p. 70-73.

liberdade de escolha³⁴⁵. Vendo a postura de um jovem perante o seu sofrimento pode-se, inclusive, pensar no papel da sua própria “vontade”³⁴⁶ de assumir uma postura e um projeto de vida sadio com sentido ético, humanitário e transcendente, para superar as dificuldades e os problemas pessoais e do entorno.

Sem desconhecer o quanto a juventude é vítima de situações injustas, esta observação traz implicações críticas perante visões que colocam todo o peso da não-realização dos jovens, assim como dos seus conflitos e sofrimentos, unicamente em fatores externos (os adultos ou a sociedade), minimizando a postura pessoal que o jovem assume perante a adversidade, sendo pró-ativo na busca de superação ou abandonando-se e assumindo uma postura de vítima.

Refletir, junto aos jovens, estratégias e possibilidades de promoção da resiliência em contextos de pobreza, desemprego, exclusão, violência ou corrupção converte-se em um sério desafio ético. As alternativas ao sofrimento e à marginalização disponíveis na sociedade merecem ser questionadas e discernidas, considerando que há algumas que compactuam com situações prejudiciais (por exemplo, corrupção, tráfico, manipulação, violência, etc.). Já em 1883, Dom Bosco, fundador dos Salesianos, advertia: “Não demorem em ocupar-se dos jovens porque senão eles não vão demorar em ocupar-se de vocês”. Perante a violência juvenil é preciso tentar uma maior compreensão da problemática. O fim não é desculpar, senão saber agir melhor como sociedade, como animadores ou educadores³⁴⁷.

Para falar em resiliência, deve-se observar uma referência clara às implicações éticas num sentido duplo: o bem próprio e, por sua vez, o bem alheio³⁴⁸. Vanistendael insiste em afirmar que “a ética é ativa no coração da resiliência”³⁴⁹. Por isso, para a promoção da resiliência, as formas de superação precisam respeitar, também, o bem comum, sendo que nem toda conduta socialmente aceitável é ética, nem é verdadeira a afirmação contrária. No contexto atual é frequente observar a banalização do uso da violência e desconsiderar como ela afeta o bem alheio. A banalização do modo de ação mediante a violência tem dois riscos: que o que deve ser proibido pareça autorizado, isto é, que as normas sejam trocadas e os limites ultrapassados; e que se atenua a culpabilidade com a escusa de que é assim que age a maioria das pessoas³⁵⁰. A “moralidade”, entendida como a capacidade de comprometer-se

³⁴⁵ VANISTENDAEL, 2002a, p. 154-156.

³⁴⁶ BOUVIER, 2003a, p. 72-73.

³⁴⁷ PETITCLERC, 1999, p. 14-67.

³⁴⁸ VANISTENDAEL, Stefan. La resiliencia en lo cotidiano. In: MANCIAUX, Michel (Comp.). *La resiliencia: resistir e rehacerse*. Barcelona: Gedisa, 2003c. p. 235.

³⁴⁹ *l'éthique est active au coeur de la résilience* (tradução nossa). VANISTENDAEL, 2005, p.11.

³⁵⁰ PETITCLERC, 2009, p. 88.

com valores, tanto com a busca do bem próprio, quanto com o bem das outras pessoas, é uma característica das pessoas resilientes, salientada por Munist³⁵¹, Forés e Jordi³⁵².

Para que o trabalho pastoral promova a resiliência dos jovens e dos grupos é importante fomentar a visão otimista, realista e esperançosa³⁵³ das pessoas, da Igreja e do mundo. Considerando que é próprio da condição juvenil ter sonhos e ideais, um papel importante dos assessores de pastoral é acompanhar, com otimismo, os desejos dos jovens em construir novas e melhores perspectivas na sua vida, na sociedade e no mundo e encorajá-los no compromisso com a transformação e a superação das situações adversas, injustas ou que causam sofrimento.

Por outro lado, o papel dos assessores é acompanhar o desenvolvimento da consciência crítica e do pensamento reflexivo que potencializa e desenvolve a capacidade do jovem de ver, com realismo, as limitações pessoais, as fraquezas das pessoas e, sobretudo, os aspectos negativos do contexto social. Sem este segundo elemento, um excessivo otimismo pode ficar reduzido ao idealismo e à ingenuidade, desconhecendo as realidades sofridas e adversas, provocando um empobrecimento das próprias capacidades de superação e um enfraquecimento do protagonismo na transformação social. Levado ao extremo, o idealismo e a ingenuidade são criticados e catalogados, por alguns pastoralistas, como espiritualistas, desencarnadas ou alienantes.

Existem outros riscos: o de promover grupos com dificuldades de aceitar a vulnerabilidade própria ou de outras pessoas, sejam do tipo hiper-críticos, sejam demasiado perfeccionistas. As visões pessimistas motivam a submissão e a impotência diante da injustiça, do sofrimento ou da adversidade. Identificadas com uma postura vitimista, se acomodam e aceitam, com certa passividade e resignação, as situações negativas e os antivalores da sociedade. As visões que reforçam, demasiadamente, a visão do negativo e fomentam – querendo ou não - sentimentos de raiva, de rancor ou de vingança. Na gíria eclesial, este tipo de postura pode ser catalogada de ideológica ou politizada. Porém, não se deve confundir com visões críticas e proféticas que, revoltando-se contra, por exemplo, a injustiça, encaram a sua perspectiva de luta por uma transformação, sem excluir a proposição de ações construtivas.

Num contexto de Pastoral Juvenil, a perspectiva de leitura da própria vida e a interpretação dos fatos pessoais e sociais, a partir de uma visão cristã, precisa ser integral,

³⁵¹ MUNIST, 2001, p. 71.

³⁵² FORÉS, 2008, p. 96.

³⁵³ VANISTENDAEL ; LECOMTE, 2002a, p. 17-25.

reflexiva e positiva, sem ser ingênua nem hipercrítica, mas sim realista e aberta à esperança da transformação, segundo os critérios do Evangelho. Os bispos brasileiros consideram que é importante acompanhar o jovem a desenvolver os diferentes aspectos promovidos através da formação integral³⁵⁴, evitando o risco de reduzir a fé a uma perspectiva “psicologizante, espiritualista, ou politizante”, dando elementos para que os jovens possam ser capazes de “discernir, criticamente, ideologias e propostas religiosas que tentam reduzir ou instrumentalizar a fé”³⁵⁵.

Repensar o trabalho pastoral com a juventude, desde o paradigma da resiliência, leva ao desafio de aprofundar o conceito, a sua aplicação através de formas concretas e adequadas para cada caso ou grupo, assim como as suas implicações éticas tanto pessoais quanto coletivas³⁵⁶. Mesmo constatando, em pesquisas científicas, a correlação positiva entre a espiritualidade e a resiliência, Vanistendael sugere ter prudência na hora de afirmar este correlato quando se trata de uma fé “sectária” porque, caso induza à violência contra si ou contra outros, esse tipo de espiritualidade ou crença religiosa não poderá se considerar promotora de resiliência, já que a resiliência é necessariamente um “processo de crescimento da vida”³⁵⁷. A religiosidade/espiritualidade não pode ser associada a processos de resiliência quando há fanatismos³⁵⁸, já que o dogmatismo, o sectarismo e o integrismo são contrários à resiliência³⁵⁹.

Segundo Velasco, a identidade católica é gerada e cresce na relação e no diálogo com os outros, e inclui a presença de “rupturas instauradoras”. O temor de perder a própria identidade pode seguir caminhos diferentes. Um caminho é o “isolamento por medo da dissolução da identidade no contato com o outro e, como defesa, uma multiplicação de normas e recursos para ficar isolado. O outro é o “isolamento agressivo e polêmico” que leva à negação e à tentativa de eliminação do diferente, próprio das posturas fundamentalistas e dos grupos sectários. Os traços sectários não se identificam sempre, nem exclusivamente, com as religiões que não são oficiais, chamadas seitas, em contextos cristãos. Observam-se comportamentos sectários, também, em alguns grupos de jovens católicos que se isolam, criticam duramente aqueles que pensam diferente ou se valem de metodologias contrárias à

³⁵⁴ CNBB, 2007, p. 62-92. Por formação integral, entendem-se cinco dimensões que correspondem a cinco processos: psico-afetiva (processo de personalização), psico-social (processo de integração), mística (processo teológico-espiritual), sócio-político-ecológica (processo de participação-conscientização) e capacitação (processo metodológico).

³⁵⁵ CNBB, 2007, p. 10-49.

³⁵⁶ MANCIAUX, 2003a, p. 14.

³⁵⁷ *processus de croissance de la vie* (tradução nossa). VANISTENDAEL, 2005, p. 11-12.

³⁵⁸ MARQUES; DELL’AGLIO, 2009, p. 13.

³⁵⁹ TOMKIEWICZ, 2003, p. 299.

liberdade para impor seus princípios e, até, alienam as pessoas num conformismo e submissão diante das adversidades pessoais ou sociais (injustiça, pobreza, violência, etc.) que as impedem de progredir humanamente. Assim sendo, a crença religiosa “pode reforçar as pessoas na miséria se ela se torna um sistema rígido que se debruça sobre si própria, justificando-se através de Deus”³⁶⁰. Contrariamente, as estratégias que mobilizam o processo resiliente produzem frutos de liberdade interior e suscitam responsabilidade e respeito pelo diferente.

Mesmo que, para várias pessoas, a religiosidade/espiritualidade traz um sentido para viver e trans-significar positivamente a vida e as situações adversas, segundo Velasco, para outras, as crenças e as práticas católicas não se percebem como algo valioso e estimável, porque se associam a situações em que foram utilizadas para justificar injustiças, violências ou outras experiências negativas. Em outros casos, o rechaço se dá por terem sido apresentadas como incompatíveis com a liberdade, a felicidade e a realização humana. O autor critica as propostas pastorais centradas no medo e nos perigos, além de salientar que a fé cristã deve ser apresentada como um convite, sem imposição, nem a partir de uma atitude de indiferença, simplesmente, para cumprir com o dever. A transmissão da fé precisa ser feita com modéstia e sem ostentação, com autoridade, ousadia e confiança³⁶¹.

Finalmente, há um desafio relacionado à forma de entender teologicamente e de se posicionar perante a vida e a morte, o bem e o mal, o sofrimento e a sua superação, no presente e no futuro. Vanistendael considera que a resiliência é “a prefiguração mais natural da dinâmica da cruz”, visto que a possibilidade de superação de situações adversas e traumáticas é uma experiência de muitos seres humanos que conseguem perseverar e crescer positivamente apesar de episódios dolorosos³⁶². Essa transformação pode ser comparada ao dinamismo pascal de morte e ressurreição³⁶³, que possibilita passar de situações de violência e injustiça a atitudes de perdão e de paz, “de condições de vida menos humanas, a mais humanas”³⁶⁴.

A partir de todas estas considerações, poderia afirmar-se que, com relação ao paradigma da resiliência, a chave hermêutica de leitura seria a Teologia da Ressurreição, não havendo contradição entre o compromisso com a vida e as realidades presentes e a esperança

³⁶⁰ *peut enfoncer les gens dans leur misère si elle devient un système rigide qui se replie sur lui-même, en se justifiant à travers Dieu* (tradução nossa). VANISTENDAEL, 2005, p. 11-12.

³⁶¹ VELASCO, 2002, p. 103-111.

³⁶² VANISTENDAEL, 1995, p. 35-37.

³⁶³ VANISTENDAEL, Stefan. La resiliencia en los niños. *La infancia en el mundo*. Familia y resiliencia en el niño. Montevideo: Oficina Internacional Católica de la Infancia - BICE, v. 5, n. 3, p. 1-55, 1994, p. 5.

³⁶⁴ *de condiciones de vida menos humanas, a condiciones más humanas* (tradução nossa). PABLO VI. *Populorum progressio*. Carta Encíclica del Papa Pablo VI. 9. ed. Buenos Aires: Paulinas, 1986. p. 16.

nas realidades futuras. A resiliência é um processo contínuo de criação e transformação, uma experiência de crescimento positivo, mesmo quando tudo parece perdido³⁶⁵. Por isso, é possível afirmar que o trabalho pastoral com a juventude, assumido desde a ótica da resiliência, encontra inspiração e força na experiência do Cristo Crucificado e Ressuscitado, pois a existência e os esforços por uma transformação positiva, e até as dores do cristão, no dia-a-dia, se fundamentam em uma mística e em uma esperança maior: a Vida tem a última palavra.

Tendo esboçado, do ponto de vista teórico, algumas características da religiosidade/espiritualidade contemporânea e tendo vinculado alguns elementos da literatura pastoral com a literatura sobre resiliência, continuar-se-á o estudo da temática a partir das contribuições da pesquisa de campo, aplicada a jovens de São Leopoldo/RS.

³⁶⁵ VANISTENDAEL, 1995, p. 36-37.

3 PESQUISA DE CAMPO

3.1 Descrição

3.1.1 Pesquisa qualitativa - Entrevista semi-estruturada

Para estudar o papel da espiritualidade e das propostas pastorais da Igreja Católica na promoção da resiliência, optou-se por realizar uma pesquisa qualitativa, considerando que o que se pretende é interpretar a realidade vivencial a partir de categorias enucleadoras de significado, típicas do grupo escolhido: jovens de 18 a 29 anos. O método qualitativo permite atingir o segmento claramente identificado no qual se investigam, em profundidade, algumas questões³⁶⁶. Mais precisamente, aprofundam-se as “compreensões subjetivas” dos jovens “a respeito de sua vida diária”, as suas vivências, os significados e os recursos que eles encontram perante situações críticas ou traumáticas³⁶⁷. Para Gaskell, a entrevista qualitativa busca “a compreensão detalhada das crenças, atitudes, valores e motivações, em relação aos comportamentos das pessoas em contextos sociais específicos”³⁶⁸. A pesquisa realizada, por ser de tipo qualitativo, não tem a intenção de universalizar os resultados alcançados; apenas possibilitar analogias com os indivíduos que pertencem ao mesmo universo cultural, possibilitando uma reflexão que ilumine a prática pastoral católica com juventude. Segundo VÍCTORA, os métodos quantitativos e qualitativos, sendo diferentes, não são excludentes porque “colocam-se questões diversas, baseadas em construções teórico-metodológicas com princípios diferenciados”³⁶⁹.

Para realizar a coleta de dados escolheu-se a técnica de entrevista individual semi-estruturada³⁷⁰. Para Gaskell, a entrevista é uma técnica interativa que possibilita uma estreita relação entre duas pessoas, já que “fornece os dados básicos para o desenvolvimento e a compreensão das relações entre os atores sociais e sua situação”³⁷¹. Segundo Bogdan, “a entrevista é utilizada para recolher dados descritivos na linguagem do próprio sujeito,

³⁶⁶ VÍCTORA, Ceres Gomes; KNAUTH, Daniela Ríva; HASSEN, María de Nazareth Agra. *Pesquisa qualitativa em saúde: uma introdução ao tema*. Porto Alegre: Tomo, 2000. p. 40.

³⁶⁷ POPE, Catherine; MAYS, Nicholas. *Pesquisa qualitativa na atenção à saúde*. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2005. p. 17.

³⁶⁸ GASKELL, George. Entrevistas individuais e grupais. In: BAUER, Martin W; GASKELL, George. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som*. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 65.

³⁶⁹ VÍCTORA, 2000, p. 40.

³⁷⁰ BAUER, Martin W; GASKELL, George. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som*. Petrópolis: Vozes, 2003. p. 64.

³⁷¹ GASKELL, 2000, p. 65.

permitindo ao investigador desenvolver intuitivamente uma ideia sobre a maneira como os sujeitos interpretam aspectos do mundo”³⁷². Para Alves-Mazzotti e Gewandszajder, a entrevista visa “compreender o significado atribuído pelos sujeitos a eventos, situações, processos ou personagens que fazem parte de sua vida cotidiana”³⁷³.

Pope e Mays classificam as entrevistas segundo três tipos: entrevista estruturada, geralmente com um questionário estruturado; a entrevista semi-estruturada, com perguntas abertas; e a entrevista em profundidade, com perguntas que se baseiam no que o entrevistado diz e que cobre, em detalhe, um ou dois assuntos. As entrevistas semi-estruturadas possuem uma “estrutura solta”, consistindo em questões abertas que definem a área a ser explorada e que possibilitam “prosseguir com uma ideia ou uma resposta em maiores detalhes”³⁷⁴.

Para Flick, uma característica própria da entrevista semi-estruturada é que “questões mais ou menos abertas sejam levadas à situação de entrevista na forma de um guia de entrevista. Espera-se que essas questões sejam livremente respondidas pelo entrevistado”³⁷⁵. Alguns autores utilizam o termo “entrevista parcialmente padronizada” para referir-se ao manejo flexível da apresentação dos tópicos correspondentes ao guia da entrevista, para favorecer a abertura à forma própria do entrevistado, porém deixando a possibilidade de que ele verbalize, também, outros tópicos que ele considere relevantes³⁷⁶. A escolha desta metodologia, estruturada só parcialmente em elemento de um tópico guia, responde a que “é mais provável que os pontos de vista dos sujeitos entrevistados sejam expressos em uma situação de entrevista com um planejamento relativamente aberto do que em uma entrevista padronizada ou em um questionário”³⁷⁷.

Para a coleta de dados, os elementos principais do roteiro³⁷⁸ a pesquisar nas entrevistas semi-estruturadas estão delineados conforme um tópico guia³⁷⁹, que possibilite cobrir os temas e problemas centrais. Visto que o objetivo desta pesquisa é observar as contribuições da religiosidade/espiritualidade e da Pastoral católicas na promoção da resiliência, na juventude de 18 a 29 anos, estudar-se-ão os elementos principais do roteiro, delineados conforme o tópico guia, a fim de investigar nos jovens entrevistados:

³⁷² BOGDAN, Robert C., BIKLEN, Sari Knop. *Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora, 1994. p. 134.

³⁷³ ALVEZ-MAZZOTTI, Alda Judith; GEWANDSZNAJDER, Fernando. *O método nas ciências naturais e sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa*. 2. ed. São Paulo: Pionera Thompson Learning, 2004. p. 168.

³⁷⁴ POPE; MAYS, 2005, p. 21-22.

³⁷⁵ FLICK, Uwe. *Uma introdução à Pesquisa Qualitativa*. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2004. p. 106.

³⁷⁶ FLICK, 2004, p. 106.

³⁷⁷ FLICK, 2004, p. 106.

³⁷⁸ MINAYO, Maria Cecília de Souza. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 7. ed. São Paulo: Hucitec; Abrasco, 1992. p. 99-100.

³⁷⁹ GASKELL, 2000.

1. As situações adversas ou traumáticas que mais fizeram sofrer ao entrevistado na sua juventude.

2. a) As pessoas e/ou grupos que foram mais significativos para superar as situações adversas ou traumáticas; e b) as aptidões, competências ou disposições pessoais que mais o ajudaram para superar.

3. a) As crenças, vivências ou práticas na área da religiosidade/espiritualidade que o ajudaram para a superação da situação adversa ou traumática; b) as pessoas de Igreja (pares ou lideranças) e grupos religiosos que foram significativos para a superação da situação adversa ou traumática; c) os elementos que o atrapalharam para superar essas situações difíceis e sofridas.

Quanto à situação traumática ou aos episódios adversos e sofridos que o entrevistado tenha padecido, basta que ele mencione à entrevistadora qual foi a situação adversa vivida ou as situações a que ele se refere, mas sem ser interrogado por demasiadas descrições ou detalhes. Para os fins deste estudo, é suficiente que a entrevistadora entenda de qual situação crítica o entrevistado está falando. Caso o entrevistado deseje explicitar o contexto ou outros detalhes da situação adversa ou do sofrimento padecido, a entrevistadora acolherá a sua fala, respeitando a sua necessidade. Porém, sem esquecer que se trata de um contexto de pesquisa e não de um contexto terapêutico.

3.1.2 Delimitação do universo empírico

Para delimitar exatamente o grupo de pessoas que iriam compor o “universo empírico”³⁸⁰ da pesquisa, foi preciso definir e estabelecer critérios claros em consonância com o objeto de investigação³⁸¹. Ao longo do processo de discernimento desses critérios surgiram diversas perguntas, limitações e dificuldades, em torno da escolha e da decisão de como delimitar esse universo empírico para garantir a cientificidade dos resultados. Em primeiro lugar, as restrições de tempo para o desenvolvimento da pesquisa, assim como a ausência de recursos para contar com colaboradores na coleta de dados e na transcrição das entrevistas. Em segundo lugar, perguntou-se pela seleção e pela convocatória dos participantes de forma que garantisse ter critérios suficientemente objetivos para atingir a neutralidade e os objetivos da pesquisa. Os critérios escolhidos foram os seguintes: jovens de 18 a 29 anos; que tenham passado por alguma situação traumática; com alta resiliência; católicos.

³⁸⁰ VÍCTORA, 2000, p. 50.

³⁸¹ VÍCTORA, 2000, p. 50-51.

A delimitação da faixa etária resultou num critério facilmente delimitável e atingível, isto é, homens e mulheres, de 18 a 29 anos. Para estabelecer o segundo critério, em relação a ter passado por pelo menos uma situação traumática, achou-se oportuno definir o que se entende por situação traumática, neste estudo: falecimentos, acidente, diagnóstico de doença grave dele ou de alguma pessoa significativa para o jovem, violência familiar, física ou moral, uma situação-limite ou outra experiência desfavorável importante.

Sendo que o interesse da investigação é ver a relevância, ou não, da espiritualidade e das propostas pastorais católicas para a promoção da resiliência, o primeiro desafio foi como entrevistar jovens que tenham manifestado alta resiliência, avaliada com critérios objetivos e científicos. Considerando que os estudos sobre resiliência são relativamente novos no Brasil e que ainda há pouca pesquisa de campo no assunto, procurou-se saber que banco de dados, com pesquisa sobre resiliência, estaria acessível e que colocasse à disposição as informações. Segundo as informações obtidas, houve duas pesquisas quantitativas aplicadas nos últimos anos, em contextos brasileiros: uma no Rio de Janeiro³⁸², e outra, intitulada: “*Um estudo exploratório do capital social na população de São Leopoldo - RS*”. Ambas mediram a resiliência com a escala criada por Wagnild & Young em 1993, validada para a língua portuguesa por Pesce *et al.* em 2005, e que consta de 25 itens descritos de forma positiva, com respostas tipo Likert, que variam de 1 (desacordo total) a 5 (acordo total)³⁸³. A pesquisa de São Leopoldo é um estudo transversal de base populacional. Os dados individuais foram coletados, entre junho de 2006 e dezembro de 2007, através de entrevistas estruturadas, mediante um questionário padronizado e pré-codificado de 89 itens, em relação a 20 temas³⁸⁴. O questionário intitulado “*Cooperação e Solidariedade*” foi aplicado a uma amostra aleatória de 1094 adultos de 18 a 90 anos de idade, responsáveis de domicílios da área urbana do Município de São Leopoldo/RS. O responsável da pesquisa foi o Prof. Dr. Marcos Pascoal Pattussi.

³⁸² Estudo com 1923 adolescentes escolares de 11 a 19 anos, residentes em um município de classe popular do Estado de Rio de Janeiro. ASSIS, Simone Gonçalves de; PESCE, Renata Pires; AVANCI, Joviana Quintes. *Resiliência*. Enfatizando a proteção dos adolescentes. Porto Alegre: Artmed, 2006.

³⁸³ Os escores da escala oscilam de 25 a 125 pontos, com valores altos indicando elevada resiliência. Com base nos quartis da distribuição dos dados esta variável foi categorizada em alta (25% escores mais elevados), moderada (50% escores intermediários) e baixa resiliência (25% escores menores).

³⁸⁴ Dados gerais e demográficos; qualidade de vida; saúde; SRQ saúde pessoal; estresse; acesso a serviço de saúde e doenças referidas; peso e altura; hábitos alimentares; atividades físicas, hábito de fumar; consumo de álcool; saúde bucal; senso de coerência; apoio social; resiliência; espiritualidade; participação em grupos; senso de comunidade; capital social; e aspectos socioeconômicos.

Para atingir jovens brasileiros com alta resiliência, considerou-se oportuno escolher, como universo empírico, alguns dentre os participantes da pesquisa do Município de São Leopoldo/RS, por três motivos principais:

Em primeiro lugar, considera-se importante a sua familiaridade com a pesquisa da Unisinos, por fazer parte de um grupo multidisciplinar integrado por professores do PPG de Saúde Coletiva e do PPG de Psicologia, da Unisinos, focado no estudo da resiliência e da análise dos dados dessa pesquisa.

Em segundo lugar, São Leopoldo é uma cidade de médio porte do Sul do Brasil, onde se encontram o lugar de estudo (Escola Superior de Teologia), de trabalho (Unisinos) e de pastoral da pesquisadora, além de que existem já pesquisas recentes sobre juventude na Região do Vale dos Sinos.

O terceiro e último elemento que motivou a seleção de entrevistados a partir da base de dados da pesquisa de capital social da Unisinos refere-se à importância de novas pesquisas qualitativas que vão surgindo a partir dos resultados, questionamentos e novas questões que merecem ser investigadas e aprofundadas mediante recortes específicos após uma pesquisa quantitativa. Estes novos estudos podem ser totalmente originais e, às vezes, sem mais vínculo que algum ponto específico da base de dados para selecionar candidatos para a coleta de dados da nova pesquisa³⁸⁵. Por todos estes motivos, os jovens com alta resiliência foram selecionados a partir das informações da base de dados da pesquisa: *“Um estudo exploratório do capital social na população de São Leopoldo - RS”*.

Conforme os estudos sobre religiosidade/espiritualidade, na atualidade, há um número considerável de jovens que se autodefinem como católicos, porém não participam das atividades, celebrações ou grupos de Igreja. Considerando que importa investigar tanto os elementos, as propostas e as iniciativas da Igreja Católica que ajudam, mas também as que não respondem à promoção da resiliência dos jovens de 18 a 29 anos, optou-se por convocar, para a pesquisa, jovens que se autodefinem como católicos, porém deixando aberta a possibilidade de entrevistar:

³⁸⁵ No caso da pesquisa quantitativa: *“Um estudo exploratório do capital social na população de São Leopoldo - RS”*, houve já 06 dissertações de Mestrado em Saúde Coletiva, algumas em andamento, baseadas em algum recorte dessa pesquisa que investigam, no total, sobre 20 temas: dados gerais e demográficos; qualidade de vida; saúde; SRQ saúde pessoal; estresse; acesso a serviço de saúde e doenças referidas; peso e altura; hábitos alimentares; atividades físicas, hábito de fumar; consumo de álcool; saúde bucal; senso de coerência; apoio social; resiliência; espiritualidade; participação em grupos; senso de comunidade; capital social; e aspectos socioeconômicos. Para a pesquisa qualitativa deste Doutorado em Teologia Prática, intitulada *“As contribuições da religiosidade/espiritualidade e da pastoral católicas no desenvolvimento da resiliência, em jovens de 18 a 29 anos”*, existe a carta-documento com a autorização do Prof. Dr. Marcos Pattussi para aceder ao banco de dados e aos questionários aplicados, para que a autora selecione os candidatos para a sua pesquisa sobre juventude e resiliência.

- tanto aqueles que estiveram engajados na participação na vida e nas atividades da Igreja e que hoje estão afastados totalmente, mesmo se ainda eles se consideram católicos,
- como aqueles que se dizem “crentes”, mas “não praticantes”,
- ou aqueles que só esporadicamente participam de alguma celebração religiosa ou outras iniciativas pastorais,
- quanto aqueles que estão participando, com menor ou maior grau de engajamento, em uma ou mais atividades e serviços (catequese, animação, liturgia, etc.) seja nas pastorais (juvenil, social, carcerária, missionária, etc.) da paróquia, da instituição católica (escola, universidade, etc.), seja do movimento de leigos, movimento de jovens ou outro tipo de grupo mixto (de oração, de pastoral, voluntariado, etc.).

Um desafio do projeto referiu-se a como atingir o universo empírico desejado, garantindo um critério de escolha e de convocatória dos entrevistados, sem risco de viciar os resultados. Por falta de outra proposta melhor de contato e convocatória, no início, pensou-se em escolher jovens, representantes de uns poucos grupos e movimentos católicos diferentes, indicados por assessores católicos. Porém, esse critério foi descartado pelo risco de uma possível manipulação de resultados. Seria consideravelmente difícil não induzir, mesmo que inconscientemente, respostas quando quem seleciona e indica para a pesquisa é, para esse jovem escolhido, uma pessoa significativamente engajada na Igreja (assessor, superior religioso ou liderança católica). Por outro lado, poder-se-ia supor que alguém com responsabilidades de serviço na vida da comunidade católica, normalmente, convidasse jovens simpatizantes ou já engajados na vida de fé.

Como terceiro aspecto, pelo envolvimento público que a pesquisadora tem como consagrada e missionária católica e pela sua trajetória de assessoria a grupos de jovens, paróquias e congregações, caso os jovens fossem convocados através de assessores de Pastoral ou outras pessoas engajadas na Igreja, os resultados poderiam ser tendenciosos, já que os entrevistados, consciente ou inconscientemente, poderiam não responder como diante de “um observador imparcial”³⁸⁶. Para Bogdan, se os entrevistados consideram o entrevistador “como uma pessoa que representa determinada corrente de opinião e determinados interesses [...], podem não se sentir à vontade para falar despreocupadamente, como o fariam com outro investigador”³⁸⁷. Por mais um motivo, o critério para atingir o universo empírico através dos assessores católicos foi descartado.

³⁸⁶ BOGDAN, 1994, p. 86.

³⁸⁷ BOGDAN, 1994, p. 86-87.

Em definitivo, para poder abranger um universo empírico com possibilidade de integrar jovens engajados em diferentes grupos ou movimentos católicos, jovens com experiência em diferentes propostas e até jovens que se definem como católicos, mas que não participam nas propostas pastorais da Igreja e, por sua vez, cuidando de evitar a manipulação dos dados, preferiu-se selecionar entrevistados da pesquisa da Unisinos e que marcaram a opção “católico” na pergunta sobre a sua religião”³⁸⁸.

Já no Seminário de Pesquisa do Mestrado, surgiu a ideia de fazer uma pesquisa estudando os elementos que contribuem ou atrapalham na promoção da resiliência em jovens que aderem às diferentes propostas, formas e estilos de grupos, movimentos e famílias religiosas, da Igreja Católica³⁸⁹. Mesmo sabendo da grande contribuição que poderia trazer um estudo com todos os tipos de grupos ou de escolher alguns e compará-los, tratar-se-ia de um número demasiado grande, impossível de abranger porque implicaria um investimento de tempo e de recursos humanos e financeiros superiores aos disponíveis para esta pesquisa de Doutorado. Para Turato, em pesquisas qualitativas não se deve definir *a priori* o número de sujeitos a serem entrevistados. “Somente [...] estando ao final da coleta de dados, é que o pesquisador poderá saber quantos casos acabaram por ser incluídos”³⁹⁰. Para Bogdan, o número de entrevistados poderá ir aumentando enquanto continuarem aparecendo novos elementos. Para definir exatamente o número final, utilizar-se-á o critério de “saturação de dados”, entendido como “o ponto de recolha de dados a partir do qual a aquisição de informação se torne redundante”³⁹¹. Segundo VÍCTORA, quando começa a “recorrência dos dados, isto é, aquele momento no qual a busca de novos sujeitos não acrescenta mais nenhum dado novo à investigação”³⁹², não se deve continuar a coleta. Na mesma linha, Alvez-Mazzotti e Gewandsznajder salientam que há um “ponto de redundância” em que “o surgimento de novos dados vai ficando cada vez mais raro” e que indicaria que é o momento

³⁸⁸ Questão nº 62. Qual sua religião? 1. Católico; 2. Evangélica/Pentecostais; 3. Espírita; 4. Protestante tradicional; 5. Candomblé/Umbanda; 6. Religiões Orientais; 7. Ateu; 8. Sem religião; 9. Outra.

³⁸⁹ Só no Brasil existem cinco tipos de grupos provindos: 1) das Pastorais de Juventude: PJ (comunidades); PJE (estudantil); PJR (rural); PJMP (meio popular); PV (vocacional); 2) das Congregações Religiosas (Maristas, Salesianos, Lasallistas, Irmãs Escolares, Josefinos, Franciscanos, etc.) ou de outras Famílias Religiosas (Movimento Schoenstatt); 3) de Movimentos como: Opus Dei, Comunhão e Libertação, Focolares, Movimento Carismático; 4) grupos com metodologia do Cursilho de Cristandade (CLJ, Emaús e Onda) e outros semelhantes (TLC, Shalom, etc.); e 5) os grupos sem nenhuma articulação nem com movimentos nem com pastorais, funcionando nas comunidades.

³⁹⁰ TURATO, Egberto Ribeiro. *Tratado de metodologia da pesquisa clínica-qualitativa: construção teórico-epistemológica, discussão comparada e aplicação nas áreas da saúde e humanas*. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. p. 359-361.

³⁹¹ BOGDAN, 1994, p. 96.

³⁹² VÍCTORA, 2000, p. 51.

de “encerramento da coleta”³⁹³. Por isso, para que a coleta de dados esteja conforme aos objetivos do estudo e restrita a um número manejável e possível dentro das condições de tempo, o número de pessoas entrevistadas foi estipulado em um mínimo de oito, sendo que, mesmo se os dados não se repetirem, o número de entrevistados nunca ultrapassará um número máximo de doze pessoas (além da entrevista piloto).

3.1.3 Procedimentos metodológicos

Antes de realizar a pesquisa propriamente dita, fez-se uma entrevista piloto com uma pessoa para testar a metodologia. Não foram feitas mudanças, pois não houve necessidade de ajuste na metodologia para a realização do projeto definitivo.

Os entrevistados foram contactados por telefone, a fim de serem informados desta pesquisa e convidados a participarem. Quando os telefones não estavam atualizados, eles foram procurados nas próprias residências. Deixou-se claro que eles tinham sido selecionados a partir do banco de dados da pesquisa “*Um estudo exploratório do capital social na população de São Leopoldo – RS*”, realizada pela Unisinos, e que, agora, estavam sendo convidados para participar de uma nova pesquisa diferente, aprovada pela Escola Superior de Teologia, de São Leopoldo, uma pesquisa que faz parte de uma tese de Doutorado, que investiga juventude.

Uma vez que cada candidato aceitou participar, combinou-se o dia, o horário e o local da entrevista, priorizando a conveniência dele³⁹⁴. Quanto ao local onde se realizou a entrevista, considerando que a escolha se deve dar em função de obter “as melhores condições de explicitação da temática de investigação”³⁹⁵, foi a própria residência do entrevistado ou um outro lugar pertinente, combinado previamente entre ambos.

No início da entrevista, cada entrevistado foi informado do objetivo da pesquisa. Eles assinaram um *Termo de Consentimento Livre e Esclarecido*, aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da EST, no qual estavam escritos os fins da pesquisa, informando que os dados têm caráter confidencial, isto é, que a identidade dos informantes não seria revelada. Informou-se, também, que os dados seriam usados somente para fins da pesquisa e não para qualquer outro fim. Cada entrevista durou entre meia hora e uma hora e quinze minutos. Não houve necessidade de uma segunda entrevista.

³⁹³ ALVEZ-MAZZOTTI; GEWANDSZNAJDER, 2004, p. 163.

³⁹⁴ POPE; MAYS, 2005, p. 28.

³⁹⁵ VÍCTORA, 2000, p. 50.

Os entrevistados foram avisados de que a entrevista seria gravada em fita de áudio e gravador digital e cuidou-se, no início, de estabelecer um bom rapport. Isto é, “pôr o sujeito à vontade” para que ele pudesse “falar livremente sobre os seus pontos de vista”³⁹⁶. Para isso, como afirma Bogdan, foi importante respeitar os silêncios, propiciar um clima de confiança, para que o entrevistado pudesse expressar com liberdade o que pensa e sente e que o investigador pudesse entender seu ponto de vista. Criando uma atmosfera que propiciasse que o jovem se sentisse à vontade, tentou-se favorecer uma descrição mais minuciosa dos aspectos que interessavam ao estudo. Por outro lado, procurou-se fazer perguntas de forma que motivassem uma descrição e não, simplesmente, uma resposta afirmativa ou negativa³⁹⁷. Esta observação tem especial relevância, pois a temática abordada está relacionada a momentos críticos ou traumáticos do entrevistado, pelo que era importante ser cautelosa para que a pessoa se sentisse acolhida e nunca constrangida, diminuída ou avaliada ao falar de elementos vinculados a episódios adversos ou dolorosos³⁹⁸.

Considerando que não se tratava de um estudo amplo, com muitas entrevistas abertas, mas de uma só entrevista semi-estruturada, foi necessário respeitar os tópicos, sendo flexível, por sua vez, tentando adequar as perguntas ao contexto para que o entrevistado conseguisse “responder à situação imediata”, tanto para clarificar mais o tema, quanto para não fugir demasiado dos tópicos escolhidos para a pesquisa, contudo sem considerar o roteiro de perguntas como um “conjunto de procedimentos ou estereótipos predeterminados”³⁹⁹.

Patton afirma que as boas perguntas são “abertas, neutras, sensíveis e claras para o entrevistado”⁴⁰⁰. Seguindo Pope, tanto o vocabulário para formulá-las como a ordem para abordar os tópicos variou conforme o que se considerou mais adequado para que o entrevistado explicitasse melhor suas vivências e sentidos⁴⁰¹. Seguiu-se a recomendação de Szymanski de utilizar as próprias palavras e o tipo de expressões do entrevistado⁴⁰².

Quanto à compreensão das respostas, o entrevistador não deve supor o significado do entrevistado, mas confirmar que entendeu o sentido da sua fala⁴⁰³. Quando foi preciso, para garantir a compreensão das falas, a entrevistadora interveio em vistas a pedir esclarecimentos,

³⁹⁶ BOGDAN, 1994, p. 135-136.

³⁹⁷ BOGDAN, 1994, p. 136.

³⁹⁸ BOGDAN, 1994, p. 137-138.

³⁹⁹ BOGDAN, 1994, p. 137.

⁴⁰⁰ PATTON apud POPE; MAYS, 2005, p. 23-24.

⁴⁰¹ POPE; MAYS, 2005, p. 24.

⁴⁰² SZYMANSKI, Heloisa (Org.). *A entrevista na pesquisa em Educação: a prática reflexiva*. 2. ed. Brasília: Liber, 2008. (Série Pesquisa v. 4). p. 44.

⁴⁰³ POPE; MAYS, 2005, p. 23-24.

questões focalizadoras ou aprofundamentos, assim como para oferecer sínteses⁴⁰⁴. Ao finalizar a entrevista, conforme a sugestão de Gaskell, perguntou-se ao jovem se gostaria de dizer mais alguma coisa e se agradeceu pela sua contribuição⁴⁰⁵.

Referente ao roteiro da entrevista, propuseram-se as questões centrais que definissem as áreas a serem cobertas, compreendidas em três tópicos fundamentais, de acordo com os objetivos do estudo⁴⁰⁶:

1. Nomear as situações adversas ou traumáticas que mais fizeram sofrer ao entrevistado na sua juventude.

2. Identificar:

a) as pessoas e/ou grupos que foram mais significativos para superar as situações adversas ou traumáticas; e

b) as aptidões, competências ou disposições pessoais que mais o ajudaram para superar.

3. Investigar:

a) se há crenças, vivências ou práticas na área da religiosidade/espiritualidade que o ajudaram para a superação da situação adversa ou traumática;

b) se há pessoas de Igreja (pares ou lideranças) e grupos religiosos que foram significativos para a superação da situação adversa ou traumática;

c) se há elementos que o atrapalharam para superar essas situações difíceis e sofridas.

A análise dos dados e a sua interpretação derivam, em grande parte, da matriz teórica da pesquisa. Nesta investigação utilizou-se a técnica de interpretação do conteúdo⁴⁰⁷, considerada mais adequada ao enfoque fenomenológico. Para VÍCTORA, a análise dos dados corresponde à interpretação dos eventos investigados na pesquisa⁴⁰⁸. As informações coletadas são, em geral, dados verbais de linguagem e dados não-verbais, visuais, que ajudam a esclarecer as falas. De fato, as análises usadas, em pesquisa qualitativa, têm muito a ver com a análise linguística, considerando os aspectos semânticos e pragmáticos da linguagem. Para Richardson, a análise de conteúdo se preocupa em “compreender melhor um discurso, de aprofundar suas características (gramaticais, fonológicas, cognitivas, ideológicas, etc.) e extrair os momentos mais importantes”⁴⁰⁹.

⁴⁰⁴ SZYMANSKI, 2008, p. 40.

⁴⁰⁵ GASKELL, 2000, p. 84.

⁴⁰⁶ POPE; MAYS, 2005, p. 24.

⁴⁰⁷ BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1979.

⁴⁰⁸ VÍCTORA, 2000, p. 38.

⁴⁰⁹ RICHARDSON, Roberto Jarry et al. *Pesquisa social: métodos e técnicas*. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2008, p. 224.

Segundo Bardin⁴¹⁰, a análise do conteúdo tenta conhecer aquilo que está por trás das palavras, isto é, o sentido expressivo das unidades linguísticas. Trata-se de um estudo do ponto de vista da semântica. Isto é, o estudo da língua com a busca descritiva, analítica e interpretativa do sentido⁴¹¹ que uma pessoa traz através das suas falas, gestos e silêncios. Pois, como afirma Franco, é preciso entender seu significado e seu sentido, dentro das “condições contextuais de seus produtores”, considerando que as expressões verbais estão “carregadas de componentes cognitivos, afetivos, valorativos e historicamente mutáveis”⁴¹².

Para Gaskell, existem diversos enfoques para realizar a análise de um *corpus* textual, com marco teórico, perguntas e estilo de interpretação diferentes. Em todos eles, o objetivo é “procurar sentidos e compreensão”, através da procura das funções e dos temas com conteúdo comum⁴¹³. O objetivo é chegar a inferências lógicas com base nas unidades de codificação ou de registro que organizam os dados coletados em categorias.

Quanto ao procedimento concreto de análise nesta pesquisa, considerando que todas as entrevistas e as suas transcrições seriam feitas pela pesquisadora, o primeiro passo para a análise foi a leitura e a releitura das falas transcritas dos entrevistados, empregando a técnica tradicional de sublinhar para destacar elementos do texto⁴¹⁴. Cabe salientar que as entrevistas foram transcritas literalmente tal como foram ditas e que as expressões ou frases citadas no estudo respeitam a pontuação e os eventuais erros gramaticais da fala dos entrevistados, mas os nomes são todos fictícios para preservar a confidencialidade.

Seguindo Richardson, a análise de conteúdo deve passar por três fases: uma primeira, de pré-análise (organização do material e leitura superficial do material); uma segunda, para a análise do material (codificação, categorização e quantificação da informação) e uma fase final dedicada ao tratamento dos resultados. A codificação deve responder aos critérios de objetividade, sistematização e generalização e ser realizada em três etapas: determinação das unidades de registro, numeração e categorias de análise.

A análise por categoria baseia-se na decodificação de um texto em diversos elementos, posteriormente classificados e agrupados. Utilizou-se a forma mais rápida e eficaz que, para Richardson, é a análise temática, que “consiste em isolar temas de um texto e extrair as partes utilizáveis, de acordo com o problema pesquisado, para permitir sua comparação com outros

⁴¹⁰ BARDIN, 1979, p. 41-44.

⁴¹¹ FRANCO, Maria Laura Puglisi Barbosa. *Análise de conteúdo*. Brasília: Plano, 2003.

⁴¹² FRANCO, 2003, p. 13.

⁴¹³ GASKELL, 2000, p. 84.

⁴¹⁴ GASKELL, 2000, p. 85-86.

textos escolhidos da mesma maneira”⁴¹⁵. Ele propõe duas maneiras: estabelecer o sistema de categorias previamente ou estabelecê-lo após a classificação dos dados⁴¹⁶. Primeiro pensou-se que as falas poderiam ser agrupadas em categorias estabelecidas *a priori*: classificando as respostas, conforme os elementos do tópico guia investigados. Porém, preferiu-se nuclear o material conforme as categorias que foram aparecendo, após a leitura das entrevistas transcritas⁴¹⁷.

O último passo é a interpretação dos dados, que foi começando junto com a análise, isto é, com a discussão surgida dos resultados da pesquisa.

3.2 Análise dos resultados

3.2.1 Dados gerais

Dos 1094 entrevistados da pesquisa “*Um estudo exploratório do capital social na população de São Leopoldo – RS*”, o número de jovens, de 18 a 29 anos, que participaram foram 247, sendo que 164 se autodefiniram como católicos. Dentre eles, 40 jovens resultaram ter alta resiliência. Como o questionário foi aplicado entre 2006 e 2007, no final de 2009, 15 entrevistados já tinham mais de 29 anos, pelo que foram descartados para a atual pesquisa de Doutorado. Dos restantes, vários tinham mudado de telefone e de casa, pelo que foi impossível contactá-los. Dos 17 candidatos possíveis, 02 homens tiveram incompatibilidade de horários no período das entrevistas e 02 mulheres não aceitaram participar. Pelo que, finalmente, o critério de escolha foi a seleção natural segundo a disponibilidade e a acessibilidade dos candidatos, sendo 13 os jovens participantes: 10 mulheres e 03 homens. O jovem participante na pesquisa piloto foi incluído na análise dos dados, por considerar-se importante incluir mais uma resposta masculina, visto que o número de homens entrevistados foi reduzido e porque não foi necessário realizar mudanças na metodologia prevista, após a aplicação da entrevista piloto.

⁴¹⁵ RICHARDSON, 2008, p. 243.

⁴¹⁶ RICHARDSON, 2008, p. 240.

⁴¹⁷ RICHARDSON, 2008, p. 240.

Quadro de dados gerais dos entrevistados

NOME	IDADE	ESTADO CIVIL	FILHOS	ESTUDO	TRABALHO
1. Alex	21	solteiro	sem filhos	universitário	Trabalha
2. Bianca	21	casada	um filho de quatro anos	não estuda	Trabalha
3. Deise	22	casada há um ano	sem filhos	fazendo prova Enem	trab. – auxil. adm.
4. Edgardo	22	solteiro	sem filhos	não perguntado	não pode trabalhar
5. Elena	27	casada aos 14 anos	dois filhos	estudos: sexta série	Trabalha
6. Evandra	23	solteira	uma filha de 26 meses	não estuda	trab. – auxil. adm.
7. Felipe	22	solteiro	sem filhos	universitário	não trabalha
8. Laura	22	solteira	sem filhos	universid.trancada	Trabalha
9. Alícia	25	casada aos 12 anos e separada duas vezes	grávida do 3º filho	não estuda	Desempregada
10. Rejane	28	casada	uma filha de três anos	não terminou o 2º ano	Trabalha
11. Mariana	29	casada aos 14 anos	três filhos	não estuda	trabalha – cabelereira.
12. Nicole	25	solteira	sem filhos	Universidade trancada	Desempregada
13. Thais	27	casada duas vezes	um filho de sete meses	estudos até o 1ºano	trabalha – vendas

A média de idade foi de 24 anos, sendo 06 solteiros, 05 casados, uma jovem separada e em segunda união, e uma outra separada duas vezes. 06 entrevistados não têm filhos, 04 têm um filho, uma jovem tem dois filhos e uma outra tem três. Dois participantes cursam universidade e dois outros ingressaram, mas não cursam atualmente por falta de recursos econômicos. Uma jovem acabava de apresentar-se na prova do Enem. Duas pessoas têm estudos incompletos; 05 não estão estudando atualmente e num dos casos foi omitido perguntar esse dado. Quanto à situação laboral, 04 pessoas não trabalham: um jovem de boas condições sociais; um outro, também homem, não trabalha por impossibilidade física e duas jovens se definem como desempregadas. 09 entrevistados trabalham, a maioria com grande carga horária e pouco salário.

Quadro de resultados segundo a categoria sofrimento

NOME	SOFRIMENTO (fator de risco, situação adversa ou traumática)
1. Alex	Morte da bisavó (figura materna) <i>“Cresci com ela... me ajudou a criar”</i> .
2. Bianca	Mãe assassinada pelo companheiro quando ela tinha 15 anos. Pai fumante, separado, ausente, morava longe.
3. Deise	Aos 12 anos seus pais se separaram; aos 15 anos morreu a avó (vivia ao lado); dificuldade para arrumar emprego por parecer muito nova (<i>“muito miudinha”</i>). Problemas no emprego: colocam uma pessoa em seu lugar e lhe oferecem a possibilidade de mudar de função ou ser demitida.
4. Edgardo	Sete cirurgias de cabeça por câncer no nervo ótico desde os 14 anos, perdeu um olho. Não pode trabalhar.
5. Elena	Pai alcólatra e violento, irmão e irmã do primeiro matrimônio da mãe envolvidos na droga; irmão assassinado. Pai com AVC (20 dias em coma), avó muito doente, filho com câncer no fígado desde um ano de vida. Problemas econômicos. Estudos incompletos.
6. Evandra	Acidente de moto em 2004, 04 meses sem caminhar. Gravidez não desejada em 2009, rejeição da família do namorado.
7. Felipe	Brigas com os pais, acidentes de carro por excesso de velocidade e álcool.
8. Laura	Quando tinha 11-12 anos, a mãe sofreu um acidente de carro e quebrou as duas pernas, ficando 06 meses acamada. Laura cuidou dela; o pai tinha uma amante e os abandonou: <i>“Ele acabou com a minha família”</i> ; <i>“Eu não tive adolescência”</i> . Com essa idade, uma noite o pai despertou Laura e seu irmão para que vissem a mãe bêbada, ameaçando tirar-se a vida. Nos últimos anos, houve brigas com a mãe e com o irmão, que resultou ser filho de um outro homem. Laura não manteve contato com o pai, até ele procurar a filha, depois de ter casado de novo e ter tido um outro filho. Ela interrompeu seus estudos universitários com bolsa, por necessidade de trabalhar.
9. Alícia	Separada duas vezes. Teve a primeira filha aos 15 anos (2001) e o segundo filho aos 17 anos. Os filhos moram, atualmente, com o pai deles. O pai da Laura faleceu de câncer em 2002, após um longo período de deterioramento. A mãe está com dificuldades para caminhar e seu irmão tem atraso mental desde o parto. Atualmente, ela está grávida do terceiro filho de um companheiro, casado com outra pessoa, que a abandonou ao saber da gravidez. Situação econômica de indigência. Não estuda e está desempregada.
10. Rejane	O pai morreu em duas semanas, por hepatite e tuberculose mal tratadas, em 2005.
11. Mariana	Pai alcoólatra e briguento, pais separados.
12. Nicole	Na juventude os pais se separaram. Em 2008, o ex-namorado <i>“quebrou a minha casa toda”</i> . Passou no vestibular, fez cursinhos, mas não consegue arrumar um trabalho que lhe possibilite pagar a Faculdade.
13. Thais	Separada e casada novamente. Criada pelos avôs paternos, junto da irmã gêmea. A mãe perdeu a filiação por maus-tratos nos primeiros meses de vida. O pai morreu quando elas tinham dois anos. Família de classe social baixa. Sofreu de preconceitos sociais por ser afro-descendente. <i>“Minha maior dor é essa aí, da traição”</i> .

Na primeira identificação de elementos comuns, os resultados foram codificados em dez categorias: 1) situação adversa ou traumática; 2) importância/ajuda da religiosidade/espiritualidade; 3) características da religiosidade/espiritualidade; 4) prática/participação na Igreja Católica; 5) pessoas ou grupos significativos; 6) aptidões, competências e outros elementos que o ajudam; 7) oração; 8) o que o atrapalha ou não ajuda, crítica; 9) falta de tempo; 10) atitudes após/altruísmo/solidariedade; 11) comentários positivos ou críticos da Igreja Católica; e 12) experiências em outras Igrejas não católicas.

Finalmente, as respostas dos entrevistados foram resumidas em quatro categorias, uma categoria relativa à situação dolorosa e três categorias relativas ao que mais o ajuda a superar situações adversas ou traumáticas:

- 1) sofrimento (fator de risco, situação adversa ou traumática);
- 2) pessoas/grupos significativos;
- 3) aptidões e competências pessoais;
- 4) religiosidade/espiritualidade.

Por sua vez, a última categoria foi dividida em cinco sub-categorias:

- a) crença em Deus;
- b) pertença religiosa e prática coletiva institucional;
- c) prática religiosa individual;
- d) participação e visão sobre a Igreja Católica; e
- e) visão sobre outras Igrejas.

Mesmo que para vários jovens a religiosidade/espiritualidade seja a ajuda descrita como principal, pela importância do tema dentro do estudo será analisada em último lugar.

3.2.2 Sofrimento (fator de risco, situação adversa ou traumática)

Perguntados sobre os sofrimentos na sua juventude, os entrevistados se referem a diferentes realidades que poderiam ser classificadas em três categorias: a) família; b) doença/morte (natural); e c) violência, sendo que algumas situações descritas poderiam se incluir em mais de uma categoria.

a) Família. Eles relatam o sofrimento ocasionado pela separação dos pais (Deise; Bianca; Mariana; Nicole; Laura); pela infidelidade do pai (Laura narra que o pai tinha uma amante quando a mãe esteve prostrada e os abandonou: “*Ele acabou com a minha família*”; “*Eu não tive adolescência*”); pela traição do marido que foi “*a maior dor*” (Thais) e pela separação do próprio marido ou companheiro (Thais; Alicia) e pela separação dos filhos

“eles foram morar com o pai deles [...] Não porque eu quis que eles fossem. Foi por escolha deles, por livre e espontânea vontade deles” (Alicia). Outras situações críticas relacionadas a problemáticas de família ou de casal são: uma gravidez não desejada com rejeição da família do namorado (Evandra); o abandono do companheiro ao saber que Alícia esperava um filho dele; o sofrimento ocasionado pelo pai descrito como fumante, separado da mãe, ausente e que morava longe (Bianca); e as brigas com os pais (Felipe). Vários entrevistados relatam as dificuldades econômicas da família e deles mesmos e as repercussões desta problemática que os levou a abandonar os estudos de segundo grau para trabalhar (Elena; Thais) ou a trancar a Faculdade, mesmo tendo bolsa, por necessidade de trabalhar para se sustentar (Laura); a necessidade de morar longe dos pais, em outra cidade, para arrumar um trabalho e tentar ir na Faculdade, porém, mesmo tendo passado no vestibular, não consegue um emprego que lhe possibilite pagar a Faculdade (Nicole); situação econômica de indigência (Alícia).

b) Doença/morte (natural): Edgardo teve sete cirurgias de cabeça por câncer no nervo óptico desde os 14 anos, perdeu um olho e não pode trabalhar; Mariana teve o filho com câncer no fígado desde um ano de vida, o pai com AVC (20 dias em coma) e a avó muito doente; Alícia tem um irmão com retardo mental desde o parto e a mãe com dificuldades para caminhar. O pai de Rejane morreu após duas semanas de hepatite e tuberculose mal tratadas; o pai de Thais morreu quando ela e a sua irmã gêmea tinham dois anos; Alícia relata o sofrimento pela morte do pai por câncer após um longo período de deterioramento; Deise fala da morte da avó; e Alex fala do sofrimento pela morte da bisavó.

c) Violência: Thais não conhece a mãe, pois a justiça separou ela e a sua irmã gêmea da mãe por maus-tratos nos primeiros meses de vida; Mariana e Elena falam da problemática do pai alcoólatra; Nicole padeceu violência de gênero e afirma que o ex-namorado “*quebrou a minha casa toda*”; a mãe de Bianca foi assassinada pelo companheiro; um meio irmão de Mariana, envolvido em drogas, foi assassinado. Deise sofreu discriminação racial e social por ser afro-descendente e pobre; e Deise relata a problemática de ser discriminada nos empregos por considerá-la “*muíto miudinha*”. Três entrevistados relatam situações críticas por causa de acidentes: Evandra ficou quatro meses sem caminhar por acidente de moto; Felipe sofreu um acidente de carro por excesso de velocidade e álcool; e Laura relata o sofrimento de ter cuidado da mãe com 11-12 anos de idade, acamada durante seis meses, após um acidente de carro no qual quebrou as duas pernas.

3.2.3 Pessoas/grupos significativos

Perguntados sobre o que os ajudou para superar situações adversas ou traumáticas, 12 entrevistados fazem menção, em primeiro lugar, a membros da família, considerando-os como as figuras mais significativas em momentos críticos ou de sofrimento. Em segundo lugar, referem-se a amigos, a outras pessoas ou a grupos. Os aspectos das pessoas e dos grupos que eles mais valorizam são: a) a presença; b) a união, o carinho, os gestos, a preocupação; c) a ajuda mediante a escuta, a conversa, dando força e apoio, mostrando o que não é bom.

3.2.3.1 Membros da família

12 entrevistados mencionam a importância dos pais, da família, dos parentes, dos irmãos e/ou dos filhos. Para Rejane: “*A família é tudo*”. A maioria, 09 em 13, menciona a importância da mãe. 07 jovens se referem à mãe biológica e as duas que carecem de mãe falam da namorada do pai que “*foi como uma mãe*” (Bianca) e da avó paterna (Thais) que foi quem a criou. 02 jovens homens destacam a influência positiva do pai (Alex e Edgardo) assim como uma das jovens (Evandra). Para Edgardo: “*Não tem ninguém além de pai e a mãe que ajuda a gente*” (Edgardo). Só na fala de um jovem (Felipe) não há menção espontânea a pessoas explicitamente significativas para superar as adversidades.

Quanto às entrevistadas que têm filhos, algumas fazem referência direta (Evandra; Alícia; Rejane) à importância deles para superar situações adversas e encontrar incentivo e sentido para a vida. Nas outras quatro jovens com filhos, pelos relatos pode-se inferir o importante papel dos filhos na vida dessas mães, porém, não foi verbalizado explicitamente como os filhos os ajudaram a superar situações críticas. Uma das possíveis explicações poderia ser que, em dois casos, a situação de sofrimento estava relacionada aos próprios filhos: gravidez inesperada com rejeição da família do namorado (Evandra) e o câncer do filho pequeno (Elena). No terceiro caso, a situação traumática aconteceu antes do filho ter nascido (Bianca).

Nas entrevistas aparecem poucas menções explícitas à contribuição da namorada ou do namorado, do companheiro ou do marido para a superação de alguma situação traumática. Uma jovem explica: “*eu faz 11 anos estou casada com meu marido e pretendo ficar até o resto da minha vida, né? Assim se Deus quiser. [...] para a gente ser um casal jovem passemos por tantas coisas ruins e tamos aí juntos. Tamos firmes e fortes, nos momentos tristes e nos momentos bons. Não desanimemos nunca*” (Elena). Uma jovem que teve um

namorado (15 anos mais velho que ela) fala da influência positiva dele e afirma: “*ele foi meu pai*” (Laura).

3.2.3.2 Outras pessoas

De 13 entrevistados, 12 mencionam outras pessoas fora da família como ajuda importante para superar situações adversas. Uma jovem, cuja mãe foi assassinada na sua adolescência, afirma: “*aos poucos vão entrando na minha vida pessoas especiais que parecem que preenchem aquele vazio. Eu acredito que é isso que me ajuda*” (Bianca).

Um número considerável de jovens, perguntado sobre o que os ajudou na hora do sofrimento, afirmam: “*as amigas*” (Bianca); “*os amigos*” (Alícia); “*a força dos amigos [e] das pessoas*” (Elena); ter “*bastantes amigas*” (Deise); os “*amigos de verdade*” (Edgardo). Algumas pessoas significativas são colegas de trabalho: “*a minha melhor amiga*” (Deise); os padrinhos da filha (Evandra); “*uma colega de trabalho que acho que foi que me salvou*” (Laura). Uma jovem relata a ajuda importante que é a sua amiga e colega de trabalho, que tem o mesmo nome dela, e a mãe o mesmo nome da sua falecida mãe, assim como da madrinha do filho: “*é como se a mãe tivesse mandado alguém para suprir o lugar dela*” (Bianca).

Há algumas menções a redes de apoio social. Quatro jovens citam os vizinhos (Elena; Mariana; Thais; Nicole), sendo que uma delas diz que tem: “*vizinhos maravilhosos que estão sempre como se fosse a minha família*”, já que seus pais e seu irmão moram em outras cidades, longe. Thais resgata o apoio que recebeu de uma médica do SUS e do grupo de mães no Materno-Infantil para aprender a conhecer e atender seu filho, assim como para superar, “*sem medicação*”, uma “*depressão post-parto*”.

Quanto às Igrejas, como rede social de apoio, aparecem poucas referências nas falas dos entrevistados. Laura resgata a importância que teve para ela “*construir um grêmio estudantil [onde] tu participar ativamente*”. Segundo ela, mesmo se a sua atividade tivesse um caráter mais político, algumas atividades eram realizadas junto da Pastoral da Juventude Estudantil - PJE. Ela explica: “*Eu não me sinto bem dentro de Igreja. Eu tive uma época que eu participei da Pastoral da Juventude, em função do Movimento Estudantil e eu me sentia muito bem, me dou super bem com o pessoal até hoje*”. Porém, perguntada explicitamente se isso a ajudava a superar a problemática relatada, ela afirma: “*A superar talvez não, mas a esquecer um pouco sim*” (Laura). Em situação de luto, um jovem resgata a fala do padre na missa: “*me reconfortou muito umas frases. Era o que eu precisava ouvir no momento*” (Alex).

As falas sobre o que os ajuda nas situações difíceis trazem, repetidamente, a presença próxima de familiares, amigos, de pessoas significativas nesse momento: *“E tinha dias que eu estava esgotada assim que eu achava que eu não ia aguentar passar mais uma noite com ele, sabe? E os amigos lá. E nessas horas a gente vê quem são os amigos e quem os parentes próximos”* (Elena). *“Eu me apego no que é meu: minha mãe, os meus filhos, os meus amigos... Eles me ajudam muito. Principalmente os meus filhos, tanto eles quanto a minha mãe”* (Alicia); *“a união da família mesmo”* (Alex) e de Deus. *“me ajuda que eu tenho uma família muito boa... a primeira coisa é Deus e a segunda a minha família”* (Nicole).

3.2.3.3 Atitudes dos outros que ajudam

Os relatos explicam em que sentido as pessoas significativas ajudam positivamente para a superação das adversidades. Mesmo que as categorias se vinculem umas com outras, optou-se por classificá-las em três: a) a presença e os gestos; b) a escuta e a conversa; e c) a força e o apoio.

a) A presença e os gestos. Segundo os entrevistados, a ajuda, o apoio e a força passam por uma *“palavra de conforto”* (Alex), por palavras dos filhos: *“Uma palavra deles, uma ligação, um ‘Oi, mamãe. Como é que tu tá! Oi, mamãe. Te amo. Estou ligando para te mandar um beijo, para saber como é que tu tá’. Tudo muda. Tu podes acordar triste, mas, uma palavra deles para mim muda meu dia”* (Alicia). Passa por gestos e demonstrações de afeto, de reconhecimento e de carinho: *“Um carinho, uma palavra, um gesto. Tudo ajuda... Um abraço... ajuda, muda, é diferente. Te dá um ânimo a mais para ti viver todo dia”* (Alicia). Outra jovem afirma: *“Um abraço, uma palavra ..., uma coisa mais afetiva. Nem é tanto questão materialista. Se tu me chegar e me dá um abraço, que bom. Já me alivia. Que eu não sei se é que eu sou muito emotiva mas eu estou triste, tu vens falar comigo, me dá um sorriso, já me adianta”* (Thais).

Pode ser uma demonstração de interesse: *“Precisa de alguma coisa?” já me dá... alguém se preocupou comigo, entendeu? e é isso que já me ajuda. É a boa vontade das pessoas ”* (Thais), de atenção ou de companherismo: *“Eu sei que tu não tens mas tu me diz: ‘Quer que eu te ajude?’. Isso já me ajuda. Eu não sei se é porque eu não tive atenção que eu gosto que as pessoas dêem atenção para mim. Me ajuda isso... companherismo, né? Eu ver que tu faz por boa vontade”* (Thais).

b) A escuta e a conversa. Duas atitudes valorizadas são a escuta e a conversa: *“Conversar e conversar”* (Edgardo). Incluem a iniciativa do outro que se faz presente

visitando: “*eu conversava,... me apoiaram. Eles ficavam o tempo inteiro comigo*” (Evandra), assim como por telefone: “*Ele me liga e ‘Bah! Tu tá mal, né?’. Então a gente conversa, conversa, conversa até... Ele é o meu psicólogo, digamos assim, meu.. meu eixo... Foi meu pai... Principalmente o carinho que eu precisava e não tinha*” (Laura). A ajuda pode ser mútua: “*Ela sempre conversa bastante comigo. Uma conta seus problemas para a outra*” (Deise). Certos encontros de pessoas ou de grupos são valorizados porque possibilitam conversar. Por exemplo, falando do grupo do Encontro de Casais com Cristo, uma delas afirma: “*Eles conversam com a gente, do que está sentindo. Eu acho que eles ajudam um monte. Ter onde desabafar também. Va lá, conversa. Vem para casa rindo*” (Mariana). As falas e a escuta podem ser decisivas: “*Tive uma colega de trabalho que acho que foi que me salvou. Que ela me escutava e me... conversava comigo porque eu estava numa situação que me parecia que nada ia dar certo... que não tinha solução para nada*” (Laura). Enquanto há conversas que são valorizadas: “*falar coisa boa, tudo de importante, nada de ruim*” (Edgardo), outras são criticadas: “*Numa situação crítica se for dar só lição de moral vai te escutar e vai te abandonar. Ah! Falou bobagem*” (Edgardo).

c) A força e o apoio. As palavras que se repetem se referem ao “apoio” ou à “força” que transmitem essas figuras significativas: “*Um apoio do lado, isso que é o que muda*” (Edgardo); “*Ela sempre me dá muita força, muito apoio*” (Deise). Em algumas entrevistas aparece claramente a importância de ter pessoas por “perto”. Sem a ajuda dos outros, vários entrevistados acreditam que não conseguiriam superar: “*Sem a força dos amigos, dos parentes, das pessoas... e de Deus, eu acho que eu não conseguiria ser tão forte. O apoio da família foi fundamental... além da tua fé e tu não ter o apoio de uma pessoa próxima tua, eu acho que tu não consegue, né?*” (Elena). “*Mas se tu não tiver o apoio de alguém, alguém para te ajudar, para te dizer... ‘Vai enfrente, segue’, ou ‘Pára, pensa; não é bem assim que a coisa funciona’, tu nunca consegue sair do lugar, sempre é bom ti ter alguém para te apoiar e ter algum amigo por perto. Se tu não tiver alguém para te apoiar perto de ti,... Tu pensa que tu estás superando e tu só decae. Que nem no meu caso, sempre tem alguém perto para me ajudar: a minha mãe, os meus amigos, sempre estão por perto*” (Alicia); “*Ter principalmente a quem a gente ama perto da gente para conversar. Já pensou tu com um problema e não ter ninguém do teu lado para te dar a mão, para te dar força? Eu acho muito difícil*” (Mariana).

O apoio pode se mostrar no incentivo: “*Ela sempre incentivou muito a gente a estudar, a trabalhar sabe? E eu continuei tocando*” (Laura), assim como fomentando o que ajuda, o que está certo ou mostrando o que não é bom: “*Um boa conversa, conselhos, gente positiva, para dizer se está certo ou errado*” (Evandra). Uma jovem explica: “*A minha vizinha era*

uma autoridade para mim... Quando eu me irritava, ela me ajudava bastante nessa questão: 'Não faz assim'. Conversava comigo" (Thais). Outra forma de ajudar, relatada, é convidar para falar, sair e se divertir: *"Eles me levavam num lugar para me divertir. Conversavam coisa boa"* (Evandra). Tentar convencer de que não haveria melhoria na saúde do filho foi interpretado por Elena como uma atitude de inveja e de violência que atrapalha no processo de superação: *"Me deixa muito triste a pessoa ser invejosa. Ela só dava paulada: que não, que Deus ia levar ele. O que atrapalha é a pessoa do teu lado tentando te derrubar a tua fé, tentando, te jogar para abaixo. Dizer: "não, não vai dar certo. Tu tens que te conformar, que Deus quer isso, que Deus sabe o que faz"* (Elena).

Algumas pessoas influenciam positivamente por serem exemplos de vida: *"Eu penso muito na minha avó. Por quê que eu não vou conseguir? Eu me espelho muito na vontade dela. Se ela consegue, eu também consigo. Já passei dificuldade, já passei fome, mas... nunca desisti. Minha avó podia ter desistido de ter pego eu e minha irmã com dois anos de idade, e na época era com fralda de pano, era com enchente, era com fogão a lenha"* (Thais).

Quanto às ajudas da rede social, Elena fala do importante apoio material da empresa do marido para pagar a cirurgia de câncer do filho pequeno: *"A gente passou no hospital praticamente muito mal financieramente. Não tinha condições de pagar nem a metade, então eles bancaram... tudo particular. Um remédio saiu 5.000 reais e eles bancaram tudo para ajudar o meu filho a sobreviver, que foi muito grave"* (Elena).

3.2.4 Aptidões e competências pessoais

3.2.4.1 Pensamento positivo

Os jovens entrevistados relatam as principais atitudes pessoais que os ajudam a superar as situações adversas ou traumáticas, afirmando que eles têm que: "encarar", "batalhar" (Elena), "lutar" (Rejane), "ir para frente" (Nicole), ter "força de vontade" (Elena; Nicole), pensar que a situação vai melhorar e "não desistir". Por exemplo: *"Tem que ter força de vontade... de querer viver. Se for um que não tem ânimo... só posso dizer que não aguenta"* (Edgardo).

Vários jovens salientam que é preciso ter "pensamento positivo": *"Tem que dizer que amanhã vai estar bem... Não adianta tu ter aquela fé e não ter pensamento positivo também"* (Mariana). Falam em otimismo: *"Hoje a gente está assim, mas a gente vai correr"*

atrás, vai batalhar e vai dar tudo certo... Tem que correr atrás para conseguir as coisas. Eu me sinto bem otimista” (Elena).

Insistem em que “não podem desanimar” (Elena) porque: *“Todo o mundo tem problema, mas se desanimar o problema se torna maior”* (Nicole). Vinculam pensamento positivo e otimismo com não desanimar: *“A fé em primeiro lugar, eu nunca me desanimei, nunca penso negativo. Sempre penso positivo. Sempre digo: ‘Não, Deus vai me ajudar, vai ocorrer tudo bem’, sabe? Eu nunca penso para trás, nunca penso negativo. Sempre otimista, penso para frente. Vai melhorar”* (Elena). A fé e a esperança estão presentes no discurso: *“Se tem uma pontinha de esperança tu não podes desanimar. Tu tens que correr atrás, tu tens que ter fé”* (Elena). Uma jovem explica que o que a ajuda é a sua fé na melhoria da situação adversa, pensar que vai existir uma melhoria: *“Acreditar! Hoje está difícil, amanhã vai estar melhor. Tem que ter fé”* (Mariana). Outra explica o poder do pensamento positivo ou negativo, já que ambos se concretizam em resultados: *“Se tu tens fé... ‘a fé move montanhas’, né? Se tu pensas positivo vão acontecer coisas positivas, se pensas negativo vai acontecer tudo de ruim”* (Evandra).

Uma jovem destaca a importância de não desistir, de ser “persistente” até o fim: *“Eu nunca devo desistir das coisas que eu quero. Por mais difícil que elas pareçam, para mim nada é impossível. Se as outras pessoas são capazes de conquistar, eu também sou. Então, não vou desistir. Até mais, tudo que eu começo gosto de chegar até o fim, por mais que demore um pouquinho (risos). Eu sou persistente”* (Deise). Uma jovem interpreta o lado positivo da realidade adversa acontecida: *“A pesar de tudo, de todo o sofrimento, foi positivo ele ter ido embora; acabou sendo melhor do que se ele tivesse ficado, sabe? Eu eu cresci bastante, eu amadureci bastante. E me tornei uma pessoa honesta e trabalhadora, em função dele ter ido embora”* (Laura). Outros afirmam: *“Eu aprendi bastante com isso”* (Deise); *“Depois disso nunca mais aprontei como eu aprontava antes”* (Felipe).

Alguns veem, na adversidade, um desafio que abre uma possibilidade, uma oportunidade: *“Se tudo fosse perfeito, que graça teria? Tudo de mão beijada? Atrás de um choro sempre vem uma alegria, atrás de uma erro sempre vem um certo. As coisas são difíceis? São. Mas não dá para desistir. A gente aprende. Nada é dado”* (Thais). Uma atitude contrária, e que não ajuda a superar, aparece verbalizada nesta fala: *“Já pensei em desistir várias vezes. Não, não adianta porque [o que] a gente tem que fazer por nós, ninguém faz”* (Thais).

3.2.4.2 Controle de si - Determinação

Nos relatos dos entrevistados aparece descrito como eles manejam o sofrimento. Várias jovens, quando se trata de alguma dor grande, afirmam que precisam chorar: *“Quando aperta a dor a gente chora”* (Rejane). *Quando estou assim muito em dificuldade que nada me ajuda, eu choro, muito, eu choro muito. Ai depois passa, passa um pouco daquela agonia”* (Alicia). Algumas vezes preferem ficar sozinhas e não mostrar que choraram: *“Eu desabafei comigo mesma, chorando, assim, do jeito que eu posso. Me escondo da minha mãe, me escondo dos outros e deus”* (Alicia). Algumas jovens preferem não pedir ajuda no início: *“Primeiro de tudo estou na minha. Não sou de procurar muita ajuda. Eu desabafo por mim mesma. Oro [...] Choro, desabafo, e quando vejo que não tenho outra alternativa, aí procuro seilá, pessoas amigas, coisa assim. Mas, primeiro é Deus”* (Bianca).

Do lado de quem sofre aparece a importância de pedir ajuda, seja para Deus, seja para as pessoas: *“A gente faz bastantes preces e pede ajuda para quem a gente pode, para quem a gente acha que vai ajudar. Eu me ajoelho e peço o que eu preciso pedir para mim: paz, alegria, para que Deus alivie meu coração, para que alivie um pouco dos meus problemas, que as coisas melhorem, que a gente ande para frente. Eu preciso chorar, eu preciso desabafar, eu preciso conversar com alguém, a minha mãe está aqui do lado. Tenho a minha amiga que vem aqui, que frequenta a minha casa. Eu preciso ver meus filhos; eu vou lá, eu vejo”* (Alicia).

Os relatos trazem duas atitudes: por um lado a necessidade de outras pessoas, por outro, a determinação, no sentido da busca de não depender dos outros. Por exemplo, frente às críticas da família do namorado em relação a sua gravidez, Evandra afirma: *“Vi que não valia a pena e deixei de lado o que os outros falavam para mim”* (Evandra). Frente aos problemas econômicos, às dificuldades com o marido e com o filho, Thais afirma: *“Poderia ter muito bem pego as minhas coisas, e ir para a casa dela, mas eu não desisto”* (Thais). Um outro relato descreve a necessidade de dar passos que ajudem na necessidade de crescer em autonomia: *“Chega um ponto que o tu cresce ou tu fica na barra da saia da mãe. E eu resolvi tomar o caminho de crescer. Eu consegui construir muita coisa. Eu estou morando sozinha, que para mim foi uma vitória”* (Laura).

3.2.4.3 Projeto de vida - Protagonismo

Dentre os temas que aparecem como parte do projeto de vida, em muitos jovens, o maior desejo a realizar é continuar os estudos: *“Eu tenho muitos sonhos. O que eu mais queria no mundo era terminar meus estudos, pelo menos o segundo grau”* (Elena). Tanto os que não terminaram o ensino médio: *“Vou ver se agora, o ano que vem termino”* (Rejane), como os que querem entrar na Faculdade: *“Quero fazer faculdade ainda, sempre com projetos pela frente para nunca desistir”* (Deise). Outras explicam: *“Eu tenho meu sonho de fazer a minha faculdade... de ir bem na vida, mas esse é um sonho, vamos dizer, uma vontade que ainda eu vou conseguir”* (Nicole). *“Eu quero concluir a faculdade, eu tenho o objetivo de concluir a faculdade. Isso é... é... é a minha prioridade assim antes de qualquer coisa: terminar a faculdade”* (Laura). Em algum caso, a preocupação pelo estudo está ligada a conseguir um “emprego melhor” e aos filhos: *“Estou pretendendo voltar agora a estudar no ano que vem. Arrumar um emprego melhor, dar uma situação de vida melhor com meus filhos. Eu tenho esse tipo de sonhos: sonhar que meus filhos tenham uma cabeça boa”* (Elena).

Em relação a vencer dificuldades e encontrar formas de levar adiante os sonhos ou projetos, aparecem descritas algumas características e atitudes próprias do protagonismo expresso em ter expectativas altas e possíveis e assumir responsabilidades, como ter iniciativa e criatividade para superar os obstáculos: *“A gente pensou: foi! Agora temos que seguir em frente”* (Alex); *“A gente vai dar um jeito”* (Elena); *“Eu tento manter a calma, manter a tranquilidade, pensar melhor, depois responder”* (Deise); *“Quando eu tenho um problema à mão, normalmente tento resolver. Normalmente eu vou atrás”* (Laura); *“Sou muito sentimental mas eu também sou muito forte. Sempre pode acontecer uma coisa, levanto a cabeça e tento fazer tudo melhor do que estava antes”* (Nicole); *“Se tu não encarar tu não consegue. Vai à luta. Trabalha”* (Thais); *“Eu resolvi fazer o técnico de enfermagem para eu ter uma possibilidade de trabalhar de noite e voltar a estudar. Foi o que me tirou do buraco. Porque era uma alternativa, uma possível solução, porque o fato de eu não poder conseguir terminar a faculdade na minha cabeça estava me destruindo”* (Laura). Uma jovem descreve algumas atitudes que ela considera que não ajudam à superação: ficar na “rotina”, ser “conformada” e ficar “parada no tempo”, e uma atitude que ajuda: “ir atrás” (Thais). Outra atitude, vista como que não ajuda a superar, é fugir, em lugar de enfrentar: *“Fugir não é a forma de resolver problema... não resolve nada”* (Laura).

Um elemento marcante em duas entrevistas é o valor dado à escolha de valores éticos e de um projeto de vida que não repetisse o alcoolismo, o vício, os maus-tratos ou a violência vivida na família. Uma jovem relata: *“Eu sempre tive fé que um dia eu ia me casar com um homem bom que não ia seguir o exemplo do meu pai. E que eu não ia passar o que a minha mãe passava, que eu não queria isso para mim. Quero que eles possam num futuro se tornar uns homens trabalhador que nem o pai deles. [...] Que sigam o exemplo do pai deles e da mãe também porque a mãe não tem vícios”*. E eu faz 11 anos estou casada com meu marido e pretendo ficar até o resto da minha vida” (Elena). Outra jovem explica: *“Eu tive depressão pós-parto. Queria matar meu filho. A minha mãe, quando nós éramos pequenas foi... a gente nos retirou por maus-tratos. Ai que eu fui pensando: não, não vou ser igual. Hoje eu amo meu filho. São coisas... segundos que dá na gente. Ai fui pensando. Ele não merece, não tem culpa. Isso me fortaleceu. Tudo tem uma escolha. Se tu queres ir pelo caminho do mal, tu queres fazer as coisas erradas. Eu fui criada sem mãe, fui criada sem pai. Não estou no mundo das drogas, não virei prostituta. Não, tudo tem uma escolha. Tu faz errado se tu quer”* (Thais).

3.2.4.4 Cuidado de si

Alguns relatos denotam a importância dada ao cuidado de si e à auto-estima. Por um lado aparece a relevância dada à valorização das próprias capacidades na área laboral e da vontade de superação. Uma jovem diz: *“Eu tenho vontade de fazer melhor, que eu tenho capacidade, eu acredito que eu sou capaz de fazer as coisas melhor. É uma coisa que eu aprendi a lidar”*. Ela também relata como o fato de ser “eliminada de uma vaga” fere a “auto-estima” (Deise).

Por outro lado, o cuidado de si passa pela vida social, pela diversão, pela música: *“Mesmo estando grávida, saio bastante, danço bastante. Saio e me divirto. Tenho muitos amigos nos lugares que eu frequento. É bom sair para desaparecer a cabeça. Eu gosto muito disso, de ter amigos, de sair, de dançar, de sair para ir para o centro, conversar, tomar um refri, de vez em quando tomar uma cerveja, comer alguma coisa... É bom!”* (Alicia). Chama atenção a preocupação e o cuidado extremo com a estética, mesmo sendo uma pessoa que vive em condições de indigência. A jovem explica que, quando chora, ela espera *“aliviar o inchaço do rosto para poder sair para a rua, né? Depois tem que esperar sim”*. E acrescenta: *“Depois passou. Se for para mim sair de casa para mim ir no centro ou qualquer lugar, se eu não estou arrumada, eu vou ficar em casa. Se for para mim ir até o centro tem que sair de*

casa de salto, de calça apertadinha, de blusinha, um lápis, um batom, perfume, o cabelo bem arrumado, um brinco” (Alicia).

Quanto à importância da música, mais duas jovens salientam que recorrem à música em busca de ajuda nos momentos de sofrimento (Thais; Rejane). Uma delas explica que, para “matar saudades” do pai falecido, escuta uma música “*que ele gostava muito*” (Rejane). Há uma afirmação que remete ao cuidado e ao manejo das lembranças das situações negativas. Um jovem, falando do acidente de carro, afirma: “*Pensei mais ou menos uma semana. Depois? Bah! Parecia que já tinha passado já, que foi só um susto. Eu não guardo muito essas coisas: tipo acidente, coisas nada. Tranquilo*” (Felipe).

3.2.4.5 Solidariedade – Perdão – Escolha do bem

Um valor presente em vários relatos é a solidariedade, a generosidade, a partilha. Seis jovens falam da sua disposição a colaborar, a ajudar a outras pessoas, mesmo quando eles têm falta ou estão sofrendo: “*O ser humano não nasce para viver sozinho, tem que ajudar o outro. Nem que for com uma palavra, com uma roupa, com um gesto, um quilo de arroz*” (Thais). Eles relatam que deixam de lado as suas necessidades e preocupações, por exemplo: a) para cuidar de um filho: “*Antes era eu e Deus, agora é eu, Deus e meu filho. Então, se eu não fizer por ele quem vai fazer?*” (Thais); b) para atender a mãe doente: “*Ela estava precisando de ajuda*” (Laura); c) para apoiar a família no luto: “*Acabei indo na missa mais seguido para tentar me reconfortar e tentar ver se eu ajudava... Um ajudou o outro*” (Alex); d) pelos pais: “*Sempre pensando neles, sempre fazendo o melhor para poder pensar neles, ajudar eles*” (Nicole); e) para atender a filha e a mãe: “*A mãe tinha ganhado uma isquemia. Eu tinha a nenê também de 8 meses, tinha que dar atenção também para o bebê, então eu tinha que ser forte. Sofrer calada e... e ficar forte do lado da mãe*”(Rejane); f) dividem mesmo quando têm pouco: “*A gente não tem para a gente, mas a gente faz sobrar um pouquinho para dividir. E é essa força, assim. Um ajudando o outro, dando sempre que precisa*” (Elena); g) colaborar com outros colegas necessitados: “*Reparte. Uma mão lava a outra*” (Thais); ou h) colaborar na Igreja: “*Participo da liturgia, ajudo nas leituras. Me disponho sempre em alguma coisa que envolve as celebrações*” (Deise). Uma jovem manifesta a sua preocupação de se “colocar no lugar” do outro dizendo: “*Tento falar as coisas para outras pessoas da melhor forma possível, de maneira que não vai magoar*” (Deise).

O perdão aparece explicitado nos seguintes relatos: “*Não consigo guardar rancor com ninguém, não tenho mágoa de ninguém. Não consigo ficar brigada com ninguém*” (Nicole).

“Hoje eu amo meu filho. Peço perdão todo dia. Quando ele nasceu que eu não gostava dele. Peço perdão. Ai fui pensando. Ele não merece, não tem culpa. Isso me fortaleceu” (Thais). Os valores de pedir desculpas e de generosidade aparecem associados: *“Fez alguma coisa errada? Pede desculpas. Não vou fazer mais. A gente não humilha ninguém, trata todo mundo igual... E ser generoso também. A gente sempre faz assim: tem uma coisa, reparte”* (Elena).

3.2.5 Religiosidade/espiritualidade

A quarta e última categoria em destaque é relativa à religiosidade/espiritualidade. As falas podem classificar-se em quatro itens: 1) crença em Deus; 2) pertença religiosa e prática coletiva institucional; 3) prática religiosa individual; 4) participação e visão que os entrevistados têm sobre a Igreja Católica; e 5) participação e visão que eles têm sobre outras Igrejas.

3.2.5.1 Crença em Deus

Reunir-se-ão aqui as falas dos entrevistados sobre as suas crenças e vivências e em que sentido contribuíram para superar as situações adversas ou traumáticas. Onze entrevistados mencionam a importância e a ajuda de Deus e da fé quando estão com problemas ou quando passam por situações difíceis: *“Buscar em Deus é a forma mais fácil de superar. Deus é a base de tudo. Eu sinto assim meu lado espiritual muito fortalecido, muito bom”* (Deise). Para vários, *“Deus é tudo”* (Elena); é *“a primeira coisa”* (Nicole); *“é o apoio”* (Deise). Alguns relatam: *“Tenho Deus como um amigo”* (Mariana) e quando estão com um problema *“se apegam com Deus”* (Alícia); falam com ele e ficam melhor, pedem e ele sempre os atende. Um jovem entrevistado afirma: *“Deus significa tudo na hora que a gente precisa”* (Edgardo) e uma outra salienta que, perante o sofrimento, *“não tem outra coisa à não ser desabafar com Deus”* (Bianca). Quase todos consideram a fé *“muito importante”* (Mariana) ou *“importantíssima”* (Alex). Uma jovem manifesta que *“Deus fecha uma porta mas derruba uma parede”* (Alícia). Outra diz: *“Tudo que eu faço na minha vida, eu falo: ‘Vou conseguir, Deus vai me ajudar, em nome de Jesus’, sempre digo: ‘Não, Deus vai me ajudar, vai ocorrer tudo bem’. Em primeiro lugar é tudo Deus, Deus, Deus”* (Elena). Deus é descrito como *“algo superior”* (Alex); *“uma força maior que nos protege”* (Laura); *“uma força maior; acredito nele como criador de todas as coisas e muitas vezes também para superar as coisas difíceis,*

né? en todas as coisas que eu faço” (Deise). Para outros, Deus é alguém que existe e eles têm a certeza da intervenção de Deus: *“Muitas coisas já aconteceram e eu já tive a prova que Deus existe”* (Bianca); *“Tudo que eu faço na minha vida eu falo: Vou conseguir, Deus vai me ajudar, em nome de Jesus. Qualquer coisa mínima que seja eu estou sempre pedindo, sempre louvando a Deus, né? Eu sempre digo: não, Deus vai me ajudar, vai ocorrer tudo bem”* (Elena).

Na maioria dos relatos há um recurso marcado pela confiança em Deus e em pedir-lhe ajuda perante o sofrimento. Em algumas entrevistas aparecem referências sobre como, após a dificuldade, se intensificou a crença e a vivência religiosa: *“Sempre fui católica. Eu aprendi mais assim depois que a gente passa por um momento difícil. Dai a gente vai vendo que Deus é importante para nós em nossas vidas. Dai a minha fé se aumentou cada vez mais. Depois que Deus salvou a vida do meu filho, a minha fé... Deus é cada vez maior”* (Elena.). Um outro jovem, após 07 cirurgias de câncer, confessa que desde a primeira operação: *“Sempre tenho a Deus do meu lado”* (Edgardo), assim como interpretar que a situação adversa não foi pior graças à intervenção ou à presença de Deus. Porém, há um relato onde, na situação dolorosa, não houve referência a Deus. Perante a morte rápida do seu pai, a entrevistada descreve que se esqueceu de Deus para apoiar a mãe: *“a gente estava aí mesmo totalmente para a mãe... Apoiar a mãe. Esquecemos de tudo que é Deus e coisa”* (Rejane).

3.2.5.2 Pertença religiosa e prática coletiva institucional

O primeiro dado a considerar é que os 13 participantes desta pesquisa se tinham autodefinido como católicos na pesquisa quantitativa de “Capital Social” da Unisinos. Nas entrevistas desta segunda pesquisa, eles mencionam que são batizados e que receberam a fé na tradição católica da própria família. Contudo, o significado que eles dão ao ser católico parece ser variado. Um jovem diz que é católico *“por dizer; eu nunca fui de Igreja”* (Edgardo) e outras falam com orgulho da sua confissão religiosa: *“Eu sou bem católica, graças a Deus”* (Mariana). Uns jovens afirmam uma clara opção pessoal de se manter católico ou a opção é pela influência da família. Mesmo frequentando outros cultos e tendo propostas para trocar de confissão, afirmam: *“Eu nunca quis mudar a minha religião. Sempre nasci católica e vou ser”* (Elena); *“Na minha família ‘Deus o livre’ se eu trocar a minha religião! Minha mãe me batizou católica e vou ter que morrer católica”* (Bianca). Outros jovens não percebem diferenças nas confissões cristãs e afirmam, por exemplo, que a sua crença é no *“Deus de católicos, evangélicos... mesmo Deus”* (Nicole); *“Deus é um só, independente de se tu és*

batuqueiro, não és; Deus é um só” (Thais); *“Deus é um só dependendo da tua religião ou não. Deus é aquele só”* (Elena).

Segundo as entrevistas, a identificação como católico se reporta mais à crença em Deus e a vivências pessoais e subjetivas do que a uma prática religiosa institucional coletiva, com participação em missas, grupos ou celebrações na Igreja Católica.

A grande maioria dos jovens entrevistados, 10 em 13, respondem que são católicos, mas explicitamente sublinham que “não praticam”, não frequentam: *“Eu nao sou tão praticante”* (Alex); *“Nunca fui, eu tenho fé mas não vou na Igreja. A fé a tenho para mim e não adianta ir na Igreja se não tou naquilo ali”* (Edgardo); *“Não sou de andar frequentando”* (Elena). *“Não sou praticante, né? Eu não vou muito na Igreja”* (Evandra). *“Não frequento muito; não vou com frequencia. Não preciso ficar numa Igreja para ficar provando que eu sou [católico]”* (Felipe); *“Não preciso ir até à Igreja para sentir isso. Então, eu prefiro não ir... não gosto. Eu não me sinto bem dentro de Igreja”* (Laura); *“Eu não sou aquela que está toda hora na Igreja”* (Rejane); *“Difícilmente vou numa Igreja”* (Nicole); *“Não frequento a Igreja Católica. Acredito em Deus. Não pratico espiritualidade”* (Thais); *“Eu vou no mais na Assembléia”* (Bianca).

Alguns assistem à missa alguma vez ao ano; outros quase nunca, outros nunca. Por exemplo, uma jovem explica: *“Acredito em Deus... muito no espírito. Não sou espiritualista, não faço a religião. Para conversar com Deus, então, fica em casa, ascende uma velinha. Mas na Igreja eu não vou”* (Thais).

Só duas jovens assistem, todo domingo, à celebração dominical. Para alguns a participação na Igreja está em função da necessidade pessoal: *“Vou nos momentos que eu preciso”* (Felipe). Há entrevistados que afirmam que eles não frequentam, mas explicitam um porém: *“Mas eu acredito muito em Deus”* (Alex); *“Mas sempre tenho a Deus do meu lado”* (Edgardo); *“Não costumo frequentar Igreja. Eu me sinto bem acreditando”* (Laura); *“mas eu tenho muita fé em Deus, muita fé mesmo”* (Elena); *“Fé só em Deus mesmo. Deus, Deus. Não procuro religião. Difícilmente vou numa Igreja. Só acredito em Deus mesmo”* (Nicole). Alguns explicam que não vão porque não gostam, outros porque não têm tempo. Vários dizem que não precisam ir porque rezam nas suas casas.

3.2.5.3 Prática religiosa individual

Porém, as entrevistas comprovam a insistência numa prática religiosa pessoal e subjetiva: a oração. Um dos temas que mais aparece nas entrevistas é a importância da oração.

Trata-se de uma prática religiosa pessoal de grande significação para esses jovens. A maioria dos entrevistados afirma que reza falando com Deus de maneira espontânea, como uma conversa: *“A gente ora, a gente fala, conversa, sem contar que no dia-a-dia, a gente acaba, sem querer, conversando, falando. É a minha forma”* (Nicole); *“O que eu costumo mais é conversar com Deus assim (risos). É conversar mesmo. Falar direto com ele, assim. Conversar. Principalmente se está com problema, então, é bom pegar de noite antes de dormir, pegar lá, pensar, conversar mesmo. Conversar usando as minhas próprias palavras”* (Alex).

A oração é interpretada como um entrar em contato com Deus, ter uma conversa sobre as atividades, as preocupações e os acontecimentos do dia: *“Eu tenho assim ele como um amigo. Eu converso com ele diariamente! Espontâneo, eu acho que isso já vem de mim mesmo. Qualquer coisa assim eu penso em Deus. Eu rezo, peço para Deus me ajudar”* (Mariana). Alguns jovens relatam que fazem seus pedidos quando estão precisando de algo: *“A gente se apega no que pode, se apega com Deus. Reza, pede para Deus ajudar. A gente faz bastantes preces e pede ajuda”* (Alícia). Em alguns casos a oração é orientada com um objetivo de pedido específico por algo: *“rezar por ela, a falecida bisavó, para tentar me reconfortar e tentar ver se eu ajudava de uma forma ou outra”* (Alex). Uma entrevistada afirma que ela recorre à oração quando está com problemas porque precisa *“desabafar com Deus”* (Bianca). *“Quando tu estás triste, seilá, tu quer alguma coisa que resolva assim, tu pede para Deus com fé que ele atende”* (Mariana). *“A gente pede mais do que agradece, né? Acho que é normal de todo ser humano”* (Nicole).

Sendo que a maioria prefere “conversar” com Deus, contudo, uns poucos mencionam as orações tradicionais da Igreja Católica como o Pai Nosso: *“Faço a minha oração, peço e está tudo certo. Toda noite, antes de dormir. Desde a primeira cirurgia que eu fiz. É um Pai Nosso e pedir para te ajudar e dá tudo certo. Dá certo em casa fazer as minhas orações”* (Edgardo). Outros alternam entre as orações, mas preferem fazê-lo segundo seu estilo pessoal: *“Faço uma oração mas, também, utilizo minhas próprias palavras. Conversar eu acho que é mais fácil do que tentar ficar decorando outras coisas que não é adequado às vezes ao momento, então é mais fácil falar”* (Alex).

Quanto ao lugar para a prática religiosa, quase todos, menos uma entrevistada, pensam que a casa é o lugar mais apropriado para rezar: *“Rezo mais em casa mesmo. Me ajudou, eu ficava melhor, né? Como eu estava sozinha rezava, pedia. Me sentia um pouco melhor”* (Evandra). Um entrevistado afirma: *“Eu tenho a minha fé em casa, sabe? Eu não sou de ir em Igreja. Eu fui, já tentei. Vejo que isso não dá certo para mim e faço as orações em casa e tudo”*

certo” (Edgardo). Porém, uma jovem valoriza a Igreja, aos domingos, como lugar que facilita a oração: *“Mas mais mesmo é na Igreja que é um tempo um pouquinho maior. Que as vezes a gente chega cansado em casa... já não tem aquela disposição de sentar, de ler. Então fica um pouquinho menor o tempo, mas, aos domingos é um tempo maior que eu reservo para isso”* (Deise).

Vários jovens destacam a importância de pedir com fé e de acreditar em Deus. *“Rezo, agradeço todo dia, rezo pelo dia que a gente tem. Rezo para ele, o falecido pai. A gente pede. Rezar antes de dormir, agradecer e fica por aí”* (Rejane). Para um número considerável de entrevistados, a oração é uma prática diária, sendo o final do dia um momento destacado por alguns entrevistados. Uma jovem faz referência à oração antes das refeições: *“Orar sempre oro antes de dormir. Agradecer o alimento também, muito importante”* (Deise); *“Às vezes a gente deita e acaba apagando mesmo, diário não dá para ser porqu, mal dá tempo de tomar um banho para dormir de tão cansada. Mas assim toda semana a gente tenta conversar para agradecer”* (Nicole).

Alguns descrevem as manifestações de Deus na vida diária e lhe agradecem pela saúde, pela família, pelos filhos, pela vida, pelo trabalho, etc.: *“Eu agradeço pelo meu filho, pela minha saúde, pela minha avó estar viva, por tudo, tudo, tudo, tudo, tudo. Pelo trabalho que eu consegui. Eu agradeço as coisas boas, as coisas ruins, as coisas que eu quero, eu converso com Deus, eu agradeço pelo emprego, agradeço pelas coisas que eu consegui, agradeço pelas coisas que eu vi, pelas críticas que eu ouvi. É dessa forma que eu converso com Deus. Não só quando eu preciso de algo”* (Thais). Outra entrevistada narra: *“Nem que seja para pedir alguma coisas, falar alguma coisa. Sempre tem que entrar em contato. Até a gente se sente melhor quando vai sair, da porta para fora, pedir uma bênção, pedir uma paz”* (Nicole).

Alguns entrevistados narram como eles conseguem ver oportunidades que vão além das suas limitações. Na narrativa de uma entrevistada, Deus aparece como quem dá oportunidades: *“Eu não tenho estudo e consigo emprego bom para quem não tem estudo, bom! Mas porque eu acredito que ele sabe que eu gosto de fazer isso, então dá a oportunidade para quem sabe que gosta”* (Thais).

Dois jovens destacam a sua devoção mariana: *“Tenho muita fé naquela santinha. Eu sempre passo e agradeço. Isso aí é todo dia. Isso eu não me esqueço.... porque tipo assim, desemprego... eu passei por lá, rezei, pedi e parece que eu fui abençoada na primeira, na segunda, na terceira vez. Tá, então a gente.... fica, né? Quando eu vou no serviço, eu sempre passo na frente da Igreja. Aí sim, todo dia eu agradeço. Peço para cuidar da minha filha”*

(Rejane). Outra jovem explica: *“Tenho muita fé na Nossa Senhora Aparecida. A minha mãe tem muita fé, a minha mãe tem a gruta dela. Até tenho ela dentro de casa. A gente tem muita fé na Nossa Senhora”* (Eliane). Relativo a outras crenças, uma jovem professa: *“Acredito muito em milagres”* (Mariana); uma outra afirma: *“Não sou de me apegar em santo”* (Bianca). Em situações de luto, um entrevistado afirma: *“Nessa hora a fé é importantíssima porque a gente pensa que ela vai estar num lugar muito bom”* (Alex).

Três entrevistadas afirmam a importância da leitura da Palavra de Deus: *“Eu busco muito apoio na Palavra. Eu sinto necessidade sempre de ir e buscar, de ouvir aquela Palavra, de entender, de buscar mais. Eu tento chegar em casa depois do trabalho, às vezes, ler um pouco a Palavra, né?”* (Deise). Outra diz que ela vai *“na casa de outras pessoas que também estão precisando de uma Palavra de Deus”* (Elena). A terceira acrescenta a importância de assistir a programas da televisão católica: *“Eu leio a Bíblia. Até esta semana estive bastante relaxada, nem li mais. Mas eu leio bastante. Assisto bastante a Canção Nova. Faz bem, buh! Eu gosto de tudo. O que passar lá eu estou olhando”* (Mariana).

3.2.5.4 Participação e visão sobre a Igreja Católica

Vários jovens se prepararam para fazer a Primeira Comunhão, porém, sobre os ensinamentos da catequese, nenhum entrevistado faz menção do aprendido. Uma jovem diz: *“Eu não lembro quase nada. Lembro algumas coisas assim das aulas, mas muito pouco”* (Alicia). Alguns entrevistados participaram de algum grupo na infância, por exemplo, num coro. Uma delas diz: *“Só quando era criança. Depois nunca mais tive vontade”* (Rejane).

Algumas atividades organizadas pela Igreja são valorizadas como positivas e alguns jovens já participaram:

a) Alex fala que ele gosta de participar quando tem algum evento ou campanha para arrecadar alimentos ou ajudar a pessoas necessitadas.

b) Laura lembra, com saudades, quando o Grêmio Estudantil e o grupo da Pastoral da Juventude *“se organizava e se reunia e traçava as metas todos juntos”* (Laura).

c) Mariana conta que participou de várias atividades, entre elas, grupo de oração, novenas, Cenáculo, Encontro de Casais com Cristo: *“A gente tem reunião uma vez por mês. A gente vai, conversa, cada um tem um problema, cada um tenta ajudar o outro”*.

d) Deise privilegia os retiros, pelo aprendizado a partir da partilha de testemunhos de vida: *“Participei de retiros; é muito bom. Melhor coisa que tem: outras pessoas contando das suas necessidades. Essas palestras, esses encontros são ótimos. A gente tira muita força. Ver*

as pessoas, que a pesar das dificuldades, elas são felizes. Mesmo tendo um problema que para a gente seria grande, mas para ela no momento é uma coisa tão pequena. Isso é muito bom. Marca bastante. Outra pessoa falando, mostrando a experiência dela, tu consegue ver as coisas de outra forma”.

e) Em situações de luto, ela destaca a importância da união: *“Dentro da Católica eu vejo assim que a gente é bastante unido assim. No momento principalmente de perda todo mundo oferece bastante apoio, bastante carinho”* (Deise).

f) Outro aspecto que ela valoriza como positivo é que a Igreja oferece várias atividades para engajar-se: *“A Igreja envolve tanto a gente com tanta coisa que tem para fazer: com teatro, com música, com projetos, com recadar alimentos, com tantas coisas, que a gente se vê entorno do trabalho, da família, da Igreja”.*

g) A participação de alguns jovens em celebrações da Igreja é motivada porque o avô “pede” ou porque o pai diz para ir no Santuário do Padre Reus para *“benzer as chaves”* do carro novo (Felipe).

h) A oração do terço nas casas é valorizada como apoio e pelo aprendizado: *“Quando o filho teve essa doença eu tive o apoio da vizinhança todos que fizeram uma corrente de oração por meu filho, cada um com a sua religião, dentro da Igreja Católica, quanto da Igreja Evangélica. Vieram fazer o terço. Cada sexta-feira era na casa de um e a gente ia”.* Ela acrescenta que: *“foi importante para mim por causa que a gente aprende muito”* (Elena).

No relato Deise diz que a Igreja é um espaço de felicidade e que é uma alternativa saudável: *“Não tem aquele espaço para entrar na violência, na marginalidade, nas drogas. A gente vê como são famílias firmes dentro da Igreja, como a gente é feliz fazendo o que faz. Todo mundo tem as suas dificuldades dentro da Igreja, mas, como é muito melhor estar naquele meio do que estar fora, que tu está perdido, muitas vezes passando horas e horas na rua, se drogando, com coisas que a gente vê por aí. Dentro da Igreja não, tu recebe só coisas boas. É o melhor lado que tu tens. Teu tempo livre estar com coisas de Deus, com coisas que fazem a diferença na vida das pessoas”.*

Uma problemática que aparece explicitada em algumas entrevistas é a falta de tempo para grupos ou práticas religiosas: *“Eu me comprometi que eu ia participar do grupo, mas não fui, não deu, o serviço não deixou”* (Alex); *“Tenho uma folga dia de semana, final de semana eu tenho que trabalhar, feriado trabalho. Então, às vezes é tempo mesmo. Eu fico com a nenê, fico no lugar do meu marido porque ele trabalha, viaja no final de semana”*(Rejane); *“Mal dá tempo de tomar um banho para dormir de tão cansada. Por falta de tempo mesmo a gente acaba deixando de lado”* (Nicole), *“A gente não tem muito tempo de*

passar na Igreja” (Mariana); “Sinto muita saudades porque agora eu não tenho mais tempo de participar de nada. Bah! Foi um crescimento incrível. Sinto falta assim de hoje em dia não ter tempo para participar” (Laura).

As críticas à Igreja Católica que aparecem são:

a) A repetição, a missa com tudo definido previamente: *“Aquele folheto que a gente segue. Sabe o começo, o meio e o fim certinho, tudo programado. Tu sabe que tu pega o folheto e vai estar tudo ali. Acho que é a coisa que menos ajuda a gente” (Deise); “Acho uma coisa repetitiva. Tu vai lá. ‘Amém’ e não sei o quê, e deu. Vai embora” (Bianca);*

b) A falta de integração: *“Durante as celebrações deveria ter uma integração maior entre as pessoas” (Deise);*

c) A acolhida não é tão “de braços abertos” e sem olhar para a aparência como na Igreja Evangélica. Referindo-se à Igreja Católica, uma jovem afirma: *“Na minha não sinto tanto isso” (Deise);*

d) Que não toca o sentimento: *“Numa Igreja Católica é só Ave Maria e Pai Nosso e... né? Tu vai e como tu foi tu volta. E ali não, ali tem sentimento. Que adianta eu rezar uma Ave Maria, um Pai Nosso, mas não está no meu coração? Eu não sinto a presença de Deus como eu sinto na outra Igreja” (Bianca).*

e) Outras: *“Os mandamento? Não tem como hoje em dia no mundo que a gente vive. Só se tu fica na Igreja, ai tu consegue ser rígido, mas... não. Todo mundo é pecador. Tu olha, até o padre” (Thais). “Acho um erro padre não poder casar. Como é que ele vai dizer que têm que fazer aquilo se ele não é casado?” (Alex); “Uns falam que Igreja rouba, pra ganhar dinheiro” (Edgardo); “Na Igreja as pessoas falam em se casar, falam em política. As pessoas vão em Igreja pela roupa dos outros. Tu viu? Não para rezar” (Thais).*

3.2.5.5 Visão sobre outras Igrejas

Alguns aspectos de outras Igrejas que são valorizados nas entrevistas são:

a) As pessoas se sentem tocadas emocionalmente: *“Ali tem sentimento. Eu gosto de sentir. A gente chora, a gente sente que é o Espírito Santo, vamos dizer assim, tocando a gente. É outra coisa. O pregador fala: ‘Há uma pessoa no banco; eu sei que Deus lhe tocou o coração e ela diz: Está bem assim, e ela não quer vir aqui na frente’. Ele fala exatamente coisas que eu pensei. E de repente, ele vem e aponta assim: ‘É você’” (Bianca).*

b) As pregações estão relacionadas à vida: *“Acho muito interessante” Eles tocam em assuntos muito legais que fazem parte realmente da nossa vida” (Bianca).*

c) Mediante a oração de algum membro da Igreja acontecem transformações de situações adversas: *“Quando a gente separou não tinha mais volta. Ai a minha cunhada me diz: ‘Bianca, me dá uma foto de vocês que vou levar numa irmã para ela orar... Ele voltou para casa, e completamente outra pessoa’* (Bianca).

d) O fator surpresa, sendo que as pessoas se sentem apoiadas e renovadas ao receber uma palavra de apoio que não imaginavam: *“Tu não sabe o que vai pregar hoje, então tu chega lá, tu senta, tu ouve aquela palavra e tu sai de lá renovado. Hoje eu precisava ouvir aquela palavra de apoio e aí, na nossa [Igreja Católica], não. É bem quando tu chega, tu recebe uma palavra de apoio, de ajuda que tu não imaginava ouvir. Acho que dá um renovo maior ainda”* (Deise).

e) A proximidade afetiva, a acolhida independentemente da condição social e a liberdade para participar: *“Outras Igrejas, principalmente a evangélica, oferece mais integração entre as pessoas. A proximidade que faz as pessoas superar essas dificuldades. Quando a gente chega na Igreja, eles já te recebem com um abraço. Eles te olham como qualquer outra pessoa de alí de dentro, como se a gente se conhecesse de sempre, e eu acho que isso é o que ajuda mais. É o amor, o carinho entre as pessoas. Não te olham pela tua condição social, pelas aparências, por nada. Te recebem de braços abertos como tu é, como tu estás, e isso é a melhor coisa que eles te oferecem. Eu senti muito a liberdade que eles dão como se eu sempre fosse membro da Igreja. Todo aquele carinho, aquele apoio, que eles estão te oferecendo. Isso é muito bom”* (Deise).

f) Motivam para superar-se, dão apoio para que o jovem se sinta empoderado: *“‘Não, tu vais conseguir. A gente vai orar por ti e vai ver que vai dar tudo certo. Tu não desiste’. Ai tu recebe todo aquele apoio e todo aquilo que as pessoas te dizem que tu é capaz”* (Deise). *Estava me sentindo já querendo desistir porque rodei mais vezes. Aí recibí todo o incentivo e todos me deram apoio. tu olha para atrás e vê todas aquelas pessoas torcendo por ti. Como isso faz diferença na hora de uma prova”* (Deise).

g) Reconhecem a Deus presente na oração: *“Eu vou no mais na Assembléia porque aí eu sei, eu falo com Deus e assim eu sei que Deus está aí presente”* (Bianca).

h) Transmitem proteção, ajuda, tranquilidade, através da oração e das palavras: *“Foi da Igreja do Show da fé. Até um ex patrão do meu pai. Eles vinham em casa, tudo. Bom, bah! Tinha uma proteção que dava pra a gente, né? E a gente ficou mais tranquilo também. Ajudou um monte, ajuda. Faziam oração, conversavam e coisa de Igreja, assim, né? Toda coisa boa”* (Edgardo).

i) Os pastores e os obreiros visitam casas para ajudar com a Palavra. Conversam e ajudam a desabafar: *“Nunca cheguei a conversar com padre. Eu conversava muito com pastor. Pastor veio na minha casa, a gente desabafou bastante. Ele veio, ele deu a Palavra dele. Significou bom, por causa que eles vieram trazer a Palavra deles, tentar nos ajudar. Mostrar o caminho para a gente, qual é o caminho certo, qual é o caminho errado”* (Elena).

j) Quando há necessidade, os obreiros são procurados: *“A minha irmã é da Igreja Universal. Ela é obreira, o meu cunhado é obreiro. Essa parte fica mais com eles, rezar por nós (ri). Quando a gente precisa, a gente procura ela, sim”* (Rejane).

Há duas críticas às outras Igrejas: a) Falar mal dos católicos: *“Têm muitos pastores da Evangélica que são bem assim contra os católicos”* (Elena) e b) *“Tentar que a gente passe para a Igreja Evangélica. Querem te botar no compromisso de que se Deus salvou teu filho, tu tens que frequentar a Igreja deles. Acho que não. Se meu filho foi salvo graças a minha fé, a fé de todo mundo e Deus, mas não porque eu tenha que seguir a religião deles”* (Elena).

Para concluir, os resultados da pesquisa em relação à religiosidade/espiritualidade dos jovens indicam que os entrevistados têm, na maioria dos casos, uma clara referência a Deus com quem se relacionam assiduamente, e que é uma importante ajuda quando estão passando por situações adversas ou traumáticas. Um número considerável de jovens afirma que não são “praticantes”, isto é, que não frequentam grupos nem celebrações da Igreja Católica. Contudo, a prática pessoal da oração é um recurso longamente explicitado. Refere-se a um diálogo espontâneo no qual eles pedem e agradecem a Deus no dia-a-dia e, principalmente, nos momentos de necessidade ou sofrimento. A maioria dos entrevistados, mesmo se considerando católicos, mantiveram ou mantêm contatos com outras Igrejas. A pesquisa traz as experiências e as atividades da Igreja Católica que os entrevistados resgatam como positivas, bem como as várias críticas que eles fazem. Para concluir, elencaram-se as falas relativas aos aspectos positivos e negativos que os entrevistados veem nas outras Igrejas.

4 AS CONTRIBUIÇÕES DA RELIGIOSIDADE/ESPIRITUALIDADE E DA PASTORAL CATÓLICAS NO DESENVOLVIMENTO DA RESILIÊNCIA

Neste capítulo, abordar-se-ão as contribuições da religiosidade/espiritualidade e da Pastoral católicas para a promoção e o desenvolvimento da resiliência, em jovens de 18 a 29 anos. Para isso, far-se-á a discussão da pesquisa de campo relacionando os resultados com os referenciais teóricos. Tentar-se-á ver quais são e como entender os resultados principais dessa pesquisa e que nuances e novidades aportam à teoria da resiliência. Analisar-se-á, também, quais são as contribuições e os desafios que o estudo traz para a Teologia Prática, tanto no aspecto teórico quanto na aplicação na prática pastoral.

4.1 Contribuições do estudo

4.1.1 Perspectivas gerais

Ao pensar na contribuição desta tese é preciso situar-se em dois aspectos diferentes e complementares. Por um lado, o questionamento que originou a pesquisa foi ver se a religiosidade/espiritualidade católica, no contexto atual, é significativa na vida dos jovens de 18 a 29 anos, sobretudo para a superação das situações adversas ou traumáticas. Na investigação social importou descobrir as características da religiosidade/espiritualidade católica desses jovens de São Leopoldo e, caso ela contribuisse para o processo de resiliência, em que sentido. Previa-se que as entrevistas trariam luz sobre as nuances da crença, da pertença e da prática católicas da juventude brasileira atual. Nesse sentido, foi importante entrevistar jovens de quem não se sabia se seriam pertencentes a grupos católicos, ou não, para ampliar as possibilidades de análise de diferentes tipos de casos.

Em segundo lugar, a tese originou-se com um outro questionamento. Importava averiguar a relevância, ou não, do trabalho pastoral da Igreja Católica em relação à religiosidade/espiritualidade desses jovens, sobretudo as possíveis contribuições que a ação pastoral poderia ter para a superação de situações traumáticas. Esta segunda dimensão resultou mais difícil de inferir a partir da pesquisa de campo, pois um bom número de participantes tinha pouca ou até quase nenhuma experiência de participação em celebrações, atividades ou grupos da Igreja Católica. Igualmente, os entrevistados, pelo fato de serem na sua maioria batizados, vários receberam o sacramento da Eucaristia (alguns até Crisma) e pertencerem a uma cultura e a famílias de tradição católicas, têm um imaginário religioso

tingido pelo trabalho pastoral da Igreja. O fato de que uma boa parte deles, atualmente, tem pouco ou nenhum contato direto com atividades católicas, trouxe um dado enriquecedor para deduzir que o fato de que as comunidades católicas, por terem cada vez menos jovens, não significaria, necessariamente, que a juventude esteja deixando de lado a religiosidade/espiritualidade. Ao contrário, a pesquisa demonstra que a maioria está convicta da sua crença em Deus e, inclusive, valorizam bastante essa dimensão no seu cotidiano viver.

Uma terceira intenção da pesquisa se depreende dos dois pontos anteriores. Isto é, quais poderiam ser as contribuições que as diferentes iniciativas e atividades da Igreja Católica podem dar, a partir das constatações e dos dados obtidos do diálogo entre os quatro ângulos do estudo. Estes quatro pontos de abordagem são: o referencial teórico da resiliência; as contribuições sobre a Pastoral Católica trazidas pelos documentos de Igreja e pelos escritos de pastoralistas; as constatações de que a Sociologia da Religião faz sobre as crenças, as formas de pertença e as práticas atuais; e, finalmente, os resultados da pesquisa de campo. Ao analisar as contribuições do estudo para a Pastoral pensa-se em diferentes âmbitos. Em primeiro lugar, considera-se o trabalho de diferentes tipos de Pastoral de Juventude nas Comunidades e Movimentos de Igreja (Paróquias, Capelas, Congregações Religiosas, outros grupos de jovens católicos), assim como na Pastoral Vocacional, na Pastoral Missionária e nas Instituições Católicas que atingem a juventude através do campo da Educação, da Promoção Social (ONGs, etc.), da Saúde.

4.1.2 Resiliência, Pastoral e juventude

Após a pesquisa bibliográfica, constatou-se que a resiliência é uma temática nova no âmbito da Teologia Prática e, por vezes, bastante desconhecida tanto em alguns ambientes acadêmicos como pastorais. Para complementar os achados bibliográficos e a fim de descobrir novas referências teóricas, realizaram-se algumas entrevistas de consulta com alguns pesquisadores na área da resiliência (Cyrułnik, Vanistendael e Suárez Ojeda) e na área da Pastoral de Juventude Católica (Tonelli, Moral, e Dick). Observou-se que, com a abordagem pastoral, existem produções sobre juventude, na sua maioria escritas com fins pastorais, porém, só algumas apresentam, também, uma fundamentação científica. Por sua vez, a faixa dos 18 aos 29 anos é menos estudada que a adolescência. Tonelli⁴¹⁸ e Moral⁴¹⁹, professores do

⁴¹⁸ TONELLI, Riccardo. Roma, *Università Ponticia Salesiana - UPS*, 30 mar. 2010. Entrevista concedida a nós.

⁴¹⁹ MORAL, José Luis. Roma, *Università Ponticia Salesiana - UPS*, 30 mar. 2010. Entrevista concedida a nós.

PPG em Pastoral Juvenil da *Università Pontificia Salesiana*, afirmam que a resiliência ainda não é uma temática discutida na Teologia Prática, na Itália. As publicações acadêmicas em espanhol, francês e português sobre resiliência e espiritualidade não são muitas. Contudo, é crescente o contato e o interesse pela temática, nos últimos tempos.

Verificou-se que, efetivamente, a religiosidade/espiritualidade constitui um pilar de resiliência pouco descrito na literatura das três línguas citadas. Existem vários artigos em língua inglesa, sobretudo norte-americanos, que abordam a temática do ponto de vista, por exemplo, da Medicina e da Psiquiatria, mas são escassas as abordagens do ponto de vista da Teologia Prática. Na literatura consultada também não se encontraram referências à resiliência no campo da Sociologia da Religião, observação confirmada por Hervieu-Léger, na França⁴²⁰. Como entender que este pilar de resiliência não seja demasiado estudado? Poderia pensar-se que a Teologia ou as Ciências Religiosas (Fenomenologia da Religião, Psicologia da Religião ou Sociologia da Religião, por exemplo) teriam mais liberdade que as Ciências da Saúde como a Psicologia, a Psiquiatria ou a Medicina, mesmo que, em nossos dias, a temática da religiosidade/espiritualidade, por exemplo, na área da Neurociência, seja cada vez mais investigada. Contudo, ainda há ambientes que continuam sendo reticentes aos estudos sobre religiosidade/espiritualidade, em relação à resiliência ou à saúde mental, por medo da falta de neutralidade e pela suspeita de tentar comprovar uma associação positiva entre elas. Um dado interessante é a afirmação de Cyrulnik sobre o papel da religiosidade/espiritualidade: “toda existência humana é uma artesanaria ordenada em torno de uma transcendência”⁴²¹. Baseando-se em pesquisas e na observação clínica, ele observa que as pessoas “que têm fé sabem sobrepassar melhor as provas da vida”, porém, ao falar da sua experiência pessoal, ele explica: “Eu tenho amor à vida e à condição humana, mas jamais encontrei Deus”⁴²².

Poderíamos perguntar-nos que tipo de instituição pode pesquisar e falar do vínculo entre a religiosidade/espiritualidade e a resiliência mais abertamente. Precisa ser um organismo que, pelo fato de ter uma identidade confessional definida na sua missão, possa abordar, descrever e pesquisar o assunto e animá-lo na sua prática, sem o risco de infringir o

⁴²⁰ HERVIEU-LÉGER, Danièle. *Le partage du croire religieux dans les sociétés d'individues*. Estrasburgo, MISHA-Université de Strasbourg, 24 mar. de 2010. Breve entrevista concedida a nós após a conferência. Hervieu-Léger foi Diretora de Estudos da *Ecole des Hautes Études en Sciences Sociales*-EHESS, de Paris (1993-2004), e Presidente da EHESS (2004-2009).

⁴²¹ *Toute existence humaine est un artisanat ordonné autour d'une transcendance* (tradução nossa). MANCIAUX, Michel. Les courants porteurs: prémices de la résilience. *Enfance majuscule*, Boulogne, n. 111, p. 6-9, mars-avril 2010a. p. 9.

⁴²² *Ceux qui ont la foi savent mieux surmonter les épreuves de la vie. [...] Moi, j'ai l'amour de la vie et de la condition humaine, mais je n'ai jamais rencontré Dieu* (tradução nossa). CYRULNIK, Boris. Boris Cyrulnik "Être Heureux, c'est Possible!". *Pèlerin*, Paris, n. 6583, p. 41-43, 29 jan. 2009a, p. 43.

princípio da neutralidade. Segundo Vanistendael, esta é uma grande diferença entre a perspectiva do BICE e da UNICEF, pois a espiritualidade não faz parte dos traços deste último organismo que aspira trabalhar de forma neutra nessa área. Para eles é possível aceitar a espiritualidade como um fato observável, mas sem entrar a aprofundar como ela toca a vida concreta da pessoa⁴²³.

4.1.3 Resiliência na pesquisa de campo

Em relação à pesquisa social, sendo que a resiliência é dinâmica e não necessariamente um processo que se mantém estável no tempo, pode-se constatar que os resultados confirmam os dados da pesquisa quantitativa sobre capital social, realizada por Pattussi, em São Leopoldo, entre 2006 e 2007, na qual estes mesmos jovens foram catalogados como de alta resiliência, medida com a escala de Wagnild & Young. Os entrevistados mostram ter desenvolvido processos de resiliência, sem a intervenção profissional nem de psiquiatras nem de psicólogos. Da mesma forma, se a resiliência só pode ser constatada após ter passado por situações críticas, as informações e os resultados da presente pesquisa social constataam que os participantes passaram por uma ou mais situações adversas e traumáticas, ligadas à família, a doenças ou mortes e/ou a situações de violência sofridas, além de fatores de risco, como, por exemplo, a pobreza, em um número considerável de casos. A maioria deles esteve exposta a uma constelação de fatores de risco e traumáticos, sendo poucos os que passaram por uma única situação adversa. Contudo, os relatos mostram a mobilidade dos processos de resiliência e constataam que a resiliência é um processo dinâmico, no qual podem existir momentos de falhas. Assim como em outros, esses mesmos jovens encontraram pontos de apoio e melhores estratégias para a superação. Por exemplo, uma das jovens mostra como conseguiu resolver sua crise quando, com iniciativa e protagonismo, decidiu começar um curso técnico de enfermagem, a fim de arrumar, depois, um emprego melhor que lhe permita auto-sustentar-se e retomar a Faculdade na mesma área.

As entrevistas confirmam o referencial teórico ao mostrar que as condições adversas e as situações traumáticas não são determinantes, não condenam a repetir a história negativa, nem condicionam necessariamente um destino. Podem ser abordadas de forma criativa e não ingênua, interpretadas de uma maneira que fomente a superação, ajudadas pelos fatores de

⁴²³ VANISTENDAEL, Stefan. Genebra, Bureau International Catholique pour l'Enfance - BICE, Genebra, 25 de maio de 2010. Entrevista concedida a nós.

proteção externos e pelos pilares de resiliência, isto é, por determinadas aptidões e competências próprias desenvolvidas.

4.2 Promoção dos fatores de proteção através de pessoas e grupos

4.2.1 Necessidade de outros

A Igreja, através das pessoas, das comunidades e das variadas instituições que possui, pode ser um âmbito propício para que os jovens encontrem pessoas e grupos que os ajudem a se fortalecer. Seja pela presença de qualidade, isto é, pela escuta e pela acolhida, pelo testemunho de vida, pela disponibilidade para ajudá-los nas suas necessidades concretas (educação, saúde, etc.) como na busca de sentido e de narrativas. Às vezes, não se trata de grandes ações nem gestos demasiado originais. Basta estar presente ou fazer demonstrações de carinho, de companhia, um intercâmbio sincero de ideias ou dizer palavras oportunas que orientem, por vezes, uma colaboração em necessidades físicas ou materiais.

Tudo indica que a resiliência não é um processo capaz de se desenvolver fora de um contexto. São as pessoas, os grupos, a sociedade, os que disponibilizam, ou não, as ajudas necessárias para desencadear ou para continuar o processo de superação de situações adversas ou traumáticas. A aceitação incondicional por parte de pessoas significativas é o elemento mais remarcado no referencial teórico e nas entrevistas, realidade que não escapa à literatura pastoral. Contudo, a aceitação não é indiscriminada. Alguns jovens das entrevistas valorizam a presença de pessoas de confiança que são capazes de os ajudar a ver o que é bom e o que não. Quer dizer que a aceitação da pessoa não é sinónimo de aceitar seus comportamentos ou atitudes quando o jovem está errando ou indo por um caminho que não lhe faz bem.

Assim como a aceitação é fundamental para poder superar situações dolorosas, a exclusão do grupo e a discriminação, pelo contrário, são atitudes não somente que não ajudam à resiliência, senão que são poderosamente inibidoras dos processos de superação. Por isso, a promoção da resiliência precisa de pessoas (agentes de Pastoral, assessores, familiares, amigos, etc.) capazes de acolher a todos, de respeitar as diferenças, mas também de ser presença que ajude no discernimento, na formação de um pensamento crítico, na busca da vida, do que faz crescer. Cabe explicitar que a tolerância, assim como a integração, são formas parciais de aceitação. O respeito e a inclusão do diferente supõem um passo e um compromisso maior.

Os documentos pastorais destacam a importância de que os jovens possam participar de grupos. Alguns remarcam as diferenças das “tribos” e sugerem um trabalho por juventudes específicas, isto é, em grupos com interesses afins. No entanto, é preciso que o mundo do jovem não fique restrito só aos iguais, pois no contato com pessoas de diferentes ambientes e mentalidades ele se capacita para desenvolver âmbitos mais amplos de sociabilidade que, por sua vez, favorecem possíveis apoios em momentos de dificuldade. Nesse sentido seria pertinente tanto a articulação e o intercâmbio de experiências pastorais sugeridas por algumas linhas, assim como a proposta da CNBB da criação de um Setor Juventude que favoreça o exercício da pluralidade e a complementariedade de carismas.

A pesquisa confirma que a resiliência é um processo que precisa de outras pessoas. Alguns relatos mostram como, perante situações sofridas, os jovens desabafam chorando, às vezes sozinhos no início, porém, nenhum deles descreve ter ficado no recolhimento narcisista, próprio da necessidade de se autoprotger. A maioria narra que eles têm pessoas por perto para apoiá-los e salientam que a ajuda dos outros é fundamental. Uma atitude que se pode inferir é a importância de a Igreja se aproximar dos jovens e não só aguardar que eles cheguem às instituições e comunidades católicas.

O enfoque da resiliência, assim como a perspectiva do CELAM, sugerem pensar em dois aspectos complementares: trabalhar na dimensão da prevenção e no acompanhamento dos jovens já afetados por situações adversas ou traumáticas. A categoria resiliência, longe de fomentar um olhar estigmatizador, catalogando os jovens em resilientes e não resilientes, parte dos recursos presentes em cada ser humano, acredita nas chances de transformação e de superação e nas possíveis contribuições das pessoas e dos grupos no processo de resiliência.

4.2.2 Redes de apoio

Dentre as redes de apoio formais e informais disponíveis (instituições educativas, sociais, comunidades eclesiais, rede de saúde, família, amigos, etc.) os resultados deste estudo coincidem com resultados de outras pesquisas realizadas com jovens: a família continua sendo um ponto de referência fundamental perante o sofrimento. Tanto para os jovens brasileiros quanto para os jovens franceses, o núcleo familiar é um espaço privilegiado e importante⁴²⁴. Apesar das mudanças de valores e da recomposição das famílias, trata-se de uma rede de apoio priorizada pelos jovens nos momentos de sofrimento. Suscita-se um

⁴²⁴ PETITCLERC, 2008, p. 95-96.

questionamento. Se a família, em especial, e os pais são tão importantes para o jovem, como a Pastoral da Juventude ou outras Pastorais poderiam preocupar-se em atender essas lideranças e assessores naturais da juventude que são os integrantes da família, para que possam potencializar as suas próprias capacidades de serem fatores de proteção e, até, tutores de resiliência desses jovens? Se bem que existam grupos católicos que trabalhem com casais e matrimônios, no contexto atual há um bom número de pais e mães separados ou que convivem com outros parceiros. Como fortalecê-los e que iniciativas poderiam ser pensadas para que, tanto uns como outros, possam apoiar e potencializar as capacidades de superação dos próprios filhos? Por sua vez, várias situações que os jovens narram têm a ver com problemáticas da e na família: separação dos pais; violência; alcoolismo; doença e morte; acidentes; falta de recursos materiais pelo que bem novos precisaram deixar de estudar para conseguir um emprego. O trabalho no campo da família constitui tanto um fator de prevenção de situações traumáticas, quanto um fator de proteção que favorece a resiliência dos jovens.

A literatura mostra que não é possível se autoproclamar “tutor de resiliência”, pois a maioria das pessoas que são significativas de uma forma especial e positiva perante situações dolorosas de outras pessoas não o percebem. Porém, sim, é possível cultivar habilidades e atitudes que favoreçam o suporte e o apoio de que o jovem precisa. Uma das capacidades bem remarcadas nas entrevistas é a capacidade de estabelecer um vínculo de confiança e uma escuta atenta do que o jovem narra. As aptidões empáticas propiciam que ele sinta que há pessoas com as quais ele pode contar e que favorecem que ele possa sair do momento de se recolher narcisisticamente sobre si e se abra a uma outra pessoa capaz de aceitá-lo incondicionalmente. A presença de gestos de solidariedade, de demonstrações de afeto e as palavras de apoio, mesmo pequenos, podem ser marcantes, positivamente, nos momentos de fragilidade, operando como um elo capaz de motivar o início de um processo de resiliência.

Uma consequência destas observações é a necessidade de criar nas Instituições Católicas, assim como nas comunidades paroquiais e nos grupos de jovens, um espírito de família. Isto é, um clima personalizado, de confiança, de presença acolhedora e de diálogo. Um tema recorrente nas entrevistas é a necessidade de ter outras pessoas próximas para poder superar as adversidades. A preocupação de uma pessoa pela outra e a disposição para ajudá-la é verbalizada de diferentes maneiras. Uma atitude que o jovem valoriza e que favorece o sentimento de segurança é quando as pessoas mais significativas são capazes de o ajudar, fomentando o que lhe faz bem, o que é bom. O apoio pode passar pelo incentivo de seguir adiante, como convidando-o a sair, a conversar, a ter esperança, a encontrar alternativas ou a se divertir, segundo as situações.

A acolhida ao jovem na sua forma de ser original e na sua situação particular parte do respeito pelo próprio ritmo no processo de cada pessoa. A maneira de acompanhar e de promover a caminhada espiritual se vale de instrumentos que, conforme as circunstâncias, as possibilidades e as necessidades de cada jovem, podem variar. Podem ser momentos de formação, de meditação pessoal ou em grupo, leituras da Palavra ou outros livros oportunos, assim como celebrações comunitárias com música, símbolos, etc., entre outras atividades.

A ajuda que oferecem os amigos aparece em destaque nas entrevistas. Os grupos de pessoas com as quais o jovem pode contar, marcam uma diferença importante, sejam colegas de trabalho, amigos de um grupo cristão, vizinhos, etc. Os documentos pastorais, a literatura sobre resiliência e os depoimentos dos entrevistados coincidem na importância destas redes de apoio, seja pelos vínculos, pelo diálogo, pela valorização do jovem, quanto pela possibilidade de intercambiar critérios e pontos de vista, porque ajudam a descobrir o sentido das experiências de vida e a enfrentar desafios. As figuras significativas que marcam o jovem podem fazê-lo estando junto ou pelo exemplo de vida e, inclusive, após ter falecido. Assim também, o tutor de resiliência pode ter uma influência positiva mesmo em ausência física, isto é, estando “presente no espírito e no coração”⁴²⁵.

Observando se a Igreja é, ou não, uma rede de apoio para esse pequeno grupo de entrevistados, um dado que chama a atenção é que há uma única referência a uma autoridade religiosa católica como figura significativa. O destaque aparece em momento de luto. As outras pessoas do contexto eclesial mencionadas são leigos e jovens, isto é, pares, sejam membros de grupos (Cenáculo, Encontro de Casais com Cristo, vizinhos que visitam para rezar o terço nas casas, grupos de estudantes, pessoas que dão testemunho de vida nos retiros), e não figuras de autoridade ou outras lideranças como sacerdotes, irmãs, catequistas ou assessores. No entanto, aparecem menções a pastores. Nesse sentido, surge um questionamento. Como implementar mais o sugerido nos documentos salesianos em relação a ir onde estão os jovens? Se a Igreja Católica quer estar mais perto da juventude, conforme o narrado, a visita às casas parece ser importante em casos de doença grave. Nesse sentido, outras Igrejas Evangélicas parecem estar preenchendo esse espaço um tanto descuidado pelos católicos. Outra atitude que pode contribuir é a personalização no contato com o jovem. As entrevistas denotam que uma boa parte dos jovens participantes nem sabe o nome dos responsáveis na Paróquia ou na Capela, nem viceversa. Porém, o contato com outras Igrejas é

⁴²⁵ GOLDBETER-MERINFELD, Edith. Résilience, résonance et tiers pesant. In: CYRULNIK, Boris; ELKAÏM, Mony. *Entre résilience et résonance: à l'écoute des émotions*. Paris: Fabert, 2009. (Psychotérapies créatives). p. 116.

marcado pela presença de pessoas conhecidas: a amiga que a leva ao culto; o patrão do pai que vai visitá-lo quando o jovem ficou doente; a irmã e o cunhado para rezar pela família em caso de necessidade; uma cunhada que oferece pedir preces a determinada irmã da Igreja Evangélica para a união do casal a ponto de divórcio.

4.3 Promoção dos pilares de resiliência através de propostas pedagógico-teológicas

Além dos dois fatores de proteção já mencionados, a acolhida incondicional e as redes de apoio, a literatura sobre resiliência descreve pilares que, pensando desde o ponto de vista pastoral, podem ser promovidos através de iniciativas, de atividades e do espírito no trabalho junto à juventude. Alguns destes pilares já aparecem mencionados nas publicações pastorais, porém sem serem relacionados à resiliência.

4.3.1 Necessidades básicas e auto-estima

Antes de entrar na descrição dos pilares propriamente ditos, precisa-se pensar em uma dimensão prévia: o cuidado do jovem na sua integralidade. Isso implica incentivar políticas e estratégias que possibilitem o acesso dos jovens à satisfação das necessidades físicas básicas não satisfeitas que, de fato, já podem ser considerados fatores de risco. Por exemplo, segurança física, saúde, alimentação, sono, etc. De fato, um bom número de jovens brasileiros tem medo de morrer, de sobrar e de ficar desconectado, à margem da sociedade. Sabe-se que essas preocupações são reais e que podem ser importantes fatores de risco para o desenvolvimento de uma vida sadia. Nos jovens pesquisados, por exemplo, vários passaram por situações de violência, padeceram ou padecem situações de pobreza, e um número considerável teve que interromper seus estudos. Por isso, pensar a Pastoral desde o olhar da resiliência implica, também, cuidar para que os direitos dos jovens sejam garantidos.

Já desde o início dos estudos de resiliência, Rutter sinalizou a importância da auto-estima e do sentimento do próprio valor, assim como a consciência e o sentimento de autoeficácia. Os relatos dos entrevistados deixam transparecer estes dois aspectos, assim como a tendência desses jovens a ver os aspectos positivos nas provas e a acreditar nas possibilidades de resolvê-los. Por outro lado, constatou-se como a sensação de sentir-se desvalorizado afeta o potencial de superação de situações adversas. Observa-se, nos relatos, que, quando o jovem se sente escutado, acompanhado e amado por Deus e pelas pessoas, a estima de si aumenta. Assim como a auto-estima parece ser uma característica das pessoas

resilientes, ao mesmo tempo, a superação de situações adversas ou traumáticas ajuda a desenvolvê-la. As entrevistas mostram a relevância que alguns jovens dão à valorização das próprias capacidades, por exemplo, na área laboral, assim como a ferida narcisista que experimentam quando são desvalorizados no emprego ou quando não conseguem realizar a sua necessidade e vontade de estudar.

Até que ponto a auto-estima do jovem é um elemento expressamente valorizado nas diferentes experiências pastorais? A literatura e alguns relatos da pesquisa marcam claramente a importância deste pilar de resiliência. O jovem se importa e se sente ferido quando não é suficientemente reconhecido (por exemplo, por ser jovem ou por ser afro-descendente). Por sua vez, a estima positiva de si entra como um elemento que ajuda a superar sua situação crítica. Nesse sentido, em um relato a auto-estima aparece ligada à estética. Mesmo em condições sociais de indignidade, uma jovem explica que arrumar-se bem para sair com amigos para tomar algo, divertir-se, escutar música e dançar, a ajuda a superar situações de sofrimento. Estética e cuidado, nesta perspectiva da resiliência, não podem identificar-se com consumismo. Trata-se de um cuidado de si sadio que pode se relacionar à presença física, como uma boa caminhada, o contato com a beleza da natureza ou de uma música, etc. Alguns documentos de Pastoral resgatam a valorização das aptidões e qualidades do jovem e o crescimento de sua auto-estima e da capacidade de amar e de sentir-se amado.

4.3.2 Aptidões e competências pessoais

A seguir, descrever-se-ão as aptidões e as competências pessoais que aparecem no referencial teórico e na pesquisa social e que se poderiam promover através do trabalho pastoral.

Uma característica observável em jovens resilientes é a sociabilidade, isto é, a capacidade de estabelecer vínculos, de abrir-se a outros e de pedir ajuda, evitando o isolamento. Favorecer os grupos e as comunidades onde os jovens possam estabelecer relações com outros, ouvir experiências de vida, falar e ser escutados, apoiar e sentir-se apoiados é um valor enunciado pelos ensinamentos da Igreja no âmbito católico. Nos relatos dos entrevistados há boas experiências deste tipo, porém, outros relatos afirmam que a verdadeira acolhida e o ambiente de confiança e de aceitação incondicional se encontram em outras Igrejas, não na Católica. Por sua vez, um desafio do agente de pastoral, do assessor ou

do educador é suscitar o desejo do jovem de ser autor do seu processo, sem se retrair sobre si próprio, aceitar a ajuda e o diálogo, favorecido pelo vínculo de confiança⁴²⁶.

Para percorrer o caminho da resiliência precisa-se de iniciativa, isto é, da capacidade de agir com coragem em face ao sofrimento, de avançar em meio aos problemas esforçando-se para sair das dificuldades. Alguns participantes chamam essa aptidão de “força de vontade”. A resiliência se vê favorecida pela capacidade de estabelecer limites, de controlar os próprios impulsos e de aceitar os erros, de decidir por si próprio. Relaciona-se, também, com a capacidade de estabelecer expectativas e de assumir responsabilidades suficientemente elevadas, claras e compatíveis com as possibilidades reais que o jovem tem, nesse momento, para lidar com a situação adversa, assim como com o sentimento de poder desenvolver atitudes concretas que ajudem na superação (autoeficácia). A determinação possibilita ao jovem crescer no amadurecimento psicológico, superando, por exemplo, certas dependências (sair da casa materna, assumir uma vida com maiores exigências de trabalho e menos seguranças para realizar um projeto de vida). A postura pró-ativa (descrita nas entrevistas como “encarar”; “enfrentar”; “lutar”; “batalhar”; “ir para a frente”; “não desistir”) se opõe à postura passiva da pessoa (“não fazer nada”; “ficar conformada”; “parada”). Segundo os relatos, o movimento de como agir positivamente perante a adversidade e o sofrimento é, por um lado, ter a capacidade de introspecção, isto é, de ficar a sós e, por outro, ser capaz de pedir ajuda para Deus e para as pessoas.

Um ponto em comum nas aptidões valorizadas na Pastoral e na resiliência é a busca das regras de vida, das leis simbólicas que dão sentido de pertença e identidade grupal. A rede de apoio social, seja a família, seja um grupo ou uma instituição, precisa oferecer suporte e contenção, mas não superproteger nem se tornar demasiado rígida, pois impede que o jovem possa desenvolver as suas próprias aptidões e competências para poder superar as adversidades. As entrevistas apresentam vários relatos nos quais os entrevistados optaram por sair da casa dos pais sendo novos ou, perante as dificuldades no lar que constituíram, decidiram não voltar à família e tentar resolver por si mesmos.

As observações e as pesquisas com pessoas resilientes demonstram a associação entre resiliência e pensamento crítico. Algumas linhas pastorais destacam esta forma de pensar como chave e, inclusive, como metodologia de trabalho para a análise da realidade externa e da própria vida. Há grupos que preferem falar em discernimento espiritual. Trata-se de duas

⁴²⁶ PETITCLERC, 2006, p. 42-45.

formas de fomentar um pensamento reflexivo, capaz de reconhecer fortalezas e limitações, erros e acertos, reconhecer atitudes negativas e saber descobrir alternativas melhores.

A visão do mundo e de si de um jovem resiliente precisa ter, por sua vez, a capacidade de olhar a vida e as situações com realismo, com otimismo e com esperança. Os entrevistados remarcam a importância de ter um “pensamento positivo”. Descrevem-no como a mentalidade que os faz acreditar que a situação vai melhorar, enquanto eles não desistem e vão fazendo o possível, da sua parte, para que a situação adversa possa ser superada.

Outra característica possível de ser promovida e que favorece o processo de resiliência é a capacidade de introspecção, entendida como a faculdade de tomar consciência de si (*insights*), de se questionar e procurar respostas, de assumir posturas responsáveis e coerentes com seus próprios valores éticos. Por isso, a promoção da resiliência passa por ensinar e promover a capacidade de pensar, o que não significa propor o que pensar.

O exercício da consciência crítica e da introspecção possibilita a realização do projeto de vida, um instrumento-chave para a resiliência na juventude e, por sua vez, motivado em determinados modelos de Pastoral (por exemplo, nas Pastorais da Juventude e nos grupos salesianos, mas também no acompanhamento vocacional de várias dioceses e de Congregações Religiosas). Há entrevistas que explicitam a decisão clara de um projeto de vida, por exemplo, casar e manter o matrimônio estável; educar com valores os filhos e dar o melhor de si para eles; seguir o modelo de perseverança da sua avó, mesmo em situações muito difíceis; não compactuar com situações de violência sofridas com integrantes da família; e, em vários casos, a aspiração a continuar os estudos, seja terminar o ensino médio ou fazer Faculdade. O estudo é um dos sonhos e das aspirações mais evocados nas entrevistas.

A forma de pensar do jovem resiliente está marcada por conseguir ler, por trás de uma situação adversa, um desafio que possa abrir a uma possibilidade, por exemplo, uma oportunidade para crescer, para amadurecer, para reafirmar um valor ou um projeto de vida. Este é outro aspecto da visão otimista e esperançosa de um olhar resiliente que pode ser promovido como forma de ver, de interpretar e de agir perante a realidade, inclusive adversa.

Esta mentalidade dá lugar ao protagonismo, um princípio norteador suficientemente descrito nos documentos pastorais e considerado uma competência reconhecível nos processos de resiliência. O protagonismo ou o empoderamento é o exercício das capacidades compatíveis com a condição que, nesse momento, o jovem tem, mesmo dentro dos limites da sua condição (por exemplo, o protagonismo em situações de pobreza e indigência, de saúde frágil ou de doença terminal). Poder exercitar as suas próprias capacidades reais aumenta também a auto-estima.

4.3.3 Senso de humor e sentido de vida

Um pilar de resiliência cada vez mais abordado na literatura é o senso de humor. A capacidade de descobrir aspectos engraçados ou um ângulo frágil em uma situação crítica ou sofrida ajuda a reduzir a ansiedade, a tomar certa distância emocional da problemática e a diminuir a dor e a preocupação pela adversidade. O humor se relaciona à criatividade, à arte e ao lazer, pois em certo sentido é a capacidade de encontrar, em algo negativo, um aspecto que faça rir. Pode ser viabilizado por meio de palavras, mas, também, mediante a dramatização, o desenho ou a escrita. Os documentos pastorais pouco falam deste aspecto, contudo, valeria a pena pensar como fomentar esta dimensão na vida dos jovens e dos grupos. Não se trata de uma ironia maldosa, mas de fomentar a capacidade de desconstruir a tensão provocada pela situação adversa ou traumática. Mesmo que nas entrevistas não haja menções ao humor propriamente dito, há algumas referências, na literatura pastoral e na prática dos grupos, à importância da festa, da música, da dança. No trabalho com jovens o canto, a dança, os instrumentos musicais, assim como outras expressões artísticas, lúdicas e esportivas podem ser poderosos meios para facilitar o processo de resiliência. Por exemplo, capoeira; futebol; teatro.

Outro aspecto a trabalhar é a beleza vinculada ao que dá sentido e satisfação profunda na vida. No acompanhamento de jovens que passam por momentos de privação, de doença ou que padecem situações traumáticas, com consequências às vezes irreparáveis, pode contribuir na superação, ajudando-os na busca de experiências gratificantes no contato com a beleza da natureza, da arte, em vínculos positivos com pessoas e em experiências que façam sentido para ele mesmo. Nessa linha, a Pastoral pode propiciar que os jovens estejam abertos à descoberta da satisfação de assumir uma responsabilidade social, de engajar-se em projetos de serviços, até missionários, em vínculos com compromisso ou em atividades compartilhadas.

Ter um sentido para viver constatou-se que é um pilar fundamental para poder desenvolver o processo de resiliência após situações adversas ou traumáticas, daí o papel significativo das narrativas de vida. A Igreja Católica, seja através dos seus ensinamentos seja através dos sacramentos, das celebrações, dos grupos e comunidades, como das suas iniciativas e projetos, é um campo que favorece encontros, possibilidades de criar sentidos, de elaborar novas narrativas. Afirma Cyrulnik:

Cada arquivo, cada encontro, cada acontecimento que nos convida a criar outra quimera narrativa, constitui um período sensível da nossa existência, um momento

fecundo, uma movimentação caótica a partir da qual vamos dolorosamente tentar reaprender a viver... com alegria!⁴²⁷

Alguns entrevistados fazem referência a ensinamentos, práticas e meios (por exemplo, programas da TV Católica), disponibilizados pela tradição teológica católica, que os ajudam a sentir apoio, força, luz e aprendizados com os quais elaboram as suas próprias narrativas. Para que seja na linha da resiliência, a narrativa precisa basear-se em uma leitura dos fatos com significado de possibilidade e de esperança. As narrativas que partem de visões deterministas ou fatalistas promovem mais a passividade ou o desespero que a criatividade, a iniciativa e o empenho pela busca de superação (por exemplo, narrativas religiosas que explicam a doença, as privacidades ou as dificuldades como castigos de Deus).

As narrativas e as estratégias para fazer algo positivo com o sofrimento provocado pela adversidade ou pela situação crítica podem incluir um engajamento social que nasce da solidariedade com outras pessoas que passam iguais ou outras situações difíceis. Atender às necessidades de outros (por exemplo, mediante visitas, oração, ajuda material, envolvimento em um projeto social) pode ser parte da tentativa de superar a própria situação crítica ou uma expressão de reciprocidade, em agradecimento à ajuda recebida quando precisou, ou já por ter passado por dificuldades para superar as adversidades e por desejar que outros sejam poupados de algo que ele mesmo já sofreu. Um traço bem presente nas entrevistas é a solidariedade ou o altruísmo⁴²⁸. Sem pretender dizer que os entrevistados conseguem ficar além dos parâmetros e desejos de consumo provocados pela sociedade, chama a atenção que esses jovens manifestam mais seu lado empático e solidário que seu lado narcisista e autocentrado. Poderia pensar-se no que já a literatura de resiliência e as observações de campo deixam transparecer: tanto a superproteção como a mentalidade consumista enfraquecem as possibilidades de percorrer o processo de resiliência⁴²⁹. Aliás, ter passado por situações adversas e percorrer o caminho da superação pode motivar uma maior sensibilidade e desejo de se dispor a ajudar a outros que passam por situações de privacidade, dificuldades, doenças ou momentos críticos.

Outra dimensão presente no referencial teórico e nas entrevistas é a dimensão ética. A literatura sobre resiliência fala da moralidade como característica observada nas pessoas

⁴²⁷ *Chaque archive, chaque rencontre, chaque événement qui nous invite à créer une autre chimère narrative, constitue une période sensible de notre existence, un moment fécond, un bouleversement chaotique à partir duquel nous allons tenter douloureusement de réapprendre à vivre... avec bonheur!* (tradução nossa). CYRULNIK, 2008, p. 29.

⁴²⁸ MANCIAUX, Michel. *Société – santé – résilience – foi*. [s.d.]. Disponível em: <<http://www.cef.fr/catho/endit/sante/santemanciaux.PDF>>. Acesso em: 11 out. 2010.

⁴²⁹ CYRULNIK, 2004a, p. 214-215.

resilientes. Cuidar de si, mas também dos outros, isto é, uma referência dupla ao bem próprio e ao bem alheio, é uma característica que aparece clara nas entrevistas. O sentido da justiça e a dimensão social que ecoam no sentir de vários jovens levam a que eles valorizem a liberdade de escolha, por exemplo, encarando um projeto de vida sem vícios, sem violência, preocupando-se com outras pessoas, exercendo a honestidade e a solidariedade. Por vezes, esses jovens se desafiam a buscar caminhos mais difíceis para não ficar em posturas cômodas ou dependentes. A importância do bom uso da memória para favorecer o processo de resiliência se reconhece nas entrevistas na capacidade de ter presente as atitudes negativas padecidas (por exemplo, violência sofrida ou vícios de familiares) para não repeti-las na própria vida. Manifesta-se, também, na capacidade de esquecer, isto é de não ruminar as lembranças dolorosas, não ficar no rancor, nem na sede de vingança. Nesse sentido destaca-se o lugar do perdão, implícita ou explicitamente dito como nas entrevistas.

Se por um lado há atitudes e posturas que dependem da escolha do jovem que sofre, por outro, o contexto pode propiciar ajudas para facilitar lidar com situações difíceis. Por exemplo, atualmente, uma forma que contribui no desenvolvimento da resiliência é disponibilizar cuidados paliativos para pessoas com doenças terminais ou para sobreviventes de tragédias. Trabalha-se, entre outras coisas, o sentido de vida e a transformação da esperança de recuperar a saúde, a aceitação, com paz e esperança, de um futuro desconhecido. Algumas iniciativas deste tipo e de tantos outros são promovidas e lideradas por Congregações Religiosas, por Organizações Filantrópicas e outras Associações de Leigos Católicos que, além de contar com profissionais capacitados, integram nas equipes voluntários (católicos ou não), sensíveis à situação adversa ou que passaram por situações similares.

Em definitivo, tanto os fatores de proteção quanto os pilares de resiliência podem ser fomentados pelas instituições, pelos grupos e através da vida e de iniciativas pessoais a fim de favorecer a resiliência dos jovens. Considerando que o estudo quis investigar a influência atual e as características da religiosidade/espiritualidade, um dos pilares de resiliência, em jovens católicos, finalizar-se-á pontualizando algumas constatações em relação ao tema, assim como algumas perspectivas e desafios para a contribuição da Igreja Católica na promoção da resiliência, em jovens de 18 a 29 anos.

4.4 Contribuições da religiosidade/espiritualidade, perspectivas e desafios para a Igreja Católica na promoção da resiliência

As contribuições e as perspectivas trazidas pelo estudo da resiliência dão pistas para a práxis pastoral com jovens, tanto no sentido da reflexão teórica (psicológica, sociológica e teológica), como da aplicação prática, e podem ser pensadas no âmbito do amplo trabalho que a Igreja Católica faz com a juventude, seja através da área da Pastoral de Juventude propriamente dita, como na área da educação, da saúde, da promoção social, da espiritualidade e do acompanhamento pastoral, da formação integral, da Pastoral vocacional ou missionária, em voluntariados ou em outros variados projetos, nos mais variados ambientes sócio-culturais.

4.4.1 Características e contribuições da religiosidade/espiritualidade

A pesquisa social mostra que, na maioria dos jovens que se denominam católicos, há uma clara influência positiva da espiritualidade e salientam que, para eles, Deus é importante ou muito importante para superar situações adversas. Inclusive, uma entrevistada afirma que a sua crença em Deus se intensificou ainda mais após ter passado situações críticas e dolorosas. A referência a Deus é suficientemente descrita, porém há só uma menção a Jesus Cristo. Deus é visto como uma força maior que escuta, que ajuda, com quem eles podem desabafar e falar espontaneamente em qualquer momento, seja para pedir, seja para agradecer. Trata-se de alguém importante, que faz diferença na vida do jovem, que segura, dá apoio e fortalece na hora do sofrimento.

À diferença da juventude de alguns anos atrás, o jovem atual recorre a Deus com uma motivação subjetiva de dar resposta às suas necessidades. Por isso, valoriza o diálogo com Deus de forma espontânea, como uma conversa, na simplicidade de pedir ou agradecer da sua própria forma. Nesse sentido, é constatável a busca de uma religiosidade/espiritualidade que dê conta de responder à vida concreta, a suas necessidades e preocupações e que consiga movê-lo emocionalmente. Esta constatação fica clara em alguns relatos nos quais os entrevistados falam de como são tocados e como isso faz a diferença. Por exemplo, em outras Igrejas que não é a Católica há um fator surpresa, já que eles não sabem o que vai ser falado, os temas pregados têm a ver com “a vida” desses jovens, pelo que saem “diferentes” depois da celebração.

Chama muito a atenção a ênfase de vários jovens entrevistados em identificarem-se como católicos, não gostando nem frequentando a Igreja Católica (inclusive criticando-a) e participando dos cultos de alguma Igreja Evangélica. A Sociologia da Religião fala da bricolagem, isto é, dessa forma pessoal de compor a sua religiosidade/espiritualidade conforme a organização que cada um quer dar às suas crenças e práticas religiosas. Inclusive a pertença religiosa resulta ser algo escolhido e adaptado ao estilo da própria pessoa. Nesse sentido, para vários jovens, não haveria conflito entre a pertença à Igreja Católica e a prática institucional em outra Igreja diferente.

O fato de que os entrevistados se autodenominam católicos é preciso lê-lo no contexto brasileiro, marcado pelo imaginário coletivo, dentro de uma tradição católica cultural e familiar. Mesmo que vários tenham feito a Primeira Comunhão e alguns até Crisma, eles não têm lembranças significativas a destacar sobre a preparação para os sacramentos. Sem contar o grupo da catequese e algum entrevistado que participou de coral na infância, são poucos os jovens que têm experiência de grupos católicos na sua juventude. Alguns deles parecem sentir certa obrigação de fidelidade à pertença católica. Mas isso não implica nenhuma prática institucional e coletiva, nem maiores discordâncias entre uma ou outra confissão religiosa. A narrativa do “Deus é um só”, do “Deus é o mesmo”, seja do Deus do evangélico, do batuqueiro ou de outros, chama poderosamente a atenção. Inclusive, por vezes, parece que a questão de se definir como católico não significa nenhuma nota demasiado precisa. Um jovem afirma que é católico “por dizer”, e outra explica que vai “morrer católica”, mas nem gostam ou nem vão à Igreja Católica. Aliás, eles descrevem com facilidade a sua participação em outras Igrejas e os motivos pelos quais eles gostam de frequentá-las. A escolha parece fazer-se na base das próprias necessidades, sendo às vezes uma espécie de religiosidade/espiritualidade que se alimenta *à la carte*⁴³⁰.

As entrevistas não trazem suficientes dados explícitos para falar da mentalidade teológica desses jovens, nem alusão a demasiadas práticas católicas para reconhecer elementos da religiosidade popular, de uma religiosidade mais ortodoxa ou tradicional, ou de inclinações para determinado tipo de linha pastoral. Sabe-se que um número significativo de jovens brasileiros que se consideram católicos, acredita mais na reencarnação do que na ressurreição. Porém, nesta pesquisa não há nenhuma menção ao tema, da mesma forma como não aparecem referências ao mistério da cruz, nem outras leituras teológicas explícitas em relação ao sofrimento vivido, como se poderia ter esperado. Não há registro de expressões

⁴³⁰ RIBEIRO, Jorge Claudio. *Religiosidade jovem: pesquisa entre os universitários*. São Paulo, Loyola, 2009. p. 87.

como a pergunta: “Por que Deus permitiu?”, nem interpretações de que a adversidade foi permitida por Deus por algum motivo ou de que a atitude a tomar é a resignação, por exemplo. Contudo, os relatos apresentam a clara consciência da situação adversa e crítica e a busca de superá-la. Eles mostram algumas atitudes mais frequentes: por um lado, a confiança na ajuda de Deus e das pessoas e, por outro, uma postura ativa colocando tudo de si para solucionar e superar a dificuldade ou a situação traumática. Não aparecem narrativas que neguem o sofrimento ou que o interpretem como castigo de Deus, nem como um chamado a uma conversão ou a uma mudança de condutas. Eles também não interpretam as situações adversas como abandono de Deus, nem aguardam a demonstração da presença divina, da sua própria virtude, nem a comprovação da sua fé ou da fidelidade, através da obtenção de dinheiro, de bens, de saúde, etc. Nesse sentido, os jovens entrevistados não dão indícios de interpretar o sofrimento desde uma Teologia da prosperidade, como é característico em algumas pregações pentecostais, nem desde uma Teologia da “resignação” (ou da cruz), própria de algumas pregações católicas.

Um forte traço da religiosidade/espiritualidade verificada é a existência de um Deus que escuta, que acolhe, sem necessidade de boas obras, de méritos ou de práticas para intervir. O nexos com Deus se dá através do conversar, do pedir, do agradecer. Não existem verbalizações que permitam inferir se os entrevistados acreditam nas três pessoas da Trindade: Pai, Filho e Espírito Santo. Contudo, o diálogo espontâneo e vivencial, implementado na prática da oração, deixaria transparecer a ideia de um Deus-pessoa mais do que simplesmente uma energia, por exemplo. Mas não há suficientes dados para corroborá-lo. Aliás, várias entrevistas deixam claro como Deus cumpre, para eles, uma função equivalente à de um tutor de resiliência. Uma figura espiritual personalizada e mencionada por duas jovens é Nossa Senhora e a consideram uma poderosa intercessora. A devoção à Mãe de Jesus, Maria, é um indicador significativo da influência realizada pela evangelização da Igreja Católica. Quanto à forma de rezar, poucos utilizam fórmulas e, em todo caso, não é a forma que privilegiam para orar.

Por outro lado, esse Deus com quem eles conversam e em quem confiam não parece reclamar nada deles, ao menos não está verbalizado. Algumas interpretações sobre a religiosidade/espiritualidade nos tempos presentes salientam que ela poderia chegar a ser mais um objeto de consumo que satisfaz necessidades pessoais, mas que não implica compromisso. Nesta investigação fica difícil afirmar que essa crença religiosa não traz implicações éticas na vida, pois há depoimentos onde os valores e princípios são verbalizados como uma opção consciente e importante na vida. Os dados da pesquisa mostram que na crença em Deus,

especialmente nos momentos de sofrimento ou dificuldade, os jovens priorizam a dimensão subjetiva e emocional. Contudo, vários relatos mostram a preocupação em conseguir apoio para se repor pessoalmente, junto de um interesse em ajudar. O compromisso com outras pessoas é um traço forte nas entrevistas, seja a preocupação pelos pais, pelos filhos, por outras pessoas necessitadas próximas (parentes, amigos, colegas de trabalho) ou não conhecidas (colaborar em campanhas solidárias, etc.). A dimensão individual não fica desconectada da dimensão social. Tudo indica que o aspecto dos vínculos está bem presente na vida dos entrevistados.

4.4.2 Perspectivas e desafios para assessores, animadores e lideranças

Um ângulo bem preciso no contato com os jovens é através dos assessores, dos animadores, dos coordenadores e das lideranças de Pastoral que trabalham com a juventude. Por tratar-se de uma responsabilidade direta com os grupos e os jovens, oferecer-se-á uma análise sobre alguns aspectos fundamentais a ter em conta para fomentar a promoção da resiliência.

A visão que o responsável tem do jovem e a visão que ele tem da sua própria missão como assessor influenciam positiva ou negativamente na sua capacidade de ser promotor de resiliência. Considerando a ampla literatura sobre resiliência e o vasto leque de estilos e iniciativas para o trabalho pastoral com juventude, recapitular-se-ão algumas noções principais que podem facilitar o assessor para que contribua na promoção da resiliência dos jovens.

Um primeiro desafio é a formação do assessor. Quanto mais ele puder conhecer a realidade juvenil, a mentalidade e a forma de sentir, sua cultura, seus valores e pontos de interesse, as inquietações e necessidades do grupo de jovens a ele confiados, melhor saberá despertar nos jovens as suas capacidades de resolver os conflitos, superar as adversidades e reconstruir, positivamente, situações traumáticas pessoais ou coletivas. Uma dificuldade que aparece com frequência é a falta de sacerdotes, religiosas ou leigos com capacitação específica para trabalhar com jovens de 18 a 29 anos. Além de disposição para o trabalho e o estudo da realidade juvenil é preciso poder ter, se possível, uma certa dedicação que favoreça o conhecimento da realidade específica do grupo. Por exemplo, é diferente trabalhar com jovens de universidade; com jovens que não puderam completar seus estudos; com jovens que trabalham muitas horas, com a responsabilidade de uma família e de filhos; com jovens que moram em contextos de violência; com jovens desempregados; com jovens na droga; ou com

portadores de doenças específicas. Cada contexto precisa uma linguagem diferente, estratégias e metodologias de aproximação e de acompanhamento pastoral diferentes.

Se a acolhida é tão importante para propiciar e acompanhar processos de resiliência, a atitude consciente e voluntária de aceitação do jovem, independente da condição em que ele esteja, marca o ponto de partida no trabalho. Sabe-se que, por tratar-se de um vínculo entre pessoas, existem certas limitações para que a aceitação seja incondicional, já que a personalidade, as capacidades e a história, tanto do assessor como do jovem, predispõem para uma maior ou menor empatia natural. De qualquer forma, acredita-se na aceitação como fundamento do trabalho pastoral, aceitando que podem existir certos condicionamentos que favoreçam ou entorpeçam uma maior aceitação incondicional por parte da liderança.

Olhar a realidade do jovem que sofre desde a ótica da resiliência significa acreditar nas possibilidades do jovem, tentar descobri-las e ajudá-lo a que, ele mesmo, possa enxergá-las e fazê-las crescer, sendo que a resiliência olha para as capacidades e oportunidades, sem se deixar levar por uma visão negativa ou determinista. Uma forma que o assessor tem de promover as capacidades resilientes da juventude é fomentar o empoderamento, o protagonismo, a iniciativa e a criatividade do jovem, cuidando para não assumir decisões ou espaços que o jovem ou o grupo tem que ocupar. Nesse sentido é significativo o papel positivo da confiança na juventude, a capacidade de flexibilidade do assessor para lidar com diferentes estilos, formas de ser, mentalidades e diferentes linguajares dos jovens. Sobretudo quando o assessor provém de outro meio sociocultural, ou teve uma formação e experiências de vida demasiado diferentes às do grupo confiado.

Em relação à formação que o assessor pode fomentar no jovem, favorece a resiliência ajudar o jovem a pensar por ele mesmo, sem tentar pensar no lugar dele, quando se fomenta o pensamento crítico, promovendo o querer e o saber pensar. Promove-se a resiliência quando se valoriza o desenvolvimento das capacidades reflexivas, a introspecção e a meditação que favorecem uma maior consciência de si e da realidade. Fortalece-se a resiliência quando a visão do mundo e de si é realista, otimista e aberta à esperança. Um assessor realista propõe metas e promove aspirações suficientemente elevadas e capazes de serem atingidas. Por sua vez, quando um grupo ou um jovem está padecendo situações traumáticas, reconhece a situação de vítima. Favorece, contudo, o fato de que o jovem assuma uma postura pró-ativa e que não se deixe cair no jogo passivo da adversidade.

A valorização que o assessor tem do jovem é promotora de resiliência quando o próprio jovem consegue percebê-la. Incidir positivamente na auto-estima da juventude vincula-se ao sentimento do seu próprio valor, ao sentimento de autoeficácia, isto é, na

capacidade de ver os aspectos positivos nas provas e a acreditar nas suas capacidades de resolvê-las, assim como em poder apoiar-se em experiências já superadas para vencer desafios e outras dificuldades. Um elemento a destacar é propiciar que as propostas de soluções perante os problemas sejam sugeridas pelo jovem afetado.

Para descobrir as potencialidades do jovem fragilizado, assim como para acompanhá-lo nos momentos de dor, precisa-se exercitar a capacidade da escuta. Sendo que nas situações adversas ou traumáticas a experiência do sofrimento psíquico é subjetiva, a atitude da escuta atenta é necessária para que o jovem se sinta confiante para fazer a sua própria leitura do que lhe acontece. De fato, o trauma não é só um primeiro golpe que resulta do contato com a situação adversa, mas inclui um segundo momento surgido da interpretação que ele mesmo e o entorno fazem dessa realidade dolorosa. Para que o jovem que sofre possa “metamorfosar” a sua dor, ele precisa encontrar apoio e uma narrativa que lhe permitam iniciar ou continuar um processo de resiliência. Se a representação interior do trauma resulta insuportável, um vínculo de confiança com o assessor, por exemplo, poderia ajudar para que ele sinta compreensão, possa verbalizar a problemática e se sinta mais aliviado ao comunicar-se e descobrir, nele mesmo, capacidades para poder lidar com a situação. Na postura dos assessores, um risco é tentar minimizar a situação, negando a sua importância ou a gravidade ou olhar só para o lado negativo da gravidade e negar a possibilidade de uma saída positiva. As narrativas ajudam a tecer um processo de resiliência quando favorecem uma interpretação realista, simples e clara, que possibilite manejar positivamente a situação adversa, que evite o isolamento e favoreça encontros saudáveis.

Cabe enfatizar a importância de que o assessor não faça da resiliência um critério para rotular jovens segundo as suas capacidades manifestas. Ao contrário, é preciso olhar desde as possibilidades de superação de cada pessoa, assim como a consciência de que ela é um processo que pode mudar segundo os momentos e situações; mantém o respeito pelos tempos de cada jovem e a esperança de que sempre é possível que os recursos potenciais se manifestem, seja por condições externas, seja por competências pessoais. Por outro lado, sabendo que toda pessoa tem um limite para conseguir superar situações adversas, os esforços dos assessores de ajudarem os jovens já afetados por situações traumáticas precisam ser integrados ao trabalho de prevenção, assim como à busca de promover políticas públicas que garantam os direitos dos jovens e que atinjam as causas que estão na origem dessas situações negativas e prejudiciais.

Finalmente, e como corolário, partindo da constatação teórica e da pesquisa de campo de como a religiosidade/espiritualidade pode ser um recurso poderoso para superar situações

adversas e traumáticas, o assessor dispõe de variados meios, formas, metodologias, atividades e caminhos de formação e crescimento, já experimentados ou por criar, que podem favorecer e fazer crescer este importante pilar de resiliência. O estudo tem demonstrado a importância e a necessidade de que a dimensão religiosa/espiritual do jovem seja contemplada e atendida sobretudo com as seguintes notas características: uma crença e uma vivência pessoal, capaz de atingir a vida concreta: os sentimentos, as expectativas, as necessidades e, sobretudo, os sofrimentos do jovem, uma religiosidade/espiritualidade que lhe traga mística, isto é, sentido e, por outro lado, força, apoio, motivação e esperança para continuar e tentar superar-se, apesar das dificuldades. Segundo a pesquisa realizada, a prática privilegiada para propiciar a experiência de Deus parece ser a oração, preferencialmente o diálogo espontâneo.

Olhando as características dos jovens e a dinâmica da resiliência, poder-se-ia afirmar que há dois eixos fundamentais para ler, interpretar e promover os processos resilientes em jovens que sofrem: a dimensão do vínculo e o dinamismo Pascal.

4.4.3 Dimensão de vínculo e espírito de comunhão

A partir de uma leitura tanto psicológica quanto teológica, o enfoque da resiliência, a visão dos pastoralistas e as entrevistas mostram a importância da inclusão, da acolhida, do vínculo, do encontro, do relacionamento empático, do grupo ou da comunidade como redes de apoio. Esta dimensão, que poderia ser chamada horizontal, é significativa nos ensinamentos de Jesus Cristo e na vida da Igreja Católica no sentido de procurar a aproximação das pessoas, tentar a união, propor a dimensão comunitária, aspirar a uma vida de comunhão (comum/união) como irmãos e irmãs. Pensando na promoção da resiliência, se o relacionamento empático é tão importante na perspectiva psicológica e na perspectiva religiosa, questiona-se como melhor promover a prática do espírito de comunidade, de fraternidade e sororidade, de família, de amizade. Como crescer na qualidade dos vínculos, estando mais afetiva e efetivamente presente na vida, nas necessidades, nas preocupações e nos sofrimentos dos jovens. Uma Igreja-Mãe/Pai que protege e cuida dos filhos e filhas, em especial dos que sofrem, precisaria demonstrar mais concretamente a sua dimensão vincular, afetiva, próxima daqueles que sofrem, que promove a partilha, que se preocupa de ir ao encontro das pessoas, de acolhê-las e incluí-las, demonstrando interesse por todos, sem distinção, favorecendo a dimensão comunitária e a sua catolicidade, isto é, a sua universalidade, no sentido da aceitação dos outros como pessoas, em qualquer situação. O que a literatura de resiliência descreve como a aceitação incondicional e que não significa

compactuar com o que não faz crescer o jovem, a literatura pastoral descreve como compaixão, misericórdia, perdão, amor incondicional a todos e a todas. Infelizmente, as atitudes de Jesus de aproximação dos leprosos, das prostitutas, dos e das samaritanas e de todo tipo de pecadores, a sua atitude de aceitação incondicional, afetiva e compreensiva das pessoas sem distinções, nem sempre correspondem às atitudes dos católicos. Alguns entrevistados afirmam que a acolhida na Igreja Católica não é tão “de braços” abertos, sem olhar para a aparência, como em outras Igrejas. Porém, ao mesmo tempo, uma jovem salienta que, em caso de perda de um ente querido, “todo o mundo oferece bastante apoio”.

Por outro lado, por vezes, os jovens manifestam seu desinteresse pela Igreja Católica-templo como lugar físico para frequentar; pela Igreja-instituição como fonte de conhecimento; das atividades, celebrações e grupos católicos como mediações necessárias para viver a fé. No entanto, a referência a Deus como a necessidade de outras pessoas para superar situações adversas é marcadamente significativa no texto. Os depoimentos da juventude, tanto na pesquisa quanto na prática pastoral de tantos anos, têm demonstrado como, na experiência de alguns jovens, o testemunho de vida, o afeto, a ajuda e a acolhida de alguns cristãos, grupos, lideranças ou autoridades da Igreja Católica os marcaram positivamente em momentos de vulnerabilidade ou de sofrimento, em situações críticas ou traumáticas. Outros entrevistados só conseguiram perceber mandamentos, regras difíceis de cumprir, práticas formais, monótonas, que parecem não atingir seus problemas nem dar respostas às suas necessidades e aos seus problemas. Por isso, acredita-se na importância de uma Igreja mais presente na vida dos jovens que sofrem, sendo que vários afirmam que são católicos, mas nem conhecem o nome dos catequistas ou de alguma liderança de alguma comunidade católica. Quanto aos sacerdotes e religiosos, a grande maioria dos entrevistados diz que nunca tiveram oportunidade de falar com nenhum deles. Alguns acrescentam que foram visitados, falaram e receberam conselhos e ensinamentos que os ajudaram por parte de Pastores e Obreiros de outras Igrejas. Uma linha clara de orientação passaria por assumir duas posturas complementares: “ir ao encontro” dos jovens onde eles estão e “incluí-los” tais como eles são.

Um desafio próprio dos tempos atuais, acentuado ainda mais em contextos de pobreza, é uma problemática bastante presente nas entrevistas. Trata-se da dificuldade de participar de grupos ou outras atividades, sendo a causa a falta de tempo pelas exigências de horário de trabalho, de estudo e de compromissos de família. Como garantir vínculos, presença, ajuda mútua, se nem há tempo de se encontrar? Sem querer reduzir esta séria dificuldade que atinge de forma quase generalizada a maioria das pessoas na época presente, observa-se que uma das novas formas de comunicação que possibilita proximidade, intercâmbio e socialização são as

novas tecnologias. Pergunta-se que, se cada vez são mais atraentes e procuradas pela juventude, se as comunidades virtuais vão disponibilizando espaços e ganhando destaque, como poderiam as instituições, as pastorais e os grupos católicos potencializar as capacidades destas novas formas? Seja disponibilizando possíveis tutores de resiliência, seja disponibilizando diferentes tipos de redes de apoio social. De fato, a Educação a Distância está se convertendo em um espaço cada vez mais procurado e, por vezes, mais exigente e mais personalizado que, por exemplo, algumas aulas presenciais onde há um grande número de alunos.

Para que exista um relacionamento positivo e significativo entre duas ou mais pessoas é preciso um vínculo empático, uma sintonia no encontro que atinja a dimensão subjetiva, as próprias necessidades, expectativas e sentimentos. Para que um jovem inicie um vínculo ou um contato com uma Instituição Religiosa (celebração, grupo, atividade, serviço, etc.) é preciso que se sinta convocado e que ela responda às suas expectativas para garantir a continuidade. Observando o trânsito religioso e a opção por uma bricolagem espiritual surge, então, um questionamento: essa movimentação responde à necessidade dos jovens de mais humanização, de um maior crescimento e de uma experiência espiritual mais profunda? Ou será que algumas regras e formas, iniciativas e propostas da Igreja Católica estão deslocadas da realidade dos jovens? Sem querer dar uma resposta acabada, os resultados da pesquisa trazem dados interessantes. Por exemplo, a constatação da importância que os entrevistados dão à dimensão emocional e à dimensão subjetiva, por vezes, negligenciados pela Igreja Católica, sendo que algumas lideranças têm medo de integrar esses aspectos e ficar na superficialidade ou de mobilizar os jovens só por afetos e não por razões. Porém, pergunta-se como é possível atender a necessidade e a dor de um jovem que passa por uma situação adversa que o faz sofrer, se a subjetividade, isto é, se o seu sofrimento concreto não é atingido? Mesmo quando pode existir o risco de reduzir a proposta religiosa em sensações e sentimentos prazerosos que não comprometem a vida, como desconhecer que um dos fenômenos constatáveis é a inclinação dos jovens por lideranças e grupos católicos (por exemplo, carismáticos) ou de outras Igrejas que tocam seus sentimentos, que os fazem “sair diferentes” após a pregação, o culto, o retiro espiritual, etc. Aliás, pode questionar-se até que ponto o medo ao espiritualismo e à alienação da realidade, assim como o medo à perda do conteúdo e a minuciosa observância de formas, rituais, tradições ou símbolos (mesmo que os jovens nem conheçam o sentido) são sempre riscos verdadeiros de um esvaziamento do essencial da vida cristã. Percebe-se que alguns linguajares e práticas nascidas em outras épocas e contextos precisam ser mais flexíveis, mudados e adaptados criativamente para que

façam sentido, para que tenham significado e mística na vida do jovem que busca a Deus e procura viver com coerência e com consciência reta.

A uniformidade de regras, estilos e práxis universais, aplicáveis para todas as culturas, países e subculturas, dificilmente poderá atingir as necessidades profundas e verdadeiras dos jovens que sofrem. Por outro lado, é preciso criar novas metodologias, ter linguagens adequadas, acompanhar as mudanças aceleradas e responder às novas realidades de forma criativa e eficaz, pois o jovem atual só responde e dá mais autoridade a parâmetros próprios (autonomia) que a parâmetros institucionais e externos (heteronomia). Nesse sentido, atualmente, eles aceitam a autoridade da Igreja se responde às inquietações e necessidades pessoais, mais que pelo fato de ter autoridade hierárquica.

4.4.4 Dimensão da esperança: dinamismo pascal

Uma segunda chave de interpretação teológica para entender a dinâmica de superação de situações adversas e traumáticas é o dinamismo pascoal, isto é a Teologia da Morte e da Ressurreição, como mistério centrado na possibilidade da transformação e na esperança. Por exemplo, a insistência dos entrevistados em falar do pensamento positivo mostra o desejo e a convicção de que é preciso acreditar que o problema vai passar, que haverá uma solução. Contudo, essa solução não se aguarda na passividade. Uma atitude descrita pelos entrevistados como necessária é “ter força de vontade”; “batalhar”; “lutar”; “ir atrás”. Para desencadear um processo de resiliência é preciso ter uma atitude pró-ativa, ter iniciativa e criatividade na busca da superação e de saídas. Em outras palavras, ser protagonista. Um dos relatos mostra bem como as narrativas pessimistas, deterministas ou que convidam à resignação são contrárias à visão realista, otimista e esperançosa, própria do jovem resiliente.

Se a dimensão de vínculo pode ser entendida como a dinâmica horizontal que leva ao relacionamento com outras pessoas, esta segunda dimensão corresponde mais a uma perspectiva de futuro, vertical e transcendente. Parte de uma experiência adversa e sofrida, mas se abre à novidade, à possibilidade, à espera de uma superação, de uma transformação a curto ou a longo prazo. Por sua vez, o sofrimento superado abre a pessoa a uma nova forma de vincular-se. Nos relatos bíblicos, a resiliência como continuidade da vida na Ressurreição pode ser vista no texto de São João (Jo. 20,19-30) quando Jesus mostra a Tomé as feridas nas mãos e nos pés⁴³¹. Aparece a situação traumática, mas de uma maneira nova, com novo

⁴³¹ A BÍBLIA Sagrada. Tradução de João Ferreira de Almeida. ed. rev. e atual. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1997.

sentido, de uma forma positiva que surpreende e, por sua vez, é coerente com a vida. Ambas as dimensões são complementares e se retroalimentam. Por um lado, a força dos laços humanos pode ser vivenciada e interpretada como instrumentos de Deus cuja presença alienta, segura, fortalece e ajuda a superar através de visitas, palavras, gestos, orações, etc. Por outro lado, a descoberta da força ou da presença de Deus, a experiência de superação da situação dolorosa, leva a reforçar os vínculos, a crescer na solidariedade e na preocupação pelos outros, familiares ou não. Nesse sentido, pensando na ótica da práxis pastoral poder-se-ia afirmar que há dois dinamismos intrinsecamente unidos no processo da resiliência: a busca da comunhão e a busca da ressurreição. O espírito de comunhão e a visão esperançosa do dinamismo da Páscoa oferecem um marco de leitura e de inspiração no trabalho com a juventude, tanto para fortalecê-los para afrontar as dificuldades e adversidades cotidianas quanto para superar situações críticas ou traumáticas, pessoais e/ou coletivas, presentes ou passadas. Se a Igreja Católica, como Instituição, e os seus integrantes (individualmente e como grupo) testemunham no dia-a-dia, na pregação e na prática, que é possível construir a comunhão recebendo, perdendo, ajudando e incluindo com empatia o jovem em situação de vulnerabilidade, de risco ou em sofrimento, e se as narrativas oferecidas se baseiam em uma leitura otimista, realista e esperançosa, os processos de resiliência dos jovens serão desencadeados, promovidos e fortalecidos.

O testemunho e a vida das pessoas resilientes demonstram a importância da experiência da acolhida amorosa de Deus e das pessoas para superar situações adversas; demonstram também que as situações adversas e sofridas não determinam um trauma, pois existem possibilidades de superá-las. Mesmo que não se consigam eliminar nem esquecer totalmente, as “feridas” podem ser “transformadas”, lidas como possibilidades de aprendizado, de mudança, como desafio a superá-las com iniciativa e criatividade e, inclusive, ser motivo de descoberta de um novo sentido de vida. Assim como a resiliência se entende no sentido dinâmico e não acabado, também a perspectiva da ressurreição, pois “o Ressuscitado se mostra, e nos aponta, com precisão, uma esperança dinâmica, criativa e práxica”⁴³². Manciaux afirma que “a Ressurreição é, sem dúvida, o mais belo exemplo de resiliência”, contudo, ele não se atreve a aplicá-lo ao Cristo para não cair em um “antropomorfismo”⁴³³. Para o pensar e o sentir do jovem resiliente, sempre há uma esperança, pois, como na Morte e na Ressurreição de Jesus, a Vida tem a última palavra.

⁴³² FORMOSO, Ana María. Na fragilidade de Deus a esperança das vítimas: um estudo cristológico de Jon Sobrino. *Cadernos Teologia Pública*, São Leopoldo, ano 4, n. 29, p. 1-19, 2007. p. 18.

⁴³³ *La Résurrection est sans doute le plus bel exemple de résilience* (tradução nossa). MANCIAUX, [s.d.], p. 17.

CONCLUSÕES

Para investigar as contribuições da religiosidade/espiritualidade e da Pastoral católicas no desenvolvimento da resiliência, em jovens de 18 a 29 anos, consultou-se um amplo número de publicações, sobretudo em espanhol, francês e português. Constatou-se que a temática da resiliência está amplamente descrita, porém, o diálogo com a Teologia é ainda escasso. Começando pelo estudo das definições de resiliência observou-se que as maiores diferenças nos enfoques e nas concepções radicam em considerá-la como: a) uma capacidade humana; b) um tipo de personalidade; c) o resultado de um processo; ou d) um processo comportamental ou psíquico, específico e dinâmico, de superação de situações adversas e traumáticas.

No nosso estudo a resiliência foi considerada desde duas abordagens:

a) do ponto de vista da prevenção, visando a promoção da resiliência como fortalecimento das condições e capacidades de superar eventuais exposições a fatores de risco, a situações adversas da vida cotidiana e a situações traumáticas de futuro; e

b) como processo psíquico e comportamental de superação de situações traumáticas, processo capaz de ser motivado, impulsionado e ajudado a continuar se desenvolvendo mediante a promoção dos fatores de proteção externos, assim como da promoção dos pilares de resiliência do próprio jovem.

Para a pesquisa qualitativa foram escolhidos 13 jovens residentes na municipalidade de São Leopoldo/RS, de 21 a 29 anos de idade, católicos e com alta resiliência. A maioria passou por uma constelação de fatores de risco e traumáticos, ligados à família, a doenças ou mortes, e/ou a situações de violência sofridas, além de dificuldades sócio-econômicas que limitam o acesso ao estudo. Os resultados destas entrevistas confirmam que as condições adversas e as situações traumáticas não determinam necessariamente um destino negativo. Considerando que a resiliência se tece na interação do contexto social e das aptidões, das competências, das características e das posturas pessoais, foram analisados os fatores de proteção externos e os pilares de resiliência internos, próprios do jovem e que, por sua vez, poderiam ser promovidos através do trabalho das comunidades e das instituições católicas, como através da presença e das atitudes de integrantes da Igreja.

Verificou-se que os fatores de proteção que favorecem o processo de resiliência são dois: 1) a aceitação incondicional de pelo menos uma pessoa; e 2) as redes de apoio social, formais e informais.

1) A aceitação incondicional por parte de pessoas significativas (tutores de resiliência) é um elemento fundamental para desencadear ou para continuar um processo de resiliência. A presença de qualidade, a escuta e a acolhida contribuem na busca de sentido e de narrativas positivas que ajudem a dar sentido e que favoreçam a superação. As figuras significativas para superar situações adversas se caracterizam por estabelecer um vínculo de confiança, por gestos e demonstrações de atenção, de reconhecimento ou de carinho, por colaborar em necessidades físicas ou materiais, e/ou por ajudar a verbalizar o sofrimento e a encontrar caminhos para superá-lo. Essas pessoas demonstram seu respeito pela situação do jovem, pelo seu ritmo e pelo processo pessoal, sem por isso identificar a aceitação incondicional do jovem com a aceitação de comportamentos negativos. No sentido contrário, a influência de pessoas com pré-conceitos, que discriminam ou excluem, influenciam negativamente, inibindo os processos de resiliência.

2) Um outro fator de proteção em destaque é a influencia positiva das redes de apoio social, formais e informais (instituições educativas, sociais, grupos e comunidades de Igreja, rede de saúde, família, amigos, etc.). A pesquisa mostra que a primeira rede de apoio social dos jovens é a família e em segundo lugar os amigos, sejam vizinhos, colegas ou outros com os quais eles estabelecem vínculos de confiança, se fazem presentes, possibilitam a escuta e o diálogo e lhes transmitem apoio e força para superar a situação adversa e dolorosa.

Dentre os pilares de resiliência analisados e possíveis de serem promovidos mediante o trabalho pastoral observou-se: 1) a auto-estima; 2) as aptidões e as competências pessoais; 3) o senso de humor; e 4) a espiritualidade.

1) A auto-estima pode ser associada ao sentimento do próprio valor, assim como à consciência e ao sentimento de autoeficácia.

2) Dentre as aptidões, competências e características pessoais destacam-se:

- a) a sociabilidade como capacidade de estabelecer vínculos;
- b) o protagonismo, a iniciativa e a postura pró-ativa, não passiva, perante às adversidades (“força de vontade”);
- c) o projeto de vida e o pensamento crítico e reflexivo;
- d) a capacidade de estabelecer metas e assumir responsabilidades e expectativas adequadas às possibilidades e limites;
- e) uma visão otimista, realista e com esperança de si e do entorno (“pensamento positivo”);
- f) a autonomia entendida como a capacidade de decidir por si mesmo, de ter uma certa independência;

- g) o controle dos próprios impulsos: a consciência das limitações e a aceitação dos erros;
- h) o estabelecimento de certas regras de vida ou leis simbólicas, e a moralidade, isto é, ter uma ética capaz de contemplar a busca do bem próprio e do bem comum;
- i) o desenvolvimento de capacidades artísticas (música, pintura, escritura, dança, esporte);
- j) a capacidade de perdão ligado a um bom manejo da memória, tanto da capacidade de lembrar quanto de esquecer; e
- k) a solidariedade com terceiros, o serviço, o altruísmo, o engajamento em causas sociais, em atividades ou em projetos que favorecem pessoas necessitadas ou que atravessam situações adversas ou traumáticas.

3) O senso de humor, como capacidade de descobrir aspectos frágeis, ridículos ou engraçados de uma situação crítica ou traumática que permite tomar distância emocional da problemática e ajuda a diminuir a angústia ou a preocupação pela realidade adversa e/ou dolorosa.

4) A religiosidade/espiritualidade. Este quarto e último pilar foi estudado especialmente sendo que interessava aprofundá-lo por ser um foco da pesquisa e o tema menos descrito na literatura sobre resiliência. Alguns autores preferem descrevê-lo de uma forma mais geral e abrangente como busca de sentido. Na pesquisa de campo, a maioria dos entrevistados considerou Deus como importante ou muito importante para superar situações adversas e traumáticas. Contudo, um bom número esclareceu que eles têm escassa ou nenhuma participação em celebrações, grupos e atividades da Igreja Católica.

Ao aprofundar: a) nas características da religiosidade/espiritualidade juvenil contemporânea à luz de estudos da Sociologia da Religião; b) nos princípios pedagógicos fundamentais da Pastoral de Juventude Católica, e c) nos possíveis vínculos entre resiliência, religiosidade/espiritualidade contemporânea e Pastoral fizeram-se as seguintes constatações:

1) Os entrevistados se auto-definem como católicos, porém isso não implica uma prática institucional coletiva. Vários estão convictos e valorizam a crença em Deus no seu cotidiano viver, assim como nos momentos de sofrimento, sendo a oração pessoal e espontânea, sob forma de conversa, a prática privilegiada e frequente para o relacionamento com Deus.

2) Os relatos mostram a importância que os jovens dão à dimensão pessoal, subjetiva e emocional da sua perspectiva religiosa. A busca de Deus aparece vinculada às realidades e

necessidades pessoais, sendo que vários explicitam como Deus e a família são essenciais para superar situações adversas e traumáticas.

3) A maioria dos participantes na pesquisa tem pouca experiência de ter participado em grupos ou atividades da Igreja Católica na sua juventude. Quase todos receberam a catequese da Primeira Comunhão e alguns até Crisma. Porém, eles não têm lembranças nem nada em especial a destacar desse tempo.

4) Não aparecem mencionadas como importantes para superar situações difíceis ou dolorosas nem figuras de autoridade, nem outras lideranças como sacerdotes, irmãs, catequistas ou assessores. Há uma única menção discreta à pregação de um padre em contexto de luto.

5) As pessoas católicas mencionadas e as redes de apoio pertencentes à Igreja são leigos e jovens, seja como grupo, seja individualmente. Aparecem menções a vários familiares e à dimensão de fé deles, assim como referências a determinados grupos católicos (Cenáculo; Encontro de Casais com Cristo; Retiros Espirituais; Pastoral da Juventude Estudantil; grupo de vizinhos que rezam o terço nas casas).

6) Chama a atenção que vários entrevistados, não frequentando e mesmo não gostando da Igreja Católica, não duvidam em se definir como católicos. Acredita-se na influência do imaginário coletivo católico próprio de uma boa parte de povo brasileiro, assim como na influência da tradição familiar desses jovens.

7) Vários frequentam celebrações, atividades e iniciativas de outras Igrejas não católicas e recebem a visita de pastores e obreiros em momentos, por exemplo, de doença. Quanto à pertença e à prática, definir-se como católico mas não frequentar a Igreja Católica e participar de atividades de outras Igrejas não parece entrar em conflito com a afirmação da sua pertença católica. Dentre as características dessas outras Igrejas que eles mais valorizam destacam-se: a acolhida, a aceitação de todas as pessoas independentemente da condição sócio-econômica ou aparência física; que as pregações têm a ver com a vida e a situação particular de cada um; que os cultos têm um valor de novidade, já que não se sabe previamente o que vai ser falado; que a oração e as palavras tocam e eles saem diferentes.

8) Em conclusão, constata-se a importância que a crença em Deus tem para os jovens entrevistados para a superação de situações traumáticas, acompanhada de uma vivência que se alimenta principalmente na oração espontânea realizada nas suas próprias casas. A pesquisa confirma dados de outros estudos ao mostrar que, para os jovens de 21 a 29 anos entrevistados, a religiosidade/espiritualidade está mais relacionada a necessidades pessoais e subjetivas que a uma adesão a princípios, normas e práticas institucionais e coletivas.

Pode-se afirmar a relevância que a resiliência traz para a Teologia Prática, isto é, para a reflexão teórica e a prática pastoral, ao oferecer elementos que podem ajudar a Igreja Católica na promoção da resiliência, em jovens de 18 a 29 anos. Visto que a maioria dos entrevistados não está engajada em grupos e atividades católicas, o estudo deixa aberto interrogantes para que novas pesquisas sejam feitas com jovens participantes nos diferentes trabalhos pastorais da Igreja Católica, para poder averiguar como elas estão conseguindo contribuir no desenvolvimento da resiliência dos jovens.

Se o processo de resiliência se desenvolve e cresce com a ajuda de outras pessoas e se ela pode ser considerada como a dinâmica natural da Páscoa, pensando na ótica da Teologia Pastoral, poder-se-ia afirmar que há dois dinamismos intrinsecamente unidos no processo da resiliência: a busca da comunhão (dimensão de vínculo) e a busca da Ressurreição (dimensão da esperança). Por isso, conclui-se que o espírito de comunhão e a visão esperançosa, própria da Páscoa, oferecem um marco de leitura e de inspiração no trabalho com a juventude, tanto para fortalecer os jovens para afrontar as dificuldades e adversidades cotidianas, quanto para superar situações graves ou traumáticas, pessoais e/ou coletivas.

Considerando que a temática da resiliência é ainda pouco conhecida no âmbito da Pastoral, sugere-se que ela seja integrada:

a) na formação dos assessores, dos animadores, das lideranças e das equipes que trabalham com juventude; e

b) na formação dos próprios jovens, para que eles possam descobrir e desenvolver os aspectos que os ajudam no processo de superação de situações adversas e/ou traumáticas.

Sugere-se, também, que na elaboração e na escolha de iniciativas, atividades, programas e projetos pastorais e/ou sociais, assim como na criação e na aplicação de políticas públicas e institucionais, as noções principais trazidas pelo enfoque da resiliência sejam consideradas, a fim de que contribuam mais efetivamente:

a) na diminuição dos fatores de risco e situações de privação, de adversidade ou traumáticas que afetam à juventude;

b) na promoção dos fatores de proteção, isto é, a acolhida e as redes de apoio social; e

c) no desenvolvimento dos pilares de resiliência nos jovens.

REFERÊNCIAS

A BÍBLIA Sagrada. Tradução de João Ferreira de Almeida. ed. rev. e atual. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1997.

ABRAMO, Helena Wendel; BRANCO, Pedro Paulo Martoni (Org.). *Retratos da Juventude Brasileira: análises de uma pesquisa nacional*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo; Instituto da Cidadania, 2005.

ABRAMOVAY, Miriam et al. (Org.). *Juventudes: outros olhares sobre a diversidade*. Brasília: MEC; Unesco, 2007. p. 147-151. (Educação para todos)

ALVEZ-MAZZOTTI, Alda Judith; GEWANDSZNAJDER, Fernando. *O método nas ciências naturais e sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa*. 2. ed. São Paulo: Pionera Thompson Learning, 2004.

AMAR AMAR, José Juan; KOTLIANRENKO M. A.; ABELLO LLANOS, R. Factores Psicosociales asociados con la resiliencia en niños colombianos víctimas de violencia intrafamiliar. *Investigación y desarrollo*. [S.l.: s.n.], v. 11, n. 1, p. 162-97, 2003.

ANAUT, Marie. Trauma, vulnérabilité et résilience en protection de l'enfance. *Connexions* [S.l.], n. 77, p. 101-118, 2002/1. Disponível em: <<http://www.cairn.info/revue-connexions-2002-1.htm>>. Acesso em: 11 abril 2010.

_____. La résilience au risque de la psychanalyse. Ou la psychanalyse au risque de la résilience? In: CYRULNIK, Boris; DUVAL, Philippe (Org.). *Psychanalyse et Résilience*. Paris: Odile Jacob, 2006. p. 77-104.

ANAUT, Marie. *La résilience. Surmonter les traumatismes*. 2. ed. Paris: Armand Colina, 2008.

ANGELL, G. B.; DENNIS, B. G.; DUMAIN, L. E. Spirituality, resilience, and narrative: coping with parental death. *Families in Society-The Journal of Contemporary Human Services*, [S.l.], v. 79, n. 6, p. 615-630, nov./dec. 1998.

ANTUNES, Celso. *Resiliência: a construção de uma nova pedagogia para uma escola pública de qualidade*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

ASSIS, Simone Gonçalves de; PESCE, Renata Pires; AVANCI, Joviana Quintes. *Resiliência: enfatizando a proteção dos adolescentes*. Porto Alegre: Artmed, 2006.

AULENBACHER, Christine; MOLDO, Robert. *Ni coach, ni thérapeute, ni gourou! : l'accompagnateur spirituel, un guide fraternel....*Paris: Médiaspol, 2010.

AUSLOOS, Guy. La notion de compétence. In: CYRULNIK, Boris; ELKAÏM, Mony. *Entre résilience et résonance: à l'écoute des émotions*. Paris: Fabert, 2009. p. 97-109. (Psychotérapies créatives)

BAILLY, Lionel. Résilience et psychanalyse. In: CYRULNIK, Boris; DUVAL, Philippe (Org.). *Psychanalyse et Résilience*. Paris: Odile Jacob, 2006. p. 223-233.

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1979.

BARTLETT, Susan J. et al. Spirituality, well-being, and quality of life in people with rheumatoid arthritis. *Arthritis & Rheumatism-Arthritis Care & Research*, [S.l.], v. 49, n. 6, p. 778-783, dec. C 15 2003. Disponível em: <<http://portal.isiknowledge.com/portal.cgi>>. Acesso em: 10 out. 2007.

BARUDY, Jorge; MARQUEBREUCQ, Anne Pascale. *Les enfants des mères résilientes: la parentalité bientraitante dans les situations extrêmes: violences de genre, guerres, génocides, persécutions et exil*. Marseille: Solal, 2005. (Résiliances)

BAUER, María et al. (Comp.). *Resiliencia y vida cotidiana*. Montevideo: Psicolibros; Waslala, 2007.

BAUER, Martin W; GASKELL, George. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

BERGER, Peter L. *L'Impératif hérétique: les possibilités actuelles du discours religieux*. Paris: Van Dieren, 2005.

BERTRAND, Michèle. Résilience et traumatisme: un point de vue psychanalytique. In: CYRULNIK, Boris; DUVAL, Philippe (Org.). *Psychanalyse et Résilience*. Paris: Odile Jacob, 2006. p. 205-222.

BIORD, Raúl. *Teología de la Resurrección como plenitud*. Caracas: Universidad Central de Venezuela; Universidad Santa Rosa, 1999.

BOFF, Leonardo. *Espiritualidade: um caminho de transformação*. Rio de Janeiro: Sextante, 2001.

BOGDAN, Robert C., BIKLEN, Sari Knop. *Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora, 1994.

BOURGUIGNON, Odile. Perspectives théoriques et réalités humaines. In: CYRULNIK, Boris; DUVAL, Philippe (Org.). *Psychanalyse et Résilience*. Paris: Odile Jacob, 2006. p. 105-126.

BOUVIER, Paul. Renouveler la prévention: quelques réflexions à la lumière de la résilience. *Enfance majuscule*, Boulogne, n. 72-73, p. 23-26, sept.-déc. 2003.

_____. Temperamento, riesgo y resiliencia en el niño. In: MANCIAUX, Michel (Comp.). *La resiliencia: resistir e rehacerse*. Barcelona: Gedisa, 2003. p. 63-74.

BOWLBY, John. *Perda: tristeza e depressão*. 3. ed. São Paulo: Martin Fontes, 1985. v. 3. (Apego e perda).

_____. *Cuidados maternos e saúde mental*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

_____. *Apego*. São Paulo: Martins Fontes, 1990. v. 1. (Apego e perda).

_____. *Formação e rompimento dos laços afetivos*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BRUNO, Moriconi. Compaixão. In: INSTITUTO INTERNAZIONALE DI TEOLOGIA SANITÁRIA. *Dicionário Interdisciplinar da Pastoral da Saúde*. São Paulo: Centro Universitário São Camilo; Paulus, 1999. p. 174-180.

CALIMAN, Cleto (Org.). *A sedução do sagrado: o fenômeno religioso na virada do Milênio*. Petrópolis: Vozes, 1998.

CAPÍTULO GENERAL SALESIANO 23°. *Educar a los jóvenes en la fe*. Buenos Aires: Don Bosco Argentina, 1990.

CARDOSO, Alexandre. Pé na terra e cabeça nas nuvens: contornos teóricos e empíricos do misticismo contemporâneo. *Ciencias Sociales y Religión/Ciências Sociais e Religião*, Porto Alegre, ano 1, n. 1, p. 143-166, set. 1999. Disponível em: <http://www.seer.ufrgs.br/index.php/CienciasSociaisReligiao/article/view/2156/845>>. Acesso em: 6 mar. 2009.

CECCONELLO, Alessandra Marques; KOLLER, Silvia Helena. Competência social e empatia: um estudo sobre resiliência com crianças em situação de pobreza. *Estudos de Psicologia*, Natal, 2000, v. 5, n. 1, p. 71-93, 2000. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294X2000000100005&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 5 maio 2008.

CELAM-Conselho Episcopal Latino-Americano. *Civilização do amor: tarefa e esperança. Orientações para a Pastoral da Juventude Latino-americana*. São Paulo: Paulinas, 1997.

_____. *Projeto de Vida: caminho vocacional da Pastoral da Juventude Latino-Americana*. São Paulo: CCJ-Centro de Capacitação da Juventude, 2004.

CNBB-Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. *Evangelização da juventude: desafios e perspectivas pastorais*. São Paulo: Paulo, 2006. (Estudos da CNBB-n. 93).

_____. *Evangelização da juventude: desafios e perspectivas pastorais*. Brasília: Edições CNBB, 2007. (Publicações da CNBB-Documento 3).

COTTON, Sian et al. Religion/spirituality and adolescent health outcomes: a review. *Journal of Adolescent Health*, [S.l.], v. 38, n. 4, p. 472-480, apr. 2006. Disponível em: http://www.sciencedirect.com/science?_ob=ArticleURL&_udi=B6T80-4JH47CN-12&_user=972062&_coverDate=04/30/2006&_alid=914342209&_rdoc=4&_fmt=high&_orig=search&_cdi=5072&_sort=d&_docanchor=&_view=c&_ct=10&_acct=C000049649&_version=1&_urlVersion=0&_userid=972062&_md5=ba277dece08778d331315425d380dc48>. Acesso em: 5 maio 2008.

CRAWFORD, Emily; O'DOUGHERTY WRIGHT, Margaret; MASTEN, Ann S. Resilience and Spirituality in Youth. In: ROEHLKEPARTAIN, Eugene C. et al. *The handbook of spiritual development in childhood and adolescence*. London: Sage, 2006. p. 355-369. Disponível em: http://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=PshgZRO6LfkC&oi=fnd&pg=PA355&dq=resilience+spirituality&ots=ZYhR2iA69x&sig=VeuJdHS_Vk-

gNb0WmWemJgfpplw#v=onepage&q=resilience%20spirituality&f=false>. Acesso em: 31 maio 2010.

CYRULNIK, Boris. *La naissance du sens*. Mesnil-sur-l'Estrée: Hachette, 1991.

_____. (Dir.). *Ces enfants qui tiennent le coup*. Revigny-sur-Ornain: Hommes et perspectives, 1998.

_____; MORIN, Edgar. *Dialogue sur la nature humaine*. Quetigny: L'aube, 2000a. (Porche essai).

_____. *Les Nourritures Affectives*. Paris: Odile Jacob, 2000b. (Poches).

_____. *El encantamiento del mundo*. Barcelona: Gedisa, 2002a. (Psicología).

_____. *Un merveilleux malheur*. Paris: Odile Jacob, 2002b. (Poches).

_____. Résilience et idéologie. *Enfance majuscule*. Boulogne, n. 72-73, p. 10-13, sept.-déc. 2003a.

_____. *Resiliência: essa inaudita capacidade de construção humana*. Lisboa: Instituto Piaget, 2003b.

_____. *El murmullo de los fantasmas: volver a la vida después de un trauma*. Barcelona: Gedisa, 2003c. (Psicología).

_____. *Os patinhos feios*. São Paulo: Martins fontes, 2004a.

_____ et al. *El realismo de la esperanza: testimonios de experiencias profesionales en torno a la resiliencia*. Barcelona: Gedisa, 2004b. (Psicología/Resiliencia).

_____. *Bajo el signo del vínculo: una historia natural de apego*. Barcelona: Gedisa, 2005a.

_____. *Vivre devant soi: être résilient et après?* Revigny-sur-Ornain: Du journal des psychologues, 2005b.

_____. *El amor que nos cura*. Barcelona: Gedisa, 2005c. (Psicología/Resiliencia).

_____. Postface. In: BARUDY, Jorge; MARQUEBREUCQ, Anne Pascale. *Les enfants des mères résilientes: la parentalité bienveillante dans les situations extrêmes: violences de genre, guerres, génocides, persécutions et exil*. Marseille: Solal, 2005d. p. 141-146. (Résiliences)

_____; DUVAL, Philippe (Org.). *Psychanalyse et Résilience*. Paris: Odile Jacob, 2006.

_____. *De cuerpo y alma: neuronas y afectos, la conquista del bienestar*. Barcelona: Gedisa, 2007. (Psicología).

_____. *Autobiographie d'un épouvantail*. Paris: Odile Jacob, 2008.

_____; SERON, Claude. *La résilience ou comment renaître de sa souffrance?* Paris: Fabert, 2009.

_____; ELKAÏM, Mony. *Entre résilience et résonance. À l'écoute des émotions.* Paris: Fabert, 2009. (Psychotérapies créatives).

_____. Boris Cyrulnik "Etre Heureux, c'est Possible!". *Pèlerin*, Paris, n. 6583, p. 41-43, 29 jan. 2009a.

_____. Échange avec des professionnels de la relation d'aide. CYRULNIK, Boris; SERON, Claude. *La résilience ou comment renaître de sa souffrance?* Paris: Fabert, 2009. p. 43-69.

_____. *Je me souviens...* Paris: Odile Jacob, 2010.

DALGALARRONDO, Paulo. Estudos sobre religião e saúde mental realizados no Brasil: histórico e perspectivas atuais. *Revista de Psiquiatria Clínica*, São Paulo, v. 34, supl. 1, p. 25-33, 2007.

_____. *Religião, psicopatologia e saúde mental.* Porto Alegre: Artmed, 2008.

DE LA TORRE, Renée. La diversidad católica vista desde los nuevos rostros de Dios. *Ciencias Sociales y Religión/Ciências Sociais e Religião*, Porto Alegre, ano 5, n. 5, p. 11-36, out. 2003. Disponível em:

<<http://www.seer.ufrgs.br/index.php/CienciasSociaisReligiao/article/view/2252/958>>.

Acesso em: 6 mar. 2009.

DE TYCHEY, Claude; LIGHEZZOLO, Joëlle. La résilience au regard de la psychologie clinique psychanalytique. In: CYRULNIK, Boris; DUVAL, Philippe (Org.). *Psychanalyse et Résilience*. Paris: Odile Jacob, 2006. p. 127-154.

DECKER, Larry R. Combat trauma: Treatment from a mystical/spiritual perspective. *Journal of Humanistic Psychology*, [S.l.], v. 47, n. 1, p. 30-53, jan. 2007. Disponível em: <<http://jhp.sagepub.com/cgi/reprint/47/1/30>>. Acesso em: 10 mar. 2008.

DELGADO RESTREPO, Ana Claudia. *La resiliencia: desvictimizar la víctima.* Cali: RAFUE, 2002.

DELL'AGLIO, Débora Dalbosco; KOLLER, Sílvia Helena; YUNES, Maria Ângela Mattar (Org.). *Resiliência e Psicologia Positiva: interfaces do risco à proteção.* São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006.

DICK, Hilário. *Cartas a Neotéfilo: conversas sobre assessoria para grupos de jovens.* São Paulo: Loyola, 2005a.

_____. (Coord.). Às margens juvenis de São Leopoldo: dados para entender o fenômeno juvenil na região. *Cadernos IHU*, São Leopoldo, ano 3, n. 11, p. 1-34, 2005b.

_____. *O divino no jovem: elementos teológicos para a evangelização da cultura juvenil.* Porto Alegre: Instituto de Pastoral da Juventude; Rede Brasileira de Centros e Institutos de Juventude, 2006a.

_____. (Coord.). Discursos à beira do Rio dos Sinos. A emergência de novos valores na juventude: o caso de São Leopoldo. *Cadernos IHU*, São Leopoldo, ano 4, n. 18, p. 1-68, 2006b.

_____; ROCCA L., Susana M. A volta ao sagrado e a espiritualidade juvenil. In: HOCH, Lothar Carlos; HEIMANN, Thomas (Orgs.). *Aconselhamento pastoral e espiritualidade: anais do VI Simpósio de Aconselhamento e Psicologia Pastoral*, 2008. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2008. p. 143-164.

DUMAS, Jean. *L'enfant anxieux: comprendre la peur de la peur et redonner courage*. Bruxelles: De Boeck, 2005.

ELKAÏM, Mony. L'analyse de la résonance comme facteur de changement. In: CYRULNIK, Boris; ELKAÏM, Mony. *Entre résilience et résonance: à l'écoute des émotions*. Paris: Fabert, 2009. p. 25-66. (Psychotérapies créatives).

ENFANCE MAJUSCULE. *Résilience*. Boulogne, n. 72-73, sept.-déc. 2003.

_____. *La résilience revisitée* (1^{ère} partie). Boulogne, n. 111, mars-avril 2010.

EVANS, Abigail Rian. *O ministério terapêutico da Igreja: programas práticos para Ministérios de Saúde*. São Paulo: Loyola, 2002.

FENTON, D. The resilience of conservative religion: the case of popular conservative protestant congregations. *Journal for the Scientific Study of Religion*, v. 42, n. 1, p.162-163, Mar. 2003. Disponível em: <http://online.sagepub.com/cgi/searchresults?fulltext=The+resilience+of+conservative+religion&src=hw&andorexactfulltext=and>. Acesso em: 10 mar. 2008.

FERNÁNDEZ D'ADAM, Guillermo. *Resiliencia, ética y prevención*. 2. ed. Buenos Aires: Gabas, 2005. (Promoción de la Salud).

FERREIRA, António Gomes. *Dicionário de latim-português*. Porto: Porto, 1988.

FISCHER, Gustave-Nicolas. *Les blessures psychiques: la force de revivre*. Paris: Odile Jacob, 2003.

FLICK, Uwe. *Uma introdução à Pesquisa Qualitativa*. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2004.

FONSECA, Alexandre Brasil; NOVAES, Regina. Juventudes brasileiras, religiões e religiosidade: uma primeira aproximação. In: ABRAMOVAY, Miriam et al. (Org.). *Juventude: outros olhares sobre a diversidade*. Brasília: MEC; Unesco, 2007. p. 147-165. (Educação para todos).

FORÉS, Anna; JORDI, Grané. *La resiliencia: crecer desde la adversidad*. Barcelona: Plataforma, 2008.

FORMOSO, Ana María. Na fragilidade de Deus a esperança das vítimas: um estudo cristológico de Jon Sobrino. *Cadernos Teologia Pública*, São Leopoldo, ano 4, n. 29, p. 1-19, 2007.

- FRANCO, Maria Laura Puglisi Barbosa. *Análise de conteúdo*. Brasília: Plano, 2003.
- FRANKL, Viktor E. *El hombre en busca de sentido*. Barcelona: Herder, 1981.
- FUCHS, Eric. ¿Van unidas ética y resiliencia? In: MANCIAUX, Michel (Comp.). *La resiliencia: resistir e rehacerse*. Barcelona: Gedisa, 2003. p. 285-288.
- GAMEIRO, Aires. Acolhimento. In: INSTITUTO INTERNAZIONALE DI TEOLOGIA SANITÁRIA. *Dicionário Interdisciplinar da Pastoral da Saúde*. São Paulo: Centro Universitário São Camilo; Paulus, 1999. p. 3-6.
- GASKELL, George. Entrevistas individuais e grupais. In: BAUER, Martin W; GASKELL, George. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som*. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 64-89.
- GAUD-DESCOULEURS, Christiane. *Choisir d'aimer*. Paris: De l'Atelier/Ouvrièrs, 2002. (Les jeunes et Dieu).
- GIL, Antonio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4. ed. São Paulo: Altas, 2002.
- GIRARD, Gustavo Alfredo. La espiritualidad: ¿promueve la resiliencia? In: MUNIST, Mabel M. et al. (Comp.). *Adolescencia y resiliencia*. Buenos Aires: Paidós, 2007. p. 139-151.
- GOLDBETER-MERINFELD, Edith. Résilience, résonance et tiers pesant. In: CYRULNIK, Boris; ELKAÏM, Mony. *Entre résilience et résonance: à l'écoute des émotions*. Paris: Fabert, 2009. p. 111-120. (Psychotérapies créatives).
- GONZALEZ REGADAS, Eliseo Miguel (Comp.). *Prevención y procesos colectivos*. Montevideo: Federación de Comunidades Terapéuticas-FUCOT, 2001.
- GREEFF, Abraham P.; JOUBERT, Anne-Marie. Spirituality and resilience in families in which a parent has died. *Psychological Reports*, [S.l.], v. 100, n. 3, p. 897-900, part 1, jun. 2007. Disponível em: <<http://find.galegroup.com/itx/infomark.do?contentSet=IAC-Documents&docType=IAC&type=retrieve&tabID=T001&prodId=AONE&userGroupName=capes91&version=1.0&searchType=BasicSearchForm&source=library&docId=A166480008&Z3950=1>>. Acesso em: 5 maio 2008.
- _____; VAN DER MERWE, S. Variables associated with resilience in divorced families. *Social indicators research*, [S.l.], v. 68, n. 1, p. 59-75, aug. 2004. Disponível em: <<http://web.ebscohost.com/ehost/pdf?vid=3&hid=107&sid=d12aa871-1717-40b4-889f-35be22813a23@sessionmgr111>>. Acesso em: 5 maio 2008.
- GRIEU, Etienne. *Transmettre la parole: des jeunes au carrefour du "vivre ensemble" et de la foi*. Paris: de l'Atelier/Ouvrièrs, 1998. (Essais).
- GROTBERG, Edith Henderson (Comp.). *La resiliencia en el mundo de hoy: como superar las adversidades*. Barcelona: Gedisa, 2006. (Psicología/Resiliencia).
- GRUNSPUN, Haim. *Criando filhos vitoriosos: quando e como promover a resiliência*. São Paulo: Atheneu, 2005.

_____. Violência e resiliência: a criança resiliente na adversidade. *Revista Bioética*, Brasília, v. 10, n. 1, p. 163-171, 2002. Disponível em: <<http://www.portalmédico.org.br/revista/bio10v1/Seccao4.pdf>>. Acesso em: 10 out. 2007.

GUEDENEY, Antoine. L'attachement et la résilience: théorie, clinique et politique sociale. In: CYRULNIK, Boris; DUVAL, Philippe (Org.). *Psychanalyse et Résilience*. Paris: Odile Jacob, 2006. p. 155-166.

GUÉNARD, Tim. *Más fuerte que el odio*. 2. ed. Barcelona: Gedisa, 2003. (Testimonios).

GUIMARÃES, Hélio Penna; AVEZUM, Álvaro. O impacto da espiritualidade na saúde física. *Revista de Psiquiatria Clínica*, São Paulo, v. 34, supl. 1, p. 88-94, 2007.

HANUS, Michel. Freud et Prométhée, una abord psychanalytique de la résilience. In: CYRULNIK, Boris; DUVAL, Philippe (Org.). *Psychanalyse et Résilience*. Paris: Odile Jacob, 2006. p. 187-203.

HATCH, Robert L. et al. The Spiritual Involvement and Beliefs Scale: development and testing of a new instrument. *Journal of family practice*, [S.l.], v. 46, n. 6, p. 476-486, jun. 1998.

HENDERSON, Nan; MILSTEIN, Mike M. *Resiliencia en la escuela*. Buenos Aires: Paidós, 2003.

HERBRETEAU, Hubert. *Les chemins de l'expérience spirituelle: repères pour accompagner les jeunes*. Paris: De l'Atelier, 2000. (Les jeunes et Dieu).

HERVIEU-LÉGER, Danièle. *Le pèlerin et le converti: la religion en mouvement*. Paris: Flammarion, 1999.

HIRSCH, Siegi; REJAS, Mari-Carmen; FOSSION, Pierre. Défier le pessimisme des théories établies et l'irréversibilité d'une histoire de vie pour être utile aux jeunes en détresse. In: CYRULNIK, Boris; SERON, Claude. *La résilience ou comment renaître de sa souffrance?* Paris: Fabert, 2009. p. 91-100.

HOCH, Lothar Carlos; ROCCA L., Susana M. (Orgs.). *Sufrimento, resiliência e fé: implicações para as relações de cuidado*. São Leopoldo, Sinodal, 2007.

HOLDER, David. W. et al. The association between adolescent spirituality and voluntary sexual activity. *Journal of Adolescent Health*, [S.l.], v. 26, n. 4, p. 295-302, Apr. 2000. Disponível em: <http://www.sciencedirect.com/science?_ob=MIimg&_imagekey=B6T80-3YVVBKR-C-1&_cdi=5072&_user=972062&_orig=browse&_coverDate=04/30/2000&_sk=999739995&_view=c&_wchp=dGLzVtz-zSkzk&_md5=e536d7f52f4d9eee69cc57fcd7d44da&_ie=/sdarticle.pdf>. Acesso em: 4 jun. 2007.

HUNERMANN, Peter; ECKHOLT, Margit (Edit.). *La juventud latinoamericana en los procesos de globalización: opción por los jóvenes*. Buenos Aires, FLACSO, 1998.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Pesquisa nacional por amostra domiciliar. Rio de Janeiro, 2005. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2000/tabelabrasil111.shtm>>. Acesso em: 3 jun. 2010.

JACOB, César Romero et al. *Atlas da filiação religiosa e indicadores sociais no Brasil*. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2003.

JARAMILLO VÉLEZ, Diva E. et al. Resiliencia, espiritualidad, aflicción y tácticas de resolución de conflictos en mujeres maltratadas. *Revista Salud Pública*, Bogotá, v. 7, n. 3, p. 281-292, nov. 2005. Disponível em: <http://www.scielo.org/scielo.php?pid=S0124-00642005000300004&script=sci_arttext&tlng=es>. Acesso em: 10 mar. 2008.

JOÃO PAULO II. *O sentido cristão do sofrimento humano*. Carta Apostólica “*Salvifici doloris*” de João Paulo II. 3. ed. São Paulo: Paulinas, 1988.

JOLLIEN, Alexandre. Résilience et handicap. *Enfance majeure*, Boulogne, n. 111, p. 16-17, mars-avril 2010.

JONES, Janine M. Exposure to chronic community violence: Resilience in African American children. *Journal of Black Psychology*, [S.l.], v. 33, n. 2, p. 125-149, May 2007. Disponível em: <<http://jbp.sagepub.com/cgi/reprint/33/2/125>>. Acesso em: 4 jun. 2007.

JUAN PABLO II. *Dives in misericordia*. Carta Encíclica del Sumo Pontífice João Paulo II sobre la Misericordia Divina. Montevideo: Paulinas, 1980.

JUNGES, José Roque. Família. In: BARRETTO, Vicente de Paulo (Coord.). *Dicionário de Filosofia Política*. São Leopoldo: Unisinos, 2010, p. 212-216.

KIRKPATRICK, Lee A. Attachment and religious representations and behavior. In: CASSIDY, Jude; SHAVER, Phillip. *Handbook of attachment: Theory, research, and clinical applications*. New York; London: The Guilford Press, 2002. p. 803-822.

KLINKERT, Maria Piedad Puerta de. *Resiliencia: la estimulación del niño para enfrentar desafíos*. 2. ed. Buenos Aires: Lumen; Hvmantas, 2002.

KOENIG, Harold; McCULLOUGH Michael E.; David B. LARSON. *Handbook of Religion and Health*. New York: Oxford University Press, 2001.

_____; COHEN, Harvey Jay. *The Link between Religion and Health: Psychoneuroimmunology and the Faith Factor*. New York: Oxford University Press, 2002.

_____. Religião, espiritualidade e psiquiatria: uma nova era na atenção à saúde mental. *Revista de Psiquiatria Clínica*, São Paulo, v. 34, supl. 1, p. 5-7, 2007.

KÜBLER-ROSS, Elisabeth. *Sobre a morte e o morrer: o que os doentes terminais tem para ensinar a médicos, enfermeiras, religiosos e aos seus próprios parentes*. 8. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

LE CARDINAL, Gilles (Coord). *Du désastre au désir: les modalités de l'accompagnement post-traumatique*. Paris: L'Harmattan, 2003.

LE VALLOIS, Philippe; AULENBACHER, Christine. *Les ados et leurs croyances: comprendre leur quête de sens et décelez leur mal-être*. Paris: L'Atelier; Ouvrières, 2006.

LEÃO, Federico Carmelo; LOTUFO NETO, Francisco. Uso de práticas espirituais em instituições para portadores de deficiência mental. *Revista de Psiquiatria Clínica*, São Paulo, v. 34, supl. 1, p. 54-59, 2007.

LECOMTE, Jacques. El buen uso de la memoria y del olvido. In: MANCIAUX, Michel (Comp.). *La resiliencia: resistir e rehacerse*. Barcelona: Gedisa, 2003a. p. 202-213.

_____; VANISTENDAEL, Stefan. Découvrir et créer du sens. Une composante essentielle du processus de résilience. *Enfance majuscule*, Boulogne, n. 72-73, p. 14-17, sept.-déc. 2003b.

_____. Qu'est-ce que la résilience? In: CYRULNIK, Boris. *Vivre devant soi: être résilient et après?* Revigny-sur-Ornain: Du journal des psychologues, 2005. p. 11-21.

_____. La résilience après maltraitance, fruit d'une interaction entre l'individu et son environnement social. *Les Cahiers de Psychologie politique* [En ligne], n. 8, jan. 2006. Disponível em: <http://odel.irevues.inist.fr/cahierspsychologiepolitique/index.php?id=1065>. Acesso em: 4 maio 2010.

_____. Pilares de superação: elo, sentido e lei simbólica. *Revista IHU On-Line*, São Leopoldo, ano 7, n. 241, p. 10-12, 29 out. 2007.

LEMAY, Michel. La résilience, mythe ou réalité. In: CYRULNIK, Boris; DUVAL, Philippe (Org.). *Psychanalyse et Résilience*. Paris: Odile Jacob, 2006. p. 45-60.

LIBANIO, João Batista. *A religião no início do milênio*. São Paulo: Loyola, 2002.

_____. *Jovens em tempo de pós-modernidade: considerações socioculturais e pastorais*. São Paulo: Loyola, 2004.

LIBÓRIO, Renata Maria Coimbra; CASTRO, Bernardo Monteiro de; COELHO, Angela Elizabeth Lapa. Desafios metodológicos para a pesquisa em resiliência: conceitos e reflexões críticas. In: DELL'AGLIO, Débora Dalbosco; KOLLER, Sílvia Helena; YUNES, Maria Ângela Matrar (Org.). *Resiliência e Psicologia Positiva: interfaces do risco à proteção*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006. p. 89-115.

LÓPEZ, Paco. Construir la resiliencia en la práctica educativa: estrategias y actuaciones para educadores. *Revista de Pastoral Juvenil Misión Joven Digital*, Madrid, n. 377, ene./feb. 2009. Disponível em: <<http://www.misionjoven.org/Default.asp>>. Acesso em: 17 jul. 2009.

MADÉLIN, Henri. *Jeunes sans rivages: héritiers ou novateurs*. Paris: Desclée de Brouwer, 2001.

MAFFRE CASTELLANI, Françoise. *Femmes déportées: histoires de résilience*. Paris: Des femmes/Antoinette Fouque, 2005.

MANCIAUX, Michel (Comp.). *La resiliencia: resistir e rehacerse*. Barcelona: Gedisa, 2003a.

_____. La résilience: réalité de la vie. *Enfance majeure*, Boulogne, n. 72-73, p. 6-9, sept.-déc. 2003b.

_____ et al. La resiliencia: estado de la cuestión. In: MANCIAUX, Michel (Comp.). *La resiliencia: resistir e rehacerse*. Barcelona: Gedisa, 2003c. p. 17-27.

_____. Les courants porteurs: prémices de la résilience. *Enfance majeure*, Boulogne, n. 111, p. 6-9, mars-avril 2010a.

_____. Résilience et culture. *Enfance majeure*, Boulogne, n. 111, p. 21-25, mars-avril 2010b.

_____. Devenir tuteur de résilience? *Enfance majeure*, Boulogne, n. 111, p. 27, mars-avril 2010c.

_____. *Société – santé – résilience – foi*. [s.d.]. Disponível em:
<<http://www.cef.fr/catho/endit/sante/santemanciaux.PDF>>. Acesso em: 11 out. 2010.

MANSOUR, Sylvie. La resiliencia de las adolescentes en Palestina. In: MANCIAUX, Michel (Comp.). *La resiliencia: resistir e rehacerse*. Barcelona: Gedisa, 2003. p. 87-102.

MARQUES, Luciana F.; DELL'AGLIO, Débora. A espiritualidade como fator de proteção na adolescência. *Cadernos IHU ideias*, São Leopoldo, ano 7, n. 119, p. 1-18, 2009.

MELILLO, Aldo; SUÁREZ OJEDA, Elbio Néstor et al. (Comp.). *Resiliencia: descubriendo las propias fortalezas*. Buenos Aires: Paidós, 2003.

_____; _____; RODRÍGUEZ, Daniel (Comp.). *Resiliencia y subjetividad: los ciclos de la vida*. Buenos Aires: Paidós, 2004a.

_____. Realidad social, psicoanálisis y resiliencia. In: MELILLO, Aldo; SUÁREZ OJEDA, Elbio Néstor; RODRÍGUEZ, Daniel (Comp.). *Resiliencia y subjetividad: los ciclos de la vida*. Buenos Aires: Paidós, 2004b. p. 63-75.

_____. Resiliencia, subjetividad e intersubjetividad. In: BAUER, María et al. (Comp.). *Resiliencia y vida cotidiana*. Montevideo: Psicolibros; Waslala, 2007. p. 57-77.

MERCADO, Luis Carlos. *Posmodernismo y resiliencia juvenil: subjetivación y comportamientos resilientes ante la crisis estructural en adolescentes de la ciudad de Córdoba en 2004-2005*. Córdoba: Universidad Católica de Córdoba, 2007. (Thesis 11).

MEYER, Jeanne. Aimer un enfant, est-ce professionnel? Résilience et handicap. *Enfance majeure*, Boulogne, n. 111, p. 28-33, mars-avril 2010.

MICHAUD, Pierre-André. El adolescente y el médico: para una clínica de la resiliencia. In: MANCIAUX, Michel (Comp.). *La resiliencia: resistir e rehacerse*. Barcelona: Gedisa, 2003. p. 75-86.

MIJOLLA-MELLOR, Sophie. Sublimation et résilience. In: CYRULNIK, Boris; DUVAL, Philippe (Org.). *Psychanalyse et Résilience*. Paris: Odile Jacob, 2006. p. 167-185.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 7. ed. São Paulo: Hucitec; Abrasco, 1992.

MOLINA, Silvia. *Aspectos psicosociales del adulto mayor: salud comunitaria, creatividad y derechos humanos*. Buenos Aires: UNLa, 2004. (Salud Comunitaria. Serie Adultos mayores).

MORAL, José Luis. *Giovani e Chiesa: ripensare la prassi cristiana con i giovani*. Leumann (TO): ElleDiCi, 2010.

MOREIRA-ALMEIDA, Alexander. Espiritualidade e saúde: passado e futuro de uma relação controversa e desafiadora. *Revista de Psiquiatria Clínica*, São Paulo, v. 34, supl. 1, p. 3-4, 2007.

MULCAHY, Leonard. My journey of spirituality and resilience. *Psychiatric Rehabilitation Journal*, [S.l.], v. 30, n. 4, p.311-312, sep. 2007. Disponível em: <<http://web.ebscohost.com/ehost/pdf?vid=3&hid=111&sid=6865d88b-a6be-401a-afd3-9b43b0663261@sessionmgr110>>. Acesso em: 5 maio 2008.

MUNIST, Mabel et al. *Manual de identificación y promoción de la resiliencia en niños y adolescentes*. Buenos Aires: Organización Mundial de la Salud, 1998.

_____. Historia del concepto de resiliencia. In: UNIVERSIDAD NACIONAL DE LANÚS. Relatoría del Seminario - Taller *La resiliencia como aporte a intervenciones sociales sustentables*. Buenos Aires: UNLa, 2001. p. 69-83. (Col. Salud Comunitaria, Serie Resiliencia).

_____ et al. (Comp.). *Adolescencia y resiliencia*. Buenos Aires: Paidós, 2007a.

_____; SUÁREZ OJEDA, Elbio Néstor. Conceptos generales de resiliencia aplicados a adolescentes y jóvenes. In: MUNIST, Mabel M. et al. (Comp.). *Adolescencia y resiliencia*. Buenos Aires: Paidós, 2007b. p. 53-56.

MURRAY-SWANK, Aaron et al. Correlates of religious service attendance and contact with religious leaders among persons with co-occurring serious mental illness and type 2 diabetes. *Journal of nervous and mental disease*, [S.l.], v. 195, n. 5, p. 382-388, May 2007. Disponível em: <

NORONHA, Maria Glícia Rocha da Costa e Silva et al. Resiliência: nova perspectiva na Promoção da Saúde da Família? *Revista Ciência & Saúde Coletiva da Associação Brasileira de Pós-Graduação em Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, [s.n., s.p.], 03 abr. 2006. Disponível em: <http://www.abrasco.org.br/cienciaesaudecoletiva/artigos/artigo_int.php?id_artigo=416>. Acesso em: 11 jun. 2008.

NOVAES, Regina; VANUCCHI, Paulo (Org.). *Juventude e Sociedade: trabalho, educação, cultura e participação*. São Paulo: Instituto Cidadania; Fundação Perseu Abramo, 2004.

_____. Juventude, percepções e comportamentos: a religião faz diferença? In: ABRAMO, Helena Wendel; MARTONI BRANCO, Pedro Paulo (Org.). *Retratos da Juventude Brasileira: análises de uma pesquisa nacional*. São Paulo: Instituto Cidadania; Fundação Perseu Abramo, 2005. p. 263-290.

_____. Juventude, Juventudes - Jovens das classes C e D frente aos dilemas de sua geração. *Programa mais cultura audiovisual*. [s.d.]. Disponível em: <<http://fictv.cultura.gov.br/wp-content/uploads/2008/12/juventude-juventudes.pdf>>. Acesso em: 23 set. 2010.

OSPINA MUÑOZ, Doris E.; JARAMILLO VÉLEZ, Diva Estela; URIBE VÉLEZ, Tulia María. La resiliencia en la promoción de la salud de las mujeres. *Investigación y Educación en Enfermería*. Medellín, v. 23, n. 1, p. 78-89, mar. 2005.

PABLO VI. *Populorum progressio*. Carta Encíclica del Papa Pablo VI. 9. ed. Buenos Aires: Paulinas, 1986.

PAIVA, Gerardo J. de; FERNANDES, Maria Inês Assumpção. Espiritualidade e saúde: um enfoque da Psicologia. In: VASCONCELOS, Eymard Mourão (Org.). *A espiritualidade no trabalho em saúde*. São Paulo: Hucitec, 2006. p. 186-197.

PALAZZINI, Liliana. *La neutralidad analítica: síntesis de la posición en la obra de D. W. Winnicott*. Disponível em: <<http://www.steel.com.ar/adepros/la%20neutralidad%20analitica.htm>>. Acesso em: 10 abr. 2007.

PARDINI, Dustin. A. et al. Religious faith and spirituality in substance abuse recovery. Determining the mental health benefits. *Journal of Substance Abuse Treatment*, [S.l.], v. 19, n. 4, p. 347-354, Dec. 2000. Disponível em: <http://www.sciencedirect.com/science?_ob=PublicationURL&_cdi=5100&_pubType=J&_acct=C000049649&_version=1&_urlVersion=0&_userid=972062&md5=2ba093361773b1f2294c7f02019ee318&jchunk=19#19>. Acesso em: 7 maio 2008.

PARGAMENT, K. I. *The psychology of religion and coping: theory, research, practice*. New York: The Guildford Press, 1997. Disponível em: <<http://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=Vn5XObcpnd4C&oi=fnd&pg=PA1&dq=PARGAMENT,+K.+I.+The+psychology+of+religion+and+coping&ots=ePfA8ObKma&sig=b1QNI9Wso8nlwbnwqFUcMvF1oJHI#v=onepage&q=PARGAMENT%2C%20K.%20I.%20The%20psychology%20of%20religion%20and%20coping&f=false>>. Acesso em: 8 abr. 2009.

PEÑA K., Saúl. *El pensamiento de Winnicott: comentarios sobre el trabajo "Visitando los recorridos de la ilusión" de la Dra. Anna M. Chagas Bovet*. Disponible em: <<http://psiconet.org/winnicott/textos/pena3.htm>>. Acesso em: 10 abr. 2007.

PERES, Julio F. P. Promovendo resiliência em vítimas de trauma psicológico. *Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul*, v. 2, n. 27, p. 131-138, 2005.

_____. et al. Spirituality and resilience in trauma victims. *Journal of Religion & Health*, v. 46, n. 3, p. 343-350, Sep. 2007. Disponível em: <<http://www.springerlink.com.w10100.dotlib.com.br/content/q71246x638247925/?p=f15cd5764af64e33bdf968a1978e113dπ=1>>. Acesso em: 8 abr. 2009.

_____. *Trauma e Superação: o que a Psicologia, a Neurociência e a Espiritualidade ensinam*. São Paulo: Roca, 2009a.

_____. Após o trauma: a superação. *Revista Psique Ciência & Vida*, São Paulo, n.44, p. 22-31, 2009b. Disponível em: <<http://www.julioperes.com.br/upload/files/190b261697.pdf>>. Acesso em: 18 ago. 2010.

PERES, Mário F. P. et al. A importância da espiritualidade e da religiosidade no manejo da dor e dos cuidados paliativos. *Revista de Psiquiatria Clínica*, São Paulo, v. 34, supl. 1, p. 82-87, 2007.

PESCE, Renata P. et al. Adaptação transcultural, confiabilidade e validade da escala de resiliência. *Cadernos de Saúde Pública*, v. 21, n. 2, p. 436-448, mar./abr. 2005.

PETITCLERC, Jean-Marie. *La Pédagogie salésienne face aux défis du monde moderne*. Caen: Don Bosco, [s.d.]. (Horizons salésiens).

_____. *La banlieue de l'espoir*. Paris: Don Bosco, 1995.

_____. *La violence et les jeunes*. Paris: Salvator, 1999.

_____. *Les nouvelles délinquances des jeunes: violences urbaines et réponses éducatives*. Paris: Dunod, 2001.

_____. *Enfermer ou éduquer?: Les jeunes et la violence*. Paris: Dunod, 2004.

_____. *Et si on parlait... du suicide des jeunes*. Paris: Presses de la Renaissance, 2005a.

_____. *Mon combat contre la violence*. Paris: Bayard, 2005b.

_____. *Spiritualité de l'éducation: lecture éducative de pages évangéliques*. Paris: Don Bosco, 2005c.

_____. *Accompagner un jeune blessé: sur les chemins d'Emmaüs*. Nouan-le-Fuzelier : des Béatitudes, 2006. (Bonheur Chrétien).

_____. *À la rencontre des jeunes... au puits de la samaritaine*. Paris: Salvator, 2007a.

_____. *Chemin de croix*. Paris: Salvator, 2007b.

_____. *Y'a plus d'autorité!:* même pas vrai. Ramonville Saint-Agne: Ères, 2007c.

_____. *Dire Dieu aux jeunes*. Paris: Salvator, 2008.

_____. *Pour en finir avec les ghettos urbains*. Paris: Salvator, 2009a.

_____. Les valeurs les plus significative du systèm préventif. In: Congresso Internazionale Sistema Preventivo e Diritti Umani. Roma: 2-6 gen. 2009b. Disponível em: http://www.volint.it/scuola/web_congress/documenti/petitclerc_3jan_fr.pdf Acesso em: 28 abr. 2010.

POPE, Catherine; MAYS, Nicholas. *Pesquisa qualitativa na atenção à saúde*. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2005.

POWER, M. Development of a common instrument for quality of life. In: NOSIKOV, A.; GUDEX, C. (Ed.). *Developing Common Instruments for Health Surveys*. Amsterdam: IOS Press, 2003, p. 145-63.

REVISTA DE PSIQUIATRIA CLÍNICA. *Espiritualidade e Saúde Mental*. São Paulo: USP, v. 34, supl. 1, 2007.

REVISTA IHU ON-LINE. *Resiliência: elo e sentido*. São Leopoldo: Instituto Humanitas Unisinos, ano 7, n. 241, 29 out. 2007.

REY, Fabián E. Resiliencia. Una manera de transformar la adversidad. *Visiones y herramientas: itinerario por la teología práctica*. Buenos Aires: Instituto Universitario ISEDET, v. 6, p. 91-103, 2006.

RIBEIRO, Jorge Claudio. *Religiosidade jovem: pesquisa entre os universitários*. São Paulo, Loyola, 2009.

RICHARDSON, Roberto Jarry et al. *Pesquisa social: métodos e técnicas*. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

RIVAS LACAYO, Rosa Argentina. *Saber crecer: resiliencia y espiritualidad*. Barcelona: Urano, 2007.

ROCCA L., Susana M. Resiliência: uma perspectiva de esperança na superação das adversidades. In: HOCH, Lothar Carlos; ROCCA L., Susana M. (Orgs.). *Sofrimento, resiliência e fé: implicações para as relações de cuidado*. São Leopoldo: Sinodal, 2007a. p. 9-27.

_____. Resiliência e juventude: implicações para o cuidado pastoral. In: HOCH, Lothar Carlos; ROCCA L., Susana M. (Orgs.). *Sofrimento, resiliência e fé: implicações para as relações de cuidado*. São Leopoldo: Sinodal, 2007b. p. 132-155.

_____. A experiência de misericórdia: paradigma de cura no Aconselhamento Pastoral. Um diálogo entre Psicologia e Teologia. In: SALÃO DE PESQUISA DA FACULDADES EST. São Leopoldo: Faculdades EST, 2007c. (CD-ROM).

_____. A fé parece ser uma chave no desenvolvimento das capacidades de resiliência. *Revista IHU On-Line*, São Leopoldo, ano 7, n. 241, p. 19-23, 29 out. 2007d.

_____. Resiliência e cuidado. *Revista IHU On-Line*, São Leopoldo, ano 7, n. 234, p. 56-59, 3 out. 2007e.

_____. Resiliência e perdão. *Novolhar*, São Leopoldo, ano 5, n.18. nov./dez. 2007f. p. 28.

_____. Resiliência: um novo paradigma que desafia as religiões. *Cadernos IHU ideias*, São Leopoldo, ano 6, n. 98, p. 1-18, 2008a.

_____. Resiliência: um novo paradigma que desafia a reflexão e a prática pastoral. *Atualidade teológica*, Rio de Janeiro, ano 12, n. 29, p. 248-264, maio-ago. 2008b.

_____ et al. La influencia de los factores psico-sociales en la resiliencia en adultos de una ciudad de medio porte del sur de Brasil. In: MEMORIAS DEL TERCER ENCUENTRO IBEROAMERICANO DE PSICOLOGÍA POSITIVA. Buenos Aires: Universidad de Palermo, 2008c. p. 27.

ROCCHETTA, Carlo. *Teologia da ternura: um “evangelho” a descobrir*. São Paulo: Paulus, 2002.

RODRÍGUEZ ARENAS, María Stella. *Resiliencia, otra manera de ver la adversidad: alternativa pedagógica para la atención de niños y niñas en situación de desplazamiento*. Bogotá: Pontificia Universidad Javeriana, 2006.

RUTTER, Michael. Resilience: some conceptual considerations. *Journal of Health*, [S.l.], v. 14, n. 8, p. 623-631, 1993.

_____. Resilience concepts and findings: implications for family therapy. *Journal of Family Therapy*, [S.l.], v. 21, p.119-144, 1999. Disponível em: <<http://www3.interscience.wiley.com/cgi-bin/fulltext/119071547/PDFSTART>>. Acesso em 11 jun. 2008.

SANCHEZ, Zila Van Der Meer; NAPPO, Aparecida. A religiosidade, a espiritualidade e o consumo de drogas. *Revista de Psiquiatria Clínica*, São Paulo, v. 34, supl. 1, p. 73-81, 2007.

SCHEUNEMANN, Arno V.; HOCH, Lothar Carlos (Orgs.). *Redes de apoio na crise*. São Leopoldo: EST; ABAC, 2003.

SCHIPANI, Daniel O. *O Caminho da Sabedoria no Aconselhamento Pastoral*. São Leopoldo: Sinodal, 2004.

SCHMIDT, João Pedro. *O que pensam os jovens hoje?: imaginário social dos estudantes dos Vales do Rio Pardo e Taquari*. Santa Cruz do Sul: [s.n.], 1996.

SELL, Carlos Eduardo; BRÜSEKE, Fanz Josef. *Mística e sociedade*. Itajaí: Universidade do Vale do Itajaí; São Paulo: Paulinas, 2006.

SINHA, Jill W.; CNAAN, Ram A.; GELLES, Richard. Adolescent risk behaviors and religion: findings from a national study. *Journal of Adolescence*, [S.l.], v. 30, n.2, p. 231-249, April 2007.

SOBRINO, Jon. *O princípio Misericórdia*. Petrópolis: Vozes, 1994.

SOLÁ, Marcela (Comp.). *Mujeres ante la crisis: sobre la resiliencia espiritual*. Buenos Aires: Lumen, 2005.

SOLEMNE, Marie De. *La sincérité du mensonge: dialogue avec Boris Cyrulnik, Paul Lombard, André Bercoff, Christian Delorme*. Paris: Dervy, 1999.

STEIL, Carlos Alberto. Pluralismo, modernidade e tradição. Transformações do campo religioso. *Ciencias Sociales y Religión/Ciências Sociais e Religião*, Porto Alegre, ano 3, n. 3, p. 115-129, out. 2001. Disponível em: <http://www.seer.ufrgs.br/index.php/CienciasSociaiseReligiao/article/view/2172/892>. Acesso em: 6 mar. 2009.

SUÁREZ OJEDA, Elbio Néstor, MURTAGH, Ricardo (Coord.). *Relatoría del seminario - taller "La resiliencia como aporte a intervenciones sociales sustentables"*. Buenos Aires: UNLa, 2001. (Salud Comunitaria, Serie Resiliencia).

_____; MUNIST, Mabel; RODRIGUEZ, Daniel (Comp.). *Seminario Internacional sobre aplicación del concepto de resiliencia en proyectos sociales*. Buenos Aires: UNLa, 2004.

_____. Introducción: Resiliencia y subjetividad. In: MELILLO, Aldo; SUÁREZ OJEDA, Elbio Néstor; RODRÍGUEZ Daniel (Comp.). *Resiliencia y subjetividad: los ciclos de la vida*. Buenos Aires: Paidós, 2004. p. 18-19.

_____. et al. Resiliência comunitária. In: *Sofrimento, resiliência e fé: implicações para as relações de cuidado*. São Leopoldo: Sinodal, 2007a. p. 33-59.

_____. et al. Trabajo comunitario y resiliencia social. In: MUNIST, Mabel M. et al. (Comp.). *Adolescencia y resiliencia*. Buenos Aires: Paidós, 2007b. p. 81-108. (Tramas sociales).

SZYMANSKI, Heloisa (Org.). *A entrevista na pesquisa em Educação: a prática reflexiva*. 2. ed. Brasília: Liber, 2008. (Série Pesquisa v. 4)

TABOADA, Nina G.; Legal, Eduardo J.; MACHADO, Nivaldo. Resiliência: em busca de um conceito. *Revista brasileira de crescimento e desenvolvimento humano*, São Paulo, v.16, n. 3, p. 104-113, dez. 2006. Disponível em: http://scielo.bvs-psi.org.br/scielo.php?pid=S0104-12822006000300012&script=sci_arttext&tlng=pt. Acesso em: 4 jun. 2009.

TAVARES, José (Org.). *Resiliência e educação*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

TEIXEIRA, Carmen Lúcia (Org.). *Passos na travessia da fé: metodologia e mística na formação integral da Juventude*. Goiânia: CAJU, 2000.

THEIS, Amandine. La resiliencia en la literatura científica. In: MANCIAUX, Michel (Comp.). *La resiliencia: resistir e rehacerse*. Barcelona: Gedisa, 2003. p. 75-86.

TISSERON, Serge. Questions sur un mot ou comment une théorie se fabrique dans ses enjeux autant que dans ses énoncés? In: CYRULNIK, Boris; DUVAL, Philippe (Org.). *Psychanalyse et Résilience*. Paris: Odile Jacob, 2006. p. 273-288.

_____. *La résilience*. 3. ed. Paris: Presses universitaires de France, 2009. (Col. Que sais-je?).

TOMKIEWICZ, Stanislaw. El buen uso de la resiliencia: cuando la resiliencia sustituye a la fatalidad. In: MANCIAUX, Michel (Comp.). *La resiliencia: resistir e rehacerse*. Barcelona: Gedisa, 2003. p. 289-300.

TONELLI Riccardo et al. (Curatori). *Pastorale giovanile: sfide, prospettive ed esperienze*. Leumann (TO): Elle Di Ci, 2003.

TURATO, Egberto Ribeiro. *Tratado de metodologia da pesquisa clínica-qualitativa: construção teórico-epistemológica, discussão comparada e aplicação nas áreas da saúde e humanas*. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

TYCHEY, Claude de. La resiliencia vista por el psicoanálisis. In: MANCIAUX, Michel (Comp.). *La resiliencia: resistir e rehacerse*. Barcelona: Gedisa, 2003. p. 185-201.

VALENTINE, L.N.; FEINAUER, L. L. Resilience factors associated with female survivors of childhood sexual abuse. *American Journal of Family Therapy*, v. 21, n. 3, p. 216-224, 1993. Disponível em: <<http://web.ebscohost.com/ehost/pdf?vid=3&hid=111&sid=3eb23c87-7b0e-4074-88f4-4e4f19768457@sessionmgr112>>. Acesso em: 6 mar. 2009.

VALLA, Victor Vincent; GUIMARÃES, María Beatriz; LACERDA, Alda. A busca da saúde integral por meio do trabalho pastoral e dos agentes comunitários numa favela do Rio de Janeiro. *Ciencias Sociales y Religión/Ciências Sociais e Religião*, Porto Alegre, ano 8, n. 8, p. 139-154, out. 2006. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/index.php/CienciasSociaisReligiao/article/view/2298/1000>>. Acesso em: 6 mar. 2009.

VANISTENDAEL, Stefan. *La infancia en el mundo: familia y resiliencia en el niño*. Montevideo: Oficina Internacional Católica de la Infancia - BICE, v. 5, n. 3, p. 1-55, 1994.

_____. *Cómo crecer superando los percances: resiliencia, capitalizar las fuerzas del individuo*. Ginebra: Oficina Internacional Católica de la Infancia - BICE, 1995.

_____; LECOMTE, Jacques. *La felicidad es posible: despertar en niños maltratados la confianza en sí mismos, construir la resiliencia*. Barcelona: Gedisa, 2002a.

_____. *La résilience: un regard qui fait vivre*. Genève: BICE, 2002b. Disponível em: <http://docs.google.com/viewer?a=v&q=cache:vJALq4rGTpAJ:arianesud.com/content/download/1084/4402/file/BICE%2520Vanistendael%2520Resilience%2520un%2520regard%2520qui%2520fait%2520vivre.pdf+Stefan+Vanistendael+casitafr+BICE&hl=pt-BR&gl=fr&pid=bl&srcid=ADGEEShfBNdfV-1a6u0xLR9yvgKofF3mKXs77kcrsJ4As7F8uUcty3ZZLxUsj1BBB7pscD7O_6ZkBBkyuvR83>

vu39FT50zU5mYKhGu0isiHQAsKSloHaUxnigegQoaQVZDA4FHzbZXI_&sig=AHIEtbRbu aFs5B7URlIag1VLlua7IrfEfXA>. Acesso em: 12 maio 2010.

_____. *Resiliencia y espiritualidad: el realismo de la fe*. Ginebra: Oficina Internacional Católica de la Infancia - BICE, 2003a.

_____. Qu'est-ce que la résilience? Un espoir réaliste. In: LE CARDINAL, Gilles (Coord). *Du désastre au désir: les modalités de l'accompagnement post-traumatique*. Paris: L'Harmattan, 2003b. p. 65-71.

_____. La resiliencia en lo cotidiano. In: MANCIAUX, Michel (Comp.). *La resiliencia: resistir e rehacerse*. Barcelona: Gedisa, 2003c. p. 227-238.

_____; LECOMTE, Jacques. Resiliencia y sentido de vida. In: MELILLO, Aldo; SUÁREZ OJEDA, Elbio Néstor; RODRÍGUEZ Daniel (Comp.). *Resiliencia y subjetividad: los ciclos de la vida*. Buenos Aires: Paidós, 2004. p. 91-101.

_____. La résilience et les surprises de Dieu. *Choisi*, Genève, n. 522, p. 11-15, déc. 2005.

_____. *Droits de l'enfant et résilience: deux approches fécondes qui s'enrichissent mutuellement*. Bruxelles: BICE, 2009.

_____. Chemins de résilience. *Enfance majuscule*, Boulogne, n. 111, p. 10-12, mars-avril 2010a.

_____. Résilience et beauté. *Enfance majuscule*, Boulogne, n. 111, p. 12-14, mars-avril 2010b.

_____. Résilience et spiritualité. *Enfance majuscule*, Boulogne, n. 111, p. 17-19, mars-avril 2010c.

VASCONCELOS, Eymard Mourão. *A espiritualidade no trabalho em saúde*. São Paulo: Hucitec, 2006.

VELASCO, Juan Martín. *La transmisión de la fe en la sociedad contemporánea*. 2. ed. Santander: Sal Térrea, 2002. (Col. Pastoral 67).

VERGELY, Bertrand. Enfoque filosófico de la resiliencia. In: CYRULNIK, Boris et al. *El realismo de la esperanza: testimonios de experiencias profesionales en torno a la resiliencia*. Barcelona: Gedisa, 2004. p. 51-67. (Psicología/Resiliencia).

VÍCTORA, Ceres Gomes; KNAUTH, Daniela Ríva; HASSEN, María de Nazareth Agra. *Pesquisa qualitativa em saúde: uma introdução ao tema*. Porto Alegre: Tomo, 2000.

WALSH, Froma. Crisis, trauma, and challenge: A relational resilience approach for healing, transformation, and growth. *Smith College Studies in Social Work*, v. 74, n. 1, p. 49-71, Nov. 2003.

_____. *Fortalecendo a Resiliência Familiar*. São Paulo: Roca, 2005.

WERNER Emmy E.; SMITH, Ruth S. *Vulnerable but invincible: a longitudinal study of children and youth*. New York: McGraw-Hill, 1982.

_____; _____. *Overcoming the odds: high-risk children from birth to adulthood*. London: Cornell University Press, 1992.

_____. Risk, resilience and recovery: perspectives from the Kauai longitudinal study. *Development and Psychopathology*, [S.l.], n. 5, p. 503-515, 1993.

WINNICOTT, Donald W. *O Brindar & a Realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1975. (Psicologia Psicanalítica).

_____. *O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional*. 3. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

_____. *Os bebês e suas mães*. São Paulo: Martins Fontes, 1988. (Psicologia e Pedagogia).

WORTHINGTON, E.L.; SCHERER, M. Forgiveness is an emotion-focused coping strategy that can reduce health risks and promote health resilience: theory, review, and hypotheses. *Psychology and Health*, [S.l.], v. 19, n. 3, p. 385-405, Jun. 2004. Disponível em: <<http://web.ebscohost.com/ehost/pdf?vid=3&hid=111&sid=2bc36b5e-ce93-4f47-817d-efef9dd6afb0@sessionmgr110>>. Acesso em: 5 maio 2008.

YUNES, Maria Angela Mattar. *A questão triplamente controversa da resiliência em famílias de baixa renda*. São Paulo: [s.n.], 2001. (Tese de Doutorado). Disponível em: <<http://64.233.163.132/search?q=cache:aNvjn8HAnQcJ:www.msmedia.com/ceprua/furg/trab18.pdf+YUNES,+Maria+Angela+Mattar.+Monoparentalidade&cd=2&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>>. Acesso em: 11 jun. 2008.

_____. Psicologia positiva e resiliência: foco no indivíduo e na família. In: DELL'AGLIO, Débora Dalbosco; KOLLER, Sílvia Helena; YUNES, Maria Ângela Matrar. (Org.). *Resiliência e Psicologia Positiva: interfaces do risco à proteção*. São Paulo: Casa do psicólogo, 2006. p. 45-68.

_____; GARCIA, Narjara Mendes; ALBUQUERQUE, Beatriz de Mello. Monoparentalidade, pobreza e resiliência: entre as crenças dos profissionais e as possibilidades da convivência familiar. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, Porto Alegre, v. 20, n. 3, p. 444-453, 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/prc/v20n3/a12v20n3.pdf>>. Acesso em: 11 jun. 2008.

ZUKERFELD, Rubén; ZUKERFELD, Raquel Zonis. *Procesos Terciarios: de la vulnerabilidad a la resiliencia*. Buenos Aires: Lugar, 2005.